

F.P. TROTTA

INTERGALÁCTICA



ONDE ESTARIA A SEGUNDA TERRA?

**INVEST
LIMITADOS**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



A EDITORA

A Livros Ilimitados é uma editora carioca voltada para o mundo. Nascida em 2009 como uma alternativa ágil no mercado editorial e com a missão de publicar novos autores dentro dos mais diversos gêneros literários. Sem distinção de temática, praça ou público alvo, os editores ilimitados acreditam que tudo e qualquer assunto pode virar um excelente e empolgante livro, com leitores leais esperando para lê-lo.

Presente nas livrarias e em pontos de venda selecionados, tem atuação marcante online e off-line. Sempre atendida com as novidades tecnológicas e comportamentais, a Livros Ilimitados une o que há de mais moderno ao tradicional no mercado editorial.

Copyright © 2015 by F. P. Trotta

Copyright desta edição © 2015 by Livros Ilimitados

Conselho Editorial:

BERNARDO COSTA

JOHN LEE MURRAY

Projeto gráfico e diagramação: JOHN LEE MURRAY

Preparação de originais: CRISTIANE ANDRADE REIS

Direitos desta edição reservados à

Livros Ilimitados Editora e Assessoria LTDA.

Rua República do Líbano n.º 61, sala 902 – Centro

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20061-030

contato@livrosilimitados.com.br

www.livrosilimitados.com.br

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Dedicado a Melinda Clarke
Agradecimentos a Fernanda Poltronieri
e Leonardo Ferreira

Existe uma eletricidade na lua. Um pulsar, uma magia, uma energia. Um transe envolvente diferente do sol. A lua é para o que não é visto, para coisas feitas nas sombras e debaixo da névoa. É para corações selvagens e mentes despreocupadas. É onde os planos são feitos em corredores escuros e segredos são revelados debaixo da fraca luz entrando pela persiana fechada. É quando os fugitivos escapam e as crianças fogem. É quando os que sofrem tomam sua vida e os solitários buscam conforto. É de noite que vemos nossos desejos verdadeiros. Refletimos em nossos momentos infelizes e as vontades que são cegadas pelo sol. É quando viramos poetas e filósofos, mártires e assassinos. A noite é para paixão. Para fanatismo, romance e perigo. É quando nossos lados mais reprimidos saem para brincar debaixo do olhar livre de julgamentos... das estrelas.

Adentro

18 DE DEZEMBRO DE 2009

Era uma gélida tarde de inverno em uma área excluída dentro dos terrenos de Hallormstadir, Islândia. Os ventos sopravam uma corrente polar anunciando a chegada da estação e, no final de um grande campo aberto estava uma exótica mansão de madeira. À esquerda da casa havia um grande lago cuja nascente se estendia para dentro das árvores e as transparentes águas azuis começavam a congelar nas margens. Os arredores remotos criavam uma atmosfera de isolamento que era quebrada apenas pelo som de chamas estalando a lenha dentro da lareira da mansão, onde uma pequena menina estava a pensar.

– Papai, você acha que pode inventar algo para me fazer voar? – perguntou Amanda, com apenas nove anos, ao seu pai, enquanto sentava para comer seu almoço na cozinha. A empregada, Shirley, ajudava Amanda a se servir. Oswald, que sentava ao final da mesa, olhava para Amanda enquanto folheava uma pilha de arquivos e documentos, sorrindo para ela ambigualmente.

– É, mas veja bem, Amanda, não é exatamente isso que o papai faz.

– Mas eu quero de presente! – disse Amanda, comendo uma colherada de caçarola.

– Talvez no futuro, então?

– Sim, Amanda. Quem sabe no futuro? – Oswald sorriu para sua filha e se concentrou de volta em seus papéis.

– E o que é que você faz, mesmo? – perguntou Amanda.

Oswald permaneceu em silêncio por um período extenso.

– Eu construo impérios, Amanda. E ajudo os pequenos castelos a virarem esses impérios. – Amanda olhou para seu pai, com um

pequeno olhar de fascínio.

– Mas a gente não vai ter um nosso? Você só constrói pros outros? – ela perguntou.

– Nós teremos o nosso, Amanda. No futuro. – Assim que ele terminou de responder notou que havia perdido a atenção de sua filha.

– Tá chovendo, papai! – gritou Amanda, apontando para fora. Ela podia ver os flocos de neve caindo do céu no gramado de frente à sua varanda. Amanda levantou de sua cadeira animada, deixando seu almoço para trás.

– Amanda! Precisa comer sua comida primeiro! – gritou Oswald, vendo sua filha desaparecer enquanto Shirley corria atrás dela.

– Não a encoraje, Shirley! Ela precisa comer primeiro!

– Ela ama a neve, senhor Oswald! A trarei de volta em alguns minutos. Não neva assim faz tempo! – Shirley respondeu. Ela o viu voltar a olhar sua filha sem nem respondê-la. Shirley se virou para ver Amanda, já distante, girando com sua boca aberta tentando comer os flocos de neve.

8 DE JANEIRO DE 2010

Amanda acordou no meio da noite e olhou ao redor – o sol ainda não havia nascido. Ela levantou das cobertas e foi em direção ao corredor. Seu pai não estava em casa naquela noite – ela se lembrou dele a explicando que iria iniciar uma série de intensas reuniões de negócios nas próximas semanas e, por causa disso, a veria menos – então tudo que ela ouvia eram os roncos de Shirley vindo do quarto ao lado. Ela andou na ponta dos pés até a porta da frente, a caminho da cozinha para tomar um leite quente quando de repente notou uma estranha vibração vinda de fora da casa, como se o motor de um carro estivesse ligado. Ela olhou pelas cortinas, mas nada viu exceto os campos nevados e abertos de um inverno islandês, com o laboratório de seu pai no final e o lago à esquerda.

Percebeu que o laboratório de seu pai estava com as luzes ligadas. Poderia ele já ter retornado?

Amanda olhou para o relógio perto da parede da cozinha e viu que marcava 4h40 da manhã. Imaginando que ele tivesse esquecido as luzes acesas e movida à curiosidade, Amanda pegou um casaco de neve e saiu da casa fazendo o maior silêncio possível, indo em direção ao laboratório de Oswald. Enquanto atravessava o campo aberto entre sua casa e o laboratório, Amanda olhou para cima e viu o luar iluminando de jeito fraco por dentre as nuvens cinzentas, assegurando-a que o inverno ainda não estava perto de terminar. Seus passos foram silenciados pela grama molhada de orvalho e, depois de passarem o que lhe pareceram ser dois minutos, ela chegou à porta de metal que servia de entrada para o porto seguro de seu pai.

Por trás do laboratório começava a Floresta Hallo, a única grande floresta da Islândia. Geralmente, ela manteria sua distância dali sem exceções – Oswald sempre reiterava veementemente que seu laboratório tinha acesso proibido não fosse por alguma emergência – e não que luzes acesas fossem uma, mas Amanda pelo menos tinha um álibi aceitável. Ela tocou nas barras de metal da porta e a abriu lentamente, rangendo. Havia passado tanto tempo desde a última vez que Amanda havia entrado no laboratório de seu pai que, de início, ela se assustou com a proporção de tudo. Ela não se lembrava de ver tantas ferramentas prateadas presas do chão ao teto, em inúmeras formas. Sabia que seu pai era famoso por manufaturar vários tipos de engenharia robótica – e era assim que sua carreira havia deslanchado – ele sempre foi um mestre da criação. Mas ela se lembrava apenas de um item ou outro, não fileiras deles. Além dos objetos pendurados, parecia que o laboratório continuava o mesmo: dezenas de plataformas longas em forma de cubo eram usadas como mesas, dividindo a sala. Nelas, outras dezenas de itens dos quais Amanda não entendia o

propósito ou funcionalidade, mas sabia que eram para pesquisa, já que podia reconhecer os microscópios, seringas e caixas com amostras em plásticos e tubos de ensaio.

Ela atravessou o laboratório para desligar as luzes, mas enquanto se aproximava dos interruptores notou outra porta à esquerda, no final do laboratório, que dava para um cômodo também com as luzes acesas. Depois de alguns segundos andando em direção ao cômodo, Amanda ouviu um gélido e cortante urro de terror vindo de dentro. Ao lado da porta estava a primeira de doze colunas que cercavam a sala e, no topo dela, um item roxo e brilhante na forma de uma espiral. Não era grande, mas também não era pequeno. Amanda notou que essa bela espiral brilhante na verdade era encoberta por um globo e que o mesmo só ficava visível conforme ela chegava mais perto. Amanda estava hipnotizada pelo objeto: que tipo de invenção ou ferramenta Oswald estava construindo agora? Isso parecia místico e avançado, acendendo nela um interesse enquanto ela se esquecia do grito e andava em direção ao objeto.

– Uau... – Ela falou, chegando mais perto.

Agora estando somente a poucos metros da porta, ela olhou para fora mantendo o olhar fixo a qualquer perigo que pudesse aparecer dentro do laboratório. Ela focou no cômodo ao lado enquanto tirava o globo da coluna, porém, assim que o caos se estabeleceu, percebeu que não foi por nenhum intruso, e sim pelo que agora estava em suas mãos.

Assim que ela segurou o item e focou seu olhar nele, um alarme ensurdecedor começou a ecoar pelo laboratório e a iluminação alternou do modo normal para o de emergência, quando tudo de repente brilhou em vermelho sangue e Amanda ouviu a repetida mensagem ecoando pelas salas:

– Item desprotegido. Item desprotegido. Item desprotegido.

Assim que ela começou a fugir, no que parecia ser ainda seu segundo passo na corrida enquanto puxava seu corpo para pegar impulso – uma sombra cobriu sua linha de visão e ela viu seu pai sair da sala ao lado. Sua silhueta preta e vermelha segurava uma agulha gigante na mão e ele gritava por seu nome:

– Amanda!

Ela fugiu dele o mais rápido que pode. Só depois de mais alguns passos ele associou a agulha ao grito de pânico da menina. Amanda compreendeu que seu pai, provavelmente, era responsável pela dor de quem estivesse no quarto. Ela usou essa suposição para intensificar sua vontade de correr, segurando o objeto desconhecido em seus braços enquanto o alarme incessantemente ecoava e Oswald gritava novamente:

– Me dê o Órbita agora! É perigoso, Amanda!

Ela o ignorou e continuou a fugir, tentando abstrair a insuportável repetição do alarme ou a velocidade com a qual seu coração batia. Ela nem queria o chamado Órbita tanto assim, mas o segurava por agora estar brava com seu pai por ter mentido sobre sua viagem, e ela só o daria de volta se ele respondesse a algumas de suas perguntas primeiro. Ela saiu do laboratório e correu pelo campo de volta à sua casa, notando que o sol estava só agora começando a emergir por entre as montanhas à sua direita, onde pequenos raios de luz já refletiam no lago abaixo do vale. Enquanto ela corria pelo gramado, olhou para trás e viu Oswald saindo pela porta do laboratório.

– Ponha o Órbita no chão agora! Me obedeça, Amanda! Ele vai se autodestruir em poucos segundos! – gritou Oswald.

Ela olhou para o objeto que segurava e viu que as vinhas espirais pareciam brilhar num tom diferente de roxo, mais escuro e avermelhado. Ela olhou para seu pai e então de volta ao Órbita, quando uma forte corrente de vento começou a soprar. Por trás do laboratório Amanda viu dois imensos helicópteros de combate

levantarem voo por dentro da Floresta Hallo e Oswald correu em sua direção, com os braços balançando no ar para sinalizar aos helicópteros a abortarem a missão.

– É seguro! Abortar! Abortar!

O alarme ainda disparava de dentro do laboratório e Amanda não acreditava no crescente pandemônio que se estabelecera. Oswald corria em sua direção balançando os braços para os helicópteros quando o sol subiu ainda mais no céu e começou a iluminar o rosto e mãos de Amanda, consequentemente atingindo o Órbita, o que o fez disparar de suas mãos ao chão. Caiu de seus braços agressivamente, como se reagisse negativamente à exposição solar.

– Cubra-o, Amanda! – Oswald jogou seu casaco para Amanda mas, de repente, o globo explodiu disparando peças cortantes em todas as direções. Amanda se cobriu com os braços e sentiu quatro ou cinco cortes rasgarem sua pele enquanto Oswald gritava – NÃO!

O Órbita estava despedaçado no chão com fumaça cinza saindo do centro. Oswald correu para o objeto sem nem olhar para sua filha. Amanda olhou para seus braços e retirou uma dupla de estilhaços de vidro de seu braço direito dando pequenos gritos de dor enquanto arrancava cada um, mas Oswald parecia não ouvir. Os helicópteros pousaram perto deles e três homens saíram de cada um, vestidos em uniformes militares e segurando escopetas.

– Senhor! – um deles gritou, correndo para Oswald.

Amanda parecia passar despercebida. Oswald levantou para conversar com o primeiro dos soldados e logo os outros se juntaram ao grupo. Oswald falava com eles, mas havia muitas vozes juntas para Amanda compreender por inteiro o que estava sendo dito.

– Arlo, está feito, diga para todos recuarem. – falou Oswald.

– Senhor, o item se autodestruiu? – perguntou o homem que aparentemente se chamava Arlo.

– Sim. Luz solar novamente. Diga para as Operações que manufaturação em massa agora é prioridade máxima.

– Pai! – gritou Amanda.

Todos os homens ficaram em silêncio mas não olharam para ela, ao invés disso, olhavam fixamente para frente. Oswald virou suas costas lentamente, com uma expressão raivosa:

– Vá para casa agora, Amanda. Falaremos mais tarde.

Amanda olhou para ele com um milhão de perguntas correndo por sua mente. Ela decidiu não o responder por se sentir intimidada com os soldados. Virou para sua esquerda e lentamente andou de volta para casa, sem falar uma palavra. Quando entrou, Amanda atravessou o corredor e abriu a porta do quarto de Shirley e a cutucou duas vezes até que viu os olhos da babá se abrindo. Ela mostrou para Shirley seus braços ensanguentados ainda em silêncio completo. Os olhos de Shirley se arregalaram e ela sentou na cama, perguntando a Amanda o que havia acontecido. Enquanto Amanda contava, Shirley carinhosamente começava a limpar os cortes de Amanda com lenços de sua gaveta.

– Então ele está em casa e não nos falou? Não se preocupe, querida. Vai ficar tudo bem. Você sabe como ele é com suas pesquisas. Você não devia ter entrado lá...

11 DE MARÇO DE 2016

Amanda abriu os olhos e se viu em uma sala branca, com um corredor no fim: ela imediatamente se localizou, estando dentro da sala à esquerda do laboratório de seu pai. A última vez em que esteve perto daquele local, há cinco anos, foi o dia em que destruiu o Órbita. Ela tentou se mover mas notou que estava amarrada à cadeira: tentou abrir sua boca, mas sua boca também foi presa. Seus músculos estavam imóveis e então viu Oswald andando em sua direção sorrindo. Ele concentrou seu olhar nela e começou a falar, enquanto selecionava itens expostos em suas mesas.

– Não se preocupe, Amanda. Eu só não posso deixar que você se mova, querida.

Ela tentou gritar enquanto seus olhos lacrimejavam de raiva e ela o fitou, sem piscar e tentou se levantar da cadeira agressivamente.

– Você não vai sair, então pare de tentar. É apenas por alguns minutos. – disse ele.

Amanda agarrava os braços da cadeira, fincando as unhas no tecido enquanto sentia as lágrimas descerem seu rosto sem a possibilidade de limpá-las.– Estou apenas lhe dando um presente, querida. Agora você tem idade o suficiente para virar uma parte essencial das nossas vidas e pode representar a Firma do jeito que sempre foi destinada. – disse Oswald pegando uma agulha e dando dois petelecos.

– Você sabe o esquema. Começando hoje, vai pensar com muito mais clareza, minha querida. Ah, como eu tava animado para você fazer quatorze anos. A partir de agora seus núcleos de julgamento no cérebro estão frescos e prontos para vencer, querida. Vencer, me entende? – ele gritava, animado.

– Eu vejo como você está com medo agora, mas logo você vai me entender, entender tudo. Esperei quatorze anos para seu reconhecimento!

Ele colocou sensores de metal de cada lado do crânio de Amanda e continuou a aplicar dezenas de fios vermelhos e brancos, colando-os em sua pele. Ele colou um no centro de sua testa e três ao longo de seu maxilar e garganta. As unhas de Amanda estavam tão enfiadas dentro do tecido da cadeira que ela sentiu dois dedos começarem a cortar a divisão entre a costura e o plástico.

– Todos os problemas e perturbações que você passou na vida foram por causa de sua programação emocional errada, Amanda. Você sabe que isso é verdade. Você já viu um dos meus funcionários falharem, ou ao menos se enrolarem? Claro que não

viu! Eu os construí e os preparei para serem os melhores no que fazem. E agora, você vai começar.

Ele acionou um botão na mesa e Amanda sentiu um raio de dor percorrer cada veia de seu corpo, começando em sua cabeça em direção aos pés como se um caminhão invisível a tivesse esmagado. Ela tremeu com o eletrochoque, tudo deixou de fazer sentido por alguns momentos e sua mente e corpo pareceram ficar dormentes. Oswald digitava incessantemente em um registro digital e seguiu adicionando fios ao rosto de Amanda.

– Todo dia eu penso no tempo que me foi dado na minha vida e como será o fim dela. Algum dia você vai entender em um espectro mais completo. – falava, calmamente.

Amanda recompôs sua respiração e fechou os olhos. Ela ferozmente agarrou o tecido e continuava o rasgando o máximo que podia. Agora conseguia já enfiar alguns dedos dentro do braço da cadeira. Ela cuidadosamente só se movia quando Oswald fazia o mesmo, então se algum barulho do rasgo viesse eles seriam silenciados pelos seus cliques e tecladas. Oswald acionou outro botão e continuou digitando, copiando dados concentrado fixamente nos logs da tela do computador. Outro jato de eletricidade cortou pelo cérebro de Amanda e ela gritou, protestando em dor: qualquer benefício que viesse de um procedimento desses não era suficiente para ter que aguentar essa quantidade de dor – ela pensava.

Nunca Amanda havia odiado tanto o pai: uma raiva imensurável crescia dentro dela a cada segundo que se passava, enquanto ela sentia seu coração pular batidas cada vez que os choques paravam, ela então cortou mais a costura da cadeira, dando acesso a uma das atas que seguravam sua mão. Enquanto seu pai digitava, ela removeu a fita rapidamente. Na remoção da primeira, notou que a próxima ficava ao seu alcance, dessa vez em seu braço. Ela a arrancou e já que Oswald ainda não havia olhado para ela; com seu

braço livre, ela rapidamente continuou a arrancar o que lhe prendia quando o pior choque eletrocutou seu corpo inteiro. Amanda urrou em dor e Oswald voltou sua atenção para sua filha que escapava. Enquanto Amanda gritava, ela arrancou a quarta e quinta fitas e Oswald correu em sua direção. Amanda se jogou no chão, trazendo com ela todos os fios que estavam grudados e conseqüentemente tombando a cadeira e todos os itens de Oswald no chão.

– Volte para essa cadeira, Amanda!

Ele a segurou, mas Amanda rapidamente chutou seu estômago com toda a força que podia invocar, fazendo Oswald cair no chão, pegou uma faca que havia caído no chão e enfiou na coxa de seu pai. Oswald gritou em dor e jogou seu braço direito na direção do rosto de Amanda, tentando lhe socar, mas Amanda rapidamente desviou, caindo com as costas no chão e, em seguida, levantando-se.

– Você nunca vai conseguir nada de mim. – disse ela correndo para fora da sala.

Amanda atravessou o laboratório e bateu as portas, correndo para o campo aberto. Olhou para trás e lembrou da noite de cinco anos atrás, quando ela tirou o Órbita de sua guarda. Dessa vez, não havia alarmes e o sol não estava nascendo. Também não via helicópteros no céu. Era a calada da madrugada e ela apenas viu o telhado do laboratório brilhando ao luar. Começou a correr quando viu o carro de Shirley estacionado do lado de sua casa. Ela rapidamente entrou escancarando as portas, gritando o nome de Shirley.

– Cadê você, Shirley?

Shirley imediatamente veio correndo em sua direção. Amanda a pegou pelos braços e olhando fundo nos olhos de Shirley gritou:

– Nós temos que sair daqui *agora* e eu preciso que você dirija.

Sabia que tempo não era um luxo que elas tinham e que era necessário correr o mais rápido possível, ela precisava convencer

Shirley da gravidade da situação.

– Eu prometo explicar tudo na estrada.

– Claro, dona Amanda! Por que você está tremendo tanto? Por favor, se acalme!

Shirley pegou as chaves do carro e andou em direção à porta da casa. Quando Amanda abriu a porta, viu o laboratório aberto do outro lado do campo, mas sem ninguém por perto. Ela não imaginava que Oswald poderia correr na condição que estava e essa era precisamente a razão pela qual ela havia enfiado a faca em sua coxa.

– Corre, Shirley, para o carro, por favor! – Amanda gritou enquanto as duas iam em direção ao automóvel. Shirley e Amanda entraram no carro e aceleraram, com Shirley segurando sua bolsa com um braço e dirigindo com o outro.

– O que aconteceu, Amanda? – perguntou Shirley enquanto via a casa ficar menor pelo retrovisor.

– Sabe os procedimentos que ele faz? Ele acabou de tentar em mim.

– Os experimentos, você quer dizer? Eu sei que não são seguros! Não acredito! Ele não tentaria

Shirley olhou para Amanda em choque, tropeçando na escolha de frases. Ela pisou mais fundo no acelerador, entrando agora numa avenida.

– Por que ele não está atrás da gente? – perguntou Shirley.

– Eu enfiei uma faca na perna dele. – Amanda respondeu.

– Não! – Shirley olhou para ela atônita, mas sua boca aberta mostrava um vestígio de sorriso.

– Por que você tá sorrindo, Shirley?

– Ah, bem, já não era sem tempo! Finalmente alguém desafiou ele! Estava saindo do controle completamente! – respondeu Shirley olhando atentamente a estrada.

Amanda se sentiu mais próxima de Shirley que nunca. Ela sabia que a empregada sempre havia se importado com ela de um jeito maternal e que seu senso de proteção foi testado quando Shirley deu a ela um voto de confiança na fuga, indo com Amanda em vez de deixá-la sair sozinha. As duas dirigiram noite adentro.

3 DE MAIO DE 2031

Uma chuva intensa tomou os céus de Chicago. Milhares de carros buzonavam presos no trânsito, estagnados no que parecia uma contagem eterna de ruas bloqueadas, certamente sem nenhum progresso diante da crescente tempestade. Os arranha-céus desapareciam dentre as nuvens elétricas cinzas e tudo que se podia ouvir eram mais e mais gotas de água estalando contra o asfalto e as janelas, lavando a cidade numa capa de água gelada. No hospital de Saint Barth, no entanto, centenas de trabalhadores e funcionários conviviam sem se afetar pela chuva lá fora e uma atmosfera ainda mais gélida reinava dentro da sala 406.

– E se ela não voltar? – perguntou Ripley.

– Mas ela vai. – assegurou Stryker.

– Foram oito dias. Ela brilhava. Nós sabíamos que ela estava aqui. Agora é como se ela fosse um objeto, Stryker. Olhe para ela. Perdeu toda a vivacidade. – notava Ripley preocupada.

– Eu não sei como lidar com isso. Me faz sentir impotente e inútil. Não há nada que a gente possa fazer, só esperar e torcer. – disse Stryker.

– Você *sabe* disso. Eu sei disso.

Ripley e Stryker olhavam janela afora e viam seus reflexos diante da chuva e as milhares de gotículas que corriam pelo vidro. O cabelo castanho encaracolado de Ripley e a franja castanho clara de Stryker pareciam azuis enquanto mais e mais gotas percorriam janela abaixo, deixando seus rostos cada vez menos reconhecíveis.

– Eu sei. – disse Ripley, ainda olhando para fora.

– Mas é um coma profundo. A atividade cerebral reduzida a meros impulsos físicos. Eles falaram que a parte do cérebro que é o centro de funções importantes como a memória dela, ou a capacidade de tomar decisões, está inativa. Devíamos nos preparar pro pior? – perguntou Ripley.

– Não. É ela. Ela é durona. Por favor, para de encher minha cabeça com isso. Não ajuda.

Ripley sentou em uma das cadeiras de visitante do hospital e começou a zapear a televisão. Os controles eram comandados pelo próprio braço da cadeira.

– Eu queria que controles remotos voltassem. – disse Ripley.

Ela clicava alternando os canais até parar em um canal de notícias que reportava um anúncio da NASA.

– Então eles realmente vão para Júpiter, hein!? – falou Stryker.

– Minha avó tá viva e ela viu homens pousarem na lua! Eu queria saber o que essa gente acha disso. Sabe, quem nunca achou que ia viver para ver isso. É um marco!

– Quer apostar no que vão achar lá? – perguntou Ripley, sorrindo.

– Eu? Eu só quero que eles achem alguma coisa! Você tem ideia do tamanho da conquista que seria para humanidade? Qualquer descoberta, seja microbial ou marinha, é suficiente para completamente reestruturar e alterar o modo que a humanidade se vê e se entende. Será a maior descoberta do mundo e nós vamos viver para ver. Tô te falando, Ripley, eu vou ficar obcecada com essa missão. Eles vão transmitir a nave, não? Podemos assistir de casa o pouso!

– Você iria? Se tivesse a chance. Porque você sabe que eles podem não voltar – disse Ripley.

– Não sei. Você iria?

– Ah, com certeza. Morto de medo, mas iria. Imagina, ir e voltar?! Deve ser uma sensação inimaginável. – disse Ripley.

Ripley e Stryker olharam um para o outro animados e o silêncio no quarto foi quebrado por um suspiro alto. Os dois olharam para a cama e viram os olhos de Amanda arregalados. Ela então respirou alto novamente e no que parecia uma fração de segundo, eles levantaram de suas cadeiras e correram para seu lado.

– Amanda! – gritou Ripley e Stryker correu para fora do quarto, nos corredores, chamando uma enfermeira.

Ripley apertou todos os botões de emergência que podia achar e depois de meio minuto a sala estava repleta de médicos e enfermeiras enquanto Amanda respirava cada vez mais fundo. Ela piscou seus olhos e quando os fechou por trás da máscara de oxigênio Ripley viu que ela sorria.

Alguns minutos depois dos batimentos cardíacos de Amanda se estabilizarem, Ripley e Stryker então puderam entrar no quarto novamente para falar com ela. A chuva havia passado e parecia existir um senso de adrenalina no quarto enquanto eles ansiosamente andavam para cumprimentá-la. Os dois pareceram andar na ponta dos pés até a cama. A doença de Amanda havia tomado o suficiente dela e seu avanço não parecia lhe dar chance alguma de voltar do coma.

– Como... Como você está? – perguntou Stryker apreensivo.

Ripley já tinha os olhos cheios de lágrimas.

– Eu a vi rindo, garota. Sabia que você ia conseguir. – disse Ripley tocando sua mão.

Amanda tinha um olhar pacífico em seu rosto, mas estava visivelmente fraca. Ela olhou para os dois sorrindo e então disse:

– Eu lembro de tudo.

– O quê? O que quer dizer? – perguntaram, intrigados.

– Eu preciso contar isso a alguém. Que bom que estão aqui. Por favor sentem-se.

– Mas... Como você tá se sentindo? – Ripley perguntou.

– Estou bem, mas...” os olhos de Amanda pareceram lacrimejar. Ripley e Stryker juntaram suas cadeiras e sentaram ao seu lado na cama. Ripley segurava sua mão e os dois aguardaram, apenas ouvindo a chuva batendo contra o hospital enquanto Amanda parecia organizar seus pensamentos. Ela então começou: “Por favor saibam e mantenham em mente que passei dez anos da minha vida estudando cérebros. Para vocês pode parecer delírio... porque vai parecer impossível. Para vocês, vai parecer...como se eu quisesse que sentissem pena de mim, eu diria. Mas eu preciso contar a vocês porque eu quero manter isso fresco na mente e porque eu vi muitas... muitas... – ela então começou a chorar e inspirou profundamente.

Ripley e Stryker olharam um para o outro confusos. Havia uma palpável intensidade no quarto que era tão inesperada que comandou a atmosfera e fez a chuva parecer ainda mais forte. Eles não esperavam ter esse diálogo com a amiga, nem compreendiam o objetivo que ela estava tentando alcançar. Mesmo assim, eles sentaram e ouviram com cuidado enquanto Amanda cuidadosamente selecionou cada palavra e começou sua descrição.

– Por favor, imaginem escuridão. Era escuro, mas visível como um tom de preto que é quase verde ou marrom, porque você pode vê-lo, é palpável, como lama, terra. Parecia claustrofóbico, sufocante. Eu tava consciente, mas não sabia que era eu. Eu não sabia meu nome, só sabia que eu, minha pessoa, sabe, a voz que está nas nossas mentes todo o tempo, a principal. Eu espero que não esteja parecendo louca. Escutem... – disse Amanda.

Ripley e Stryker estavam genuinamente interessados e intrigados.

– Eu estive nesse nada, nesse vórtex, por tanto tempo. Havia uma vibração à distância, uma pulsação que estava presente em todos os momentos. Eu não tinha um corpo, não um que eu tivesse noção de ter. Mas eu estava lá, naquela pulsante escuridão. Eu não

posso lhes dizer quanto tempo fiquei lá, mas pareceu uma eternidade e enquanto eu parecia me prolongar mais e mais naquele nada, eu comecei a notar meu entorno... Como se tentasse ver de olhos fechados, sabe? Então comecei a notar pequenas formas, padrões se formando mesmo de olhos fechados. Foi isso que aconteceu, porém num período maior de tempo. Eu comecei a ter consciência que dentro daquela escuridão havia essas linhas ao lado, na forma de raízes, subindo, e quanto mais eu as notava mais consciente eu ficava delas. Eu sentia como se estivesse enterrada porém podia ver as raízes que me mostrariam o caminho. E eu sei o quão difícil é de imaginar isso, mas confiem em mim, essa é a parte mais difícil. Quando eu comecei a odiar ficar presa, eu fiquei mais desconfortável onde eu estava e então...

Os olhos azuis de Amanda se encheram de lágrimas e ela olhou para a tempestade que trovejava lá fora, começando a chorar enquanto continuava:

– Eu juro que lembro disso vívidamente... E então de cima, algo tão lindo, tão perfeito... Não dá para explicar como me sentia familiar, mas mesmo assim fiquei embasbacada com aquela presença, essa entidade brilhante que veio flutuando na minha direção, brilhando na escuridão. E eu lembro vívidamente que no instante que foquei na luz, sempre muito branca, mas com listras douradas saindo de dentro dela, essa luz começou a me puxar até ela... Como magnetismo. Eu estava sendo atraída até ela, voando sem esforço enquanto a escuridão começava a desaparecer atrás de mim e eu atravessava essa luz e um som como de uma ventania se passou pelos meus ouvidos, como uma brisa forte... E lá estava eu. Era por isso que eu queria contar para vocês disso. Eu lembro tão, tão claramente. Eu podia lhes dizer todos os adjetivos do mundo para descrever a beleza daquele lugar em que eu me achei. Era vibrante, vivo, etéreo, superior, magistral. Parecia que meu corpo todo flutuava em êxtase. Embaixo de mim, um campo. Era

brilhante, verde, tão verde, tão que nem a Terra. Mas ao mesmo tempo não era aqui. Era como se você estivesse no seu local preferido da infância, porém só agora você reconhece porque é uma reminiscência de uma experiência tão nostálgica que você só consegue aproveitar. Eu podia voar. Eu passei por árvores e rios, cachoeiras e nascentes, campos de flores, flores tão coloridas, quase desfocadas como nas pinturas de Monet, por serem tão coloridas. E havia pessoas, crianças. Elas riam e brincavam, dançavam e cantavam em círculos. Eu vi cachorros pulando e correndo, tão felizes quanto todo mundo. Todo mundo vestia roupas simples, quase pobres, como da Grécia Antiga, mas menos refinadas, com uma leveza nos movimentos. No topo das montanhas e da cachoeira tinha o mais detalhado e estarrecedor palácio. Eu queria poder ter entrado. Queria saber o que tem lá dentro. Era tão alto, como se fosse construído de esmeraldas roxas. Aí eu lembro do bater de asas de borboletas enquanto via dezenas se aproximando. Eu não era um ser físico, não sei o que eu parecia para elas, mas quando eu notei, estava flutuando em uma. E as cores eram tão detalhadas, e ela batia as asas de um jeito tão fácil. Comecei a levitar, para cima dessas pontiagudas montanhas no céu... Eu lembro que a gente estava tão alto e todas as borboletas voavam ao meu redor enquanto a gente cruzava as nuvens, deixando tudo branco. E dessa brancura eu senti meu corpo consciente de novo. A primeira coisa que eu lembro sentir foram minhas pálpebras... E era tão claro. E quando eu as abri, eu respirei e estava aqui. – Amanda olhou para baixo, fechando seus olhos e sorrindo novamente. Ripley e Stryker podiam ver o quanto ela se esforçara para detalhar bem o que ela lembrava de sua experiência.

– Foi um mundo de sonhos tão lindo, tão incrível. Só que não era de sonhos. – disse Stryker.

Amanda olhou para ele e sorriu.

– Exato. Naquela brancura, eu senti algo indescritível. Antes de voltar, era como se eu pudesse sentir toda a minha vida, tudo que eu já senti ou vivi de repente valendo a pena. Era um tipo de amor contínuo, diferente do amor da Terra. Era acima disso, era superior, e, sem usar nenhuma palavra, aquele brilho todo se comunicou comigo. Eu lembro nitidamente de voltar com três lições entenhadas em meu cérebro, como mensagens harmoniosas que ficam vibrando como mantras.

– Que mensagem? – perguntou Stryker.

– Tinha três partes. Se eu fosse traduzir em palavras, seria algo em torno de... que somos todos apreciados e amados, profundamente e para sempre. A segunda seria de que medo, a sensação de medo, é parte fundamental, crucial da evolução humana. Mas ao mesmo tempo é inútil pois não há razão para se ter medo de nada. Eu lembro de achar isso tão revolucionário, mas não dá para vingar essa frase em palavras. É tão difícil explicar.

– E a parte final, qual era? – perguntou Ripley, se ajustando em sua cadeira e olhando fixamente para Amanda, assim como Stryker.

– A terceira era a mais importante de todas... era como se me pedisse para lembrar. Era uma urgência, essa urgência em que estou agora, era o terceiro comando. Era a necessidade de compartilhar isso, pois há importância. E em breve eu saberia porque.

– Você acredita que isso era sua alma flutuando num estado de pós-vida? Escolhendo se voltava ou não? – perguntou Ripley.

– Não era uma questão de escolha. Eu acho. Sempre senti como se eu fosse voltar. Eu não posso acreditar no que estou dizendo, mas parecia que eu estava sendo dada aquele tour... de propósito. Eu sou uma mulher de ciência. Só escuto fatos, mas... Mas eu estava lá! E isso nunca vai ser tirado de mim. Então, eu preciso lidar com isso. Alguma coisa tem que significar.

– Os médicos nos falaram que seu cérebro estava comprometido. Você não poderia ter sonhado essas coisas nem que quisesse. – Ripley adicionou, com Stryker concordando com a cabeça.

– Eu acredito em você! – disse Stryker.

– Eu também, mas eu não acho que ela tá buscando que acreditemos nela. – disse Ripley, sorrindo rapidamente.

– Eu fico feliz que acreditem, mas eu tenho tanta certeza que não me importa o que as pessoas acharem ou não. Eu sei que estava lá...

– Nós estamos é felizes de te ter de volta. – disse Ripley.

– Stryker e eu estivemos aqui a toda hora, sem parar. Só torcendo e não parecia bom, Amanda. Mas como você se sente? Tá realmente bem? – Amanda deu com os ombros e respondeu:

– É, surpreendentemente eu me sinto... bem. Fraca, claro, cansada, mas... tô bem. Eu preciso descansar... preciso escrever isso. Vai contra tudo que estudei. Mas agora eu sei que é tudo muito maior do que eu imaginava. O universo, a vida. Consciência e nossa percepção de si. Vou ter que repensar toda minha carreira!

– É, bem, espere até ouvir as novas. Acabaram de anunciar que vão recrutar para Europa. A lua de Júpiter. Operação de oito pessoas em busca de vida extraterrestre. *Deep space*, baby. Eles partem em seis meses. – disse Stryker.

– É sério? Eles vão mesmo? – perguntou Amanda.

O anúncio parecia lhe afetar mais do que o espectador normal – ela levantou na cama, sentando e, enquanto Stryker concordava com a cabeça, ela já disparava mais perguntas:

– Eles deram alguma informação sobre quem tá financiando isso?

Ripley e Stryker olharam um para o outro confusos e Stryker respondeu de volta:

– Hum... Não é a NASA mesmo?

– Não, A NASA assina mas não é a NASA. Essa deve ser a operação mais cara já feita, não?

– É, claro. Quando sair daqui vai ver, tá em todo lugar! Vai ser o papo mundial do ano com certeza. Talvez da década, dependendo do que acharem lá.

– Eu preciso saber mais sobre isso. – anunciou Amanda, clicando na mesa do lado de sua cama, fazendo uma fina tela de computador sair de dentro da cadeira de braço de sua cama. Ela digitou na tela e começou a pesquisar informações, se atualizando sobre a expedição. Amanda começou a abrir dezenas de janelas e a digitar mais rápido a cada segundo. Ripley e Stryker ficaram surpresos com a repentina energia e concentração no meio da recuperação de sua doença. Amanda era conhecida por ser assim, no entanto, então Stryker e Ripley se sentiram assegurados de que ela estava, no fim das contas, mesmo bem.

– Olha, você ainda precisa passar a noite aqui então – Stryker começou a falar mas Amanda o interrompeu:

– Shhhh! Estou lendo sobre Europa! Silêncio!

Stryker então perguntou:

– Bom, tá tudo bem se eu e a Ripley formos, então? Já passou do horário dos visitantes. A gente volta assim que abrir de manhã.

– Sim, claro. Obrigado por virem. – Amanda respondeu mecanicamente, olhando para a tela na sua frente, navegando sem olhar para eles.

– Uau, eu não sabia que isso ia te interessar tanto. – Stryker adicionou, arrancando uma risadinha de Ripley.

Amanda olhou para eles e falou:

– Desculpa. – ela pausou e continuou: – Não é nada, na verdade. Eu vejo vocês de manhã, certo?

– Claro. – disse Ripley.

Eles abraçaram Amanda e andaram em direção à porta.

Ócio

Lina Rafn acordou com o alarme e imediatamente o socou com sua mão direita. Relutantemente, ela grunhiu com a tentativa falha de parar o cortante, insuportável som - tinha que lembrar de alterá-lo. Acordar ao som daquelas sirenes penetrantes era a última coisa que precisava no início de seu vigésimo oitavo aniversário. Mais e mais ela começava a se classificar como a sem sorte. – minha vida tem de ser uma daquelas mais esdrúxulas – ela repetia para si mesma todo dia quando chegava do trabalho para um apartamento vazio, depois de um longo dia digitando criptografias em logs de computador em sua carreira criativamente ofensiva. Lina não parecia ter muitos problemas externamente: ela ao menos ganhava bem mensalmente, não importasse o quão repetitivo fosse - então ela não podia se dar ao mérito de reclamar das finanças como seus amigos. Mas como seu trabalho parecia requerer um mínimo de esforço de sua parte e sua vida amorosa parecia estar na beira da extinção, Lina começou a ficar certa de que suas expectativas para a vida, em geral, eram altas demais. E aquela revelação não tinha impacto opcional. Quanto mais ela pensava que a vida dela parecia fadada ao tédio e repetição, com mais repulsa e ansiedade ela ficava.

– Stryker, tô te falando, eu tô enlouquecendo com isso. – ela falou para seu amigo ao telefone enquanto penteava seus cabelos loiros no espelho do banheiro, notando que seus olhos azuis pareciam castanhos na escuridão de sua casa.

– Mas você é a pessoa mais ambiciosa e esperta que conheço. Rápida com as frases e cortadas, Lina. Talvez devesse tentar Los Angeles, dar uma chance para comédia. Ou atuar, quem sabe.

Talvez a cidade dos ventos só não seja para você – ele respondeu com um tom preocupado.

– Estou na beira dos trinta e, realmente não posso dizer porque isso me afeta tanto, mas eu me sinto quase... roubada, entende? Nossa, pareço maluca.

– Não, não parece. Eu sei o que quer dizer. Nós todos achamos que ia para algum lugar. É a vida adulta. Trabalhos ruins, nenhuma vida amorosa, sempre na beira do grande dia, que nunca chega.

– Sim, nada acontece nunca. Eu não aguento mais.

– Bom, isso deve te interessar. Você não vai acreditar na noite que tivemos - eu te falei da minha psiquiatra?

– Sim, claro! Ela não tava em coma?

– Tava, e acordou.

– Sério? Que bom! Mas e a meningite?

– Quer saber, Lina? Nós devíamos marcar de você conhecer a Amanda. – disse Stryker, de repente com um tom de antecipação em sua voz.

– Você não vai acreditar nas coisas que ela tá falando. Ao menos vai te dar no que filosofar.

– Do que você tá falando, Stryker? – perguntou Lina, curiosa.

– Bom, tá preparada para isso? – Stryker explicou da condição de Amanda, intrigando Lina instantaneamente.

Os dois marcaram um encontro para a sexta daquela semana, e Lina então saiu de casa em direção à padaria no final de sua rua para comprar o que estava faltando em casa. Ela vivia em um apartamento de dois quartos em Forrest Park, Illinois e a temperatura de inverno estava lentamente ficando mais tolerante, permitindo que as folhas da primavera comesçassem a crescer. Um sol fadado brilhava entre dois prédios e esquentava a rua coberta de neve enquanto Lina se aconchegava em seus casacos de neve e começava a andar rua abaixo. Todos na rua pareciam estar falando sobre a expedição para Europa - era a conversa dos bares de rua e

dos restaurantes, dos postos de gasolina e dos pedestres no sinal. Ela podia ouvir comentários rápidos enquanto andava e, quando entrou na padaria, começou a se informar sobre acessando seu celular. Uma mulher de meia-idade contava notas do caixa da padaria e enquanto Lina lia o artigo, ela puxou conversa:

– Você ouviu, menina? – ela apontou para as televisões da parede.

– Vão para Europa!

– É, eu vi. Pelo menos tenho algo para me animar!

– A mulher parecia ter ficado pálida, abrindo os olhos com repreensão e respondendo a Lina como se tivesse ficado ofendida. Lina se segurou para não rir enquanto a velhinha falava:

– Animar? Eles não deviam estar mexendo com isso, eu te falo! E se existem *aliens* lá? E eles vem para cá? Nós precisamos aprender a ficar no nosso canto, isso sim!

– Não... não podem haver os *aliens* que você se refere lá. Se há vida, é marinha, ou microbiótica. Nenhuma pessoa. É um planeta coberto de gelo com um oceano por dentro. Não leu sobre o assunto? – Lina perguntou, incrédula.

– Mesmo assim, é melhor torcer para não acharem nada, né?

– Por que não? – Lina perguntou. – Eu espero que achem!

– Saúde! – falaram os quatro, batendo as taças e brindando. Eles sentavam na segunda de seis pequenas cabines em um pequeno café no centro da cidade de Chicago. Às oito em ponto, o bar parecia estar cheio para uma sexta-feira à noite - mas Amanda o tinha escolhido por sua iluminação intimista e design *vintage* de uma cabana de floresta nos anos 70.

– O que é que tem em você, Lina? Algum jeito de fazer as pessoas se sentirem relaxadas do seu lado. – disse Stryker.

– Obrigada!

– É verdade, Lina. É muito fácil jogar conversa fora contigo – Ripley adicionou.

– Como uma comediante, quase. O seu *timing* é sempre certo.
– completou Stryker.

– Obrigada por quererem esquentar meu coração congelado. – disse Lina, sorrindo. – Amanda, digo, é a pura verdade: é simplesmente mais fácil ser assim, não é?

– Ah, claro – disse Amanda. – Mas eu não tenho isso, infelizmente. Uma habilidade para fazer piadas, digo. –

– Mas também é verdade que a maioria dos comediantes são os mais deprimidos – disse Lina.

– Acho que é porque o lado mais pessoal é tão sarcástico, pessimista, não se impressiona fácil, então você acaba ficando num estado defensivo. Mas só de reconhecer isso já é um passo para te ajudar a melhorar – disse Amanda.

– Entre nós quatro, somos quatro pessoas bem sucedidas, correto? Razoavelmente, ao menos. É incrível o número de pessoas que conheço a cada dia que são completamente ausentes de qualquer capacidade de identificar erros óbvios.

– Ok – disse Lina – isso pode ser fora do assunto, mas eu tenho que perguntar qual é a de vocês. Como ela pode ser a psiquiatra e ao mesmo tempo uma amiga confiante? para estarmos aqui, bebendo juntos?

– Bem, ela nos ajudou muito. – disse Ripley.

– E ela me conhece há muito tempo, antes de se especializar em psiquiatria. Então quando ela começou a me atender, o Stryker seguiu logo depois.

– E ninguém sabe. – disse Amanda.

– Não saímos falando no escritório, e não afeta o tratamento deles. Eu comecei a me importar mais com os dois dentre todos os meus pacientes por eles serem muito parecidos comigo. Ou pelo menos as versões antigas minhas. –

A porta do bar abriu com um estrondo e um time de seis policiais entraram, armados. Um deles se aproximou da mesa. Era alto,

musculoso e parecia estar na metade dos seus 50 anos.

– Amanda Collins. Você está presa por conduzir experimentos ilegais dentro de uma base militar americana. O que você disser pode e será usado contra você.

A armadilha

Os outros cinco homens abordaram Amanda e em poucos segundos a puxaram de sua cadeira. Tudo acontecera tão rápido que nenhum deles teve tempo de reagir apropriadamente. Lina notou que vestiam uniformes policiais, mas que o emblema em seus peitos era diferente. Eram prateados e no formato de um triângulo invertido.

– Mas o que é isso? Tirem suas mãos de mim! – gritou Amanda, relutantemente sendo puxada. Lina, Ripley e Stryker se levantaram e gritaram:

– Ei! Isso só pode ser um erro! O que está havendo? – gritou Ripley.

Todos no bar olhavam atônitos à cena e não sabiam o que fazer . Os *bartenders* ficaram lá, parados como estátuas segurando suas bandejas.

– Não! Vocês não podem fazer isso! gritou Stryker, enquanto se dirigia em direção ao líder do grupo de policiais. Enquanto isso, outro oficial se encarregava de algemar Amanda. O policial chefe ergueu sua arma e Amanda, no que pareceu apenas uma fração de segundos, o chutou no cotovelo com um golpe certo na intenção de fazer com que a arma que empunhava caísse no chão. No que a arma voou pelo ar, ela ergueu sua mão direita, e no que pareceu apenas mais uma fração de segundos, Amanda se virou de costas para Stryker e o chefe policial e atirou na garanta do oficial que tentava algemá-la.

Os cinco policiais restantes rapidamente tentaram sacar suas armas. Amanda atirou no primeiro enquanto todos olharam para baixo em busca de suas armas. Atirou no segundo enquanto os quatro tocavam as armas para empunhá-las, no terceiro ela atirou

enquanto os três seguravam suas armas em punho, o quarto enquanto os outros dois permaneciam focados em acertar um tiro em Amanda e enquanto o quinto disparava em direção a Amanda, ela concentrou seu olhar sobre ele e atirou na cabeça, ao mesmo tempo em que seu ombro se abriu com a bala disparada contra ela.

Ela gritou de dor e agarrou a ferida apertando-a o mais rápido que podia. Nem uma única pessoa havia se movido ou fez algum som no café. Lina, Stryker e Ripley ficaram espantados, como se à espera de ouvir um alfinete caindo. Amanda olhou para os três e disse:

– Pronto. Adeus. – e saiu ignorando os cinco corpos mortos no chão.

– Eu vou com você. – , disse Lina, levantando-se para começar a seguir Amanda.

Amanda correu para a porta, ela olhou para trás rapidamente no momento em que Lina se levantava e sorria para ela. Stryker e Ripley se olharam por alguns segundos, e, vendo Lina e Amanda perto de alcançar a porta, levantaram-se de forma agressiva e correram ao seu encontro o mais rápido que podiam.

– Ei, Ei! – , Gritou o gerente do café. Mas já era tarde demais.

Amanda já estava do lado de fora à caminho de seu carro. Enquanto freneticamente pegava as chaves de seus bolsos, ela avisou aos outros três:

– Eles não eram policiais comuns. Vocês não viram seus distintivos? Eu posso explicar tudo. Entrem em meu carro, todos. – Ela estava focada em sair dali o mais rápido possível, sem uma única expressão de remorso ou choque. Lina não podia deixar de sentir-se encantada com seu controle: ela queria fugir o mais rápido que podia, mas não por pânico ou medo. Ela não estava fugindo. Em vez disso, Lina havia notado como Amanda parecia estranhamente mais alerta, ou como se ela estivesse à espera de que tal incidente acontecesse.

– Por que você os matou? – , Perguntou Lina, enquanto todos, como que por obrigação, entravam na SUV cinza escuro de Amanda. Ela imediatamente percebeu o peso da porta à prova de balas ao tentar abri-la. Fechou-a com um baque, juntando-se a Amanda no banco da frente. Stryker e Ripley bateram as portas de trás e Amanda pisou no acelerador. Lina percebeu que ela mordia o lábio ligeiramente enquanto adicionava pressão sobre o pedal. Lina olhou para trás, viu meia dúzia de pessoas fora do bar tirando fotos do carro de Amanda , os estouros dos flashes se tornavam menores e as luzes mais fracas à medida que o carro se afastava noite a dentro. Depois de alguns segundos parecerem ter passado, Lina decidiu acabar com o esmagador silêncio que havia tomado o carro.

– Então, traição? – perguntou Lina.

– Experimentos ilegais? – acrescentou Stryker.

– Você é a porra da minha psiquiatra! Me diga... já fez alguma coisa conosco? – perguntou Stryker.

– Ah, vá se ferrar, Stryker! Nada daquilo era verdade. Eles estão me enquadrando por toda a merda feita pelo meu pai. Ele está fazendo isso comigo, na verdade. Eu disse que eu posso explicar tudo. Além disso, você vai parar de fingir que é amigo da sua psiquiatra só porque é o que acontece, já que estou plenamente ciente de que você está nessa pelas drogas.

– O quê? Bem, eu que me dane então, certo? Se você quer discutir limites agora, por favor, comece explicando o tiroteio! – gritou Stryker.

Lina podia sentir a tensão crescendo.

– Eles não eram policiais de verdade. Eles são da Firma. Eles trabalhavam para o meu pai... e essa foi a minha maneira de prestar as minhas condolências, mas não vou para a prisão tão cedo. Eu estou lhe dizendo, você não tem ideia de quão grande tudo isso é.

– Parabéns a vocês três porque agora eu vou ter que remexer a sujeira e isso vai começar esta noite. Eu sabia que isso iria acontecer. Eu sabia disso. – disse Amanda, segurando o volante com tanta força que Lina pôde perceber suas longas unhas vermelhas começando a rasgar o couro da cobertura.

– Espera, A Firma? Já ouvi falar sobre eles. Eles não são, supostamente, um dos principais cultos *underground*? Mas quem é o seu pai? – perguntou Ripley.

– Ele é um monstro. O maior canalha que já caminhou sobre a Terra, um ser vergonhoso.

E, claro, um dos magnatas mais poderosos do mundo. – disse Amanda, suspirando.

– Não é um culto, é uma empresa. Uma grande aliança geopolítica operada por homens gananciosos, poderosos que não têm absolutamente nenhuma preocupação com o bem estar de outros além deles próprios. Mas é subterrânea. Construída para ser invisível, intocável. E você nunca acreditaria se soubesse os principais partidos que estão associados a ela.

– Então, nós estamos começando uma Guerra Mundial? – brincou Stryker, cutucando o ombro de Ripley.

– Nós? – ele perguntou, rindo.

– Eu suponho que você esteja brincando, porque você permanece incrivelmente ignorante e inconsciente de tudo o que está em jogo. – disse Amanda, enquanto virava o volante e entrava pela autoestrada 311 rumo ao coração de Chicago.

Lina ergueu as sobrancelhas e perguntou:

– Ainda assim, por que eles estavam lá, Amanda? Por que policiais falsos a abordariam em um bar? Se eles queriam pegá-la, certamente poderiam ter planejado melhor. Quer dizer, não que alguém estivesse realmente esperando que você matasse.

– Sou muito bem relacionada. Eu dirijo uma grande empresa especializada em neurociência, Lina. Eu possuo uma rede inteira de

pacientes dependendo de mim todos os dias. O plano deles funciona se você considerar que eu aparecesse e depois desaparecesse. Ele tem estado no meu pé desde o dia em que descobriu que a meningite não me levou. E vou acabar com aquele hipócrita miserável, escreva minhas palavras.

– Mas por quê? – , perguntou Lina.

– Porque eu sou a única que sabe o que diabos ele está prestes a fazer. E o que ele tem construído, planejado, financiado e estruturando nas últimas duas décadas para que isso aconteça. Assim que chegarmos na minha casa eu vou te dizer tudo .

– Puta merda. – , disseram Ripley e Stryker juntos.

– Então eu acho que nós podemos nos despedir das nossas sessões de terapia né? – perguntou Stryker.

Amanda olhou para Stryker através do espelho e disse:

– Bem, é exatamente aí que você se engana.– Ela saiu da estrada 311, virando à esquerda para uma nova rodovia.

– O que você quer dizer? – perguntou Ripley e Stryker, mais uma vez juntos.

Stryker bocejou e prosseguiu:

– Bem, e o que você sabe? Sua psiquiatra, que por acaso é também sua amiga próxima, é também uma boneca matryoshka russa!

– Stryker, eu não estou brincando porra! – Amanda o interrompeu – Eu posso sentir o tom superior na porra da sua voz e é melhor você entrar em acordo com tudo agora. Esta é a terceira piada idiota que você lança sobre nós, e esse assunto não é motivo de piadas.

Todos permaneceram em silêncio. Após alguns segundos, Lina decidiu quebrar o gelo e perguntou:

– Quanto tempo até chegarmos lá?

– Apenas mais alguns minutos. – Amanda respondeu.

– Quer saber – Amanda disse como quem acaba de perceber algo – Ele obviamente está armando para mim. Desta forma eu seria obrigada a contatá-lo e perguntar o que está havendo e porque ele está tentando me incriminar pelas merdas dele. Oh, Deus, tudo é tão óbvio, como pude não enxergar antes? – ela perguntou, olhando rapidamente para Lina.

Lina respondeu:

– Há quanto tempo não falam um com o outro?

– Há nove anos, completados na semana passada – Desde que eu saí de debaixo das asas dele ele sempre me quis de volta e sempre levou para o lado pessoal. Se as acusações forem reais, eu quero dizer. – ela seguiu adiante virando em um retorno e pegando outra avenida.

– Você quer dizer que pode tudo isso ser uma grande armação? – perguntou Lina.

– Eu não sei. E vou checar isso, mas pensar que tudo isso me faria voltar rastejando para ele... Que idiota. Eu prefiro fugir.

Depois de mais ou menos dez minutos na estrada eles pararam na garagem do prédio de Amanda. Lina notou ao adentrar o prédio que a construção não se parecia em nada com um prédio residencial, até porque mal se podiam ver os últimos andares no céu escuro. Lina percebeu que a garagem estava praticamente vazia, apenas dois pequenos carros à sua esquerda e outro à sua direita. Eles saíram da SUV de Amanda e andaram para o elevador.

– Quem vive aqui, Amanda? – Lina perguntou enquanto andavam.

– Apenas eu. Este é um prédio corporativo. Você entenderá assim que vir onde eu vivo.

As portas do elevador se abriram e os quatro entraram, sobre um chão de mármore. Amanda apertou o número 44 e o elevador se fechou.

– É uma longa subida – Amanda disse, sorrindo.

O Loft

– Aqueles policiais não sabem onde você vive? – perguntou Lina.

– Não. Ninguém sabe onde eu moro. Até mesmo Stryker e Ripley jamais estiveram aqui antes. De novo, você entenderá assim que chegarmos ao topo. – Amanda olhou para Lina e continuou: – Eu sei que pareço uma fugitiva, mas eu preciso me esconder.

– Por que você nunca nos disse isso antes? – Ripley perguntou.

– Um pequeno aviso teria sido bem-vindo. – Stryker adicionou.

– Eu nunca, jamais pensei que ele enviaria seus homens atrás de mim. Nunca pensei que vocês poderiam estar comigo. Coloquem-se em minha posição. – Amanda respondeu calmamente.

– Me desculpe. – disse Stryker. – Então seu pai é o poderoso chefe?

– Qual o seu problema? Toda vez que fica nervoso solta uma piada idiota ou um comentário imbecil! Não se preocupe Stryker, nada vai acontecer a você.

Amanda olhou para o marcador de andares que passava do 27 para o 28, então acrescentou: – Eu acho. – Lina olhou para ela e perguntou:

– Você acha que poderemos ir para casa ainda nessa noite?

Amanda pensou por alguns segundos e disse: – Os três são livres para fazerem o que quiserem. No entanto, eu não recomendaria voltarem para casa ao menos até resolver tudo isso.

Os três pareciam completamente atordoados e bombardearam Amanda com perguntas, confusos.

– Mas o que você quer dizer com isso? – disse Ripley.

– Mas que diabos, Amanda? Ele enviaria homens atrás de nós agora? Como eles sequer saberiam onde nos encontrar?

– Oh, por favor. Você ainda não caiu na real, não é? A Firma pode nos localizar em qualquer lugar. Gravações de vídeo do restaurante, câmeras de trânsito em todas as ruas e estradas que pegamos para fugir, tudo. Eles só não nos encontrarão aqui porque eu os despistei pegando pequenas ruas e retornos desta vez. Estamos a salvo aqui, mas se estiverem lá fora nas ruas, eles os encontrarão, e eles querem encontrar vocês. E vão usá-los para chegar até mim. Mais uma vez, se é isso o que ele quer, ainda não tenho total certeza.

– Amanda? – Stryker gritou. – Você só pode estar brincando!

– Eu disse para se colocar em minha posição Stryker. Eu não fazia ideia que isto fosse acontecer. – Amanda respondeu. Lina olhou para o contador de andares e viu que já se encontravam no quadragésimo andar. Ela permaneceu em silêncio e em sua cabeça considerava e ponderava todas as suas opções.

– E o que precisamos descobrir? Como limpar seu nome? Você quer que eu entre nos sistemas federais! É isso o que você quer, não é? – gritou Stryker. – Eu tô ferrado!

– Em parte sim. Mas eu preciso de mais que isso. Acredite, você ainda não ouviu um décimo do problema Stryker. Aguarde. – Ordenou Amanda.

O elevador parou e as portas deslizaram se abrindo, revelando um pequeno corredor que levava a uma pequena sala circular. Os quatro andaram em direção à sala ao centro, que se encontrava vazia, exceto por uma estante de livros quase vazia e ao fundo uma pintura magenta de uma menina dançando balé. Lina olhou para Amanda que abria sua jaqueta e pegava uma pequena bola prateada com dois botões.

Ela pressionou o primeiro botão e o colocou ao lado da moldura da pintura – ela não percebeu que existia um pequeno compartimento em que a bola prateada se encaixava perfeitamente, e rapidamente, a parede inteira começou a se

mover para o lado, revelando uma entrada secreta que levava a um enorme e abandonado salão de festas.

– Eu disse que me escondia, de alguma forma. – Amanda comentou enquanto a porta se abria.

– De alguma forma? Isso é se esconder num nível digno de super herói, Amanda. – Lina comentou, dando uma risadinha. Amanda soltou uma gargalhada e os quatro entraram.

À esquerda e à direita deles havia enormes janelas que se estendiam até o teto. As janelas tinham uma coloração bronze que era uma mistura de poeira e luz que vinha refletida das paredes de pedra, cada passo no salão soava como um alto, porém suave baque à medida que Lina se aproximava de uma das janelas e via que através delas podia se ver a cidade toda, o gigante salão parecia ser o interior de uma catedral e Lina estava encantada com sua grandeza e elegância. Ela se sentia como se aquele lugar a desse uma confortável sensação de segurança e isolamento. Havia dois sofás vermelho-escuros em formato de bumerangue com uma mesa de vidro ao centro que apontava para paredes vazias à esquerda e à direita, uma dúzia de espelhos de diferentes formas, tamanhos, e molduras.

No final do salão, uma pequenina estante que parecia abrigar apenas alguns aparelhos eletrônicos e um enorme e super avançado sistema de computadores sobre uma mesa de metal. Lina ficou por ali, admirando os equipamentos de alta tecnologia e estava impressionada com a quantidade de aparelhos que Amanda havia conseguido reunir naquele canto do salão. Certamente apenas um técnico de alto nível e extremamente habilidoso poderia administrar aquilo tudo com sucesso.

– Bem vindos ao Loft. – disse Amanda, cruzando suas pernas e se curvando diante deles.

– Você tem noção que isso é como um parque de diversões para mim, não é? – disse Stryker, se aproximando da estação tecnológica

de Amanda, ainda mais encantado que Lina. Ripley olhou para Lina e disse:

– Primeiro ele estava reclamando, agora duvido que ele queira sair. – Lina riu.

– Bem – disse Amanda. Ela bateu palmas duas vezes e do escuro canto esquerdo do salão, onde estavam os sofás vermelhos, surgiu uma senhora com idade em torno de 60 anos. – Esta é Shirley. – disse Amanda. Shirley sorriu para todos eles e Lina estava radiante em ver o quão simpática e amável a senhorinha parecia ser.

– Olá! – Shirley disse, com uma voz doce e frágil. Ela vestia um uniforme de empregada azul escuro, abraçava suas mãos juntas frente ao corpo e saudava cada um com a cabeça, à moda oriental. – O que deseja, senhorita Amanda?

– Traga-nos um pouco de chá, por favor, querida. E algo para mastigarmos também. Esses três permanecerão conosco por um bom tempo.

– Oh, faz um bom tempo que não recebemos visitas. Será um prazer. Deixe-me cozinhar algo para vocês. – Shirley disse ao se virar e desaparecer no corredor escuro. O corredor está mais claro e Lina pôde perceber que Shirley havia entrado na cozinha e acendido as luzes.

– Sim, ali é onde fica a cozinha – disse Amanda. – Me pareceu que você estava se perguntando isso. – Lina ficou surpresa com a percepção afiada de Amanda e respondeu:

– Oh, sim. Sim eu estava me perguntando isso mesmo. Shirley é adorável.

– Sim ela é. Ela está comigo por duas décadas, acredita nisso?

– E ela mora aqui? Com você?

– Oh, não. Shirley pode ir e vir a qualquer hora que ela queira.

– Mas seu pai... – Lina começou a perguntar, mas Amanda a interrompeu dizendo:

– No entanto, não poderá mais

Lina franziu a testa e olhou para Amanda confusa. Era a segunda vez que Amanda completara suas frases.

– Eu não posso ler mentes, se é isso o que você está considerando perguntar. – Ela respondeu.

– É apenas óbvio. Eu sigo linhas de pensamento e completo as lacunas. É normal você se perguntar onde a luz que Shirley acendeu levaria e é claro, porque ela poderia ir e vir a hora que quisesse e você não. Estou ciente, apenas isso, e eu tenho notado o quão parecida comigo você é na verdade.

– Isso é incrível! – Acrescentou Lina. – Você é afiada, Amanda. – Ela disse sorrindo.

– Mas por favor, nos diga. Eu não consigo esperar mais. – Ripley acrescentou. – Explique-nos tudo o que está acontecendo. Não foi muito inteligente por parte deles de forma nenhuma abordar você em um bar daquele jeito. Porque o seu pai mandaria que fizessem aquilo?

– Não, para mim a verdadeira pergunta não é a maneira como eles a abordaram e sim, porquê o seu pai estaria te enquadrando pelo que ele fez! – disse Stryker.

– Ele continua conduzido experimentos em pessoas? – Stryker perguntou. – Mas o que ele faz com eles afinal?

– Stryker, escute. Estou prestes a atingir vocês com força, então é melhor se sentarem.

Amanda se sentou em sua cadeira e os outros três sentaram-se lado a lado no sofá próximo a Amanda. Ela abriu a aba do braço de sua cadeira para revelar um painel de botões preso a ela. Ela apertou dois, e a parede para qual os sofás apontavam se iluminou com uma forte luz azul e uma tela de computador se projetou através de um holograma enviado diretamente do braço da cadeira.

– Enquanto explico tudo a vocês, assistam ao show. É melhor que aprendam dessa forma, é um trabalho importante o que

estamos fazendo aqui.

Shirley retornou da cozinha com xícaras de chá e torradas e as colocou na mesa de centro.

– Há algo mais que eu possa fazer por vocês? – ela perguntou.

– Shirley, eu temo que você não possa deixar o Loft por algum tempo. – disse Amanda segurando sua xícara e tomando o primeiro gole.

– Por que não? Está tudo bem? É o Sr. Oswald? – perguntou Shirley. Amanda tomou mais um gole de seu chá, inclinou-se para frente e disse em um tom casual: – É sim Shirley. É ele.

– Amanda! – Shirley disse alto. – Ele nos encontrou? – ela perguntou, aterrorizada.

– Não, ele não nos encontrou. Ele não encontrará nenhum de nós aqui, Shirley, e é por isso que eu preciso que você fique por aqui por algumas semanas até tudo estar mais calmo e eu disser que está bem sair, ok? Certifique-se de fazer encomendas corretamente, tudo no seu nome por favor, e estaremos bem.

Ela sorriu indubitavelmente para Shirley, que prosseguiu lentamente de volta à cozinha dando um sorriso tenso e um tchau, que permaneceu impresso em cada um até ela chegar de volta da cozinha.

– Quando meu pai era jovem, ele era um brilhante rapaz. – Amanda começou.

– Ele cresceu em Estocolmo e lá permaneceu por 20 anos antes de viajar para Londres e conhecer minha mãe – Mas ao chegar em Londres, ele já era um milionário. Nada perto do quão rico ele é hoje, mas ele já havia dado os primeiros passos para se tornar quem ele é hoje.

– E ele... chama Oswald, certo? – Stryker perguntou.

– Sim, O nome dele é Oswald Rose, e aos 13 anos de idade apenas, descobriu como criar uma luminária que não necessitava de baterias para funcionar. Tudo o que precisava fazer era tocá-la e o

calor do corpo a acendia. Pode parecer algo pequeno, mas foi um grande acontecimento para a época. Ele usava o calor para criar energia. Tudo o que ele fazia dia e noite era sentar no quarto com seu kit de química, uma infinidade de livros e criava.

– Uma criança prodígio. – Ripley acrescentou.

– Chame ele assim se quiser... a principio ele parecia estar no caminho certo, todos disseram. Sua luminária foi transformada em lâmpadas que venderam como doce por toda a Europa, e foi quando ele também ganhou reconhecimento da mídia com manchetes sobre suas conquistas. Shirley foi quem me contou tudo isso. Ela diz que Oswald sempre teve essa ideia de si próprio, de que ele era destinado a criar estas coisas. Ele nunca pareceu animado, satisfeito, ou contente, mas ele sempre estava pensando na próxima criação. Ele sempre queria construir algo maior.

– E o que aconteceu depois? – Lina e Stryker perguntaram curiosos.

– Então minha mãe conheceu um rico jovem de aproximadamente 20 anos com uma paixão por construir aparelhos, acessórios, equipamentos e quaisquer coisas relacionadas à energia – minha mãe sempre me contou como ele fala de energia em tudo. Como tudo tinha energia e como podíamos nos aproveitar disso, juntar, usar isso, qualquer coisa. Minha mãe o achou fascinante, intrigante. Ele era um gênio, mesmo. Ainda é, na verdade. Preciso admitir isso. Eu também sei que estão esperando para saber como tudo isso acabou indo para o caminho errado. – Amanda disse, tomando mais um gole de seu chá.

Ela olhou para os três e em seguida para a tela projetada na parede. Flashes de logos de diferentes corporações apareciam na tela, e imagens do que pareciam fotos de grupos surgiam e Amanda explicava uma por uma.

– Em Londres, essa foi a primeira grande corporação com quem ele trabalhou. Ele formou uma aliança com os donos após vender

uma quantidade gigante de suas avançadas lâmpadas para o revendedor, o que rendeu a ele seu primeiro grande negócio. A partir daí, ele foi para outras corporações – as imagens apareciam na tela, sempre mostrando símbolos de corporações reconhecidas mundialmente. Após aproximadamente quarenta imagens, Lina começou a reconhecer quem era o mesmo homem em todas elas. Ele não se parecia muito com Amanda, com traços agressivos e um meio sorriso ambíguo em todas as fotos.

– Minha mãe dizia que ele nunca tinha tempo para ela. – Mais fotos continuavam a ser mostradas – e durante todo o tempo ele continuava trabalhando para aperfeiçoar sua maior criação. Ele se conectava às pessoas, atraía a nata cultural e trabalhava com alianças ainda maiores a cada vez, fossem elas com políticos ou empregados comuns da cidade. – Lina percebeu que as imagens mudaram e mostravam uma zona de guerra e artilharia. – Ele colaborou com o governo militar contra a guerra no Iraque construindo a maior parte das armas de fogo, como vocês podem ver. – Amanda continuou passando as imagens. Lina então começou a entender melhor qual era o ponto de Amanda.

– Uma vez que ele se tornou dono das maiores companhias e fábricas de armamentos e conhecia os homens mais importantes – homens no poder, neste caso – anunciou a todos que estaria conduzindo uma vitrine para estreitar sua mais recente criação para todo o mundo. Durante esse tempo, minha mãe ficou grávida de mim. Oswald tinha 47 anos, e esta era a virada do século, o ano de 2000. – Stryker, Ripley e Lina estavam fascinados pela história que Amanda contava sobre como seu pai alcançou o topo. Eles escutavam atentos e ela continuava:

– Vinte e quatro anos após ele inventar as lâmpadas, ele aperfeiçoou uma nova estrutura, um novo aparelho, que agora era uma conquista ainda maior no campo científico. O pequeno aparelho, chamado de Órbita, era agora capaz de recolher energia

através de radiação. Era pequeno e simples, porém se carregado corretamente, tinha o poder de abastecer um bairro inteiro com energia elétrica, tudo o que precisava ser feito era apontá-lo para o sol. O que ainda parece um tanto medíocre para nós, eu sei. Mas tenham em mente que o ano era 2000, trinta e um anos atrás. Seu império era apenas um pequeno sinal no radar na época. E como a cada nova invenção lançada tinha seus direitos comprados por grandes fabricantes em massa e o público ía a loucura com eles, seus lucros começaram a se multiplicar. Hoje, todas as crianças no mundo já possuem lanternas ativadas por calor, propulsores portáteis de metal também movidos pela nossa energia que o ergue do chão por cerca de um minuto, patins de deslizamento sobre a água, chats em vídeo através de hologramas, enfim – todo *gadget* revolucionário que surgiu durante as três últimas décadas veio inicialmente da mente do meu pai.

– Mas calma, eu me perdi. O que era, exatamente? Não os brinquedos, mas Órbita? Um *gadget* do tamanho de uma bola de futebol? – Stryker perguntou.

– Por vezes, sim. – Amanda respondeu.

– Mas qual o problema então? Eu não entendo que problemas isso poderia causar. – Stryker suspirou.

– Eu sim. – Lina acrescentou. – Eu assumo que ele não parou por aí, não é?

– Não, ele não parou. Estão prontos para o problema? – Amanda perguntou. Todos os três acenaram com a cabeça positivamente. Amanda soltou um leve suspiro, que para alguns pode ter soado arrogante, mas Lina percebeu que o motivo era uma que uma séria revelação estava por vir.

– Trinta e um anos depois, Órbita 2.0 foi aperfeiçoada. É 700 vezes maior, mais potente e sua maior criação. Sua cuidadosamente escolhida e sempre crescente rede de contatos, com homens importantes o permitiu prever tudo isso antes mesmo

de ser anunciado. Por 30 anos, meu pai e a Firma têm sido os maiores financiadores dos últimos empreendimentos de exploração do espaço profundo da NASA. Pois sabem o que ele quer fazer? – Amanda perguntou. Ela sorriu e então disse, ironicamente: – Ele quer levar seu bebê para o espaço, enquanto a nave pousa e explora os oceanos congelados de Europa, a Órbita estará usando os espantosamente altos níveis de radiação de Júpiter para convertê-los em energia. E essa energia será trazida de volta a Terra. Uma quantidade espantosa de energia, a maior concentração de partículas jamais reunida, e não será ele o responsável por puxar o gatilho ou não. Porque com isso ele pode começar a Terceira Guerra Mundial em uma fração de segundo.

Os quatro permaneceram em um silêncio impenetrável. Ripley e Stryker olharam um para o outro espantados e Lina perguntou: – Mas você acha mesmo que é isso o que ele quer começar? O que ele ganharia com uma guerra?

– Controle – Amanda respondeu. – Mas preciso alertá-los que isso pode não estar totalmente correto – Eu também não vejo o planejamento do jogo de passar por tudo isso apenas para obter energia. – disse Amanda. – A verdade é que a única coisa que eu temo é o que ele fará com isso. Tenho medo da resposta. – Amanda abaixou o olhar e imediatamente em seguida focou em Lina: – Porque eu também suspeito que não seja apenas guerra.

– Você disse que sempre há um motivo maior, certo? – perguntou Lina.

– Sim, mas o que poderia ser maior do que isso, Lina? Qual o limite? O que ele realmente quer? Eu nunca soube isso.

– Onde está sua mãe agora, Amanda? – perguntou Lina.

– Ela faleceu há alguns anos atrás, Lina – disse Stryker.

– Oh, eu não sabia. Sinto muito. – Lina se desculpou. – Você deveria ter me dito! – ela esbofeteou o joelho de Stryker. – Amanda, eu não sabia.

– Lina, por favor. Está tudo bem. Eu sempre soube disso, mas nunca imaginei que ele iria tão longe. Eu nunca pensei que ele fosse aperfeiçoar isso. Mas quando acordei e Stryker me contou sobre o anúncio da NASA, eu imediatamente imergi em todas as informações possíveis que consegui encontrar sobre isso. Eu sabia que ele tinha suas digitais sujas por toda a operação, e acabou que eu estava mais que certa. Ele não está apenas financiando isso, como eu te perguntei Stryker, mas está gerenciando e supervisionando a expedição inteira. Seu nome foi o único que pude encontrar publicamente, porém. Todos os outros parceiros e contatos, pessoas tão poderosas quanto ele, mas participantes de grandes partidos políticos ou posições de poder no mundo não têm um rosto, afinal eles não podem manchar seus nomes caso tudo dê merda. Mas ele nunca teve medo.

– Mas o financiamento está anunciado como sendo a Firma? – perguntou Stryker.

– É claro que não, Oswald posa como um magnata corporativo e apenas fala sobre isso em nome da NASA. O nome da Firma nunca foi mencionado. Ninguém realmente sabe que ela existe, ou que ela tem uma sede.

– Eles têm uma sede? – perguntou Lina.

Amanda se virou para olhar para Lina e disse: – Sim, há uma sede, escondida nos arredores da fronteira da cidade de Reykjavík, Islândia.. Se você pensa que isso aqui é isolamento, você terá uma imensa surpresa ao tentar encontrar a Firma. Ela foi criada para ser invisível.

– Desculpe-me, eu não quero interrompê-la ou chateá-la de nenhuma forma, Amanda.

Stryker cortou Lina dizendo: – Mas você não está preocupada com a repercussão do incidente no bar? Você atirou em cinco homens. Eles estão provavelmente mortos!

– Oh, por favor, eles não estão mortos. A maioria dos tiros atravessou e eu mal pude mirar direito. Tudo o que eu precisava era uma maneira de escapar e aquela foi a única. Me diga outra. – Stryker permaneceu em silêncio. Ripley então perguntou pertinentemente: – Você foi acusada de conduzir experimentos ilegais em uma base militar dos Estados Unidos. Portanto foi isso o que o seu pai fez, não é? Ele fez experimentos com as pessoas que vimos nas fotos? Em seus sócios e soldados?

– Ele fez testes em sujeitos selecionados. Pessoas que não tinham uma vida para qual voltar, que para ele pareciam... descartáveis.

– Mas o que ele fez com elas? – perguntou Ripley.

– Quanto mais ele conhecia os soldados, mais ele discernia em sua mente o quanto essas pessoas não podiam vacilar entre o raciocínio lógico e o emocional. Ele estava certo que um soldado só poderia dar o melhor de si e ter sucesso em uma guerra se deixasse suas emoções para trás, se as emoções não fossem mais tangíveis e os guiasse. Ele passou décadas tentando bolar uma maneira de separar os centros de julgamento nos cérebros dos soldados para que eles fossem capazes de ir à guerra e voltar para seus lares com o apertar de um botão. As cicatrizes emocionais seriam guardadas em segurança bem longe. Você pode dizer que ele quis acabar com distúrbios pós traumáticos. Eu digo que ele queria prevenir, permanentemente, para ganhar controle sobre eles. Pela quantia certa de dinheiro essas pessoas viriam a trabalhar para ele sendo os mais confiáveis e leais seguidores, ajudando assim a construir a Firma.

Um brilhante raio de eletricidade iluminou todo o cômodo – uma tempestade se aproximava e um trovão cada vez mais alto vinha de longe até cair – o trovão parecia ainda mais intenso no último andar do prédio. Lina viu Shirley andar através do cômodo em direção ao aquecedor que ficava próximo à cozinha e aumentá-lo.

Lina falhou em entender como ela se sentia tão em casa no loft de Amanda, mas deixou estes pensamentos para lá e então focou no debate em questão.

– Se pensarmos direito – Ripley começou – É como se ele sempre estivesse se preparando e se munindo para uma guerra. Talvez ele venda a energia ou use para uma expansão ainda maior de seu poder de fabricação. Órbita 1 podia iluminar um bairro inteiro, não é?

– Sim, mas estamos falando de uma enorme quantidade de energia. Os níveis de radiação em torno de Júpiter são extremamente altos. Ele pode estar criando uma arma nuclear, – Amanda apontou.

– Nuclear? Você realmente acha que ele iria tão longe? Qual seria seu objetivo? – Stryker perguntou.

– Mas é isso, não é? Ele poderia usar a energia como alavanca. Com esse tipo de poder em suas mãos ele teria o mundo aos seus pés. Ninguém jamais iria querer que ele puxasse o gatilho. – Acrescentou Lina.

– Depois do que eu vi – disse Amanda. – Me faz detestá-lo ainda mais. Em pensar que o que move alguém pode trazer tanto caos e destruição para todos ao redor.

– Falando nisso – Lina lembrou-se. – Estou morrendo para ler tudo o que você escreveu sobre sua experiência quase morte, Amanda. Estou louca para saber o que você viu!

– Você esteve numa volta de montanha-russa durante a última semana. – Ripley acrescentou. – Como você está lidando com isso?

– Está no computador, Lina. – Amanda apontou para a estação *high-tech*. – Você encontrará o arquivo assim que olhar para a tela. Aliás, Ripley, eu tenho passado a maior parte do meu tempo tentando entender tudo o que eu vi. Tenho medo de passar toda a minha vida procurando respostas sem nunca entender por completo. Eu sinto muito pelos problemas que tudo isso pode

causar a vocês. Como eu disse antes, eu não fazia ideia do que me esperava essa noite. – Lina seguiu para o computador enquanto Amanda falava. Ela se sentou e começou a ler cuidadosamente cada palavra que Amanda havia escrito.

– Amanda, as pessoas que você disse que ele havia usado para experimentos. Os experimentos deram certo? – perguntou Ripley.

– Alguns. Os que não deram certo foram... cancelados. – Amanda respondeu. – Aqueles que deram certo trabalham para ele até hoje.

– Na Firma, você quer dizer? Com ele?

– Sim. Não posso te dizer exatamente quantas pessoas trabalham lá. Não importa, mesmo. Ele pode construir seu exército em um dia. Tudo o que ele precisa é que se sente na cadeira dele.

– Amanda respondeu com um tom sinistro em sua voz. Lina ouvia cada palavra enquanto lia atentamente os escritos de Amanda. Pela primeira vez em muito tempo ela se sentia bem em fazer parte de um acontecimento tão fascinante.

– Quais você acredita terem sido os maiores motivos por trás do financiamento desta expedição a Europa? Porque essa seria a primeira tentativa de enviar humanos ao espaço distante. A nave precisa ser construída de modo a suportar os níveis de radiação de Júpiter.

– Bem, começou por volta de 2011, quando imagens melhores de satélite mostraram que por debaixo dos oceanos congelados havia pontos vermelhos que indicavam calor – se você tem um oceano congelado com sinais de calor no fundo, isso significa que as temperaturas vão de extremo calor provavelmente emanados de vulcões subterrâneos profundos, como na Terra ao extremo frio. É totalmente formado por água, então o que mais você poderia precisar? Perto do final da primeira década do século XXI, quando descobrimos que as profundezas dos mares eram ecossistemas mais vivos do que jamais poderíamos imaginar, lar de diversas

espécies – transferimos as mesmas condições a Europa e até o mais cético dos sujeitos seria obrigado a admitir que vida marinha em Europa seja não apenas possível, como provável. – disse Amanda. – Para mim isso é óbvio.

Procurados

– Amanda – chamou Lina.

– Sim? – Os três que permaneciam sentados no sofá olharam para Lina enquanto ela rolava para baixo a página com os textos de Amanda.

– Você conseguia sentir alguma coisa enquanto passava por esta experiência? Ou você diria que foi um tipo de experiência onde você observava mais do que qualquer coisa? Quero dizer, você sentiu como se pudesse alterar as coisas? Sentia que era tudo realidade? Ou um sonho em curso e infinito? Você entende o que estou tentando lhe perguntar? – Lina perguntou.

– Parecia mais real e intenso do qualquer outra coisa que eu já experienciei na vida. Mas cada momento não se transferia para dentro do outro, era mais como um desdobramento. Cada vislumbre me encantava com tanta informação que ficava mesmerizada e seguia para o momento seguinte. Não parecia um sonho. Foi mais como... um passeio. – Lina continuou a ler os intrigantes textos de Amanda. – Isso é incrível – disse ela pouco antes de terminar a leitura.

– E ainda assim você jamais poderia ter imaginado isso. – Stryker comentou.

– Nós te dissemos isso antes, certo, Lina? Seu cérebro estava completamente desligado. O córtex responsável pela imaginação, identidade, noção de realidade, não estavam lá. Amanda não estava lá.

– Sem querer falar demais – disse Lina. Mas supostamente esta é uma evidência de vida após a morte. Você já considerou como se sente em relação a isso? Porque você me parece completamente vindicada e confiante no que aconteceu, portanto parte de você, por

mais que queira, não pode deixar de refletir sobre isso: o que mudou em você?

Amanda respirou fundo, como que recarregando sua energia uma última vez. Ela inalou um pouco de ar e soltou um pequeno suspiro. Seus olhos se abriram e então ela começou:

– Isso tem me... assombrado. Sempre que esses pensamentos voltam, uma pequena parte de mim passa a detestar a raça humana, não tem jeito. É como se algo em mim tivesse despertado, mas que eu não sei ainda usar apropriadamente. Ainda coisa da qual tenho certeza é que eu não acredito, nem nunca vou acreditar em coincidências. – disse Amanda, com um tom suave em sua voz.

– Quero dizer, não é espantoso como quanta gente ainda não acredita? Como eles conseguem realmente negligenciar todas as estatísticas, jogar os fatos fora mas ainda acreditarem que talvez tudo dê certo no final. A maioria tem medo de agir. Eu desprezo conformismo. Ainda assim é uma praga entre nós.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Lina. – Você sabe que todos nós concordamos com você. – Amanda olhou para baixo por um instante, fechou seus olhos novamente e amou seus lábios suavemente. Seus olhos então se abriram, agora olhando para cima, e ela continuou:

– Eu sei que existem muitos outros mundos. Muitos mais mares e florestas. Uma infinidade de tipos, raças. Eu não consigo entender como chegamos tão longe como sociedade com mentes tão estreitas, uma estupidez alucinante. É realmente o equivalente de se pensar como um animal, de alguma forma. Eu vejo como a maioria das pessoas é tão frustrada, deprimida e tomam decisões drásticas a todo momento. Porque todos se abastassem tanto de emoções violentas. É porque eles são todos incompreensivelmente estúpidos. – Amanda disse com nojo.

Lina, Stryker e Ripley se olharam, abismados com o tamanho da raiva que Amanda expressou com suas palavras. Lina não podia

fazer nada além de concordar e admirar Amanda ainda mais, vendo-a expressar tantas preocupações que já havia sentido outrora, como se houvesse finalmente encontrado uma amiga com quem pudesse contar para qualquer coisa que precisassem fazer a seguir. Lina se encontrava mesmerizada por aquela mulher, alguém que parecia se moldar e conduzir a vida perfeitamente em público, mas que carregava o peso do mundo nos ombros – mas que ainda assim permanecia inabalável.

– Mas eu digo isso com a melhor das intenções. – Amanda continuou, agora olhando para eles e sorrindo. – Porque potencial existe. Sempre existiu. No entanto, eu nunca imaginei como egoísmo pudesse iludir qualquer um em ciclos de autodestruição e complacência intermináveis. Se você está repetindo o mesmo erro pela décima vez eu assumo que qualquer um se sentiria igual a um rato de laboratório. Mas ninguém nunca assume quando está errado. O problema nunca é interno. – ela pausou e sorriu. – Estão muito felizes em viver em suas bolhas de vidro. – Os três entenderam exatamente o que Amanda quis dizer. Suas experiências passadas fizeram com que eles tivessem a compreensão emocional exata para compreender isso.

– Talvez algo nos emburreça. Parecia ter uma sincronia entre o pensamento emocional e racional antes da tecnologia

– Então a Europa para você é certeza. – indagou Lina

– Claro! Eu digo, como que você... ugh. – disse Amanda. – Considere a probabilidade. Se você multiplica o número de estrelas em nossa galáxia pelo número de galáxias no universo, você tem aproximadamente um "gazilião" de estrelas. E ainda pode ter mais que isso. As chances de sermos os únicos organismos com vida no universo... para mim, pensar que somos únicos é pretensioso demais. São apenas alguns dias. Eu tenho certeza que qualquer um que não acreditar nisso terá que acordar para vida rapidinho. Mesmo que tenhamos começado apenas a quarta década do século

XXI, ainda existem muitas pessoas que são cegas para estas verdades.

– Que são provavelmente as mesmas que ainda acreditam no sobrenatural – disse Stryker, rindo histericamente.

– Eu imaginei que nenhum de vocês acreditaria mais nesse tipo de coisa. No paranormal, no mundo dos espíritos, quero dizer. – disse Ripley.

– Por favor. – respondeu Stryker. – Com todas as tecnologias que temos hoje, milhões de câmeras digitais, bilhões de fotos e milhões de horas de filmagem, não teve nada que chegou remotamente perto de ser confirmado no âmbito do paranormal. Nada. Zero. – ele olhou para baixo, sacudindo a cabeça devagar. – Mas algumas pessoas querem manter suas crenças no paranormal, como se fosse diferente de acreditar em goblins, anjos, magos... nenhum existe, mas as pessoas acreditam ainda. Nós temos pessoas simplórias perambulando por lugares abandonados à noite com seus EMFs e gravadores tentando se convencer de que aquela batida no vidro é uma alma penada ou que o barulho de arranhado é uma voz que gravaram do além. – ele riu. – Se você acredita em fantasmas e espíritos, você realmente tem uma visão de criança do mundo. – Ripley pareceu desconcertada pela visão cética de Stryker e imediatamente se levantou, retrucando

– Como você pode dizer isso Stryker? Ainda mais depois do que viu a Amanda passar? – Ela perguntou incrédula.

– Ah Stryker. – Amanda suspirou. Ela olhou para ele, espremendo os olhos como se ela visse por ele. – Você está tentando ver racionalmente, algo irracional. O mundo não é tão preto no branco assim. Seu ponto de vista cínico sobre tudo vai ser sua ruína. Por mais que a ciência tenha avançado, nós ainda estamos no escuro quando se fala sobre os mistérios da vida e não há uma alma humana nesse planeta que possa dizer exatamente o

que acontece depois que morremos. – Amanda depois se levantou e começou a andar pelo aposento, falando a todos:

– Assim que você entender que você é um insignificante e sem importância sinal sonoro no radar do tempo – uma das bilhões de pessoas que vieram e se foram em alguns milhões de anos – e se tornar humilde com a ideia de que tudo o que você sabe e conhece do mundo hoje é o que outros, grandes homens lhe contaram a partir de suas próprias observações, então talvez você deixe de agir de forma tão pomposa a ponto de dizer que já sabe de tudo que se há para saber sobre um assunto que tem conseguido se manter na vanguarda da sociedade desde tempos imemoriais. – ela pausou por um instante e então continuou. – Não são apenas os esquisitos caipiras e os loucos por atenção que acreditam terem visto um fantasma ou tido uma experiência paranormal. Existem muitos homens conhecidos e altamente instruídos, como presidentes por exemplo, que afirmam já terem visto espíritos. Tentar acabar com o persistente e tão difundido fenômeno do raciocínio de que – isso é isso, portanto aqui é aquilo – é simplesmente bobo. Nós existimos em um mundo onde não temos ideia nem do porque estamos aqui, e as coisas no nosso dia a dia acontecem todas baseadas numa escala de normalidade a qual fomos acostumados a seguir, não devemos esquecer de que há séculos atrás, muitas das coisas que fazemos hoje seriam consideradas anormais ou até mesmo mágicas. A eletricidade, telefones, computador conseguiram afastar a escuridão da ignorância, mas você comete um erro ao pensar que consegue ver muito além deste pequeno círculo de luz. – disse Amanda.

Stryker permaneceu petrificado, olhando aturdido para Amanda ao passo que ela apresentava seus pensamentos, pondo-o em seu lugar com palavras.

– Seu conhecimento – os *gadgets* da humanidade e todos os seus brinquedinhos – como os do meu pai, não importa o quão

avançados sejam – esses objetos dos quais você depende tanto para refutar este tópico, são apenas pequenos passos para iluminar a escura caverna em que sempre vivemos no que diz respeito à nossa existência. Não acredite que somente porque estamos no século XXI e temos celulares e computadores, estamos acima de tudo agora. Seu orgulho é arrogante, e muitos homens arrogantes já vieram e se foram, sem sequer perceberem o quão presunçosos eram e da sua insignificância para este mundo. O seu erro é pensar que você, eu e muitos outros – homens instruídos – estamos acima do que nós somos.

– Posso acrescentar algo? – Lina resolveu participar erguendo sua mão.

Amanda, Stryker e Ripley olharam para ela. Ripley deu um sorrisinho e Amanda respondeu imediatamente:

– Com certeza, Lina, por favor fale.

– Embora eu admire ambas sua convicção e erudição, tenho que discordar de vocês dois. – ela anunciou. Ela sentia que os outros três não esperavam por isso. – Enquanto eu particularmente não tenho problemas com pessoas que acreditam em fantasmas e espíritos, não há estudos científicos que comprovem sua existência. Independente do fato de que estudos e pesquisas são realizados por centenas de anos, com tecnologias cada vez mais avançadas, nunca houve sequer um caso que passasse do status de não solucionado. Portanto a hipótese nula (e postura razoável) é aceitar que fantasmas provavelmente não existam. – ela lambeu os lábios, formulou sua próxima frase em sua cabeça e continuou.

– Isto é apoiado não apenas pelo nosso grande conhecimento do mundo natural, que explica como fenômenos naturais podem ser interpretados como paranormais, mas o crescente entendimento dos incríveis truques que nossas mentes fazem conosco, como pareidolia, entre outros, e transforma ocorrências mundanas em coisas bem diferentes. Utilizar este argumento: Muitos homens são

tiveram experiências paranormais portanto deve realmente existir algo, é uma falácia lógica que não pode ser aceita. Tudo o que sabemos é que não sabemos. – Lina terminou de explicar seu raciocínio e olhou para Amanda, que a encarava com um olhar como o de uma mãe orgulhosa.

– Que? – perguntou Lina. – Me desculpe se eu disse algo ofensivo, não foi minha intenção.

– Não, não, definitivamente não é esse o caso. – respondeu Amanda, sorrindo. – Eu estou apenas muito feliz de tê-la aqui conosco, considerando que esta ainda não foi nem a melhor parte. Deus, essa é apenas a ponta do iceberg.

– O que quer dizer com isso? – perguntaram Ripley e Stryker ao mesmo tempo.

– Hoje, somos uma massa sem rosto de um. – ela disse. – Você pode dizer que estamos constantemente interconectados, você pode dizer que estamos mais unidos que nunca. Para mim, como sociedade, nós estamos presos por correntes invisíveis. – Amanda parou, lambeu seus lábios e inspirou. Então seguiu: – Eu não digo todos, certamente. Algumas pessoas estão espantosamente cientes do quão grandes massas são alheias às verdades do universo, como vocês três. Portanto obrigado por isso e pela maravilhosa companhia. Vocês não entenderiam o prazer que tenho em argumentar com pessoas inteligentes. – Amanda os cumprimentou. Ela sorriu para os três e Stryker quebrou o silêncio:

– Você não precisa nos agradecer.

Passos leves se aproximavam mais e mais e Shirley surgiu, vindo da cozinha com um olhar assustado e gritando: – Senhorita Amanda! Ligue a TV no noticiário! – Amanda clicou em alguns botões no braço de sua cadeira e o noticiário começou a ser projetado na parede em frente a eles. Instantaneamente, podia-se ler a manchete, e Lina sentiu um aperto em seu peito ao ler:

– Tiroteio em bar no centro de Chicago: quatro feridos, um policial foi morto pelos criminosos que reagiram à prisão.

– ... Ainda não se sabe ao certo como a altercação se iniciou, Amanda Collins, trinta anos, renomada psiquiatra local reagiu à prisão e se recusou a aceitar as acusações – Amanda foi acusada na terça-feira por traição e alegações de estar conduzindo experimentos ilegais em uma base militar americana. Com ela na cena do crime foram recentemente identificados o ex-oficial da marinha Ripley McGee, vinte e nove anos, analista de sistemas Stryker Pendarvis, vinte e oito anos, e a executiva financeira Lina Rafn, vinte e oito anos. Todos os quatro, as autoridades alertam, são extremamente perigosos e armados. Se alguém avistar qualquer um dos suspeitos, avisar as autoridades locais imediatamente.

Eles mostraram imagens estáticas obtidas pelas câmeras de segurança e agora os rostos dos quatro estavam expostos na mídia global como procurados pela polícia. Ripley e Stryker se levantaram e começaram a se mover ao redor do sofá, anda para lá e para cá. Ripley pôs suas mãos em seu cabelo e olhou para o chão boquiaberto. Stryker ficava olhando ora para a tela ora para Amanda, enquanto ela enchia outra xícara de chá, cruzava as pernas e suspirava.

Lina, ao invés de reagir, olhava fixamente para as reações de seus amigos à notícia. A verdade é que ela não se importava (sabendo que era inocente) de ter sido enquadrada. Ela ainda achava a história de Amanda mais excitante e fascinante do que preocupante e esta admirável mulher que havia surgido em sua vida e a virado de ponta cabeça, ainda tinha muito mais a oferecer do que se tivesse apenas passado sem que ela precisasse se envolver. Porque de alguma forma, ela pensou, ela foi cortada – Stryker e Ripley ainda eram amigos próximos dela, mas Lina acabara de conhecê-la – ainda assim, sentia uma necessidade de

estar lá. Esta noite insana parecia reassegurar: talvez a vida de Lina não estivesse condenada ao conformismo.

Lina permaneceu em silêncio sonhando acordada, mas foi abruptamente despertada pelas vozes na sala.

– Nossos rostos foram mostrados na mídia! Eles estão armando para nós! Eu não queria ser arrastado para isso , Amanda! – gritou Stryker, com o dedo em riste para Amanda e com o rosto vermelho. Lina podia até ver uma gota de suor na ponta de seu nariz. Ripley continuava com as mãos em seu cabelo, olhando fixamente para as notícias que agora mostravam o gerente do bar gritando freneticamente com o repórter – Aconteceu tão rápido, em um segundo eles tinham sumido! Para nós pareceu que eles já esperavam que a polícia fosse abordá-los ali porque se livraram tão facilmente!

– Você ouviu isso? – Stryker gritou. – Agora nós somos uma porra de uma gangue Amanda!

Lina podia sentir a palpável tensão crescendo na sala – era como se a sala fosse tomada pelo silêncio mas podia-se sentir o calor emanando das pessoas gerado pelo nível de estresse que só subia.

– Não vamos inventar um plano, Stryker. A maioria das pessoas sequer vai ligar para isso. – Amanda disse friamente.

– Amanda, isso é ruim. – Ripley apontou. – Isto é realmente muito ruim. Nós realmente não podemos deixar o loft agora.

– Estou ciente da situação. – respondeu Amanda.

– Precisamos limpar nossos nomes. – disse Lina.

– Isso é exatamente o que ele quer. – disse Amanda, assim que Lina terminou de falar. – Desta forma eu não tenho opção a não ser me render a ele. Se eu não entrar em contato com ele, as acusações jamais serão retiradas. A única forma de retirar as acusações é indo até ele .

Lina, Stryker e Ripley olharam para Amanda esperando ansiosamente para que ela continuasse. – Então o que você está sugerindo, exatamente? – perguntou Stryker.

– Estou dizendo que tive uma ideia de como resolver isso. – Amanda se levantou de sua cadeira e parou em frente às projeções na parede. – Estou dizendo que eu terei que ir até ele. E dizer que após duas décadas de intensas pesquisas e conquistas acadêmicas, eu entendi que a única forma de eu me tornar maior e ter sucesso é me juntando a ele. Faz sentido, afinal é o que ele quer. Ele sempre me quis ao seu lado, e esta é a única falha em seu plano que eu terei que consertar para o nosso próprio benefício.

– Então o que quer dizer? Você vai até ele e sentenciar a si própria a uma vida de eterna escravidão emocional ao lado dele, vê-lo desdobrar uma vida a qual você é totalmente contra? Sozinha? – Stryker olhou para Amanda perplexo.

– Não. Vocês todos virão comigo. – Amanda respondeu.

– O quê? – Ripley perguntou. – Como poderíamos?

– Eu direi a ele que a única condição para que eu trabalhe ao seu lado, renunciando ao trabalho de uma vida, é que eu tenha comigo meu três parceiros de trabalho mais próximos para participarem deste novo capítulo na Firma. Eu direi que passei muito tempo pensando e avaliando esta decisão até que chegasse o dia, hoje, em que todos concordássemos que seria apropriado embarcarmos nesta experiência em seguida. Juntos. – explicou Amanda. Ela sorriu apaticamente olhando para os três e acrescentou: – Pensem só. Nós quatro juntos carregamos tudo o que é necessário para destruir sua operação. Dentro da Firma, estaremos lá quando o Órbita 2.0 e a tripulação retornarem de Europa. Estaremos no coração da besta. Ele é meu pai. Está é a única arma que tenho contra ele e eu também sei jogar este jogo.

Lina compreendeu por completo a ideia de Amanda. Funcionou no papel e funcionaria na prática. Se eles se transferissem para o

coração da Firma, eles poderiam conquistar qualquer coisa e certamente trabalharem para encontrar uma forma de enfrentar o plano de Oswald com o retorno de Europa.

– Faz sentido. – disse Lina. – Você, Stryker, é o hacker, Ripley tem toda a força e experiência de guerra. Amanda é sua filha e sua única conexão emocional. Eu planejo fazer algo de útil na minha vida e parar este homem e suas experiências, para mim, soa como prioridade! A qualquer momento este homem terá a maior arma, o maior potencial nuclear para uma bomba jamais conhecido pelo homem. Não podemos também sair por aí depois do que aconteceu hoje no bar, visto que todos conhecem nossos rostos. Nossa única chance, de verdade, é pedir que ele limpe nossos nomes em troca de assinarmos um contrato de uma década de serviços para ele. – disse Lina. Ela podia sentir seus níveis de adrenalina subirem.

– Mas, ele não vai sentir que algo está rolando? Vocês dizem que ele é um gênio. Do nada você volta e quer se aliar a ele. – perguntou Ripley.

– Exceto que nós fomos enquadrados por algo que apenas ele tem o poder de limpar nossos nomes. E ele com certeza espera algo em troca. Mas sim, é por isso que não podemos atacar agora. Precisaremos nos preparar e criar histórias para nos encobrir e contá-las com tanta verdade em nossas palavras que passaremos inclusive a acreditar nelas. – Amanda respondeu veementemente. – É o plano perfeito.

– Mas o mundo não sabe do Órbita 2.0? A tripulação não tem ideia desta operação de aproveitamento de energia enquanto exploram Europa? Quem está conduzindo isso?

– Eu não tenho certeza. – respondeu Amanda. – Ninguém sabe sobre isso, obviamente. No entanto eu não estou certa de como ele fará funcionar. A operação provavelmente contará com três ou quatro infiltrados da Firma que trabalharão somente no recolhimento de energia. Ele tem os meios para fazer isso, e

nenhum deles se importaria em perder suas vidas. Cada um deles ansiosamente se voluntariaria para uma viagem só de ida sem pensar duas vezes. Ele sempre tem seus ativos leais ao seu lado. – respondeu Amanda. – Esta é uma das razões pelas quais precisamos fazer isso. Precisamos saber mais sobre o como ele irá assaltar Europa para conseguir o que quer. Temos que fazer isso porque é o certo a se fazer. – acrescentou Amanda.

– Eu concordo. Pode dar certo se trabalharmos juntos. O que são alguns anos em nossas vidas dedicados a acabar com algo que pode ser um problema de proporções enormes? Eu estou com você, Amanda. – assegurou Lina. Ela sorriu e sentiu um formigamento de ansiedade em seu cérebro.

Ripley encolheu os ombros e sorriu, dizendo – Se vocês duas estão dentro, eu também estou. – Stryker surpreso disse: – Sério? Você vai se unir a isso? – perguntou.

– Por que não Stryker? Este é o único jeito de limpamos nossos nomes! Mais, eu não sei se você notou, mas Oswald é um monstro! – Stryker olhou incrédulo para Ripley por alguns instantes e então abaixou a cabeça e fechou seus olhos. Suspirou e então disse: – Parece que vamos todos numa aventura.

– Se vamos mesmo fazer isso – explicou Amanda – precisamos moldar vocês. Esqueçam Oswald por um instante porque todos os empregados da Firma são profissionais altamente instruídos e treinados para ver através de nossas emoções e sentir o cheiro de qualquer coisa duvidosa facilmente. Por exemplo, você está nervoso demais, Stryker. Este tipo de comportamento quando algo te leva ao seu limite é inaceitável na Firma. Gritar para alguém lá é motivo suficiente para que seja cancelado. Lembre-se que a maioria das pessoas lá não sentem, tudo o que fazem é reagir racionalmente porque meu pai acabou com seus centros de julgamento. Você precisa refinar seus movimentos e aprender a se controlar em situações de extremo estresse. Até o dia em que eu contatar meu

pai, ensinarei tudo o que sei sobre isso. Quando estiverem prontos, nós atacaremos.

– Precisaremos também de códigos entre nós para nos comunicarmos sem levantar suspeitas. Podemos criar gestuais e palavras-chave. – Ripley acrescentou.

– Você tem ideia do quão difícil isso será? Aliás, você já parou para pensar o quão escassas nossas chances de sucesso são de fato? – perguntou Stryker. – Eu não quero parecer derrotista, mas precisamos ter isso em mente, Amanda.

– Você está realmente tentando me ensinar como o risco é alto? – perguntou Amanda, com um tom desafiador em sua voz. Ela ergueu a sobrancelha e continuou: – Porque se me lembro bem, há alguns minutos atrás eu estava lhe dando choques de realidade. – Stryker e Amanda se olharam em silêncio por um tempo. Lina se preocupou com a tensão que crescia entre eles.

– Nada que valha a pena ser feito é fácil, Stryker. – disse Amanda, dando as costas para eles e seguindo em direção ao corredor. – Seria bom você aprender logo isso se quiser ser alguém na vida. – Os passos de Amanda ecoavam à medida que se distanciava de todos, Lina olhou para Ripley e Stryker assim que perdeu Amanda de vista.

– Nós podemos fazer isso Stryker. – ela o assegurou. Stryker olhou para ela e em seguida para Ripley. Sentou-se próximo a Lina no sofá, pegou sua mão e disse: – Me perdoa por tê-la trazido para isso, Lina. Nós também não fazíamos ideia. Nenhum de nós imaginava o que esta noite acabaria se tornando.

Lina olhou para ele e soltou uma gargalhada. – Oh, Stryker, por favor. Você não precisa se desculpar para mim. Eu diria que eu sou quem está gostando mais disso tudo! Parece que eu sou verdadeiramente a única realmente animada para acabar com esse cara.

– Mas... você não está preocupada, Lina? Nós podemos... morrer durante os próximos anos! Sei lá! Qualquer coisa pode acontecer e não podemos jamais destruir nossos disfarces!

– Eu vejo isso tudo de forma diferente. Eu sei que se dermos o nosso melhor a cada momento então teremos sucesso sem dúvida em alguns anos. Eu terei eternamente uma conquista da qual me orgulhar, sabendo que eu fui uma peça crucial para acabar com essas pessoas e suas conspirações. – Stryker olhou para Lina e sorriu. – Obrigado, Lina. – ele disse. Os passos de Amanda podiam novamente ser ouvidos da sala na medida em que ela retornava pelo corredor com Shirley ao seu lado. Shirley carregava uma bandeja com duas panelas fumegantes.

– Shirley vai nos servir o jantar para que possamos descansar mais tarde. – anunciou Amanda. – Há um quarto de visitas com três camas de solteiro ao final do corredor. Vocês vão achar bastante aconchegante para os próximos meses.

– Graças a Deus! Estamos morrendo de fome! – disse Stryker, se ajeitando no sofá.

– Oh, Shirley – disse Lina – muito obrigada! – ela sorriu para Shirley, que ao terminar de por as panelas sobre a mesa sorriu de volta a ela.

– Vou buscar o resto agora – disse Shirley. E voltou com mais uma panela e talheres para todos. Eles jantaram juntos e usaram seu tempo sabiamente, conversando sobre coisas alegres e anedotas enquanto comiam. Por alguns instantes Lina pôde se sentir bastante familiarizada com o grupo, uma sensação de felicidade tomava conta dela, como se fosse até possível esquecer a tensão da situação. Lina guardou em sua mente aqueles preciosos momentos em que conseguiram sorrir antes de cair no sono por aquela noite.

A trama se complica

– Bom dia, Lina – disse Amanda, já vestida e tomando seu café da manhã sobre a mesa de vidro. Lina acabara de levantar e estava a caminho da cozinha para o café. Amanda tinha dado um guarda-roupa inteiro para Lina e Ripley, de roupas que acumulara durante os anos e que nunca conseguiu se desfazer delas – vestidos de gala, robes, vestimentas vintage e pilhas de casacos de inverno dos soldados da Islândia. Já que eles estavam confinados ao loft de Amanda, Stryker havia se vestido da melhor maneira que pôde para não parecer feminino. A luz do sol brilhara sobre o teto do salão, porém, não das janelas: Lina percebera que todas as janelas estavam fechadas por trás de grossas cortinas que ela não havia reparado de noite.

– Bom dia – disse Lina, com uma voz rouca de sono.

– Dormiu bem? – perguntou Amanda

– Sim, dormi. Foi meio difícil associar tudo o que aconteceu e ainda acordar inteira. – disse Lina.

Amanda deu um risinho e falou, enquanto adoçava o café: – Eu fico feliz que você se recompôs tão rápido. Sente-se, coma algo.

Ela sinalizou a mesa a qual Lina percebeu enquanto se aproximava já estar repleta de comidas e bebidas quentes. Stryker e Ripley logo se juntaram a elas e o restante da refeição fluiu tranquilamente. Nenhum deles mencionou A Firma ou pareceu abalado pelo fato de terem sido acusados injustamente.

– Ei, venham ver isso pessoal! – disse Ripley, aumentando o som do canal de notícias que cobria a expedição a Europa.

– *Pessoas ao redor do globo têm mostrado um grande suporte online enquanto a missão Europa tem sido o assunto mais comentado mundialmente na internet e até sendo comentado nas*

ruas! Nós temos gravações exclusivas de manifestações ocorrendo no Oriente Médio, Ásia e, mais recentemente, Rússia, onde a população foi às ruas e marcharam até seus respectivos chefes de estado com cartazes dizendo "Nós não estamos sozinhos" e "Em breve". O mais irônico é a maneira como esses protestos estão surgindo de países de terceiro mundo assim como de países e governos extremamente religiosos. – A transmissão começou a mostrar vídeos de pequenas manifestações ao redor do mundo de reações às notícias.

– Isso era de se esperar. – disse Amanda – O mundo está reagindo à possibilidade. Algumas pessoas estão começando a acordar.

– Mas que tipo de repercussão nós estamos falando? – Perguntou Stryker – Tipo, se isso for confirmado.

– Qualquer tipo de vida é suficiente para provar que não estamos sozinhos. – disse Amanda – Isso mudará completamente o fundamento mais intrínseco que a nossa sociedade e humanidade percebe – nossa galáxia é mais vasta e maior do que nós um dia pudéssemos imaginar. Isso vai abalar até os frutos mais datados.

– E o que vai acontecer com essas pessoas? Eu pagaria um bom dinheiro para ver os rostos deles – disse Stryker.

– E se alguém não entender? – disse Lina – Ou simplesmente se recusar a entender.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Ripley.

– Nós temos que considerar que algumas pessoas realmente não vão entender. Eles vão se recusar e dirão que é tudo uma conspiração. Eu consigo ver as pessoas chamando de preconceito e que tudo isso é obra de Satanás. Você não?! – perguntou Lina

– Bem, é claro. Mas vamos ver o que acontece. – disse Stryker.

– Se bobear isso é exatamente o que Oswald esperava. – notou Amanda – Se você parar para pensar, nós nem estamos considerando o pós noticiamento de qualquer informação que venha

dessa expedição. E se a primeira pedra for jogada por uma massa enfurecida de idiotas?

– É algo a se pensar, né? – disse Lina

– Mas é claro. – respondeu Amanda. Ripley se manteve focada no noticiário, quando ela apontou e disse:

– Olha! Eles vão anunciar a nova equipe que vai na expedição da semana que vem!

A transmissão continuou mostrando imagens e detalhes que eles já conheciam sobre a missão. Se tornou óbvio para todos como a mídia global iria espremer cada gota que poderia dessa história, isso seria repetido incansavelmente até qualquer nova descoberta ser feita. O mundo inteiro parecia estar com um sentimento forte de adrenalina e não apenas eles, se escondendo no loft.

– Após vocês três acordarem para vida e começarem o dia, me avisem. Eu vou terminar umas pesquisas que estava fazendo e nós começaremos as suas sessões assim que pudermos. – anunciou Amanda. Ela se levantou de seu assento e andou em direção à sua baia.

Amanda sentou em sua cadeira, ajustou a saia e inclinou o rosto em direção a Stryker. Eles estavam em um quarto pequeno, não mais de alguns metros dos quartos do loft, cujos quais Amanda decidiu serem apropriados para suas sessões.

– Vamos chegar ao fundo de tudo, sim? Que porra que tá acontecendo com você? – perguntou Amanda.

– Ah, vejo que você está canalizando seu Freud interno. Essa é uma técnica nova? – disse Stryker.

– Para de merda, Stryker. Nós não temos tempo a perder. Eu tentei achar maneiras melhores mas, sinceramente, a única maneira de saber o erro incompreensível que você é em público é se você me disser que porra que tem de errado com você. – Stryker quebrou levemente de lado a cabeça, franziu o olhar e olhou para Amanda como se ela o tivesse desafiado.

– Você interpreta sua parte tão bem. Mesmo assim você não sabe o quão errado você é. Eu consigo nomear no mínimo dez comportamentos de círculos viciosos em você apenas olhando para a sua postura.

– Dá um tempo! Que porra é essa?! Você acha que vai resultar em alguma melhora o jeito que você tá falando essas merdas comigo?

– Nada que saia da minha boca pode ser considerado merda. De novo, é por causa do seu ponto de vista. Eu estou tentando te ajudar, Stryker.

– Tá bem, então você poderia iluminar a porra do primeiro passo?

– Começa nos seus olhos. – disse Amanda – Nunca deixo de me surpreender como que sabemos tanto sobre qualquer pessoa com o que as assusta mais. O óbvio está ali, mas, como você diz, a bomba explode. – ela pausou um momento e continuou – toda vez que você está rodeado de pessoas, você transforma completamente o que você realmente é, para o que você quer que as pessoas gostem em você. Num estalar dos dedos você se torna o que você acha que eles querem ver e ouvir. Tão gentil e esquisitinho. Tão maravilhosamente encantador.

– Então só porque eu sou legal com as pessoas, eu...

– Não é isso. Você criou a faceta errada. Você comete o erro que a maioria das pessoas comete. Mas você não fez isso por você, você fez isso por medo. Medo de ficar sozinho, de não ser amado, mal interpretado, de não ser aceito. E esse anseio todo berra negligenciamento para mim. Como foi a seu relacionamento com seus pais ,Stryker? – interrompeu Amanda com um sorriso semicerrado no rosto.

– Normal. – Stryker respondeu rapidamente.

– Agora que você começou a perceber que eu entendi você por completo. – disse Amanda, soltando um risinho. – Você vai começar

a falar menos. É normal. É o que se faz quando você quer ser mais esperto que outra pessoa. Mas você não vai conseguir, meu querido. Por que você faz isso? Por quê? Eu consigo sentir no ar o quanto infeliz você é ,Stryker.

– Vai se fuder. – Amanda sorriu e continuou:

– Mesmo assim você não está entendendo que eu vou destruir você para te reerguer.

– É, é, tá bem, eu não vejo porra nenhuma mesmo, não vejo que merda que você vai fazer para me ajudar aqui dentro. Qual é o teu problema?!

– Eu não tenho problema algum.

– É mas você curte isso.

– Mas é claro que sim. Foi o dom que me foi concedido quando nasci, o melhor dom que eu poderia ter tido. É um prazer destruir alguém psicologicamente. É um prazer entender alguém completamente apenas olhando em seus olhos. Eu consigo ver tudo que você está tentando me esconder, apenas te olhando. E você realmente tem qualidades admiráveis Stryker. Porém você é um homem com um passo à frente se disfarçando de empacado. Em público você não tem opinião alguma. Você diz querer o bem de todos mas não é bem assim o seu desejo. Você se moldou para ser uma pessoa que nunca escolhe um lado. O pior tipo de pessoa é aquela que fica em cima do muro. Você se moldou para ser o tipo de pessoa que eu mais detesto no mundo, Stryker. Uma contradição conformista ambulante. – Os olhos de Stryker estavam brilhando em lágrimas.

– Bem eu fiz isso para sobreviver OK? – respondeu Stryker, chorando. – Você não para para pensar nessas coisas, você apenas faz.

– Não, não. Você sempre tem escolhas, mesmo que não consiga enxergá-las. Porque a porra da sua natureza é ser condescendente. É da sua natureza ser conformista. E é por isso que uma parte de

mim sempre vai odiar você. Conformismo é o inimigo da realização. Isso será a primeira coisa que você vai se lembrar para sempre que eu te ensinei.

– Ah muito obrigado, isso me deixou muito bem mesmo.

– Eu não posso fazer nada. Na minha opinião, é um ódio muito vindicado. Você é o exemplo perfeito do que está acontecendo exatamente de errado no mundo. Porém você tem ótimas qualidades. Você tem que aprender a descartar o lixo para deixar aflorar o que tem de potencial. – Amanda lambeu os lábios, inalou profundamente e perguntou: – Por quê? Por que você algum dia iria assumir que o que as pessoas querem é mais do mesmo?

– Você tem um lado seu... que você despreza? – Stryker perguntou honestamente. Amanda olhou nos olhos de Stryker por alguns segundos antes de responder. – Todos nós temos, ele sempre vai existir.

– É, agora eu entendi. Você dá um soco, basicamente, no que a gente sempre quis esconder para que ninguém veja.

– E agora por analisar o quanto você atrasa o mundo por não andar para frente, você pode começar a trabalhar no seu novo eu . O seu eu perfeito. Um Stryker que vislumbra suas qualidades e que sabe como manter seus demônios em rédeas curtas. Um homem com julgamentos que não serão extraviados ou com intenções nebulosas. Você será claro, convicto, perfeito.

– Mas... como? – perguntou Stryker.

– Bem, nós vamos analisar como o mundo vê você, é claro. E daí nós podemos começar a criar o que realmente queremos que o mundo veja. – disse Amanda. – Quer começar pela lista de coisas que você falha em reconhecer em você mesmo? Essa parte você vai amar.

– Claro. Vamos ver se você consegue me deixar sentindo pior comigo mesmo.

– Não se sentindo pior Stryker. Essa é a parte em que você começa a se sentir melhor. – ela respondeu. – Você falha em perceber a grande quantidade de qualidades maravilhosas que você tem dentro de si. Por exemplo, suas habilidades com um computador são uma dádiva, Stryker. Por que parece ser tão fácil para você? Você sempre teve facilidade com números?

– Para mim sempre foi fácil. Eu tenho esse jeito de entender e compreender qualquer entrada numérica como se fosse algo normal e familiar, desde que eu me entendo por gente. E isso nunca me deixou com medo – desde que eu era pequeno eu sempre tentava entender qualquer programa e encriptar e criptografar meus próprios jogos. Sempre me senti como se estivesse me desdobrando de uma maneira nova. Eu sempre voltava nisso.

– Porque foi um dom que te deram, tem um em cada um de nós.

– É, mas de que serve isso no meu dia a dia e com os problemas constantes da vida?

– É apenas o jeito como você percebe as coisas. – disse Amanda
– Isso significa que você sempre vai pela solução mais provável. Sua perseverança em tentar entender os enigmas intrínsecos de números e letras, o jeito que você tem de programar tão facilmente significa que você é um homem extremamente paciente e capaz de incríveis conquistas dado o estado de espírito certo. Você é perfeito para a Firma. – Amanda falou, com um tom de esperança em sua voz.

Máscaras e escudos

– Para que eu possa moldá-los e permitir que vocês se tornem membros da Firma – começou Amanda – há algumas coisas que vocês devem aprender sobre o coração e a mente.

Lina, Stryker e Ripley sentam-se no sofá enquanto Amanda fica na frente das paredes teladas, que mostravam a imagem pausada de uma animação de um cérebro. Era como se eles estivessem em uma aula de neurociência e Amanda fosse a professora.

– Amanda – disse Shirley, caminhando para a sala. – Posso ver isso com eles? Parece muito interessante.

– É claro, Shirley. – Amanda respondeu gentilmente.

Lina sorriu para Shirley e bateu no sofá para ela se sentar ao seu lado. Shirley felizmente se juntou a Lina.

– Existem truques cruciais que eu posso ensinar que serão úteis durante muitas ocasiões dentro da empresa. Esses truques cruciais são, essencialmente, os gatilhos de reação que diferem você de qualquer outra pessoa que meu pai alterou.

Amanda clicou em um controle remoto para alterar as imagens da tela. Uma animação de um velocímetro apareceu, com um ponteiro preto na parte superior que estava em um ponto branco. O ponteiro poderia tanto cair para a esquerda, tornando-se vermelho, ou para que a direita, tornando-se azul.

– Esta é a nossa gama emocional – mostrou Amanda. – Pode parecer dúbia para vocês, mas é muito mais complexa do que parece. Considere o último ponteiro azul sendo o mais feliz que uma pessoa pode ser, e o último vermelho, o pior, o mais irritado, mais devastado. Stryker, você pode inserir o seu dedo aqui, por favor? – Amanda pegou um sensor com o formato de um dedo indicador, e o abriu. Stryker colocou seu dedo indicador dentro dele

e uma cor azul neon apareceu na parede e revelou o batimento cardíaco de Stryker. – Esta é gama emocional de Stryker agora.

– É uma questão de perceber todo o alcance de uma situação – , explica Amanda – agora se eu olhar para Stryker e dizer-lhe que a sua escolha de roupas, hoje, é horrível e que ele se parece com um palhaço. – O ponteiro branco de Stryker caiu 3 pontos para a esquerda tornando-se cor de laranja.

– Agora, depois de eu ter dito isso, se eu pedir para me você me fazer um elogio, o melhor que você pode pensar. – perguntou Amanda. – Você quer?

– É óbvio que não. – disse Stryker, instantaneamente.

– Sim, porque eu acabei de te ofender. – acrescentou Amanda. – Agora, se eu lhe disser que você não deveria ter acreditado quando eu disse que você não está bem, e que você deve lembrar que na verdade eu te dei essas roupas de presente há dois anos, assim, eu acho que você está incrivelmente apresentável. – sorriu Amanda, dando-lhe um sorriso ousado. – O que você diria? – O ponteiro de Stryker se recuperou de vermelho para seu exato oposto, agora três pontos para o azul.

– E agora a parte crucial: Não parece mais fácil de me elogiar, agora que você está na área azul? – perguntou Amanda.

– Muito. – falou Stryker. – Não posso acreditar que eu não me lembrei que você me deu essas roupas. Ainda assim, eu não saberia o que dizer para te fazer feliz. – disse Stryker.

– Isso não interessa. O que importa é o quanto mais fácil era fazer o bem para mim depois de você ter sido impulsionado para cima. Este é o ponto principal e truque para você ter sucesso na Firma – acrescentou Amanda. – É sempre fundamental estar ciente do que está sendo solicitado de você e reagir a isso da melhor maneira possível, em todos os momentos, não importa se suas emoções lhe dizem o contrário. Eles são impecáveis e se excedem porque não reagem emocionalmente a nada. Você deve dominar

isso para ter vantagem sobre qualquer um dentro da empresa. Esta é a única forma de podermos combater fogo com fogo.

– Mas espere, eu entendi a essência, mas não o todo – como devo agir?

– Não importa que situação é jogada a você, como reage a isso é a chave para tudo - cada empregado da Firma foi projetado para reagir na lógica extrema e usar só a razão, suas emoções são completamente bloqueadas. Sempre que você sentir que algo foi jogado em você, imagine este gráfico – apontou Amanda – e compreenda dentro de si mesmo como você iria reagir a algo em seu maior nível azul. Porque este é o seu melhor comportamento, o melhor de si. Às vezes vai parecer exigente, mas após as primeiras semanas você vai entender que é como um músculo, e que ele precisa de persistência e perseverança, como qualquer outra coisa. Caso contrário, eles vão sentir a emoção violenta fermentando dentro de você. Comecem a se ver como a máquina que vocês foram construídos para ser, e que cada ação envolve o processamento de raciocínio, não decisões abruptas e reações instantâneas. – disse Amanda.

– É assim que você consegue fazer isso? – , pergunta Lina. – É por isso que você está sempre ligada, com a melhor resposta na ponta da língua e parece ser fácil para você.

– Tenho aperfeiçoado isso durante décadas. No começo você não compreende os benefícios disso, mas uma vez que você domina... – , disse Amanda. – Você pode fazer qualquer coisa.

– Como funcionaria em uma conversa com um estranho, então ? O que você sugere? Eu vou entender isso melhor se começar do zero.

– Você deve começar com um elogio – , disse Amanda. – Que irá facilitar o seu caminho para a conversa. Mostrar-se sempre interessado em qualquer coisa que é única sobre eles. Deixá-los

falar sem interrompê-los, sempre tendo um interesse até o seu próprio alarme disparar e eles dizerem que – já é o suficiente sobre mim, me fale de você.

– Mas isso é a que me refiro. O que devo dizer-lhes sobre mim? É aí que travo. – Confessou Stryker.

– Depende do que você deseja obter, se for romântico, impressione-os. Se é alguém de quem você quer alguma coisa não os ofusque. Você nunca deve deixar sua história ficar no caminho de como fantástica essa pessoa parece. Mas você não deve ver estas como situações em que você quer escolher a ou b, Stryker. Tudo depende do momento. É por isso que você deve treinar, domar sua mente. Dessa forma, ela vai sempre mostrar o caminho, especialmente com todos vocês.

– Errado! – disse Amanda quando o alarme dispara novamente. – Linguagem corporal! Você não pode ajustar suas roupas! – gritou Amanda para Stryker, que estava no meio do salão de baile com todos olhando para ele. Amanda tinha dado a sugestão de um exercício em que cada um deles iria ficar na frente de todos e vender o ato como uma pessoa fria, presença inabalável.

– Você basicamente quer que a gente fale como você, certo? Polida e refinada, com esta certeza por trás de cada palavra. – disse Lina, enquanto Stryker caminhava ao redor da sala em círculos, enquanto pensava como jogar isso.

– Se isso ajuda você a capturar a essência através desse ponto de vista – , disse Amanda – pode agir como eu.

– Stryker – disse Lina – você tem que falar como ela! Você sabe que ela domina essa técnica, por isso faça o ato como uma versão masculina de Amanda! – sugeriu Lina.

– É fácil para você dizer! Eu posso murmurar algumas frases, mas não para sempre! Eventualmente, alguma coisa vai me entregar.

– E isso é exatamente o que precisamos aperfeiçoar. – disse Amanda. – Você deve aprender a controlar sua mente, Stryker. É a sua mente que envia o sinal para reajustar suas roupas quando não há nada a ser ajustado. É a sua mente que penteia seu cabelo e tenta distrair-nos com esses truques.

– Não posso, eu não posso realmente fazê-lo agora. Será que podemos mudar? – perguntou Stryker. – Eu vou melhorar em breve, eu prometo.

Sessões

– Estou com medo do que você vai dizer. – disse Ripley quando entrou na sala e sentou-se na frente de Amanda. – Quer dizer, eu estou acostumada a me abrir para você, mas não para acabar comigo. Stryker foi direto para o quarto.

– Foi, é? – perguntou Amanda, rolando para baixo uma página em seu bloco sem olhar para Ripley.

– Sim, e eu entrei para dar-lhe uma bitoca para animá-lo e....

– Peraí, bitoca? Deixa eu te parar aqui. Qual o seu problema?

– O que você quer dizer?

– Você acabou de usar bitoca numa frase? O que você é, retardada? Precisa largar essa estirpe, esse jeito, Ripley. Não funciona mais.

– Mas, Amanda ...

– Você passou por muitas coisas na vida pensando que pode vender este tipo de exterior. Deve parar de colocar peso e culpar a si mesmo por ter perdido seus pais.

Ripley olhou para Amanda por algum tempo sem dizer nada. Ela abriu a boca, mas ainda não disse uma palavra. Então Ripley fechou os olhos, respirou e disse, com os olhos fechados:

– Não posso ser engraçada como Lina ou seca como você, Amanda. – disse Ripley, quase num sussurro.

– Ninguém está dizendo que deve. Eu estou dizendo que o ato de bondade não lhe cai bem. Seus olhos vão te entregar cada vez.

– O que você está sugerindo, então? – , perguntou Ripley, agora olhando para Amanda.

– Estou dizendo que você deve deixar sua parte dura se mostrar - isso faria maravilhas para a sua vida amorosa. Por que é que você se segura tanto?

– Eu sempre fui reprimida e negligenciada, Amanda. Você está muito ciente disso, como nós já passamos por isso antes.

– Mas você está também consciente da raiva reprimida dentro de você, ainda que você não esteja conectada com essa raiva de propósito. Por que você acha que isso ocorre, Ripley? – ela hesitou por um momento e depois respondeu.

– Eu acho que é uma mistura de todas as fases de medo a que uma pessoa pode ser submetida, quando você cresce se segurando e cria essa parede, este exterior, que funciona como um filtro entre você e o mundo. É fácil se perder... uma vez que é sempre mais fácil não dizer nada. Mas quando meus pais morreram, ela simplesmente tomou o controle de mim... sem esforço.

– Você vê, aí é onde você está errada. – interrompeu. – Ao não se expressar você só está aumentando o número de situações em que você permaneceu em silêncio que facilmente se multiplicam ao longo dos anos, até o momento em que você vai perceber quantas escolhas e as consequências da sua vida em realidade não foram escolhidos por você, mas você poderia ter agido!

– Você está dizendo que eu deveria me arriscar mais?

– Eu não estou falando apenas de riscos, eu estou falando de toda a sua personalidade exterior que é estupidamente submissa a tudo. Você deve encontrar a sua voz, Ripley – , disse Amanda, fixando os olhos em cima dela. – Em breve, vai ser tarde demais para salvar a si mesmo.

– Mas como posso fazer isso? – Perguntou Ripley.

– Tudo o que você tem a fazer é esperar. Você sabe muito bem cada vez que sua mente deseja falar. Só que desta vez você vai deixar sua opinião aparecer, não importa o que seja - Eu não me importo se você começar a balbuciar a partir de agora até o dia da infiltração. Se for estúpido, ninguém vai se importar ou julgá-la, lembre-se disso. Assim que chegar a Firma eu preciso de você para estar na melhor forma possível, porque lá eu quero ser capaz de

usar este filtro de vocês. Ele vai fazer maravilhas na empresa. Você é tão perfeita para o programa...

– E você, Lina? O que criou este exterior afiado? – perguntou Amanda.

– Acho que eu sempre tive muitas expectativas para a vida. E então, como a vida começou a se revelar tudo que eu podia era começar a fazer piadas sobre isso, porque era muito longe de qualquer coisa que eu tinha esperado, e não em um bom sinal. Tudo começou a me deixar para baixo.

– Você quer dizer que acontecimentos sucessivos ou a sua própria interpretação começou a minguar a cor da vida?

– No início acontecimentos. Eu sempre me senti como se não pertencesse, o que se intensificou depois que meus pais se divorciaram e então eu tive um relacionamento muito ruim, que superou a dor que eu estava passando com os meus pais. Então tornou-se uma situação ruim superando outra porque depois do término não pude ir a qualquer lugar com a minha vida profissional. Em seguida, algumas escolhas ruins com amigos e sim, tudo começa a te afetar.

– De que maneira, Lina?

– Bem, do jeito que eu notei que nada iria acontecer como eu como eu havia pensado, e que a vida seria um caminho difícil por mais tempo do que parecia. E como eu aceitei isso, comecei a notar como muitas coisas estavam erradas na base de tudo o que sabia sobre mim. Eu identifiquei algumas amizades que eram completamente de interesse mútuo e comecei a notar quantas pessoas eram apenas amigos porque eu era engraçada em primeiro lugar. É quando o isolamento bate.

– E como é que você saiu dessa? – perguntou Amanda.

– Como o que eu sou hoje. Para citar suas palavras, com este exterior afiado. – Lina sorriu. – Eu tenho começado a aceitá-lo, quase gostar dele.

– É bom ouvir isso. – disse Amanda. – O que você diria que é a sua maior decepção com o mundo de hoje?

– Que a maioria das pessoas ainda não tem consciência dos desafios. Eu estou desapontada que nem todo mundo é tão inteligente quanto eu sou. Estou decepcionada com o fato de que, até hoje, a maioria das pessoas ainda está obcecada com coisas inúteis em vez de fazer algo que vai deixar um legado para trás. Estou decepcionada comigo mesmo, por vezes, por rotular essas pessoas como criaturas, mas eu não aguento. Alguns não parecem compreender o valor que eu dou por estar viva.

– E que valor é esse? – perguntou Amanda. – Estou curiosa para saber.

– Pode parecer drástico para você. Mas quando eu entendi o meu lugar no universo e tive o tempo para compreender o que significa estar vivo e como temos prosperado como uma sociedade ... toda vez que eu olho para o céu à noite eu percebo que ainda temos um longo caminho a percorrer como um todo. Eu me pergunto porque ainda não somos oito bilhões de almas conectadas, trabalhando em conjunto com o único propósito de descobrir o que é um mistério sufocante: estamos sozinhos no universo?

– Eu sei a resposta para isso. – acrescentou Amanda. – Metade do mundo não é tão inteligente como você, Lina, e nunca chegou a tais questionamentos de auto-identidade em uma idade tão jovem. E a outra metade, ou a maioria de nós temos medo de que talvez descobriremos que a resposta é que, de fato, não estamos sós. É preciso pessoas como você e eu para empurrá-los para a frente. Temos isso em comum com Oswald. – disse Amanda. Lina fechou os olhos por alguns segundos. – Eu acredito que há uma razão especial porque te conheci. – acrescentou Amanda. – Você nunca deixa de me surpreender em como somos parecidas uma com a outra.

– Obrigado, Amanda. – disse Lina. – Por que somos tão poucas, então? Por que todas as almas na Terra não são como nós? Se são oito bilhões de almas que prosperam... por que eu e você?

– Talvez a gente venha a entender, no futuro. – respondeu Amanda. – Não vejo outra maneira de seguir em frente.

– Posso perguntar o seu ponto de vista sobre isso, Amanda? – Perguntou Lina. – Se fosse prever as próximas décadas da humanidade... o que você diria que vai acontecer?

– Bem, eu posso estar errada em muitas das minhas suposições, mas – começou Amanda – no último mês, comecei a suspeitar que talvez já esteja formando. Nós parecemos compartilhar um propósito similar.

– Você mesmo disse – notou Lina – se você pensar sobre isso, ninguém mais no mundo tem a capacidade de corrigir este erro, exceto nós. Não era mesmo uma questão para eu saber se estava revoltada por ter sido interessada ou não eu estava dentro a partir do momento que você nos contou a sua história.

– Exatamente. – concordou Amanda. – E, ao fazê-lo, acredito que vamos ser bem sucedidas, mas acho que a missão vai voltar com muitas consequências para nós. Quando levantamos a suspeita de uma massa do povo que estava esquecida até então despertar, quer dizer, se toda a estrutura que percebemos a nós mesmos como uma sociedade... se isso se alterar, haverá consequências. E quanto mais e mais eu penso sobre isso, eu sei que isso é planejado. Estar presa nesta neblina é o que me frustra. Ela me impede de tentar prever porque eu preciso saber o que vai acontecer.

– Vamos descobrir. – disse Lina. Ela sentou-se em sua cadeira e olhou para Amanda, dando-lhe um sorriso alegre. – Pode contar comigo.

Como um mês se passou, Lina se aproximou de Amanda, Stryker e Ripley. Após cada manhã verificarem as notícias em todas as plataformas que podiam, sempre em busca de mais detalhes sobre

Europa, criaram uma espécie de rotina: Stryker hackeava sistemas de importação e exportação da Islândia, caçando o banco de dados para cada item que Oswald poderia importar para a instalação incluindo registros falsos para inscrições de potenciais armas de fogo ou de destruição em massa. Ripley e Lina trabalharam juntos ajudando Stryker com novos passaportes para cada um deles, com Amanda supervisionando cada operação adicionando seus conhecimentos para rastrear quem substituiria suas identidades. Dado o seu espaço de trabalho limitado, Amanda fez o melhor de sua estação de tecnologia. Supondo que cada uma das instalações da empresa podia ser gravada em áudio, eles criaram o seu jargão. Sempre que eles precisassem falar sobre qualquer coisa que envolvesse o Órbita 2.0 e a meta ainda desconhecida de Oswald enquanto no interior da Firma, eles se refeririam a isso como – a condição de Ripley – , um meio para ter um álibi para falar mais reservadamente e em qualquer lugar necessário.

Sempre que Amanda sentisse que um deles não estava contribuindo muito para o trabalho durante um determinado momento, ela usava o tempo para convidá-los para suas sessões de terapia, enquanto continuava a moldar e preparar cada um dos três: requalificá-los em forma de retratar-se dentro da empresa, como se comportar em situações inesperadas, como enganá-los para o pensamento racional sem escutar as emoções reprimidas e qualquer informação que tivessem sobre ações e testes da Firma. Na manhã da quarta sexta-feira do mês, Amanda chamou todos na sala principal cedo para atualizá-los com uma notícia recente:

– Acabo de receber algumas informações muito importantes que irão ajudar-nos tremendamente. – ela anunciou. – Embora o *shuttle* da missão Europa esteja programado para lançamento no Cabo Canaveral, na Flórida, na sede da NASA, está programado para pousar de volta em Hallormstadir, Islândia. Na Firma.

– Então, isso só acrescenta mais combustível para o nosso fogo, realmente. Temos que estar lá. – acrescentou Lina.

– Exatamente. Amanhã, a tripulação será anunciada para o mundo. – disse Amanda.

– Isto também significa que Oswald está realmente esperando algo para voltar – disse Stryker.

– Não estamos todos nós? – perguntou Amanda – só que devemos entender como eles vão projetar a nave para aproveitar a radiação e trazê-la de volta para cá. O que é essa máquina que será anexada a ela? Uma bateria gigante? O que ela faz? Porque é, essencialmente, a sua arma! – falou Amanda. – Precisamos de pesquisa para cada entrada no seu sistema sobre o design da nave e do Órbita 2.0. Para fazer isso, precisamos estar dentro da empresa, assim que pudermos.

– Além disso, eu gostaria de anunciar – , disse Stryker – que os nossos novos passaportes estão prontos, meus caros. – disse ele, com orgulho. – Amanda, para passar pela alfândega e o vôo lá você será Esther van der Werf. – Ele jogou a Amanda seu passaporte. Ela agarrou-o no ar e riu. – Lina, você é agora Alma Rohleder, e eu guardei o melhor para o final. – Ele jogou o passaporte de Lina no ar e depois segurou o de Ripley, anunciando seu novo alias : – Prazer em conhecê-la, Birta Bjork.

– Teremos realmente que usar esses nomes, certo? – Perguntou Ripley.

– Não na verdade, é certamente uma cobertura mais segura para voltar para casa do que ser turistas. Nós não queremos chamar atenção, lembre-se. – acrescentou Amanda.

– Não seria melhor irmos separadamente? – perguntou Lina.

– Sim, evidentemente. Vou em primeiro lugar, e você pode vir comigo, Lina. Stryker e Ripley, vocês devem esperar até que a situação com Oswald se resolva. Quando eu tiver vendido o plano com segurança, pegarão o primeiro avião de lá e uma equipe da

Firma os encontrará no aeroporto. Mas é mais seguro se você ficar para trás e nós adicionarmos pontos nos ouvidos, assim podemos falar o caminho todo sem que saibam. Só assim estaremos seguros. No caso de algo dar errado, temos um lugar para voltar – falou Amanda.

– Isso é verdade. Tudo bem. E a Shirley? – , Perguntou Stryker.

– Shirley vai ficar aqui por enquanto. Com a gente indo, ela estará segura para voltar a viver sua vida por alguns anos. Ela tem um filho que vive em Montana, e ela me perguntou se ele pode morar aqui, com ela, por enquanto.

– Isso é bom saber. Pelo menos se der zebra lá fora, podemos voltar aqui imediatamente, em qualquer caso. – disse Ripley.

– Você acha que ele vai cair, Amanda? – perguntou Lina.

– Agora que está prestes a revê-lo... Você está pronta para isso? Eu tenho que perguntar.

Amanda hesitou por um momento.

– É um lugar gigantesco. Você vai entender quando conhecer. O que me preocupa são todos vocês. Espero que entendam a gravidade da situação. Estão prestes a conhecer pessoas muito perigosas que são invisíveis para o mundo. Não têm vida para voltar e eles vão obedecer às ordens de meu pai. Estou ciente que estamos fazendo isso porque devemos, no entanto. A opção de ignorar e voltar para nossas vidas não existe. Então, sim, eu estou pronta. Eu tenho que estar. Estou pronta, mas cautelosa.

Amanda saiu da sala e se dirigiu para os corredores. Quando ela saiu do quarto, anunciou que iria retornar em um instante.

– Dê-me dez minutos. Eu tenho algo a fazer. – falou, saindo e se dirigindo para seu quarto.

Amanda entrou nele, uma espaçosa sala branca com cortinas de cetim que pendiam do chão até o teto, e uma cama redonda azul king-size no centro. O chão era a única parte no loft feita de tapete liso. Em frente a uma porta que dava para o banheiro estava uma

bela mesa de cabeceira com um espelho oval de porcelana. Amanda se aproximou da mesa e se sentou. Olhou-se e fechou os olhos.

Ela focou no que vinha impondo ao grupo e assegurou-se que eles eram fortes o suficiente para lidar com o que quer que fosse jogado em seus caminhos. Ela sabia que ações sempre teriam consequências, mas não podia parar de pensar que em parte seria culpada em liderar esses soldados em sua saga. Quebrá-los e resolver os seus problemas, preparando sua bússola moral e moldando seus personagens tinha mostrado a Amanda que, embora eles certamente tivessem exibido potencial, essas três pessoas também estavam sendo muito afetadas por sua energia. Ela tinha sido sempre uma líder, uma força difícil de ser opor, todos sempre tiveram dificuldade em lhe dizer não. Sabia que sua energia era infecciosa, insidiosa e sua perseverança e persistência grudavam em quem ela decidisse trabalhar. Sabia que se estava sob controle, poderia ser feito. Tudo o que ela precisava era mais pares de mãos, os que remariam enquanto ela anunciava que direção navegar.

– Ninguém acha que podemos. Ninguém acreditaria que viríamos a conseguir executar algo assim. – disse para si mesma, abrindo os olhos e vendo seu reflexo. – Exatamente por isso que vamos seguir em frente.

– Não estou preocupada com hoje – Amanda, serviu-se de um pouco de café enquanto Shirley terminava a configuração da tabela. Era o dia de embarcarem para a Islândia. – Estou preocupada com o que vamos descobrir depois de hoje – disse a Lina e Stryker quando Ripley sentou-se ao computador, navegando pelas notícias.

– Não há muitas alternativas – completou Stryker. – Se você pensar sobre isso, mesmo que ele diga não para nós, pelo menos vocês duas vão estar por perto.

– Exatamente. – acrescentou Amanda. – Mas o melhor cenário é se todos nós possamos trabalhar na Firma a partir daí.

– Escutem, encontrei algo – interrompeu Ripley. – Há muitos artigos e discussões *online* relativos à concepção e aspectos técnicos da nave – Ripley limpou a garganta e continuou: – e em um se afirma claramente que, apesar de toda a produção na Flórida, existe toda uma carga separada que funcionará como um *add-on*, algo acoplável, e será, construído na... Islândia.

Amanda olhou para Ripley com uma expressão atônita no rosto e, em seguida disse:

– Isso significa apenas que temos de acelerar. Se vamos ver o Órbita 2.0 antes do lançamento, finalmente vamos ter um entendimento melhor do que ele está realmente planejando.

A tarde parecia passar mais rápido do que Lina tinha esperado. Quando o salão se encheu com os tons de laranja de um pôr do sol se aproximando, Stryker e Ripley sentaram-se no posto de tecnologia e cuidadosamente colocaram os pontos de ouvido. Dessa forma, eles seriam capazes de se comunicar uns com os outros o tempo todo através de áudio, já que Ripley e Stryker ficariam para trás, por enquanto, permanecendo atentos ao *feed*.

Amanda e Lina embalaram algumas bolsas de emergência em caso de problemas para chegar a Floresta Hallo, pegaram seus novos passaportes no balcão, se disfarçaram com casacos de neve que cobriam a maior parte de seus rostos enquanto desciam do prédio. Em uma tarde surpreendentemente ensolarada e quente, não era de se surpreender que a maioria dos taxistas de início tenha estranhado as duas mulheres erradamente vestidas com casacos de neve, acenando incessantemente.

Infiltração

Após desembarcarem com segurança em Keflavik, Lina e Amanda saíram do aeroporto e pegaram um táxi. Amanda pediu ao motorista para levá-los a uma loja de aluguel de automóveis, onde poderiam então sair da Floresta Hallo. Uma vez que tinham escolhido um carro e estavam em seu caminho para fora da loja, Lina fechou a porta da loja enquanto Amanda tomou o assento do motorista.

– Quanto tempo até Hallo? – perguntou Lina.

– Você vai ver no GPS que o nome real é Hallormstadir. – disse Amanda. – Deixe-me escrever para você. – Amanda digitou no GPS do carro enquanto Lina foi jogando suas malas e pacotes no banco de trás. Amanda localizou o seu destino e, em seguida, agarrou o volante e virou as chaves do carro.

– São três horas de distância. – anunciou Amanda.

– Então, vamos acelerar.

– Assim que chegarmos à fronteira da floresta, vamos atravessá-la até que eu saiba que estamos no ponto. Eles vão traçar nossos rostos através dos sensores de câmera de segurança assim que nos aproximarmos do quartel-general. Vai ser apenas uma questão de tempo até que um punhado de homens cheguem até nós, mas eles não vão nos matar ou filmar, porque eles vão ver que sou eu. Uma vez que chegarmos, vou lidar com isso. Uma vez que ele concordar, nós vamos dar-lhes as estatísticas sobre como pegar Ripley e Stryker em Keflavik. Eles virão assim que souberem que está liberado. Você está aí, aliás? – perguntou Amanda.

– Nós estamos aqui. – uma voz veio dos pontos em seus ouvidos. – De boa.

Amanda acelerou pela estrada - e então seguiram, passando por pequenas cidades com poucas casas em cada uma. Lina em seguida ficou maravilhada com os pontos turísticos de uma cachoeira gigantesca com gêiseres a apenas alguns quilômetros de distância de um pequeno vulcão de lama borbulhante. Amanda acelerou através das paisagens sem sequer olhar para o lado mas Lina ficou absolutamente encantada com a variedade abundante de vistas belíssimas que encontrou. Depois do que pareceu um tempo curto para Lina, Amanda começou a acelerar e anunciou:

– É lá em cima. – disse, apontando para um sinal da estrada que dizia Hallormstadir Forest.

Amanda estacionou o carro um minuto depois e elas saíram, pegando suas malas e andando para a margem esquerda do bosque. Atravessaram uma pequena cerca de arame farpado, atirando os sacos antes.

– Estamos na floresta, pessoal. – Amanda anunciou a Stryker e Ripley, avançando ao colocar as pernas para frente, atravessando o arame.

– Entendido, estamos aqui. Boa sorte. – responderam Stryker e Ripley e ao mesmo tempo.

Amanda e Lina pegaram suas malas do chão e começaram a atravessar uma infinidade de árvores que pareciam intermináveis. Lina percebeu a facilidade com que poderia se perder naquela floresta se não tivesse Stryker e os pontos, uma vez que nada parecia mudar e as árvores e galhos eram muito densas.

– Vamos sair dessa. Vamos lá. – Amanda disse, segurando em dois sacos grandes. – Eu sei que eles são pesados.

Lina começou a respirar mais forte desde que o terreno começou a ficar íngreme, meia hora se passou até que Amanda apontou ao longe a parte de trás de uma casa com um lago.

– Aí está! Estamos aqui! Eu não posso acreditar que a casa ainda está de pé! – disse Amanda. – Eu tinha certeza de que ela

estaria demolida agora.

– É lindo, Amanda. Mas isso não é a sede, certo?

– Oh, não. – Amanda disse, recuperando o fôlego, enquanto caminhavam adiante. – A sede costumava ser do outro lado da casa, você só tem que atravessar um campo e chegar a um pequeno laboratório ... – ela disse. Ela então parou e disse: – Não é mais um pequeno laboratório.

Amanda olhou para Lina e disse:

– Ei, Lina – Lina parou e olhou para ela.

– Eu preciso que você seja extremamente consciente de tudo a partir de agora. Seja extremamente cuidadosa quando estivermos dentro, por favor. Eu não vou ser capaz de me concentrar no que está acontecendo, mas a verdadeira razão pela qual eu queria que você viesse é porque eu confio em sua mente. O tempo todo eu vou manter o meu foco em obter o ponto de vista dele para que possamos fazer tudo com segurança. Por isso, use o seu tempo para bisbilhotar! Ache o máximo de informação que você puder sobre o que eles estão dizendo. Nós podemos usar tudo que você ouvir. – Lina assentiu e as duas mulheres foram andando, logo deixando a floresta e alcançando a parte de trás da casa. Quando cruzaram a casa, Lina notou Amanda olhando entre as janelas sempre que podia, tentando pegar um vislumbre de alguma coisa que estivesse acontecendo dentro.

– Assim que chegarmos ao fim da casa, você verá um campo aberto gigantesco, Lina. Eles provavelmente serão capazes de detectar-nos uma vez que estivermos no meio.

Terminaram de atravessar a casa e chegaram na parte da frente. Imediatamente, encontraram o que procuravam.

Do outro lado do campo aberto ficava o laboratório de Oswald. Ele estava intacto, exceto por trás do laboratório, no coração da Floresta Hallo onde existia uma enorme estrutura que fez o laboratório de Oswald parecer uma pequena abertura, ou entrada, a

este edifício enorme, similar em altura ao prédio de Amanda, mas dez vezes maior em proporção. A sede da empresa parecia uma cúpula monumental mas sem tetos gigantescos. Tudo que cobria era uma estrutura transparente, como uma redoma, um escudo de vidro. Um organismo vivo, gigante, no meio do nada.

Não demorou muito tempo para ouvirem um alarme disparar, e uma voz robótica anunciou repetidamente em um volume ensurdecedor – *intrusos no perímetro dois!*

– Todo esse dinheiro e ele não mudou a voz do robô. – disse Amanda, com um olhar de desgosto em seu rosto. – Eles estão vindo, Lina.

Pouco tempo depois algumas silhuetas surgiram das árvores e não demorou muito para que elas notassem que o primeiro grupo era formado por uma centena de homens fortemente armados. Ambos os corpos de Amanda e Lina estavam cobertos de pontos vermelhos que vinham de cada arma.

– Fique em silêncio. Eles vão ver que sou eu.

– PAREM! – uma voz veio da porta do laboratório, e Amanda reconheceu-o por ser Arlo. – É a FILHA de Oswald! – Todos os homens que agora estavam se aproximando do meio do campo aberto recolheram as armas e Arlo passou correndo por eles, no sentido de Amanda e Lina.

– O que você está fazendo aqui, Amanda? Assim que Oswald viu que era você, me enviou.

– Eu tenho que falar com meu pai. É por isso que vim, Arlo. – Amanda sabia que Oswald teria um ponto na orelha de Arlo, por isso ela não reagiu, inclinando a cabeça para trás. Arlo botou a mão em seu ouvido e começou a falar com si mesmo:

– Para dentro? Ok, senhor. – Lina ligou os pontos e viu que Amanda estava sorrindo. Ela já tinha ido direto ao ponto e Oswald foi agora ordenando que entrassem.

– Muito bem. – Arlo disse. – Venha com a gente.

– Esta é minha sócia, Lina. – falou Amanda. – É crucial que ela esteja comigo o tempo todo. – ambas começaram a andar ao lado de Arlo em direção à entrada da empresa.

Lina percebeu que o exército permaneceu parado. Assim que elas passaram a sua linha de fogo eles começaram a caminhar de volta com eles, como se escoltando-os de volta e Lina percebeu o quão robótico seu comportamento parecia ser.

Eles atravessaram a porta do laboratório e, antes de pisar, Amanda parou. Ela imediatamente notou que o interior não era espaçoso, mas em vez disso, parecia mais a entrada de uma caverna, já que tudo o que ela podia ver era um caminho a seguir em frente como um túnel escuro. Mas suas extremidades não eram perceptíveis exceto ao estender a mão para tocar as paredes de concreto.

– Nós reconstruímos o laboratório, senhora Amanda... se é isso que você está achando estranho. – Arlo disse, notando a reação de Amanda. – Ele agora funciona como uma passagem à medida que avançamos no subsolo e, em seguida, para dentro, direto para o escritório do Sr. Oswald.

– Direto pro seu escritório? – perguntou Amanda, curiosa. Ela então percebeu que ela e Lina não seriam capazes de vislumbrar qualquer coisa.

– Sim. O Sr. Oswald ordenou-me a levá-la para ele imediatamente. – Eles passaram por um caminho escuro . O túnel foi iluminado por lâmpadas artificiais redondas sobre o chão que guiaram o caminho.

– Se fôssemos chegar à sede, ao QG – disse Amanda – de que forma iríamos?

– Não estou autorizado a divulgar esta informação.

Amanda olhou para Arlo com um olhar impaciente enquanto caminhavam e perguntou: – Por que não?

– Só se trabalhar aqui você pode saber. – Arlo respondeu.

– Bem, vamos falar em poucos minutos? – Amanda disse, sarcasticamente.

– Aqui estamos nós. – anunciou Arlo, quando as lâmpadas no chão de repente apagaram e acenderam à direita, levando a uma porta do elevador. – Este elevador vai nos levar direto para o escritório de Oswald.

O elevador tinha portas vermelhas que contrastavam com um tom macabro da escuridão do túnel. Os três entraram assim que as portas se abriram. Não havia botões dentro e o elevador começou a vibrar e mover-se para cima. Depois de apenas alguns segundos, parou e as portas se abriram novamente. Arlo ficou à esquerda e Amanda seguiu-o junto com Lina.

Eles encontravam-se em uma sala de negócios refinada com um elevador em cada extremidade. Cada objeto parecia ser feito de ouro. Lina imediatamente notou o brilho de muitas superfícies de ouro, incluindo a mesa e cadeiras e todo suporte de prateleiras na sala. Cada prateleira tinha muitas miniaturas, em diferentes tamanhos e formas de muitos objetos diferentes, de animais a globos. Uma parede inteira à direita foi preenchida com prêmios, diplomas e realizações emoldurados em ouro, e, no centro da parede havia uma mesa redonda de prata, que Lina assumiu ser de Oswald.

– Você pode esperar aqui, ele estará com você em breve. – disse Arlo, deixando a sala quase imediatamente depois. Lina e Amanda começaram a olhar ao redor da sala quando ouviram o elevador mais distante começar a se abrir. Dois homens vestidos com ternos pretos surgiram, também com o emblema da Firma na lapela. Depois deles, um homem na casa dos sessenta anos vestido em um terno cinza e de gravata saiu, o que Lina imediatamente sabia ser Oswald. Ele segurava uma bengala de prata em sua mão direita e só depois que ele passou por seus homens da segurança voltou o olhar em direção a Amanda. Olhando imediatamente nos olhos

dela, ele soltou um meio sorriso e abriu os braços, dizendo em um tom alegre:

– Eu não posso acreditar! Minha querida Amanda! Já se passaram o quê, vinte anos?

Lina poderia jurar que Amanda não iria abraçá-lo, mas quando viu Amanda caminhar lentamente em direção ao seu pai, ela percebeu que Amanda foi mais polida do que ela poderia ter presumido.

Amanda ambigualmente abraçou-o, mas ela não pressionou os braços contra ele ou qualquer coisa, apenas o deixou cruzar os braços fortemente ao redor dela, e, enquanto ele a abraçou, rapidamente olhou para Lina do outro lado da sala. Ela sentiu todo seu corpo tremer em ansiedade e medo para bloquear os olhos dele. Ele, então, soltou Amanda e perguntou, segurando a mão dela: – O que a traz aqui?

Amanda permaneceu em silêncio e, em seguida, virou as costas e se afastou. Ela parou de novo, e virou-se para enfrentar Oswald.

– Isso seria um pouco mais fácil se você não fingisse estar inteiramente feliz, Pai. É quase como se você não tivesse sujado nosso nome como assassinos em fuga. – ela disse.

Imediatamente, ela viu a expressão terna de Oswald ficar fria quando ele olhou para ela e disse, desta vez com um tom diferente, mais grave da voz:

– Perdoe-me pela indulgência, Amanda. O que a traz aqui?

– Você pode sorrir agora. Eu decidi que é melhor se eu acompanhá-lo, depois de tudo. Foi trazido à minha atenção recentemente que os nossos campos e interesses são muito, muito similares. – ela disse. Lina não podia ver seu rosto, mas ela só podia imaginar o quão penetrante seu olhar era naquele momento. Oswald sorriu de novo, mas não tão vividamente quanto pela primeira vez e respondeu, em tom de descrença:

– Oh, Amanda. – disse ele. – E posso perguntar o que causou essa mudança repentina de vontade?

– Eu sei que você está por trás do financiamento de Europa e você sabe o quanto isso me fascina. Você já fez isso. Eu quero acompanhar cada passo de perto e a única maneira de eu conseguir isso é através de você. Eu posso ter minha vida profissional ou posso fazer as pazes com meu pai e prosperar em casa. Eu não conseguia ver, durante todo esse tempo, o que você quis dizer com a perspectiva maior. Eu entendo isso agora. – assegurou ela, com um tom de lâmina afiada de determinação na voz dela.

– Essa é uma notícia fantástica. – Oswald, disse.

– Há uma coisa que eu vou pedir a vocês, no entanto. – Amanda disse. – Para me dedicar em estar aqui na Islândia, com você e dirigir todo o meu tempo para esta nova meta, devo pedir que você permita que Lina, ela olhou para Lina e sorriu, e mais outros dois amigos possam acompanhá-lo, também. Eles têm sido o coração da minha equipe de profissionais durante a última década e cada um deles tem qualidades específicas e distintas que podem ajudar. É do seu melhor interesse ter todos os quatro de nós. Eu entendo que é pedir muito após duas décadas de quase nenhum contato e peço que, por favor tome o seu tempo...

Oswald interrompeu Amanda, respondendo imediatamente:

– Está feito, Amanda.

– O quê? – perguntou, surpresa com o quão fácil parecia. – Você está falando sério?

– Eu sabia que o momento viria, Amanda. Eu te conheço melhor do que você pensa. – disse Oswald. – E, perdoe-me em dizer, mas realmente era apenas uma questão de tempo. Você está fazendo a coisa certa, minha querida. Eu sabia que você viria. Eu sabia que você ia entender.

Lina estava chocada pela bondade que ele expressava em suas palavras e em como suavemente ele olhou para Amanda. Qualquer

peessoa que presenciase a cena iria falhar na tentativa de encontrar o mal em suas ações, como ele parecia realmente gostar de voltar a conectar-se com sua filha distante. Lina sabia que ela ia ter algumas perguntas a fazer Amanda assim que elas pudessem falar, mas por enquanto ela também sabia que Amanda também teve que desempenhar o papel que podia. Homens da segurança de Oswald ficaram congelados, sem mover um músculo.

– Assim que eu ouvi sobre Europa eu sabia que você era o único que tinha feito isso possível. – disse Amanda. – Você deve conhecer Lina, pai – . Amanda disse, voltando-se novamente a apontar com a mão para Lina para vir para a frente. Oswald e Lina apertaram as mãos.

– Prazer em conhecê-la, Lina – . ele disse.

– Prazer em conhecê-lo, senhor. – respondeu Lina.

– Posso perguntar o que você espera alcançar uma vez que se juntou a nós? – perguntou Oswald.

– Lina pode ajudá-lo com qualquer indivíduo ou testes de estresse pós traumático. – Amanda dispara imediatamente, respondendo por ela. – Você não vai acreditar o quanto ela já passou. Eu tenho aperfeiçoado cada um dos meus colegas e lhes ensinado tudo o que sei. Eles são tão qualificados como Arlo, devo dizer. Tudo o que eles precisam é de mais treinamento de combate. Lina é a candidata perfeita para moldar cada novo membro de vocês... ela trabalha para mim desde que abri minha empresa – mentiu, sorrindo para Lina. – Além disso, não podemos esperar para conhecer toda a instalação, Pai .

– Sim, sobre isso... – disse Oswald, levantando-se de sua mesa. – Por que eu não chamo uma equipe para acompanhá-las até seus dormitórios e nós vamos ter uma reunião esta noite, os cinco de nós, às oito horas?

– Perfeito. – disse Amanda. Lina assentiu.

– Onde estão os outros dois?

– Você pode mandar uma equipe buscá-los em Keflavik às sete horas hoje à noite. – Amanda adiciona.

– Ripley e Stryker? – perguntou Oswald. Lina ficou surpresa por ele saber seus nomes, pois isso significava que ele sabia o dela também.

– Sim. Ripley e Stryker – , respondeu Amanda. – Você achava que era só uma questão de tempo antes que eu me rendesse à sua ajuda, não é? – perguntou Amanda.

– Sim. Devo dizer que depois que você atacou os meus homens, notei que havia subestimado a minha menina. – ele sorriu. Lina sentiu um pingo de malícia em seu tom de voz, e ele continuou: – Você sempre foi muito intensa... achamos que prender você foi a maneira perfeita para trazê-la aqui sem fazer perguntas. – disse ele. Oswald apertou um botão em um conjunto de alto-falantes que estavam em sua mesa e disse:

– Eu preciso de uma equipe para escoltar dois novos funcionários da categoria A para os dormitórios. – ele disse para o aparelho. Ele ergueu o dedo dos botões e cruzou os braços. Em seguida, balançou a cabeça como se estivesse dizendo não:

– Eu simplesmente não posso acreditar que você está finalmente aqui, minha querida. É um grande momento tê-la de volta. Vou ver todos às oito horas. – E então, como se ele tivesse planejado o cumprimento da despedida, as portas do elevador se abriram e quatro homens saíram, vestidos com roupas totalmente pretas e ostentando insígnias com o triângulo invertido da Firma em seu peito. Oswald tirou sua visão das mulheres para os guardas e disse:

– Estas são recentes adições à equipe. Nós vamos apresentá-las logo mais. Por agora, levem-nas para os seus novos dormitórios. – Oswald, em seguida, mudou seu foco para sua mesa e, antes de Lina poder assimilar, eles já estavam dentro de outro elevador. O elevador de portas fechadas começou a se mover para cima e logo Oswald já estava longe delas. Amanda ficou ao lado de Lina quando

o elevador subiu. Ela sinalizou com a cabeça, reassegurando que tudo estava bem.

Na Calada da Noite

Lina, Amanda, Stryker e Ripley ouviram as portas do elevador se fecharem na frente deles e, em seguida, mover para baixo. Os quatro ficaram em silêncio olhando para a frente, no caminho para a reunião, com os crachás em seus peitos. Stryker e Ripley também não eram os mais falantes do grupo após a chegada. Mesmo que todos eles estivessem contentes de ver um ao outro, enquanto se vestiam para a reunião houve uma sensação palpável de adrenalina e temor no ar. Ninguém mencionou qualquer plano ou programa para o outro, mas cada um sabia o que queria. Qualquer dúvida, sugestão ou ideia que passasse através de suas mentes agora não podiam ser tratadas imediatamente como eles fariam no Loft. Em vez disso, agora tinha que ser guardado, até que encontrassem uma oportunidade depois de ficarem sozinhos.

– Acha que já vão delegar postos e funções? – perguntou Stryker.

– Sim. – Amanda respondeu, sem rodeios. Eles permaneceram em silêncio por um longo período de tempo enquanto o elevador continuou em movimento - não só na vertical, mas horizontal, eles sentiram, como o palpite de Lina em uma rede subterrânea de elevadores parecia mais pertinente a cada momento que eles permaneceram no interior.

Depois de mais alguns minutos o elevador parou e as portas se abriram. Saíram em um salão circular cheio, que parecia o interior de uma sala de conferências, sem saber onde exatamente aquele local estava dentro da totalidade das instalações da empresa. Na frente deles, vinte fileiras com dezenas de cadeiras de bronze alinhadas impecavelmente apontavam para uma grande sacada no final. Cada pessoa andando usava o mesmo uniforme preto,

ostentando o mesmo emblema no peito, por isso não foi surpresa para eles quando o grupo entrou. A sala estava apenas com metade da lotação, mas para cada um de seus lados mais e mais trabalhadores saíram dos elevadores laterais, com todos parecendo estar em uma pequena pressa.

– Vamos sentar lá. – Lina apontou para quatro cadeiras vazias em uma fileira do meio e se dirigiram para lá. Logo após a sua fileira ser preenchida, Lina e Ripley, que estavam sentados em extremidades opostas, perceberam empregados da firma se sentarem ao lado. Foi o primeiro encontro de Lina com soldados imunes ao estresse pós-traumático de Oswald e Lina sentiu um choque de curiosidade, querendo olhar para a pessoa ao seu lado e ver de que forma eles se diferenciavam de qualquer outro ser humano. Todo o conceito de estar ao lado de uma pessoa sem emoção era intrigante para ela, mas ela olhou para Amanda, que sussurrou:

– Lembre-se, fique tranqüila. A maioria falará conosco quando eles anunciarem que somos novos. Eles vão sentir o cheiro da carne nova.

Às dez horas em ponto, a sala estava cheia e todos falavam baixo. Na varanda, em seguida, uma tela enorme rolou de uma abertura no teto e as luzes se apagaram. Oswald foi então projetado na tela, sentado em sua mesa em seu escritório, cumprimentou a todos no salão lotado.

– Boa noite. – disse ele. Cada homem e mulher na sala levantou-se de seus assentos imediatamente e arqueou a cabeça para a frente, em silêncio, cumprimentando Oswald. Amanda, Lina, Stryker e Ripley se entreolharam como todos se levantaram e, em seguida, levantaram-se com alguns segundos de atraso. Uma vez que eles se levantaram, todos se sentaram, e os quatro foram então expostos no centro da sala.

– Lá estão eles! Todo mundo, estes são Lina, Stryker, Ripley, novas adições à equipe. E, mais importante, minha querida filha Amanda, famosa psiquiatra de Chicago que hoje me agradeceu com a notícia de que ela e sua equipe vão agora juntar-se a nós no nosso trabalho para seguirmos em frente.

Cada rosto na sala olhou para eles, quase todos ao mesmo tempo. Amanda, Lina e Ripley cumprimentaram a todos com a cabeça para a frente, como um gesto oriental, e Stryker desajeitadamente acenou para algumas pessoas que olharam para eles. Amanda deu um pisão com o calcanhar pontiagudo em seu pé e ele imediatamente abaixou a mão e arqueou sua cabeça antes de se sentar.

– Amanhã, a partir da nossa hora de trabalho normal às dez horas, Amanda, Lina, eu e minha equipe ingressaremos no nosso Laboratório de Experiências pois ela vai me ajudar com toda a sua perspicácia e conhecimento para aperfeiçoarmos ainda mais as nossas técnicas. Ripley é uma ex-fuzileira que imediatamente caiu como uma luva como a escolha perfeita para ser nossa nova supervisora de treinamentos de combate. Já Stryker pode nos ajudar a avançar nossos programas de criptografia em nossa seção de Programação e Operações.

Lina disse baixinho para Amanda – Eu não posso acreditar que nós vamos trabalhar com ele. Ele é ignorante ou o quê?

– Ele está quase sem noção... mas é bom para nós. – sussurrou Amanda.

– Nós também estamos orgulhosos de anunciar os nomes oficiais da equipe que vai a bordo do Europa One em nossa expedição incrível – anunciou Oswald. Todos os quatro sentaram-se em suas cadeiras, interessados.

– Eu não me lembrava que seria hoje! – Lina disse.

– Bem, é só amanhã para o público, mas são dez horas por isso faz sentido que ele anuncie cedo para seus empregados. – Amanda

respondeu.

– Entre os seis selecionados, quatro já estão em Cabo Canaveral supervisionando as mudanças das naves espaciais. Dois deles, no entanto, ainda estão aqui e serão anunciados agora. – Imediatamente, você poderia ouvir a emoção na platéia. – Nosso comandante da missão será Andrei Gustav, oficial principal da ciência, Illi Kinomoto, Diretor e biólogo marinho e oceanógrafo, Charles Randall, engenheiro-chefe, Nadine Nikolav – Oswald anunciou.

– Eu ouvi falar sobre Illi e Charles! – disse Ripley.

– Assim como eu, eles estavam no topo da lista. – sussurrou Amanda.

– Piloto e arquivista, Sergei Lee – Oswald anunciou e um homem em uma das linhas da frente se levantou e avançou com a cabeça para a frente de novo, como se estivesse agradecendo a Oswald. Lina esperava que ele saltasse para fora de sua cadeira gritando – SIM! – Ou jogasse a cadeira longe em emoção, mas nada aconteceu. Em vez disso, o homem sentou-se novamente e Oswald continuou – e, finalmente, como o nosso engenheiro-chefe final, Madzia Wozdecka. – Uma mulher na fila na frente deles se levantou, também baixou a cabeça e sentou-se sem dizer uma palavra.

– A partir de amanhã ao amanhecer vocês irão para Flórida se preparar para o dia de lançamento. Parabéns. – disse Oswald. – E, por último mas não menos importante, uma atualização para os trabalhadores de nível restrito. Com a conclusão que se aproxima da nave espacial, a partir de amanhã todos os níveis de acesso restrito estarão em Prioridade Nível 1. Testes de propulsão do reator e câmaras de isolamento devem ser isolados e eu estou contando pessoalmente com cada um de vocês para o progresso. Boa noite.

Todo o auditório, em seguida, se colocou – para frente – e todos os quatro pularam novamente das cadeiras pelo susto. A tela ficou preta e começou a rolar de volta para dentro do teto. Quando todos se levantaram, assim como o grupo, Lina pode revelar a Amanda que ouviu uma voz atrás falando com eles:

– Bem-vindos à equipe – Um homem com o cabelo loiro, alto e magro, em meados de seus trinta anos, apertou a mão de Lina, Stryker, Ripley e Amanda. Próximo a ele logo apareceu uma mulher asiática com aparência mais jovem e cabelos escuros e se aproximou de Amanda e disse: – Bem-vindos à equipe. – Os quatro perceberam então uma fila estava se formando atrás de cada pessoa, pois todos no auditório se levantaram e foram cumprimentá-los.

– Bem-vindos à equipe – repetiu uma segunda mulher, apertando a mão de Stryker. Cada funcionário da Firma foi cortês, mas apático. Depois do que pareceu dez minutos, Lina e sua turma cumprimentaram o último dos empregados, quando ela notou que o homem de cabelos loiros e a mulher de cabelo escuro estavam ao seu lado, esperando para falar com eles.

– Eu sou Carlos, esta é Sarah. – Apresentou-se. – Sarah e eu trabalhamos no combate e na programação. Então, vamos estar mais em contato com vocês, Stryker, e Ripley. – ele disse com um olhar de simpatia no rosto e uma parte dele parecia estar ansioso para fazer novas amizades. Lina não podia deixar de olhar para ele, à procura de qualquer comportamento sem emoção, mas suas palavras pareciam vir de um lugar honesto.

– Qual é a sensação de ter Oswald Rose como seu pai, Amanda? – perguntou Sarah. Ela olhou para Amanda curiosa. – Eu pergunto porque todos nós admiramos ele, assim ter você aqui vai despertar o interesse das pessoas.

– É diferente do que ter um pai normal. – disse Amanda. – Ele certamente fez um nome para si mesmo.

– Verdade – respondeu Sarah. A sala estava agora começando a ficar mais vazia pois os trabalhadores começaram a andar em grupos em direção aos elevadores. – Bem, foi um prazer conhecer você. Estou ansioso para trabalhar com todos vocês. – Sarah disse, virando-se para sair.

– Eu também tenho que ir – disse Carlos. – Vou ver todos vocês amanhã. – Lina, Amanda, Stryker e Ripley ainda ficaram de pé na frente das cadeiras que se sentaram, olhando em volta para um hall cada vez mais vazio.

– Eles parecem... acolhedores. – comentou Stryker, começando a caminhar para o fim de sua fileira de cadeiras.

– Isso foi tão estranho... como todos eles fizeram fila para cumprimentar cada um de nós. – comentou Ripley.

– Sim, parecem trabalhar juntos em perfeita harmonia – disse Stryker. – Eu também estou feliz que eu estou na programação. Este Carlos parece um cara legal.

– Sim, Sarah parece legal também. Eu não podia esperar qualquer nível de acesso restrito agora – acrescentou Ripley. Amanda, então, decidiu usar o fato de que eles ainda estavam em público e caminhar de volta para os elevadores quando ela sussurrou-lhes:

– O nosso primeiro passo é qualquer coisa restrita. Não poderia haver alguma coisa lá para nos ajudar com a condição de Ripley. – Assim que Amanda terminou de falar, os quatro ouviram alguém chamando seu nome.

– Amanda? – perguntou uma voz masculina profunda, gutural. Eles se viraram para ver, um homem careca musculoso em seus quarenta anos se postava ao lado deles. Amanda se lembrou dele apertando sua mão um minuto antes, mas ela não sabia o seu nome. – Eu sou Peter. Trabalho em Experimentos.

– Olá. – disse Amanda.

– Eu tinha ouvido falar sobre a filha de Oswald, mas é associar um rosto ao nome. – disse ele. – Se você precisar de alguma coisa, não hesite em me perguntar. Lina, Stryker, Ripley, a mesma coisa para todos vocês. Tem dois anos desde que nós tivemos novas adições na equipe. A maioria não vai se aproximar de você hoje, mas todo mundo está interessado em você agora. – disse ele.

– É bom ouvir isso. Nós quatro não podemos esperar para mergulhar de cabeça nesta nova experiência. – disse Amanda. – Na verdade, já que é tão útil, certamente gostaria de saber como podemos ter uma melhor visão global das atividades de cada setor.

– Bem, eu vou levá-la de volta para suas instalações e te contar. Vamos? – perguntou Peter. Os quatro concordaram quase simultaneamente e Peter seguiu.

– Como sabemos que elevador pegar? – perguntou Amanda. – Eles não têm nenhum botão .

– Oh. Eu vejo que você realmente não sabe muitas coisas sobre aqui ainda. – disse Peter.

– O que você quer dizer? – perguntou Lina. – Como eles funcionam?

– Bem, nós não chamamos de elevadores, alguns os chamam de eixos, uma vez que eles se movem horizontalmente também.

– Mas como você seleciona para onde ir? – perguntou Lina.

– Eles estão programados através do sistema de hardware central da empresa. – Se há apenas uma pessoa no elevador e assumindo que o mesmo não está na hora do evento ou início do turno de trabalho, o sistema identifica-o e leva-o de volta ao seu dormitório, sempre. Se há mais de uma pessoa de diferentes dormitórios, ele vai parar em cada um. Se há algum evento especial, anúncios da manhã, conferências de imprensa, notícias, batidas noturnas ou reuniões de emergência, todos os elevadores são imediatamente reprogramados para levá-los ao lugar onde o

evento acontece. É muitas vezes aqui, mas nem sempre em salas. – disse Peter, quando todos já estavam dentro do eixo.

– Então, eu suponho que também vai levar-nos aos nossos respectivos locais de trabalho? – perguntou Lina. As portas fecharam atrás deles e o elevador começou a se mover.

– Sim, precisamente 9:55h, quando as portas abrirem. – disse Peter. – Estamos muito orgulhosos desse sistema.

– E além de nossas seções atribuídas, o que fazemos lá? – perguntou Amanda. O elevador se moveu rapidamente em seu caminho para os dormitórios.

– Bem, há os andares centrais de Oswald, do nono ao décimo terceiro, que são na sua maioria para a fabricação em massa de dispositivos de produção. As áreas restritas ocupam os primeiros quatro andares. Experimentos estão no quinto e sexto, Programação e Operações no sétimo e Combate no oitavo. No décimo quarto andar, você tem um piso vazio que contém tudo o que é temporário, como reuniões e muitos arquivos. – disse Peter.

Ele parecia muito simpático e muitas vezes dava sorrisos rápidos para todos os quatro – Eu diria que o décimo quarto é o mais social de todos os andares, uma vez que a maioria das pessoas muitas vezes vêm e vão com ele. E a partir do décimo quinto até o vigésimo são os dormitórios. – Todos os quatro fizeram seus quadros mentais do mapa da Firma. Peter falava rápido, como se ele tivesse feito isso a cada novo recruta.

– Nós comemos nos dormitórios, também. Vocês sabem como encomendar as suas refeições? – ele perguntou, interessado.

– Nós sabemos. – Amanda respondeu. – Obrigado por tudo, Peter. Você acha que a maioria das pessoas vai nos receber bem?

– Certamente. – respondeu Peter. – Essa é uma das muitas vantagens de estar neste lugar, Amanda. – disse ele, com sua expressão se transformando ligeiramente. Lina tinha focado nele quando ela notou Peter de repente mudar a nuance de sua

expressão, de curioso para um olhar vazio ambíguo, e ele sorriu levemente.

– O que é isso, exatamente? – perguntou Amanda.

– Em uma instalação regular, no mundo exterior, o início de novas relações de trabalho normalmente é por instinto, com alguém se aproximando de você, alegando ter uma empatia por você. É um padrão de procedimento de sobrevivência de seres humanos, se juntar às pessoas com quem simpatizam. Cada pessoa aqui vai falar com você quando encontrar uma oportunidade, fora do nosso único interesse mútuo.

– Que seria qual, exatamente? – perguntou Amanda.

– Avante, é claro. Cada um de nós tem criado um ambiente de trabalho em que prosperamos. – disse Peter. – Cada novo membro é sempre bem-vindo, tornando-se uma parte fundamental do nosso processo de crescimento.

O elevador parou e as portas deslizaram, abrindo o caminho de volta para o quarto dos novatos. Amanda, Lina, Stryker e Ripley saíram. Peter, então, disse:

– Bem, eu vou ver Amanda e Lina amanhã, às dez! Stryker e Ripley, prazer em conhecê-los.

– Obrigado, Peter. – disse Amanda.

– Boa noite. – disse Lina.

– Prazer em conhecê-lo! – disseram tanto Stryker quanto Ripley. A porta do elevador fechou e todos os quatro se entreolharam.

– Aparentemente, eles seguem o seu lema religiosamente. – disse Amanda, que começou a atravessar as malas e tirar sua jaqueta. – Eu tenho que te dizer, eu achei que fosse uma escolha bastante intrigante de redação.

No dia seguinte, os quatro foram para as suas posições projetadas e começaram seus turnos de trabalho para a empresa. Para a surpresa de todos, os procedimentos não foram muito complicados. Amanda e Lina descobriram que os pisos dos

experimentos eram laboratórios de alto nível tecnológico, divididos em dezenas de pequenas e grandes câmaras de vidro, onde durante a totalidade da primeira semana eles supervisionavam testes e experimentos de neurociência. Toda a pesquisa era realizada como debate onde o grupo teve como objetivo identificar padrões nas funções cognitivas do cérebro e, então, vetar ou aprovar ir em frente com novos experimentos. Cada teste foi concebido para melhorar e aumentar a função especificada do cérebro. A princípio não compreenderam certos nomes e termos que foram falados, até o final da semana Lina sentiu como se tivesse ouvido o nome de todas as drogas no mercado.

Stryker se esforçou durante os primeiros dias assimilando os padrões de criptografia e softwares de programação, mas logo encontrou algum tempo livre para conseguir seu primeiro *breakthrough*, a criação de uma sala de chat privado selado *log-IP* que ligava Lina, Amanda, Ripley e seus computadores de trabalho. Desta forma, eles se tornaram capazes de falar um com o outro livremente, pelo menos durante as horas de deslocamento. Ripley respondia menos, no entanto era a pessoa que expressava mais alegria e prazer em estar dentro da Firma, alegando ter encontrado sua verdadeira vocação no Treinamento de Combate. Ela repetia muitas vezes que teve uma epifania durante seu segundo dia em que ela sabia que desistir da Marinha havia sido um erro, uma vez que era a sua única forma de exteriorizar suas emoções reprimidas. Qualquer menção das áreas restritas foi imediatamente abordada no bate-papo, porém eles sabiam que, devido às programações do elevador que estava sendo controlado a partir de poderes superiores, encontrar uma maneira de substituir os sistemas para que eles pudessem acessar os níveis mais baixos seria mais complicado do que o esperado.

Na véspera do lançamento noturno de Europa One, os quatro estavam reunidos no dormitório antes de descer para uma das salas

onde uma pequena conferência de *streaming* e o lançamento ocorreriam. Vestiram-se rapidamente e embarcaram no elevador, que os levou a um salão que não tinham ido antes, projetado para relembrar um antigo palácio grego elegante. Havia seis colunas de pedra branca, três para cada lado, com um fluxo de água perto de cada coluna do meio. O ambiente emanava uma atmosfera pacífica e etérea que quase podia fazer você esquecer que pertencia a uma instalação da Firma.

– Esta é a Sala Real – disse Peter, saindo do elevador ao lado deles. – É no lado oposto dos pisos do salão. Eu não entendo porque eles o usam ainda, é muito melhor aqui. – O som da água corrente criou um ambiente relaxante mas mesmo assim as pessoas estavam visivelmente mais agitadas, falavam uns com os outros agitadamente quando todos subitamente sentaram-se para assistir a transmissão na tela central.

Eles estavam todos focados quando viram, pela primeira vez, a espaçonave pronta para o lançamento. Concebido como um torpedo gigantesco, a nave branca tinha uma plataforma ligada à sua base que mais do que quadruplicava sua largura. Depois de alguns minutos eles começaram a contagem regressiva para o lançamento e viram quando os motores ligaram e a nave se moveu lentamente para cima com velocidade crescente, tornando-se mais e mais rápida, deixando fumaça no chão, levantando-se, até que finalmente desapareceu do alcance da câmera. Todo mundo desatou a bater palmas pela Firma quando o repórter elogiou a incrível realização e citou que este se tratava de um importante passo para a humanidade. Lina, Stryker, Ripley e Amanda processaram o momento em câmera lenta, quando viram cada trabalhador apresentando emoção e vivacidade. Amanda não conseguiu tirar seu foco da plataforma.

Sarah e Carlos se aproximaram deles, radiantes.

– Pode acreditar nisso? – perguntou Carlos, sorrindo de orelha à orelha. Sarah ficou ao seu lado. – Agora é só uma questão de meses antes de potencialmente descobriremos vida!

– Todo mundo está fazendo suas apostas em um bolão sobre o que a descoberta vai ser. – acrescentou Sarah. – A vida microbiológica, vida marinha, o nome dele, e o mais próximo que descobrir vai levar para casa todo o dinheiro do pote. Vocês são todos bem-vindos para fazerem as suas apostas, bem, é em nosso Painel Global, no décimo quarto andar. – ela disse.

– Vou fazer essa aposta. – disse Stryker. – Mas como você chega ao décimo quarto andar se não está na nossa agenda?

– Oh, eu vejo que vocês dois não têm o controle sobre este lugar ainda! – ela respondeu, sorrindo. – Tudo que você tem a fazer é entrar para o painel em seu quarto e enviar o número do piso que você quer ir, como encomendar a sua comida!

– Isso é engraçado – , disse Stryker. – Peter não nos disse que poderíamos fazer isso.

– Peter dos Experimentos? – perguntou Sarah. – Talvez ele não queria você andando por aí! – ela respondeu, rindo. Carlos, Sarah e sua turma fizeram o caminho de volta para o elevador. Quando fizeram a trajetória de volta para o dormitório, Stryker sussurrou:

– Há muito mais sobre o painel do que pensávamos. Vou tentar brincar com ele um pouco. – As portas abriram-se e Stryker imediatamente se dirigiu para o painel, abrindo uma janela de *log* para a sua ordem de jantar diária e testando alguns truques de teclado nele.

– Sou o primeiro no chuveiro esta noite, certo? – perguntou Amanda. Lina acenou com a cabeça e Amanda seguiu para o banheiro ao som de Stryker batendo cada tecla no painel de teclado.

– Posso ir depois de Amanda, Lina? – perguntou Ripley.

Lina respondeu: – Claro – e pulou em sua cama quando Stryker gritou – Segura essa porra! – Ele bateu palmas e apontou para a tela com um sorriso no rosto.

– O quê? – perguntou Lina. Ela olhou fundo nos olhos dele e puxou-lhe a mão porque seu comportamento com gritos súbitos poderia ser visto como suspeito por qualquer pessoa assistindo o quarto.

– Há uma nova... opção para comida chinesa. – respondeu Stryker, parecendo querer disfarçar de assunto. Ele voltou a digitar freneticamente e poucos minutos depois, quando Amanda saiu do chuveiro e começou a secar os cabelos ele gritou:

– Eu consegui! Amanda, querida, você estará curvando-se para mim uma vez que eu te disser o que eu estou alcançando. – Ela olhou para ele com desconfiança. Lina e Ripley também pareciam intrigadas com a provocação. Stryker então disse:

– Podemos falar agora. Eu consegui fechar o nosso áudio e vídeo. Reduzi-lo por metragem e nós estaremos dormindo sãos e salvos.

– Você está falando sério? – perguntou Amanda.

– Eu nunca falei mais sério na minha vida. O que é enviado para a sua alimentação é realmente configurado a partir deste painel. Agora, eu posso mexer na a programação do elevador para levar-nos a um nível restrito, e ninguém sequer vai ver.

– Stryker, isso é inacreditável. – Amanda disse, sorrindo. – Nós podemos realmente falar sobre qualquer coisa?

– Sim! Sim! Por que é tão difícil de acreditar que eu sou impressionante? Eu disse que eu iria tirar alguns truques do chapéu.

– Como se entra na programação do elevador? – perguntou Lina.

– É por outro hardware. Eu já estou dentro dele, mas é muito mais complicado do que eu esperava. – disse Stryker, rolando para baixo uma lista interminável de scripts.

– Oh, Stryker, se você conseguir, agora é realmente o momento perfeito! – disse Lina. – Esta noite é a única noite que ninguém vai estar nos níveis de acesso restrito! Eles estão todos muito animados com o lançamento!

Stryker manteve-se focado, clicando e digitando no painel. – Porra, eu gostaria de poder sentar!

– Mas você pode segurar as imagens por uma quantidade ilimitada de tempo, certo? Mesmo se não dormir esta noite e você só quebrar a criptografia às três horas da manhã, ainda podemos ir! – disse Amanda.

– Sim, mas eu não tenho certeza que vou quebrar esta noite, senhoras. Isso é muito, muito mais difícil... não, não é. – disse Stryker. Ele franziu a testa e sorriu para a tela.

– Ok, a parte difícil acabou. Foi mal pela negatividade, senhoras. Eu fico assim quando confrontado por um desafio. Vai! Vai! Vai! – gritou Stryker.

As portas do elevador começaram a se abrir. Stryker gritava olhando fixamente para a tela: – Podem ir vocês três, eu tenho que ficar controlando. Não demorem muito, ok?

– Pode deixar. – Lina disse, levantando-se da cama. Ela entrou e foi rapidamente seguida por Amanda e Ripley.

– Tem certeza que você tem o controle de tudo, Stryker? – perguntou Amanda. As portas do elevador começaram a fechar.

– Bem, eu acho que você só vai ter que esperar para descobrir, não é, Amanda? – falou de volta Stryker quando a porta fechou. O elevador foi deslocado para baixo e Amanda sussurrou-lhes:

– Se alguém estiver lá permanecemos dentro.

O elevador continuou a se mover por um minuto, até que parou e as portas se abriram. Imediatamente eles notaram que o lugar inteiro estava iluminado por uma luz roxa brilhante, que mais tarde identificaram como lâmpadas ultravioletas presas ao teto. Houve

um silêncio impenetrável e as três mulheres tiveram um incentivo para sair.

Se viram em um outro grande laboratório que brilhava em roxo escuro e preto. No início, não havia nada de especial nisso. Amanda, Ripley e Lina silenciosamente caminharam ao redor da sala. O chão, em seguida, se abriu em uma escada em espiral para um nível mais baixo e mais largo. Sabendo que não eram quatro andares restritos, eles desceram a escadaria para o nível mais baixo, encontrando-se em uma sala com computadores empilhados por todos os lados. Este andar também era iluminado por lâmpadas ultravioletas e Amanda percebeu que os dois primeiros computadores na fileira ao seu lado estavam ligados. No fundo da sala, uma outra escada levava a outro nível inferior.

– Rápido, vamos entrar nos computadores e pesquisar os *logs* para qualquer coisa sobre o Órbita. – Amanda disse a Lina. – Ripley, verifique se há alguém no nível abaixo. – Ripley fez seu caminho até a escada em espiral quando Amanda e Lina sentaram-se na frente das telas. Ripley rapidamente se virou e retornou para junto dos computadores.

– O que foi? – perguntou Amanda.

– Há vozes no andar de baixo. – disse Ripley.

– Fique perto da escada, para ver se alguém está chegando, por favor. – disse Amanda. Ripley voltou para a escada na ponta dos pés .

– Eu achei várias coisas apenas pesquisando Órbita – anunciou Lina. – Eles são arquivos de áudio, trinta deles. Eles estão numerados de Reuniões 001 Órbita.wav e Encontro 030 Órbita.wav

– Dá *play*. – disse Amanda. Lina olhou para ela confusa.

– O quê, agora? Aqui? – perguntou Lina.

– As vozes se foram. – anunciou Ripley de perto da escada.

– Está vendo? Então, sim, coloca! Precisamos voltar com alguma coisa! Vamos ouvir por alguns minutos. Se ouvirmos qualquer coisa

se aproximando nós vamos embora.

Lina colocou o arquivo 001 e Amanda pegou alguns fones de ouvido de uma das mesas. Deu um para Ripley e depois para Lina, colocou o dela no ouvido e começaram a ouvir. A princípio todos ouviram estática, mas logo uma voz familiar começou a falar no que parecia ser uma sala aberta:

– Mas como é esse trabalho, Sergei? Convença-me que você pode fazê-lo usando a tecnologia da Terra. – perguntou Oswald.

– A velocidade irá manipular o próprio espaço-tempo para deslocar a nave estelar, aproveitando uma brecha nas leis da física que impedem qualquer coisa de se mover mais rápido que a luz. Um conceito para um motor da vida real foi sugerida em 1994 pelo físico mexicano Miguel Alcubierre, no entanto, os cálculos posteriores descobriram que um tal dispositivo exigiria valores proibitivos de energia. Com os avanços em 2020 no domínio da matéria escura e da inovação em 2022, a única coisa que impede a aprovação deste projeto hoje é, também, o combustível.

– Como isso funciona? A energia é, certamente, a minha especialidade. – disse a voz de Oswald, no mesmo tom que ela ouviu em seu escritório.

– Uma unidade Alcubierre envolveria uma nave espacial ligada a um grande anel. Este anel, potencialmente feito de matéria exótica, criando uma variação do espaço-tempo ao redor da nave. Enquanto isso, a própria nave ficaria dentro de uma bolha de espaço-tempo plano que não seria afetada pelas expansões externas. Tudo dentro do espaço é limitado pela velocidade da luz – explicou Richard Obousy, presidente da Icarus Interstellar, um grupo sem fins lucrativos de cientistas e engenheiros dedicado a seguir o voo espacial interestelar. Exceto o espaço-tempo, o próprio tecido do espaço não é limitado pela velocidade da luz. Com este conceito, a sonda seria capaz de atingir uma velocidade efetiva de cerca de dez vezes a velocidade da luz, tudo isso sem quebrar o limite de

velocidade cósmica. Colegas de White começaram a experimentar isto ao longo de duas décadas atrás, em 2012, com uma mini-versão do motor de dobra em seu laboratório. Eles montaram o que chamam o interferômetro, no Centro Espacial Johnson, essencialmente criando um interferômetro laser que instiga micro-versões do espaço-tempo. Eles tentaram provar se era possível gerar uma pequena instância deste em um experimento de mesa, para tentar perturbar o espaço-tempo por uma parte em dez milhões. Em 2018, foi aperfeiçoado. – disse Sergei. Houve silêncio no áudio e, em seguida, sua voz falou alto novamente. – O único problema, com certeza, é que tal unidade é estimada para exigir uma quantidade mínima de energia aproximadamente igual à energia da massa de Júpiter.

– Parece que os nossos interesses se encaixam perfeitamente. Eu admito que você parece qualificado o suficiente para os nossos padrões – respondeu Oswald. – Em 2031 Órbita estará nos céus, o aproveitamento do combustível necessário para o nosso *warp* será bem sucedido.

– Há também um potencial de redução de energia realizado pela oscilação da intensidade da bolha. Essa é uma conjectura interessante que vamos apreciar no laboratório. – disse Sergei.

– Meus colegas estão mais do que preparados para tratar isso como prioridade um. Com nossas forças combinadas podemos aperfeiçoá-lo em menos de duas décadas. – respondeu Oswald. – E você sabe exatamente onde é que nós iríamos fazer.

– Gliese 581g? Bem, eu pensava assim. – perguntou Sergei.

– É assim que você o está chamando? – perguntou Oswald.

Imediatamente, Lina olhou para Amanda e viu a cor de seu rosto sumir. Ela tinha uma suspeita do que isso significava.

– Apenas dezessete anos-luz de distância. Um vizinho próximo para quem viaja mais rápido que a luz. – respondeu a voz de Oswald.

– Muito bem, Sr. Oswald. E quantos assuntos tem a intenção de transferir?

– Nós vamos considerar as nossas opções com cuidado.

As luzes na sala de repente mudaram de ultravioleta para as lâmpadas de catodo frio regular da empresa. Sem perder o ritmo, Amanda e Ripley fizeram o caminho para a escada no centro da sala para o nível superior. Lina fechou o arquivo e cada janela aberta, e logo começou a subir a escada também. Não havia qualquer som que se aproximasse, mas assumiram que alguém estava perto devido ao interruptor de luz. Eles chegaram ao laboratório, que também não estava mais em ultravioleta e correram em direção ao elevador.

– Se alguém estava olhando para as câmeras das áreas restritas – disse Stryker quando todos os quatro se reuniram no quarto. – Então eles viram vocês e isso vai ficar muito feio em segundos.

– Por que você não nos avisou? – perguntou Amanda.

– Bem, Lina disse que ninguém estaria lá, e não havia nenhum problema, certo? – perguntou Stryker.

– Só nos andares abaixo. – Amanda respondeu.

– Então, relaxa. – disse Stryker. – Provavelmente estamos bem.

– Eu não posso trabalhar com probabilidades, Stryker. – Amanda respondeu sem rodeios.

– Bem, você vai ter que trabalhar por agora. Nosso quarto ainda é seguro. – disse ele. Lina, Ripley e Amanda se sentaram na beirada de suas respectivas camas, conversando com Stryker que ainda digitava no painel central.

– Gliese 581g é um planeta parecido com a Terra, localizado a dezessete anos-luz de distância na constelação de Libra. – disse Amanda, que ainda estava pálida. – Tudo faz sentido agora.

– Então sabe sobre o que Oswald disse? – perguntou Lina. – É por isso que seu rosto ficou pálido! Diga-nos, Amanda!

– É óbvio para mim agora. – ela respondeu com um tom sério. Ela olhou para a frente, mas seus olhos estavam desfocados: olhava para o nada pois começou a entender o verdadeiro plano de Oswald. – Ele foi descoberto em 2010. Naquela época, atraiu atenção porque é perto do meio da zona habitável de sua estrela-mãe. Isso significa que ele poderia sustentar água líquida em sua superfície e poderia abrigar vida semelhante a da Terra. Desde então, todo mundo sabia que ele mantinha o maior potencial reconhecido para abrigar vida. E em 2018 a sua existência foi confirmada. Em 2019 chegamos a ver fotos de satélite, que confirmaram que era um planeta rochoso com água líquida, perfeitamente habitável e nós só não tínhamos confirmado. Para isso serve a Órbita 2.0. É o combustível.

– Eles falaram sobre detalhes da expedição? Será que eles realmente querem dizer ... lá? – perguntou Ripley.

– Acho que sim. – disse Amanda. – Agora tudo se encaixa. Durante todo esse tempo, ele estava apenas conseguindo a energia que lhe permitiria chegar lá.

– Mas é uma viagem só de ida, não é? – perguntou Lina. – O que as pessoas que ele julga como dignos de ir vão fazer?

– Você não vê? – perguntou Amanda. – Ele falou sobre a auto-destruição iminente, Ele vai escolher quem ele quer e vai enviar para Gliese enquanto lança o caos na Terra, para os que ficarem morrer. – ela anunciou. – Nós temos que pará-lo. – Stryker se afastou do painel e sentou-se em sua cama, confuso.

– É por isso que a única carga da Firma foi a energia aproveitada. – disse Lina. – A energia vai permitir-lhe realizar o *warp* com sucesso. Eles fizeram testes perfeitos com pequenos objetos anos atrás e a tecnologia está certamente evoluindo rapidamente. Quem sabe em quantos anos ele será capaz de transformar isso em realidade?

– É o seu plano mestre. – disse Amanda. – E está prestes a ser concretizado. Ele sempre teve como objetivo ser o homem que ia conseguir isso... não vai hesitar em sacrificar qualquer coisa para consegui-lo.

– E ele vai desistir de tudo que ele construiu? – perguntou Stryker.

– Você não desistiria? Olhando para ele, tudo o que ele criou é o que lhe permitiu conquistar isso.

– Temos a certeza de que é apenas uma viagem só de ida? Eles falaram sobre uma possível redução de energia. Se ele consegue uma maneira de ir e voltar, e traz algo, qualquer coisa, de volta junto de si, o seu império só iria continuar a prosperar. Mas o que podemos fazer, realmente? – perguntou Lina.

– Nós poderíamos expô-lo. – sugeriu Ripley. – Descobrir que ataque ele está planejando antes que ele o lance e advertir o mundo. Nós podemos distorcer isso de uma maneira que ele vai ser visto como terrorista.

– Sim, isso funciona. – disse Amanda. – Enquanto estamos dentro deste lugar, temos os meios para descobrir o que ele quis dizer com a autodestruição iminente.

– E o que dizer quando a tripulação da Europa estiver de volta com a energia absorvida? – perguntou Stryker. – Por que não podemos destruí-la?

– Porque não. Se tentarmos destruir algo dessa magnitude de energia, explodiremos nós mesmos juntos. – Amanda respondeu.

– Mas eu posso lhe garantir que, logo, coisas neste lugar vão explodir – disse Stryker. – Porque assim que ele tiver isso em suas mãos, ele vai querer acelerar o processo e, certamente vai se concentrar apenas em atingir seu objetivo.

– Isso é verdade. – disse Amanda. – Precisamos ficar aqui, Stryker. Quanto tempo você acha que consegue segurar? – perguntou Amanda.

– Eu não gostaria de substituir o *feed* de programação de novo. Mas o da câmera é mais fácil. Sempre que precisamos de um pouco de privacidade posso mudar o *streaming* visual que eles recebem. Não se preocupe com isso.

– É muita coisa para nós assimilarmos rapidamente – disse Lina.
– Precisamos dormir e pela manhã vamos pensar mais claramente.

– Concordo. A partir de agora tudo se expandiu para muitas outras possibilidades. – disse Amanda. – Mas não importa quais são seus planos, se ele está planejando algo muito mais rápido para quem ficar para trás.

Energia

Amanda, Lina, Stryker e Ripley rolaram na cama a noite toda enquanto mapeavam em suas mentes todos os cenários possíveis para a viagem de Oswald. Havia um silêncio completo nas instalações da Firma durante a noite, enquanto todos os trabalhadores dormiam e os setores ficavam vazios. Tudo que se ouvia eram os ventos da Islândia e o sinal sonoro do processamento do sistema do painel. Amanda considerou as várias hipóteses do porquê seu pai estaria planejando isso. Suas lembranças sobre ele sempre o retratavam como um homem misterioso e distante, por mais que ela o desprezasse e soubesse que seus planos envolviam, ela não podia deixar de se sentir intrigada e curiosa sobre Gliese 581g. Secretamente, esperava que todos os quatro acharim uma solução para descobrirem o planeta. Sabia também que, apesar de Stryker e Ripley estarem em cima do muro sobre isso, Lina não estava. Amanda se sentia aliviada em compreender as motivações de seu pai e, antes de adormecer, estava segura que apesar de ter uma melhor visão do escopo geral, sua impressão sobre seu pai permaneceria a mesma.

O sol nasceu às sete horas e os quatro começaram a rolar em suas camas, lutando para acordar cedo e ainda se ajustando ao calendário da empresa. Amanda gemeu o nome de Stryker para que ele corresse para o painel e mudasse o *feed* novamente. Assim eles poderiam discutir sobre qualquer assunto que tivesse surgido durante a noite. Depois de alguns segundos, Stryker bocejou, saiu da cama e andou para o painel central.

– Você sabe o que me veio em mente tarde da noite? – sussurrou Amanda.

– Peraí um segundo – respondeu Stryker com uma voz gutural de manhã cedo. Amanda entendeu que ele ainda não tinha terminado de substituir os *feeds* da câmera, imediatamente calando-se. Ela só voltou a falar quando ele sinalizou com a mão de que estavam seguros:

– Como nós deveríamos ter visto isso antes. – ela disse, soltando uma pequena gargalhada. – Eu sei que o tempo de deformação é difícil de descobrir, mas, após a Europa, Gliese 581g era o próximo na linha de pesquisa da humanidade em busca de vida. Ele tinha que ter sido, pelo menos, um deles. Ele sempre esteve lá em cima com Europa em planetas potenciais. Europa é apenas mais perto e mais fácil. Meu pai sempre foi ganancioso e precoce.

O grupo começou a sua rotina da manhã e, à medida que cada um tinha escovado os dentes e tomado uma ducha em turnos no banheiro, alguns fizeram suas camas e pediram o café da manhã no painel. Logo depois que foi entregue, terminaram de se arrumar e correram em direção ao elevador. Agora sabiam o que procurar e não podiam esperar para ver o que achariam se jogassem as cartas certas em cada setor.

O elevador começou a descer. Amanda batia o pé enquanto esperava ansiosamente para chegar ao setor de Experimentos. Stryker olhou para ela que continuava a bater o pé ansiosamente e disse:

– Ei, não vai relaxar por um segundo?

– Este elevador está demorando muito. Você fez alguma coisa nele? – perguntou Amanda.

– Claro que não! Eu disse que não queria mexer mais com os sistemas dos elevadores. – disse Stryker.

– Isso está errado, eles já deveriam ter deixado Ripley no Treinamento de Combate. – ela disse.

– Relaxa, tenho certeza que ele só vai para baixo para deixá-la em primeiro lugar. – respondeu Stryker.

O elevador continuou a descer no que parecia um minuto e as portas se abriram para revelar que tinham chegado ao escritório de Oswald. Amanda respirou quando ela sentiu sua adrenalina subindo. Stryker trocava olhares com as companheiras e Lina fechou os olhos, suspirando. Amanda fez uma cara brava e saiu para o escritório de Oswald, seguido por Lina e, em seguida, Ripley e Stryker.

– Olá, meu pai. – disse Amanda. O local parecia o mesmo de antes: só que desta vez sua cadeira estava de frente para a parede. Ele respondeu de trás enquanto ouviram o baque do fechamento das portas do elevador.

– Há uma falha em seu plano, Amanda. – disse a voz de Oswald. Desta vez não houve um tom suave, falou com uma voz profunda e áspera.

– Não tenho certeza se entendi, Oswald. – Amanda respondeu. Lina se perguntou se chamá-lo pelo seu primeiro nome havia sido planejado por Amanda ou se ela tinha feito isso porque não estava contendo sua frustração.

A cadeira de Oswald se virou e ele olhou para todos os quatro. Apertou um botão em um painel de sua mesa e cada tela na sala iluminou-se com imagens de uma câmera de segurança mostrando Lina e Amanda se sentando nos computadores do nível de acesso restrito e Ripley perto da escada em espiral, olhando para baixo.

– Espanta-me como, depois que te vesti, te alimentei e recebi você e seus amigos, de braços abertos... que apenas uma semana depois você iria trair minha confiança assim. Você tem alguma ideia de como recebi esta notícia quando cheguei aqui esta manhã? Você tem alguma ideia de como a noite passada foi um salto gigantesco para a humanidade e como o mundo ficou maravilhado com o que realizamos? E você invade nossas áreas restritas? Você tem alguma

ideia de quanto podemos ajudar a Terra evoluir? Por que você faria isso comigo, Amanda?

– Nós só queríamos saber mais informações sobre a nave espacial. – mentiu Amanda. – Nós achamos a carga construída aqui tão fascinante, seu Órbita 2.0 é verdadeiramente surpreendente.

– Oh, não é? E como exatamente você conseguiu chegar aos níveis de acesso restrito? Você está disposta a invadir nossos sistemas para descobrir mais? Por que não veio a mim? – perguntou Oswald. Ele conversou com ela em um tom paternal, como se ainda estivesse falando com uma criança. Lina não podia ter certeza se estava fazendo isso de propósito ou por preocupação genuína.

– Nós não invadimos nada. – disse Amanda. – Houve um problema com o elevador e ele nos deixou lá.

– Você vê, não entendo porque insiste em continuar mentindo para mim. – disse Oswald. – Estou muito decepcionado com todos vocês. É por isso que faço o que faço, é por isso que eu moldo meus soldados e me apavora você vir aqui e em uma semana conseguir quebrar essa harmonia de lealdade que prospera. Nunca um empregado tinha entrado em áreas restritas sem permissão! – ele gritou, abrindo seus braços. – Arlo foi capaz de rastrear suas ações no computador e parece que você gastou exatamente seis minutos ouvindo um arquivo de áudio. Existe alguma coisa que você gostaria de me perguntar, então? – perguntou Oswald. – Eu vejo em seus olhos que há um pouco de frustração, filha. – disse ele, em um tom cruel. Lina olhou para Stryker e Ripley, que estavam tão surpresos quanto ela, notando a mudança no tom de voz.

– Por que a seleção? O que você ganha com isso? – perguntou ela.

Oswald deu um sorriso ambíguo para Amanda. Lina sentiu um começo de energia sinistra a emanar dele, através de sua risada quando balançou sua cabeça em descrença, fitando cada um dos quatro com um olhar de desgosto.

– Em dez anos, poucos serão capazes de experimentar a descoberta de um outro planeta. Essa é a viagem de uma vida.

– Mas por que destruir o que você vai deixar para trás? – perguntou Amanda.

– Que boba você. – respondeu Oswald. Ele balançou a cabeça negativamente novamente. – Eu não vou tocar no formigueiro, o meu problema é com as formigas. O que está sendo trazido de volta pelo Órbita 2.0 é radiação convertida em energia. O suficiente para enviar com sucesso uma nave espacial de dezessete anos-luz de distância e radiação suficiente para expôr e contaminar o planeta. Vida marinha vai sobreviver, e a natureza. Como disse... meu problema é com as formigas.

– Isso é... repreensível. Repugnante. – disse Amanda. – Como consegue fazer essa escolha?

Oswald levantou as sobrancelhas e respondeu:

– Oh, mas sim, eu tenho medo do que faço. Estou fazendo setenta anos de idade, querida filha. Trabalhei toda a minha vida para conseguir isso e eu mereço passar minhas últimas décadas apreciando o que eu sempre quis.

– No entanto, você está disposto a sacrificar todo o resto para obtê-lo!

– Nem tudo. Só o que eu acredito que não merece ir em frente. – disse Oswald. As portas do elevador se abriram e quatro guardas fortemente armados saíram. – É por isso que eu vou ficar feliz em ter todos vocês comigo no dia do lançamento para Gliese 581g – ele disse, enquanto os quatro homens começaram a andar em sua direção. Amanda, Lina, Stryker e Ripley recuaram, estendendo a mão para o elevador. Oswald, em seguida, continuou: – Mas, até lá, eu estou feliz em apresentar-lhe quatro das nossas mais recentes conquistas. Uma nova câmara incrível localizada no primeiro dos andares restritos capaz de suspender funções autônomas do corpo

enquanto mantém a saúde de cada célula individual durante a imobilização.

– Stasis? – perguntou Amanda. – O que você vai fazer com a gente? Responda-me! – ela gritou quando o primeiro guarda da Firma pegou um de seus braços. Os outros três agarraram com sucesso Lina, Stryker e Ripley e Oswald continuou:

– Você pode relaxar, filha. É apenas uma câmara na qual todos os quatro vão ser criogenicamente congelados. Vão permanecer vivos e respirando no que gostamos de chamar de câmaras de *hypersleep*.

– *Hypersleep*? – gritou Amanda, olhando para ele enojada. – Você é doente!

– Você não pode nos levar! – gritou Lina.

– Oh, Lina – disse Oswald, finalmente olhando para ela. – Como eu estou decepcionado com você. Não se preocupe. Em dez anos vai estar pronta para o seu último dia quando testemunhar o nosso lançamento. – disse, em seguida soltando uma risada arrogante. Os guardas apertaram seus braços e começaram a caminhar em direção ao elevador. Todos os quatro tentavam se libertar em vão.

– Se não tivesse se intrometido nos níveis restritos nada disto teria sido necessário, você vê. – disse Oswald. – Aproveitem.

– NÃO! – gritou Amanda enquanto os guardas levavam cada um deles ao elevador. – Me solta! – gritou enquanto tentava chutar a guarda na perna.

– Solte! – gritaram Lina e Stryker, sendo arrastados para o elevador. As portas começaram a fechar e Ripley bateu a cabeça contra o guarda e ela se soltou. Assim que ela libertou-se, chutou de novo, vendo as portas do elevador se fecharem, mas foi logo subjugada novamente.

Apenas alguns segundos depois, Amanda, Lina, Stryker e Ripley foram levados para uma câmara consideravelmente menor quando comparada aos outros setores da Firma. Cada parede lateral tinha

cinco *Pods* de porcelana branca de sete metros de altura ligados verticalmente para cada lado, marcados em preto de A a J e um sistema central de mainframe. Dois homens estavam à mesa em frente, teclando no painel.

– Arlo, quatro para inserção imediata! – gritou o homem que pegou Ripley, trazendo-a para fora do elevador.

– Recebemos a ordem um minuto atrás! – disse o homem à esquerda que digitou no painel. Amanda e Lina reconheceram-no por ser Arlo.

– B, C, D, E estão prontos! – disse o homem ao seu lado. Arlo virou-se e caminhou em direção ao grupo. Os respectivos *Pods* abriram-se como um caixão.

– NÃO! – gritou Amanda, ainda se recusando a ceder ao homem. Arlo pegou uma arma branca do cinto e atirou em Ripley no peito com um tranquilizante.

– Será mais fácil assim. – disse Arlo. Ele apontou para o peito de Stryker e disparou. Quando Ripley ficou sonolenta o guarda começou a arrastá-la para o *pod*, onde prosseguiu abrindo e posicionando-a, cada vez mais grogue.

– NÃO! Não faça isso, Arlo! – gritou Amanda. Lina também tentou lutar, mas não era páreo para o tamanho do homem. Stryker em seguida também foi levado para o *pod* ao lado de Ripley enquanto Arlo atirou em Lina e Amanda em um só fôlego. Amanda olhou para a pequena agulha em seu peito enquanto ela tremia de pânico e raiva.

Quando viu Stryker fechar os olhos, olhou para Lina, que parecia ter aceitado a situação, olhando para o chão apática. Quando percebeu que Amanda olhava para ela, Lina sorriu de forma pacífica e suspirou. Amanda sentiu as lágrimas escorrendo de seu rosto enquanto o homem a segurava pelos braços e ela ia ficando dormente, seu equilíbrio sendo afetado.

Amanda respirou fundo tentando acalmar-se antes de apagar e olhou para a frente enquanto o homem a colocou no *pod* e amarrou-a. Então ouviu toda a partida do motor vibrar e uma fumaça fria se derramando de aberturas pequenas que enchiam o interior de todos os *pods*. Amanda sentiu frio enquanto continuava a tentar controlar a respiração e olhou para a frente, vendo a porta se fechar. Sua visão começou a ficar preta e a escuridão se transformou em seu foco central. Olhou para fora a partir de uma pequena janela retangular no pod para o laboratório e viu os trabalhadores virando-se para o painel. Ela inalou e exalou uma última vez quando a escuridão tomou conta de tudo.

hypersleep









2041

Os olhos de Amanda se abriram subitamente enquanto ela respirou fundo, notando que havia acordado. A porta de seu *pod* estava se abrindo e ela viu um homem careca sentado ao painel de controle. Se ela havia dormido por dez anos, o local parecia permanecer intacto. Logo ela ouviu mais respiros ao seu lado e imaginou que Lina e os outros também estivessem acordando.

– Não fale nada por alguns minutos, pode danificar suas cordas vocais. – avisou o homem ao painel de controle. Amanda então o reconheceu, vendo que era apenas Peter mais velho. – Não é o dia ainda, é a véspera.

Os *pods* de Ripley, Lina e Stryker abriram-se também. Imediatamente todos abriam e fechavam os punhos e viravam os joelhos para os lados, acordando e se reconectando com seus próprios corpos. Lina fechou os olhos e virou a cabeça para o lado, recuperando a respiração.

– Fora as questões que vocês devem estar pensando agora, não existe uma resposta que vá responder direito tudo que mudou enquanto vocês dormiram – disse Peter.– Saibam que o mundo está em guerra. E ela é a principal razão por eu estar burlando o sistema para tirar vocês daqui um dia antes.

Amanda limpou a garganta com um pigarro e começou a perguntar, com uma voz rouca:

– Desculpe, eu estou pouco me importando com a minha voz, você está aqui sem permissão? – ela perguntou.

– Todos nós sabemos sobre o plano dele. – respondeu Peter. – Cada funcionário da Firma. Você tem uns de nós ao seu lado.

– Você sabe sobre a exposição? Ainda está nos planos dele? – perguntou Amanda.

– Seus planos estão intactos e ativos, os poucos que sabem sobre a radiação estão prontos para se autodestruir. Ele nos moldou para obedecer e por mais que não sintamos raiva dele, por alguma razão... – ele disse, sem hesitar. – Uma grande parte de nós está secretamente se recusando. Eu só estou aqui pelo trabalho conjunto de esforço de um grupo seletivo entre nós mesmos da Firma, que estamos sobrecarregando os sistemas enquanto ele está fora.

– É bom saber que algumas pessoas aqui criaram um senso. – disse Amanda. – Arlo está com ele?

– Sim. A decolagem inteira para o *warp* do tempo está em espera, mas totalmente preparada. Nós temos vinte e quatro horas para pará-lo. – disse Peter, levantando de sua cadeira para desconectar os cintos de segurança dos *pods* de criogenia.

– Quem é parte do seu grupo? Quem tá com a gente? – perguntou Amanda.

– Ironicamente, todos de nós das áreas restritas. De algumas maneiras, trabalhar por uma década atrás de algo que traria nossa destruição fez nascer em nós um senso vindicado de nossas personalidades, durante todo o processo nós sofremos, às vezes sozinhos e às vezes uns com os outros sobre a razão que nos botava ali. Sabendo que estávamos criando algo que no fim das contas ia nos destruir fez crescer algo dentro de nós que resultou em eu estar aqui, agora, pedindo a vocês. Tem que haver algo que possamos fazer. – respondeu Peter, libertando Amanda.

– O que houve com Europa? – perguntou Lina.

– Ah. Foi o começo de tudo. – disse Peter, agora a libertando. – Vida marinha e microbiológica confirmada, como previsto. Mas o que devia ter dado início a uma consciência nova e melhor sobre a humanidade e o jeito que ela se compreende no universo acabou virando o grande início para estarmos nesse nível hoje.

– Que nível? O que houve? – perguntou Lina, se levantando do *pod* e se alongando ao lado de Amanda.

– Bom, existem guerras civis acontecendo em todas as maiores metrópoles do globo. – ele respondeu libertando Stryker, que permanecia calado, apenas atônito. – Muitas pequenas religiões acabaram e algumas novas começaram. De maneira geral a descoberta em Europa criou conflitos de uma massa recém-acordada que se recusava a acreditar que os ensinamentos das maiores religiões talvez não fossem tão verídicas assim, ou corretas. O fato que o anúncio fundamentalmente alternou o jeito como a humanidade se vê em seu lugar no universo. Abalou qualquer religião existente no mundo, pode-se dizer. – ele explicou, libertando Ripley, que também ouvia com atenção. – Cristãos, muçulmanos, hindus, judeus, budistas, espíritas, qualquer um. Não existe um grupo que não tenha sido afetado pelo anúncio.

– E o Oswald? – perguntou Amanda.

– Ele se deu bem com tudo isso. Na verdade, fomos responsáveis por mais de setenta operações nos últimos nove anos aonde trabalhamos como fornecedores ou como a ponte conectando dois grupos em busca de armas de fogo e nucleares. Também fomos responsáveis por fornecer vários elementos químicos para grupos terroristas que tentavam levar tudo para um nível nuclear. Alguns aconteceram, outros não. Nós assistimos a fogueira se expandir. O que podemos dizer, quem fabrica o que se usa numa guerra é quem mais lucra com uma. – ele explicou, olhando para os quatro em pé em sua frente. – Vocês devem estar se sentindo fracos, aqui. Tomem. – Ele lhes deu quatro tubos de ensaio com três pílulas em cada uma, boiando em um líquido rosa choque. – Tudo que vocês precisam tomar após um longo período de sono criogênico.

Os quatro abriram os tubos de ensaio e beberam o fluido.

– Não temos muito tempo, porém – disse Peter. – Estivemos nos reunindo em sua casa de infância, Amanda. Ironicamente, sempre estive desarmada dos sensores e alarmes, e como somos trabalhadores do nível restrito não dão falta de nós durante a noite. Temos que ir. Não é seguro ficarmos aqui, comprometendo os sistemas e os *feeds* de áudio e vídeo por tanto tempo. A Firma inteira está no limite, estão focados em amanhã e não queremos chamar atenção para nós.

Os quatro concordaram com Peter, ainda se recuperando da tontura e absorvendo o máximo de informação que era possível processar.

– Estão todos bem? – perguntou Amanda a Stryker, Ripley e Lina.

Os três responderam concordando com a cabeça e Amanda perguntou:

– Todo mundo tá tão desorientado quanto eu?

– Esse é um efeito colateral comum após o sono criogênico. – respondeu Peter.

– É, eu sinto que não caiu a ficha ainda – disse Stryker – de que se passaram dez anos.

– Nós temos que ir. – disse Peter, caminhando para um elevador.
– Vocês vão ter alguns minutos para acordarem no elevador, só andem até aqui logo porque só estaremos sem risco algum quando estivermos dentro da casa.

Amanda, Lina, Ripley e Stryker andaram com Peter e entraram, lutando contra a dormência de seus corpos. Depois que os quatro estavam dentro do elevador, as portas se fecharam e eles começaram a descer.

– Dá para ver que, aqui, quase nada mudou em uma década. – disse Amanda.

– Não houve tempo para nenhuma reestruturação. Desde que a tripulação de Europa voltou, Oswald mudou. O propósito único e

completo da Firma virou completar a máquina. E eu entendo o mérito disso, é uma conquista estratosférica, mas a radiação usada para fazê-la funcionar... acaba conosco. – disse Peter.

Ele olhou para frente, sem fazer contato visual com ninguém. Sua expressão havia mudado - ele parecia mais velho, abatido.

Depois de alguns momentos, as portas do elevador se abriram e eles novamente se viram no corredor que levava para fora do laboratório de Oswald. Atravessaram-no em silêncio pelo que pareceu um minuto até saírem nos campos abertos entre a entrada da Firma e a casa de Amanda. Era uma noite gélida, porém estrelada. A sua casa não havia mudado, e Amanda sentiu-se estranha, andando de volta a ela décadas depois. Depois de um minuto, eles entraram pela porta de trás, chegando na cozinha e imediatamente ouviram passos descendo as escadas. Amanda olhou por sua casa, que ainda parecia aconchegante e confortável, com a mobília intacta, porém empoeirada.

– Conseguiram! Graças! – disse uma voz familiar. Amanda reconheceu que era Carlos. Sarah veio atrás dele e dois homens e uma mulher desconhecidos também apareceram na cozinha.

– Eu achei que vocês não estavam nos níveis restritos. – disse Amanda.

– Ah, Carlos e Sarah foram transferidos um pouco depois que a expedição de Europa voltou a Terra. – respondeu Peter.

– Esses são Josh, Sam e Lucy. – ele apresentou o trio novato.

– Ok, agora que estamos aqui, o que podemos fazer? – perguntou Amanda.

– Bom, existe uma razão pela qual te trouxemos até aqui. – disse Carlos. – Mas existe a chance de vocês não gostarem.

– Primeiro de tudo, devíamos ir para a sala. É mais espaçoso para conversarmos sobre isso. E o jantar está quase pronto. – sugeriu Sarah.

Eles concordaram e andaram até o cômodo ao lado. Enquanto andava, Amanda ficou pasma em encontrar tudo no seu exato lugar. Sua casa não havia sido tocada e a qualidade atemporal que o lugar possuía agora parecia reconfortante. Todos sentaram nos sofás e Lina perguntou:

– Por favor me diz qual foi a sua ideia.

Sarah, Carlos, Josh, Sam, Lucy e Peter olharam para ao outro, como se aguardando um se prontificar para fazer o anúncio.

– A operação inteira está em aguardo, mas pronta, e nós somos uma parte crucial das áreas restritas. – começou Sarah. – Juntos, podemos burlar a operação.

– Hoje à noite. – adicionou Carlos. Agora, foram Lina, Stryker, Amanda e Ripley que se entreolharam, confusos. Amanda então perguntou:

– O que você quer dizer com burlar?

– Bem – disse Sarah. – Oswald só iria expor o mundo à radiação quando a nave decolasse em *warp*. Mas esse é um controle programado por nós. O único jeito de pará-lo é se vocês quatro forem para Gliese 581g hoje à noite.

– Vocês o deixariam para trás na Terra e ele não poderá apertar o gatilho se não estiver lá. – adicionou Carlos. – A nave é acionada por um controle de interno. Não é possível só lançá-la sozinha no vórtex. Enviar alguém sozinho é quase cruel. Então, imaginamos que fosse uma proposta que talvez interessasse vocês.

– Nós podemos preparar a operação e lançá-la durante a madrugada, antes do sol nascer. Sem usar a radiação, com o Órbita podemos convertê-la em energia, programando a nave para fazer o *warp* de volta, exatamente cem horas depois que chegar a Gliese. Podemos mandar vocês para lá e de volta. – disse Peter.

– É o único jeito de usar a energia extra para o bem. – explicou Sarah.

Amanda, Lina, Stryker e Ripley olharam os seis funcionários da Firma embasbacados.

– Eu entendo que pode ser demais para vocês assimilarem depois de acordarem de uma década em hibernação. – disse Sarah. – Mas o que pode parecer extremo e repentino na verdade é um plano que estamos aperfeiçoando há anos. Peter tirou vocês dos *pods* hoje por causa disso. Por favor, considerem.

– E meu pai? – perguntou Amanda. – Ele vai acabar com vocês assim que pousar amanhã de manhã!

– Nós sabemos das consequências que teremos de encarar – disse Sarah – mas preferimos culpar uma falha do sistema do que encarar a morte certa se acionarmos o gatilho do *warp* com ele dentro. Já que a nave é selada e construída para suportar esses níveis extremos de radiação, ele demandou veementemente que a exposição aconteça assim que a nave carregar. É uma garantia, de um jeito. Por causa da quantidade imensa de energia necessária para fazer isso acontecer, toda a energia da Firma vai cair assim que a nave for lançada. Por isso, se ele estiver aqui na decolagem, não teremos escolha a não ser puxar todos os gatilhos, e aí não poderemos nem nos esconder de nada. – ele suspirou.

– Nós temos respostas para qualquer coisa que vocês queiram saber, como disse, há anos que estamos planejando isso. Vocês não têm nada a perder. A programação da nave não pode ser mudada, então com tudo carregado e alguém para acionar os controles por dentro, a nave vai viajar de volta cem horas depois do seu pouso.

Amanda e Lina olharam uma para a outra e imediatamente sorriram. Para elas, já estava fechado, só demoraria mais um tempo para convencer Stryker e Ripley.

– Nós topamos. – anunciou Lina, tocando no ombro de Amanda para sinalizar que ela também. – Me convenceu em burlar. – ela então olhou para Ripley e Stryker, que, como esperado, tinham seus olhos arregalados encarando Lina com cara de pânico.

– Do que você tá falando? – perguntou Stryker. – Eu não vou ser a primeira pessoa a ser lançada num *warp* drive para dezessete anos luz daqui! – Para ser justo – interrompeu Peter. – Nos últimos doze anos fizemos experimentos e testes infinitos. Vocês vão, seguros, chegar a dezessete anos luz daqui, posso garantir. Podem não pousar do melhor jeito, isso depende do controle dentro da nave, mas vocês vão chegar lá.

– Eu vejo isso como a oportunidade de uma vida inteira. – disse Lina. – E nós ainda estragamos o plano do Oswald junto. Não era esse nosso objetivo o tempo todo? – perguntou Lina.

– Sim, mas não nessas condições! Como vamos sobreviver por cem horas numa atmosfera completamente alienígena? Pode ser habitável, mas escutem ao que vocês estão falando!

Ripley concordava com a cabeça, de acordo com tudo que Stryker falava.

– E quem iria pilotar a nave, por exemplo? – perguntou Ripley.

– Eu estou perfeitamente preparado para isso. – disse Sam, que ainda não havia falado. – Sou o único do nosso time que vai com vocês. – Sam era um homem musculoso na metade de seus trinta anos, com olhos expressivos e uma beleza jovem.

– Desculpe, mas eu não conheço vocês o suficiente para depositar minha vida nas mãos de vocês assim. – disse Stryker.

– Stryker, sobre o que a gente falou nas sessões? – disse Amanda. – Os dois de vocês podem ficar para trás, se quiserem. Lina, Sam e eu vamos.

Sam então levantou-se do sofá e pegou o que parecia um quadro negro imenso e o colocou na mesa. Quando ele clicou nos botões laterais e acionou o quadro, todos perceberam que era na verdade uma tela computadorizada. Uma luz brilhou no centro e em meio segundo um holograma tridimensional foi projetado na frente deles, mostrando uma versão em miniatura da nave. Eles

analisaram o design da espaçonave, que parecia um grande zepelim acoplado a um anel que o circulava por inteiro.

– Essa é a nave. – apontou Peter. – Vocês podem ver que não parece muito com o que esperavam. É inteiramente construída para lhes levar até lá com segurança, não para impressionar. Oswald insistiu nesse ponto inúmeras vezes.

– A nave em si flutua numa bolha do tempo regular que passará pela onda de tempo comprimido, como um surfista andaria na crista de uma onda. – explicou Josh, que estava calado até então. – A nave, dentro da bolha do *warp drive*, irá viajar mais rápido que a velocidade da luz relativa aos objetos dentro da bolha. O drive funciona usando uma onda para comprimir o espaço-tempo na frente da nave enquanto a expande atrás.

– O que nós vamos comer? Como a gente sobreviveria por quatro dias e quatro horas? – perguntou Stryker.

– Uau, que dotes matemáticos impressionantes – cortou Amanda, sarcasticamente.

– Existe um cargo inteiro dentro da nave feita especialmente para seu conforto, armários com roupas, suas camas e comida o suficiente para durar mais de uma semana. Obviamente não precisam se preocupar com isso. – respondeu Josh. – Sam controlará o aquecimento mesmo se aterrissarem em algum local extremamente gelado, assim terão a nave sempre como um ambiente seguro. É o perfeito mini-lar, feito para viajar anos luz no espaço sideral.

– Pense nisso com um ponto de vista diferente, Stryker – disse Amanda. – Desde que soubemos quais eram seus planos verdadeiros, eu tive a necessidade e o desejo de ir para Gliese 581g, também. Se for possível, então obviamente eu quero! E certamente merecemos mais descobrir um planeta do que meu pai e sua equipe. Sem ofensas! – falou Amanda.

– Pode nos assegurar que estaremos de volta em cem horas? – perguntou Lina.

– Não teríamos nos arriscado tirando vocês da criogenia se não pudéssemos. – explicou Sarah. – Essa é a parte que mais aguardamos porque usaremos a energia que ele quer usar para destruir a humanidade para lhe trazer de volta, podem até trazer o que quiserem de Gliese 581g com vocês, contanto que esteja na nave. Considerem, por favor. É a chance de uma vida.

– Seria se não fosse a cria do Oswald. – disse Stryker. – Mas é obviamente o correto a se fazer. – ele continuou, olhando para Ripley. Segurou a mão dela e falou, encarando o grupo: – Estamos dentro.

– Podemos tomar controle dos painéis nas áreas restritas de novo? – perguntou Amanda. – Não haveria nenhuma evidência de que estivemos lá.

– Sim, o faremos sorrateiramente na calada da noite. Atacaremos quando ninguém espera e sairemos deixando o local impecável, sem rastros. – disse Peter. – Qualquer outra opção nos assegura da nossa morte, então não podemos arriscar. O avião de Oswald está programado para aterrisar de volta em Keflavik às sete horas. Ele já estará voando para cá enquanto atacarmos. Não vai demorar, porém, como falamos, todos os sistemas já estão em espera. Só precisamos de vocês quatro preparados. Ao menos na medida do possível.

– Estamos preparando para agir desde que nos juntamos a esse lugar. – disse Amanda. – E esse monstro nos silenciou por uma década. Vai me dar prazer finalmente ser minha vez de atingí-lo.

– Mas e quando voltarmos? Daqui a cinco dias estaremos de volta e Peter falou que a Terra mudou nos últimos dez anos. – falou Lina. – Vamos voltar e começar a nos esconder do Oswald para sempre? Ele virá atrás da gente, sabe. Estamos prestes a estragar seu plano perfeito.

Os dez ficaram em silêncio por alguns momentos. Amanda então respondeu:

– Mas se não fizermos isso, não haverá nem semana que vem. Essa é nossa única opção de atrasar o dano. Se o que ele quer é que a gente retorne, então temos que voltar com algo que nos torne intocáveis. Se trouxermos algo com a gente, será de valor suficiente para ele ordenar que sua equipe nos ache mas ao menos não nos mate no primeiro instante.

– Quanto exatamente mudou? – perguntou Lina. – O que aconteceu nos últimos dez anos?

– Bem, ele jogou álcool no fogo – disse Peter. – Quando os primeiros protestos e manifestações começaram, reagindo à confirmação da vida marinha em Europa, nós começamos a notar uma crescente quantidade de atividade nas áreas de Treinamento de Combate e Programação, com Oswald começando a criar operações designadas para queimarem e marcarem grupos seletos... líderes de manifestações e alvos políticos de alto perfil eram marcados por ele, que começou a executar homicídios por contrato. – ele explicou. – Se beneficiando por agir de modo invisível, ele planejou cada um dos três maiores ataques à oposição. O primeiro alvo foi o líder de um grupo ativista liberal que estava crescendo na Inglaterra logo após o anúncio de Europa. Sua morte foi dada como causada por um grupo conservador religioso, então, obviamente, o caos nasceu.

– Agora, porém – Sarah interrompeu Peter, explicando – esse foi um atentado pequeno perto do que viria depois. Então ninguém realmente tomou voz ativa ou conectou que ele na verdade estava brincando de dominó. Com os protestos no Reino Unido virando guerra ele escalou a situação manufaturando em massa armas de fogo e tornando-as facilmente acessíveis. Isso transformou os protestos e manifestações em massacres domésticos.

– Algumas pessoas começaram a defender objetivos errados – continuou Peter. – não que houvesse um que fosse explicitamente o objetivo correto, eu acho. Seis anos atrás, o segundo e terceiro ataques aconteceram quase simultaneamente, quando ele cautelosamente planejou o bombardeio do Vaticano, que foi visto como a revanche dos liberais. O bombardeio não matou o Papa, que não estava no Vaticano, mas explodiu uma ala inteira e assassinou o Camerlengo.

– Isso foi suficiente para iniciar uma guerra na Europa – disse Sarah. – E o terceiro ataque foi no dia seguinte, quando fomos responsáveis por sequestrar um avião de Londres que iria para Nova Iorque. O mundo assistiu em horror vendo o avião ter o trajeto reprogramado e terminar entrando na sede das Nações Unidas. A Europa e a Ásia se uniram para lutar contra as Américas e nós começamos a assistir o início da III Guerra Mundial.

– Mas é claro – disse Amanda. – Quem lucra começando uma guerra? As pessoas que manufaturam e vendem o que se usa em uma.

Assim que Amanda finalizou sua frase, houve silêncio por meio segundo na sala. O silêncio foi instantaneamente quebrado pelo som ensurdecedor de vidros se espatifando enquanto os dez assistiram cada janela da sala explodir em mil pedaços e um alto baque metálico contra o chão, fazendo tremer a casa inteira. Todo móvel e objeto pulou enquanto as janelas explodiam, e os dez cobriram seus ouvidos e rostos o mais rápido que puderam. Quando o som da explosão começou a passar, ouviram os motores e sons de hélices do que parecia ser uma dúzia de helicópteros acima do telhado da casa, com cada um lançando um feixe de luz que invadia a escuridão da sala, em busca de rostos.

– Descobriram! – gritou Peter. – Vamos para o elevador!

– Tem um elevador aqui? – gritou Amanda por cima do som dos helicópteros. Assim que ela perguntou, os seis funcionários da Firma

já estavam saindo da sala, passando pela porta que levava para o porão. Uma voz robótica familiar para Amanda ecoou pelas árvores, em tom alarmante e estridente.

– Saiam da casa! Rendam-se agora !

Assim que viu Sarah e Peter abrirem a porta das escadas, Amanda, Lina, Stryker e Ripley correram o mais rápido que puderam em direção a eles. Dispararam escada abaixo a caminho do porão, exceto que agora seu fim levava a uma porta de metal. Sam a abriu e logo os dez se espremeram dentro de um elevador.

– Construíram um desses aqui? – perguntou Amanda.

O barulho dos helicópteros parecia levemente mais distante um andar abaixo.

– Foi a única coisa que Oswald alterou da casa. – respondeu Peter, entrando por último e fechando a porta. O som dos helicópteros então dissipou-se por completo. – Já o programamos para nos levar direto às áreas restritas. Assim que chegarmos, usaremos o sistema avançado de segurança para nos prendermos lá dentro o máximo de tempo que der.

– Podemos congelar o sistema por quinze minutos, mas o gerador da maquinaria completa leva mais tempo para carregar. – disse Sarah. O elevador então começou a se mover, deslizando debaixo da terra quando Stryker perguntou: – Como nos descobriram tão rapidamente?

– Alguém deve ter alertado ou notado sua ausência. – disse Sam.

– Meu pai ainda não pousou de volta na Islândia, não é? – disse Amanda. – Essa é a nossa única vantagem, se estivermos seguros dentro das áreas restritas.

– Vocês devem se vestir nos uniformes designados para os passageiros assim que as portas abrirem. Não se preocupem com segurança, nós vamos dar conta da proteção. – alertou Sarah.

O elevador parou depois de alguns momentos e poucos segundos depois todos já estavam saindo pela porta, entrando no primeiro andar das áreas restritas. Já dentro de uma plataforma redonda, imediatamente Lina, Amanda, Stryker e Ripley notaram um gigante buraco cinza no centro do local. No meio, estava a nave que tinham acabado de ver, desta vez com o círculo prateado que era acoplado ao zepelim na horizontal ao invés da vertical. A plataforma circulava todo o buraco e no seu fim dava em um painel operacional cheio de computadores, com uma escada em espiral no centro, dando acesso ao segundo nível.

Sarah, Carlos, Peter, Josh e Lucy imediatamente correram para a escada, enquanto Sam ficou para trás com Lina, Stryker, Ripley e Amanda.

– É aqui – disse Sam, enquanto eles pareceram atrasar alguns segundos admirando a nave no centro da ala. Enquanto os outros sentaram-se no painel de controle perto da escada, Lucy subiu para o segundo andar.

– É do tamanho de um grande submarino. – disse Amanda.

A nave inteira era branca e brilhava como porcelana, com sua porta central no formato do triângulo invertido da Firma.

– Sistemas de trava ativados! – gritou Peter do painel de controle. – Vão se vestir, agora!

Sam então olhou para os quatro e falou:

– Vamos, é no andar de cima.

Os cinco correram para a escada espiral. Subindo-a, se depararam com uma câmara de vidro, como uma salinha separada, que incluía uma quantidade infinita de uniformes presos até o teto. Havia uma imensa porta de metal no final da sala, e os quatro imaginaram que a mesma desse acesso às outras áreas restritas. Os uniformes brancos pareciam os tradicionais de início, mas quando Amanda desdobrou o seu ela notou que eram muito mais

leves que o esperado, assim como o capacete. Os cinco se vestiram e Sam falou:

– Estamos seguros aqui dentro por enquanto. Apertem o terceiro botão debaixo do seu peito quando tiverem vestido o uniforme para acioná-lo. – Depois de alguns minutos eles foram em direção à escada e ouviram murros vindo da porta de metal.

– Abram a porta agora! – dizia a voz de Arlo do outro lado. Ele socou a porta mais algumas vezes, agressivamente, e em seguida disparou um tiro contra a muralha metalizada. Lucy, que estava sentada a um computador próximo à porta, pulou de medo. Os cinco correram escada abaixo e Amanda alertou os outros cinco, que digitavam freneticamente no painel de controle. – Arlo e possivelmente muitos outros caras já estão lá em cima, querendo entrar!

– Qual a percentagem de carga do sistema, Sarah? – perguntou Sam.

– Estamos em 70%, mas a nave ainda está carregando. – ela respondeu. – Vai e já entra! – ela disse, apertando um botão diferente no painel. A ala inteira já vibrava com as turbinas carregando na nave e uma ponte de metal saiu do centro da plataforma, se esticando até quase tocar no triângulo invertido da nave. O triângulo por si brilhou em uma luz azul clara e deslizou para baixo, tocando lentamente o final da ponte.

– Vamos para dentro. – disse Sam, andando em direção à travessia.

– É agora. – falou Amanda. Ela podia sentir seu coração batendo contra seu peito em expectativa e uma descarga de adrenalina. Amanda olhou para Lina, que tinha o mesmo olhar psicótico em seu rosto, estando óbvio que todas as vozes em sua mente estavam saindo de controle, sufocada de pensamentos e emoções. Lina sorriu para ela e respondeu de volta:

– É agora. – As duas começaram a andar para a nave, seguindo Sam.

Stryker e Ripley ainda não tinham saído do lugar que estavam. Assistindo todos digitarem, clicarem e discutirem uns com os outros ao painel de controle, Stryker olhou para Ripley e disse:

– Tem uma parte de mim que queria estar que nem eles, só carregando o sistema, ajudando. Eu não sei se eu consigo fazer isso, Ripley.

– Olhe para mim, Stryker. Você disse a si mesmo que iríamos porque é o certo a se fazer. – ela segurou suas mãos e olhou fundo em seus olhos através dos visores de seus capacetes.

Uma explosão então veio do andar de cima, seguido do som de tiros múltiplos.

– Lucy! – gritou Peter do painel de controle, olhando para a escada.

Enquanto ele falava, o corpo de Lucy caiu escada abaixo, ensanguentado. Ela havia sido jogada a poucos centímetros de Stryker e Ripley, que gritou em pânico. Os cinco funcionários da Firma que digitavam no painel olharam para o corpo morto de Lucy, processaram a visão por alguns momentos e em seguida voltaram a digitar, sem expressar reação. Mesmo Peter, que havia gritado seu nome, tenso, agora já teclava, inexpressivo.

– 100%! – gritou Sarah. – Vem, Stryker, vem, Ripley!

– A nave vai fazer o *warp* dentro de dois minutos! – gritou Peter.

Stryker e Ripley correram para o lado da Amanda, Lina e Sam, que haviam parado de correr em direção à nave distraídos com Lucy. Amanda e Lina sabiam que se tinham chegado em Lucy era porque as portas de metal foram abertas, e enquanto ela conectava os pensamentos em sua mente, já viu os pés de Arlo descendo pela escada. Ela se virou no mesmo instante, segurando o braço de Lina e atravessando a ponte correndo. Sam seguia e Stryker e Ripley começaram a correr em sua direção, também. Assim que ela

chegou na porta da nave e pisou no triângulo invertido, Amanda ouviu um tiro ser disparado e olhou para trás, ouvindo Stryker gritar:

– NÃO! – Enquanto virava, Amanda ouviu mais um tiro.

Arlo, que agora já havia descido metade da escada havia acertado dois tiros em Ripley. Ripley caiu no chão e Stryker a segurou em seus braços, gritando seu nome.

– RIPLEY! – ele gritou.

– Entra na nave! Um minuto! – gritou Peter do painel de controle. Arlo então atirou no painel e mais homens armados começaram a descer pela escada. Peter olhou para Arlo, que levantou seu braço direito e acertou um tiro no centro de sua testa. Peter caiu no chão, morto.

– Estamos prontos para decolar! – gritou Sarah e Amanda olhou para baixo, vendo o triângulo começar a se inclinar de volta, fechando. Amanda caiu para dentro da nave, Sam e Lina pularam imediatamente pela porta. Amanda olhou para Stryker e gritou:

– VEM, AGORA!

Stryker olhou para Amanda e então para Ripley, que ainda estava em seus braços. Ele a deixou e olhou para Arlo, o vendo atirar em Sarah enquanto mais e mais homens desciam pela escada. Stryker correu para a ponte, atravessando a plataforma, olhando para baixo e avistando um abismo cinza. O buraco inteiro agora estava preenchido com uma fumaça azul fluorescente, que parecia ser criada pela base da nave. Stryker atravessou a ponte o mais rápido que podia, ouvindo o som de inúmeros tiros disparados em sua direção.

Amanda estendeu sua mão para Stryker segurar, e ele pulou pela porta que se inclinava, segurando o braço de Amanda e batendo com a barriga na ponta do triângulo, caindo para dentro da nave. Amanda se levantou do chão e continuou a ouvir tiros sendo disparados. Ela olhou pelas janelas da nave e viu Carlos e Josh

atirando em Arlo e seus homensd o painel. Arlo porém acertou um tiro no peito de Josh e Carlos acionou um botão, olhando para a nave. Seus olhos e os de Amanda se cruzaram por um momento e ele acenou com a cabeça, assegurando-a de que seu trabalho havia sido feito. Arlo então atirou em sua cabeça e ele despencou no chão.

Amanda ouviu as portas da nave se fechando atrás dela e perdeu seu equilíbrio novamente, quando o chão começou a vibrar mais intensamente. Ela se virou para processar pela primeira vez o local que estava. A nave era pequena, porém a sala em que estavam era larga. Lina, Stryker e Sam também estavam com seus braços abertos, tentando se manter em pé. As paredes tinham uma fileira de uma dúzia de cadeiras acopladas e havia uma abertura em cada extremo da sala, que levava aos outros setores. Imediatamente, ela andou em direção às cadeiras e sentou-se, colocando os cintos de segurança. A estrutura continuou a vibrar e o círculo que contornava a nave começou a girar . A cada dois segundos eles podiam ver a redoma de metal deslizando pela janela, cada vez mais rápido.

– Sam – chamou Amanda. Ela tremia incontrolavelmente, assim como Lina e Stryker. – O Arlo pode parar o sistema?

– Eu não me preocuparia com o Arlo. – disse Sam. – Não tem nada que ele possa fazer. E não há volta para gente agora.

Os quatro seguraram firmemente nos braços das cadeiras enquanto sentiam toda a estrutura vibrar cada vez mais forte. Não havia tempo para processar os eventos que aconteceram nos últimos dez minutos, eles trocaram olhares e tentaram ficar calmos.

Então, da parte debaixo da nave veio um som ensurdecido que parecia um trompete gigante e a luz azul e esfumaçada que Stryker e Amanda tinham visto subir pelas janelas, cobrindo a nave. Amanda olhou para Lina e sentiu seu coração escalar pelo seu peito, quando a nave subitamente pareceu despencar em um

abismo eterno. As duas seguraram nos braços das cadeiras com mais força e gritaram o mais alto que podiam, em pânico. Elas podiam sentir o zepelim inteiro caindo numa velocidade insana e o que parecia estar abaixo deles na Firma certamente não estava mais lá. Amanda se sentia congelada quando um choque percorreu seu corpo, e seus batimentos ficaram mais evidentes. A qualquer segundo eles poderiam ser extintos da face do universo e para sempre esquecidos nesse abismo. Estava funcionando? Estavam eles viajando mais rápido que a velocidade da luz? Quando parariam de cair?

Sam permaneceu quieto a seu lado, olhando para a frente enquanto a nave despencava. Por fora, tudo que viam pelas janelas era o infinito azul de fumaças, que agora pareciam cabos verticais apostando corrida para baixo uns com os outros. Sam procurou o botão no fim do braço de sua cadeira e apertou. Seu assento imediatamente se virou e ele desapareceu de vista.

– O que? Sam?

– Aperte o botão – disse Sam por atrás deles.

Amanda, Stryker e Lina apertaram o botão no braço da cadeira. Os dois apertaram e sentiram a cadeira se virando a 180 graus, levando-os dentro de uma sala oval com um painel de controle e uma tela de porcelana para cada um, alguns centímetros longe de seus rostos. A tela de Sam já estava acesa e um milhão de *logs* começavam a carregar no computador. Ele se virou e disse:

– Estamos na metade do caminho. Vou pilotar assim que sairmos do *warp*.

– Você devia ter nos dito que era uma queda grande assim! – gritou Amanda.

– Você acha que eu sabia? – gritou Sam de volta.

Depois de caírem por mais alguns segundos, a sensação em si começou a parecer familiar. De dentro permaneciam intactos, meramente reagindo às vibrações e movimentos da nave. Porém

havia uma pressão imensa os puxando para baixo, e a mesma parecia mantê-los colados na cadeira, já que ninguém ousava tentar o mínimo movimento.

Amanda e Lina fecharam seus olhos desejando que tudo acabasse logo, e Sam digitava no painel, aparentemente intacto, sem se afetar pela longa queda. Então, a pressão subitamente se dissipou – e houve silêncio por dois segundos. Stryker, Lina e Amanda abriram seus olhos imediatamente. Podia-se ouvir o cair de uma agulha na nave, com apenas as respirações erradas de Amanda, Stryker e Lina preenchendo o espaço.

– Estamos mortos? – perguntou Stryker.

– Aperte o botão, vamos olhar as janelas. – falou Lina.

O trio apertou seus botões e suas cadeiras se viraram novamente. Por meio segundo notaram que as janelas não estavam mais preenchidas por fumaça azul, e sim branca. Assim que as cadeiras se posicionaram de volta e eles focaram na branquidão, a nave despencou novamente. Lina, Stryker e Amanda gritaram em choque e pânico, e Sam gritou do lado oposto da nave:

– Não consigo fazer o propulsor funcionar!

– O que isso significa? – perguntou Amanda aos berros.

– Estamos fora do *warp*, mas caindo! – gritou Sam.

– SAM! – ela respondeu, desesperada. – FAÇA ALGUMA COISA!

Eles podiam sentir a nave sendo puxada para baixo dessa vez ainda mais agressivamente, sentindo o pânico de despencar novamente e sendo jogados para a esquerda e a direita pela alta pressão dos ventos.

– Não consigo! Está completamente travado! – A nave continuou a cair e então se chocou contra o chão. Parecia ter penetrado a terra, já que haviam batido contra algo mas não pararam de mover e então os quatro notaram que eles haviam aterrissado na água. As janelas agora mudavam para um tom mais verde de azul e imediatamente o grupo notou que estava afundando em um

oceano. Amanda, Stryker e Lina bateram nos botões e se viraram novamente, com Amanda se virando para Sam:

– Me diz que tem como subirmos!

– Temos. – disse Sam.

Outro colapso ecoou pelas paredes da nave que, enfim, ficou imóvel.

– Estamos no fundo? – perguntou Amanda.

– Espero que não estejamos muito fundo. – disse Lina.

– Nós chegamos com sucesso ao nosso destino! – disse Sam, sorrindo.

Amanda franziu as sobrancelhas e perguntou:

– Com sucesso? Estamos no fundo do oceano!

– Sim – disse Sam – mas vamos flutuar!

Os três, parecendo ter ouvido a boa notícia só agora, respiraram aliviados pela primeira vez em cerca de uma hora. Amanda se virou para olhar Stryker e viu seus olhos se enchendo de lágrimas, encarando o horizonte apático. Amanda segurou sua mão esquerda, falando:

– Ei.

Stryker olhou para ela e a primeira lágrima caiu.

– Nós estamos aqui, mas Ripley não.

Amanda lacrou olhares com ele por alguns segundos, expressando sua compaixão pelo amigo e tentando sorrir de consolo.

– Faremos com que eles paguem. – ela disse, apertando as mãos. Sam continuou digitando sem parar no computador, e Lina se virou a ele quebrando seu frenesi:

– Podemos... andar pela nave agora? – perguntou Lina.

– Quando vai fazê-la flutuar?

– Sim, pode andar. – disse Sam, sem tirar os olhos da tela. – Já subiremos.

Lina destravou suas travas de segurança e se levantou do chão da nave. Ela andou pelo espaço oval, oposto ao que haviam saído da Firma. Não havia janelas nesse lado da nave, mas dez camas presas às paredes. No centro da sala havia uma escada espiral muito parecida com as da Firma, que levava ao nível inferior.

– Lina, vendo que estamos no fundo do oceano, pode procurar por uma abertura perto das últimas camas? Você vai entender quando ver. – pediu Sam.

Lina olhou pela nave e viu que entre as últimas camas e a parede que dava início aos assentos havia uma espécie de maçaneta. Ela andou até a mesma e a puxou, revelando uma imensa janela de vidro do tamanho do corpo de Lina.

– Meu Deus. – falou Lina, imediatamente encantada com a vista à sua frente. Ela podia ver que haviam afundado bem no limite de uma gigantesca baía de corais que dava para uma fenda altíssima no oceano. Abaixo deles havia o horizonte preenchido com a areia mais clara e acima, a água mais transparente de todas. O que mais os maravilhou foi a infinita quantidade de cores e espécies, circulando a estrutura. Dezenas de espécies de peixes pequenos e médios nadavam pela frente da nave, de diferentes formatos e cores, fazendo com que notassem que haviam pousado no centro de um ecossistema vivo e rico. Pareciam indistinguíveis da vida marinha terrestre. Levantou sua mão para tocar no vidro notando um grupo particular de peixes verdes nadando em sua direção, mas que mudaram seu rumo assim que a viram. Lina então olhou para a esquerda para ver uma anêmona estranha nadando bem perto da janela, A cada movimento um brilho central verde parecia emanar de seu centro. Lina se sentiu hipnotizada olhando para o brilho apagar, acender e relutantemente virou sua atenção para um grupo de cavalos marinhos que pareciam serem feitos de silicone. Lina se ajoelhou para olhar mais de perto.

– Venham ver, gente. Parece que eu abri a porta para um sonho.
– Amanda se esticou e levantou da cadeira. Stryker começou a abrir sua trava de segurança também. Sam digitava no computador e perguntou:

– É como esperava, Lina?

– É... incrivelmente igual a Terra.

– E por que não seria? – perguntou Sam.

Lina permaneceu em silêncio, perdida na multidão de vida à sua frente. Ela olhou para a fenda, que parecia levar à uma queda de mais de cem metros.

– Tem que tomar cuidado quando flutuarmos porque estamos bem na beirada de uma queda imensa, Sam. – avisou Lina.

– Incrível. – disse Amanda, se juntando a Lina e tocando o vidro.

– Qual a temperatura da água lá fora, Sam?

– Cinco graus Celsius. Perfeito para a vida desabrochar.

– Pode acreditar no que vamos achar aqui? – perguntou Amanda. – Tem ideia do passo à frente que isso representa para humanidade?

– O que exatamente acharam na expedição de Europa, Sam? – perguntou Lina. – Se nosso álibi vai ser extrair algo de valor para levar de volta conosco, devíamos saber a que recorde exatamente estamos tentando superar.

– Sim, mas veja, a coisa é, o mundo não sabe que estamos aqui, certo? – disse Stryker, quebrando seu silêncio. – Como vamos fazer com que acreditem na gente?

– Nós vamos pensar em alguma coisa. – disse Amanda, os assegurando. Seus olhos azuis pareciam brilhar ainda mais olhando para o infinito verde em frente. – Temos que chegar à superfície antes de pensar em retirar qualquer espécime.

– Falando nisso – disse Sam – aqui vamos nós. – A nave então chacoalhou mais uma vez e alguns bichos começaram a nadar fugindo. Amanda e Lina viram bolhas de vapor se formando

embaixo da espaçonave e a mesma imediatamente começou a boiar lentamente.

– Deviam sentar. – avisou Sam. – A velocidade vai aumentar como em um estilingue. – Assim que avisou, a nave pulou para cima com uma pressão imensa, jogando Amanda e Lina contra o chão.

– Meio tarde no aviso, Sam! – disse Amanda, caída.

A nave continuou a subir e então parou quando atingiram a superfície. Olhando pela janela, viram que um terço ainda estava preenchido de água mas os outros dois agora mostravam um resplandecente pôr do sol brilhando nas cores de laranja e rosa. Amanda e Lina olharam para o céu aberto e imediatamente tiveram extinguidas suas supeitas a respeito da localização da nave. No centro do entardecer acima delas havia um gigante planeta azul em órbita, com quatro anéis brancos o circulando.

– Aquele é Gliese 581D. Parece que quando olhamos para o leste, podemos ver o C, também. – avisou Sam. – E parece que estamos bem perto de terra firme. – a nave então começou a se mover novamente, desta vez deslizando para trás.

Stryker se aproximou de Lina e Amanda, que estavam sentadas no chão e se juntou a elas, olhando para o céu aberto enquanto Sam dirigia a nave até a beira do mar. Durante alguns minutos, os três permaneceram em silêncio olhando para o planeta vizinho, em silêncio. Nenhum deles podia explicar as sensações e pensamentos percorrendo suas mentes, então eles pareciam ter concordado em silêncio a se contentar com a mudez. Enquanto controlavam suas respirações e mentes, relembravam com carinho sobre suas casas e, quando o rosto de Ripley apareceu em suas mentes, cada um lidou com o luto à sua maneira.

A nave parou e Sam anunciou que haviam chegado à beira-mar. Lina, Amanda e Stryker sentaram em suas cadeiras e apertaram os botões, se virando. Eles agora estavam de volta a encarar o

triângulo invertido da porta e olhavam pelas pequenas janelas para ver onde haviam chegado.

– Qual a leitura da atmosfera, Sam? – perguntou Amanda.

– São onze graus Celsius lá fora, o ar é 75,09% nitrogênio, 24% oxigênio, 0.83% argônio e 0.038%, uma leitura que quase se não vê, monóxido de carbono. É quase nula. É extremamente similar a Terra. Inacreditável! – disse Sam, encarando o painel.

– Não precisamos dos uniformes, então? E a gravidade? – disse Amanda.

– Não, não precisa. 8.80m/s^2 . Estou chocado com esses dados! Não acredito no que estou vendo. – disse Sam, finalmente animado.

– Pode acreditar nisso? Estamos finalmente numa Super-Terra!

Amanda olhou pelas pequenas janelas e viu que haviam chegado em uma praia aparentemente deserta. Perto deles a areia levava a dezenas de árvores imensas, similares às palmeiras, que serviam de entrada para uma densa floresta atrás deles. À sua direita, a praia parecia continuar, mas não era possível dizer onde terminava.

– Para onde vamos? Saímos? – perguntou Lina.

– Não parece ter ninguém aí fora. – disse Amanda.

– Precisamos poder nos defender de alguma maneira. – disse Stryker.

– Se defender do que? – perguntou Lina. – Eu não vou sair completamente armada.

– Olha, depois de tudo que passamos hoje eu não acho que esse seja o maior dos desafios. Eu saio, então. – disse Amanda.

– Vocês duas vão sair desarmadas? Isso é ridículo! – gritou Stryker.

– Olha, se virmos algo remotamente suspeito já voltamos correndo. – disse Amanda. – Sam, abra a porta.

Sam olhou para Amanda por um segundo e então de volta para seu painel, abrindo a porta da nave. O triângulo acendeu e

começou a deslizar para baixo. Amanda e Lina saíram e as duas mulheres removeram seus capacetes antes de pisarem fora da nave. Amanda respirou o ar da terra desconhecida e finalmente levou seus pés à areia. Lina estava logo atrás, e rapidamente as duas começaram a dar os primeiros passos na praia.

– Realmente parece mais leve de se mover. – disse Amanda.

– O ar é puro como uma brisa de verão – disse Lina. – Não consigo acreditar que estamos aqui. – ela disse, com as duas garotas olhando em volta para finalmente enxergarem a praia por completo.

Amanda e Lina olharam maravilhadas para a praia alienígena à frente, ouvindo o barulho de cada onda que chegava da maré. O oceano parecia infinito e elas olhavam para o céu laranja contrastando com a mudança do verde do mar. O planeta vizinho parecia gigante comparado à lua, como se a qualquer momento fossem colidir, mas não havia preocupação no ar, muito menos perigo. Parecia não haver alma ou presença alguma por perto. Lina e Amanda sentiam o vento batendo em seus cabelos e fecharam os olhos para absorver o momento por completo. As duas se encheram de orgulho por terem conseguido chegar ao destino em uma situação tão mortal. Qualquer perigo ou raiva que houvessem sentido antes agora parecia inacessível e inútil, o que estava na frente delas seria aproveitado somente por seus olhos, e Lina e Amanda estavam contentes com essa realização.

Quando Lina abriu seus olhos, ela viu algo que não poderiam ter avistado por dentro da nave, no fim da praia parecia haver uma espécie de construção acima da água. Lembrando uma pequena ilha, ela viu pequenos pilares no topo, o lugar parecia ser acessado por um banco de areia.

– Vê isso, Amanda? – perguntou Lina, apontando ao horizonte. – No fim da praia, parece que continua, não é?

– É verdade – disse Amanda, focando no lugar que Lina apontava. – Tem dezenas de colunas lá! Temos que avisar os outros.

Gliese 581g

Amanda e Lina voltaram para dentro da nave e imediatamente avisaram Stryker e Sam sobre os pilares localizados no final da praia. Sabendo que alguém havia construído e colocado essas colunas lá automaticamente era uma descoberta por si só que demandava preparação instantânea. Os quatro haviam decidido andar até lá, mas Stryker e Sam permaneciam armados por completo debaixo de seus uniformes. Andaram pelo que pareceu vinte minutos até que as colunas ficaram mais evidentes conforme chegavam ao destino. Realmente havia um banco de areia que levava a esta plataforma, e assim que Lina viu que seu palpite estava correto, ela aumentou seu ritmo. Quando chegaram mais perto, ficou evidente que era uma construção mesmo, localizada no centro de uma ilha oval, circundada por pilares de pedra acinzentada. No centro da ilha havia uma coluna ainda menor com algo colorido no centro.

– Parece que tem algo no centro mesmo! – avisou Lina, andando na frente do trio. – Talvez um mapa com algo no centro da pedra? – ela pensou, andando mais rápido.

Chegou ao banco de areia e, correndo para a plataforma os quatro começaram a ouvir o som de água corrente. Olharam para cima e viram que água começava a cair do topo de cada coluna. Em questão de segundos, as pequenas gotas aumentavam até tomar a forma de uma cortina de água pela frente dos pilares, como se tivessem ligado um botão para iniciar uma cachoeira. Lina, Amanda, Stryker e Sam então viram criaturas saindo do mar por detrás das plataformas, segurando nos pilares para se puxarem para cima. Tudo que viram de início foram mãos e braços gosmentos e cinza, até que as cabeças das criaturas apareceram

com cabelos sedosos e quase brancos, brilhando contra o reflexo do sol que descia. Os quatro permaneceram imóveis de medo, vendo a similaridade dessas criaturas com suas próprias formas humanas, e suas cabeças levavam a ombros e costas esguios. Saía uma criatura de cada pilar. Lina e Amanda ouviram Stryker e Sam pegar as armas, mas assim que as criaturas saíram da água por completo, Amanda estendeu seu braço para impedir que interferissem, em estado de quase transe admirando as criaturas, que tinham seus cabelos longos e brilhantes caindo até quase seus pés. Haviam fechado seus olhos e estavam inteiramente nus, com apenas o cabelo cobrindo seus corpos. Tirando a cor acinzentada de sua pele, Amanda e Lina não haviam achado nada excepcionalmente alienígena nos corpos desses aparentes ninfos aquáticos. Porém, assim que os seres abriram seus olhos o grupo pareceu não temer o perigo da situação. Eles possuíam olhos roliços e dourados, quase três vezes maior que o de um humano. Lina olhou fundo para um deles e os dois grupos permaneceram em silêncio, apenas separados por alguns metros. E então, Amanda deu o primeiro passo à frente.

– Amanda, não... – sussurrou Stryker.

A ninfa que estava mais próxima de Amanda também deu um passo. Lina, Stryker e Sam olharam embasbacados para ela, e a ninfa então deu mais um passo, desta vez iniciando um andar até Amanda. Amanda respirou fundo e também começou a se aproximar. Ouvindo apenas o som da cachoeira à sua frente e se concentrando na paisagem em que estavam, Amanda se despiu dos medos e pré-julgamentos andando em direção a este ser desconhecido. Assim que estavam apenas um ou dois metros longe uma da outra, ela estendeu sua mão para tocá-la. A criatura então olhou fundo nos olhos de Amanda, e em seguida para sua mão. Ela notou que, mais de perto, suas peles pareciam sebosas e lisas. Esses seres tinham um certo brilho e qualidade etérea que

emanava naturalmente deles, lembrando Amanda dos contos de fada que ouvia quando pequena sobre sereias, elfos e seres mágicos. Por alguma razão, não o temia. Parecendo compreender e entender as intenções puras de Amanda, a ninfa então estendeu sua mão cinza e as duas tocaram as mãos. Uma voz ecoou nas mentes de cada um e a criatura se comunicou, aparentemente por uma forma telepática que deixou todos com arrepios.

– Bem-vindos, Terra.

Os olhos de Lina se arregalaram enquanto ela ouvia a mulher se comunicando com eles por sua mente. Amanda sorriu e perguntou:

– Quem são vocês?

– Somos os Andromedae. Voamos abaixo das águas.

– Como falam minha língua? – perguntou Amanda.

– Em breve entenderão sobre tudo. Essa é uma das formas de nos comunicarmos. Somos visitantes que não querem infringir dano algum. Não podemos mais voltar ao nosso planeta. Vocês devem seguir até Eternae, por dentro de Anyara. Não estão aqui por coincidência, pois as mesmas não existem no universo.

Amanda olhou para a ninfa confusa.

– Vocês têm nomes? Me chamo Amanda. Por que estamos aqui, então?

– Me chamo Uyara. Estamos aqui para aprender... em breve entenderão.

– O que vamos achar em Eternae?

– Ajudaremos com que cheguem ao seu destino. Terão que nadar conosco se desejam chegar a Porta Estelar.

– O que é a Porta Estelar? – perguntou Amanda, ainda mais confusa.

– É um portal presente em cada planeta do universo, mas sua descoberta ainda não chegou ao seu planeta. Em breve chegará. É parte da razão pela qual estão aqui.

Todos piscaram algumas vezes, absorvendo as informações fornecidas por Uyara. Amanda olhou para Lina, Stryker e Sam por um segundo, tendo os olhares perdidos igualmente retribuídos por seus amigos.

– Todos estamos ouvindo, Amanda. – disse Lina.

Sam e Stryker tinham uma expressão atônita.

– Isso vai... contra tudo que a gente estudou ou conhece – sussurrou Stryker.

Lina notou que as ninfas podiam entendê-los.

– Logo entenderão tudo sobre consciência. – respondeu Uyara.

Ficou evidente, então, que todos os ninfos podiam se comunicar e entendê-los. Os cinco seres atrás de Uyara então andaram em direção a ela e Amanda. Logo em seguida, Stryker e Sam também se aproximaram.

– Podemos chorar com vocês? – perguntou Uyara a todos.

Ninguém respondeu, sem uma afirmação automática.

– Nós... Não entendemos direito. – disse Amanda.

– Logo entenderão. – respondeu Uyara.

Ela tocou nas mãos de Amanda e as ninfas respectivas se dirigiram a Stryker, Sam e Lina, também pegando suas mãos. Os quatro permaneceram tocando as mãos das ninfas aquáticas e sentiram suas mãos sendo aquecidas. Amanda olhou para Uyara e seus olhares se selaram por um tempo. Ela olhou fundo para Amanda com uma expressão quase que de preocupação. Seus olhos dourados pareciam uma galáxia espiral que Amanda poderia passar horas investigando. Os olhos de Uyara se encheram de lágrimas e logo as outras três começaram a chorar também, apenas por olharem fundo nos olhos dos quatro. As duas ninfas que permaneciam sozinhas então começaram a cantar uma melodia desconhecida que não entendiam o significado, mas possuía uma pacífica, revigorante harmonia que imediatamente tocou cada um. As duas cantavam em um tom alto e melódico, parecia que este

canto havia sido criado especificamente para navegar por entre notas e tons, com suas vozes tomando vôo pela brisa do fim de tarde que lhes rodeava. Mesmo sem entender o significado, os quatro pareciam ter tido reações similares a energia em suas vozes ecoava tanta emoção e liberdade que, apesar de não entenderem suas palavras, os forçava a respeitar e sentir.

As quatro ninfas juntaram as testas com as do grupo, tocando lentamente os crânios.

– Sua mente, na nossa.

Todos imediatamente viram em suas mentes a imagem de uma floresta colossal, que era de Gliese 581g, não da Terra, esse era um ecossistema ainda mais desenvolvido. Amanda parecia se ver voando na garupa de tigres alados, suas penas eram douradas e grossas. Amanda olhou para cima e viu um palácio enorme de esmeraldas roxas no topo de uma montanha rochosa. Estavam em um local tão alto que as nuvens ocupavam o campo de visão direto, e então, Amanda sentiu a testa de Uyara sair e a visão se dissipou.

– Viram Eternae, e o Palácio Sensorial – disse Uyara. – Devem seguir jornada até lá para chegarem na Porta Estelar. É o único jeito de retornarem a Terra. Agora devem nadar conosco.

Uyara então se levantou e se virou, junto com as outras. Andaram alguns passos e atravessaram a cachoeira. As outras ninfas seguiram e então Lina, Amanda, Stryker e Sam foram também. Depois de se molharem cruzando a parede de água, se viram no fim da plataforma, com o infinito do mar de Gliese 581g à frente. Não havia muito espaço para se andar, e Lina sabia que não poderiam segurar a respiração debaixo d'água por muito tempo. Então ela olhou para Uyara como se indo perguntar como fariam, quando Lina recuou de susto vendo o que estava se formando na sua frente. Do fundo do mar verde saiu outra criatura, mas desta vez não possuía formas humanas. Uma espécie de lagarto azul escuro gigantesco saiu da água bem na frente deles.

– Eu vou me cagar! – gritou Stryker, vendo o monstro emergindo das profundezas da água.

Lina olhou para a criatura, que tinha um pescoço comprido e olhos pretos largos. De primeira, sentiu seu coração batendo agressivamente contra seu peito com medo de um ataque iminente, mas logo Lina notou que a criatura, assim como as ninfas, intimidava apenas ao cérebro que a desconhecia. O ser tinha quatro barbatanas, um pequeno chifre no meio de sua testa e uma casca imensa nas suas costas, preenchida por protuberâncias no casco, como chifres menos pontudos. Ela parou de achar a criatura ameaçadora quando notou que a mesma podia transportá-los no seu casco. A voz de Uyara então disse:

– Esse é Placo. Não tenham medo, ele é uma criatura dócil e amável. Vai lhes guiar mar adentro enquanto nadamos ao seu lado.

Placo então nadou mais perto deles e abaixou sua cabeça para eles. Lina, reagindo ao ato de confiança instantâneo da criatura, sentiu uma imensa empatia automaticamente ao animal, e foi a primeira a estender a mão para tocar seu casco. As ninfas pularam na água uma por vez e Lina conseguiu segurar um dos chifres de Placo, montando no animal e sentando nas suas costas. Amanda e Sam repetiram o que Lina havia feito e sentaram também, e Stryker despencou no mar quando falhou para pegar o seu chifre. Placo, notando que seu passageiro final havia caído, olhou para trás vendo Stryker nadar e colocou sua cabeça debaixo da água, levantando o corpo de Stryker. Stryker, petrificado notando a cabeça da criatura abaixo dele, tremia incontrolavelmente enquanto era levantado da água. Ele segurou em um dos chifres e deu a outra mão a Amanda, sorrindo nervosamente.

– Eu não entendo como vocês estão em silêncio – ele falou.

– Não são maravilhosos? – perguntou Lina.

– Que criaturas lindas, racionais. Eu nunca imaginei em um milhão de anos que o primeiro contato seria assim. – disse Amanda,

segurando mais firme em Placo quando a criatura começou a deslizar pelo mar. As ninfas nadavam ao redor deles, liderando o caminho.

– Sinto que tudo que sabemos é uma mentira – disse Sam.

– Devem ser primitivos. Como podem se comunicar por telepatia?

– Logo entenderão – disse Uyara em suas mentes.

Ela estava liderando o grupo lá na frente, mas mesmo assim podia compreendê-los.

– E eles tem audição biônica! – disse Sam.– É chocante para mim como a energia de paz parece fluir deles com tanta facilidade.

– Sim... não sei porque confiamos neles, mas confiamos. E instantaneamente. – adicionou Amanda. – Parecem anjos da água.

– ela disse, olhando para o templo ficar cada vez menor e mais distante enquanto Placo e o grupo de ninfas nadava ao cruzar o mar. Logo anoiteceria, e o céu agora brilhava numa forte cor roxa. O planeta vizinho estava ainda mais visível acima deles, e o céu roxo começou a piscar evidenciando milhares de estrelas.

– Pode acreditar no que estamos fazendo nesse exato momento? – perguntou Stryker. – Cruzando um oceano alienígena junto de um grupo que acabamos de conhecer, o primeiro contato entre civilizações inteligentes que aconteceu na humanidade, e aqui estamos nós, parecendo quase... normal. – O oceano estava silencioso e, apesar da temperatura que rapidamente caia, nenhum estava se sentindo desconfortável.

– Me faz pensar, agora que sabemos que não somos só nós... quantos primeiros contatos já aconteceram? – disse Lina. – Colocando todas as civilizações e seres racionais no universo em conta, fomos nós os primeiros a descobrir que não estamos sozinhos? – ela perguntou.

– Porque olhando pro céu, e um céu tão alienígena como este, eu tenho quase certeza que não fomos, não.

– Vocês são um dos primeiros em sua galáxia. – respondeu a voz de Uyara novamente. – Mas existem muitas galáxias até mesmo para nós darmos conta.

Os quatro então olharam para cima, e Lina continuou:

– Eu nunca, nunca, nunca achei nos meus sonhos mais loucos que vivenciaria algo assim. Nunca achei que poderia tocar, ver e cheirar outro mundo. Ainda parece impossível para mim.

– Eu não consigo assimilar direito sobre a Porta Estelar que eles mencionaram – disse Sam. – Imaginando que exista mesmo, não nos resta outra opção a não ser achá-la.

– Não tenham pressa, pois ainda não nos conheceram... – disse outra voz. Desta vez não era Uyara, mas sim a ninfa que nadava mais perto deles. Pelo que pareceu uma hora, eles atravessaram o oceano nas costas de Placo, volta e meia trocando olhares, sorrindo um ao outro para se assegurarem que estavam bem. Quando a noite caiu, começaram a sentir frio.

– Estamos na metade do caminho – disse Uyara. Eles entenderam que significava que tinham que aguentar o frio, então começaram a respirar mais controladamente para se aquecerem o máximo que podiam, e chegaram mais perto uns dos outros. Uns segundos depois eles notaram que as ninfas estavam se movendo de maneira estranha e Placo parecia ter acelerado o ritmo de seu deslize. Uyara então afundou e apareceu atrás deles. Ela olhou para o mar vazio à frente e todos notaram um movimento crescente nas águas.

– O que é aquilo? – perguntou Stryker, segurando Placo com força. Os três olharam para o campo de visão de Uyara. Placo começou a deslizar para mais longe, e as outras cinco ninfas se juntaram a Uyara. O movimento nas águas do lado de Uyara logo virou ondas e uma enorme cobra d'água apareceu, urrando de raiva.

– Meu Deus! – gritaram Lina e Stryker, aterrorizados.

A cobra era duas vezes do tamanho de Placo, e abriu sua boca para revelar centenas de dentes pontiagudos sedentos por sangue. Imediatamente, desviou para atacar Uyara, mas assim que mirou nela a ninfa que havia conversado com eles por último enfiou uma adaga em seu pescoço. Ela a havia lançado usando um aparato diferente de qualquer coisa antes vista pela humanidade, mesmo que similar a um arco. Lina sentiu um de seus pés cair na água, deslizando da concha de Placo enquanto a cobra gritava de dor. Sam segurou seus braços, levantando-a. Os quatro olharam para a batalha e Uyara então atirou uma segunda adaga na testa da criatura. Placo nadou para longe, aparentemente com medo da besta. A cobra gritou de dor e então parou de se mover, caindo de lado e afundando no oceano escuro abaixo.

– Estamos seguros agora. – disse Uyara.

– O que era isso? – perguntou Lina das costas de Placo.

– Era uma Najink – cobras maliciosas do mar. Mas não há porque temer agora.

Placo então lentamente começou a nadar mais devagar e os quatro olharam para as águas escuras, em alerta para qualquer movimento suspeito na distância ou por perto. As águas já não eram mais território tão seguro assim, e a temperatura parecia ter despencado agora que o senso de adrenalina havia sido acordado, seus dentes começaram a bater e Sam tremia de frio. Quando o frio pareceu começar a virar um problema sério, Uyara falou com eles:

– Estamos aqui. – Eles olharam para a frente e viram que, realmente, estavam chegando à beira do mar. Lina, Amanda, Stryker e Sam sorriram aliviados e tentaram esquecer do frio o máximo que podiam. Conforme se aproximavam do destino eles apertavam os olhos para conseguir ver na noite escura o que estava à distância, e viram luzes verdes brilhando dentro de uma vegetação profunda. Pareciam estar chegando na entrada de mais uma floresta.

– Essa é Eternae? – perguntou Lina.

– Essa é a terra antes dela, mas vamos encontrá-los aqui. – respondeu Uyara.

– Quem? – perguntou Amanda.

– Os Plethoreans. – respondeu Uyara.

Ela então chegou à área e se levantou, andando para a floresta. Parecia densa e deserta, não havia como saber que tipo de vida selvagem sobrevivia dentro desta atmosfera, então os quatro largaram de Placo e caíram na areia também, porém permanecendo imóveis, esperando uma ação das ninfas. Uyara então olhou para cima e uivou, ou pelo menos foi o que ela pareceu ter feito ao grupo. O seu longo, choroso grito durou um tempo e, quando ela parou, sombras emergiram por dentro das árvores e moitas. Um homem alto e musculoso apareceu. Ele tinha um cabelo preto grosso e longo, sua pele era branca como a neve. Seu corpo inteiro estava coberto de marcações pretas da forma de desenhos e símbolos, e imediatamente andou em direção a Uyara. O homem gesticulou e gritou com ela em uma voz rouca e grossa, e quando chegou mais perto todos puderam ver que esse ser era duas vezes maior que a ninfa, muito mais atlético e bruto. Seus músculos faziam volume debaixo de sua pele branca e seu contraste com as marcações pretas, que pareciam de carvão, lhe davam a energia e presença de um guerreiro. Uyara respondeu em uma linguagem desconhecida, num tom mais leve e suave do que a do homem. Quando ele respondeu, todos notaram que ele também havia abaixado seu tom enquanto Uyara explicava a situação:

– Então estamos olhando para um Plethorean. – sussurrou Stryker para Lina, Amanda e Sam.

– Não acredito no que estou vendo. – sussurrou Lina.

– Parecem duas raças completamente diferentes, os Andromedae devem ser designados à vida marítima e os Plethoreans, julgando por esse homem, para a floresta.

Uyara e o Plethorean continuaram se comunicando. O Plethorean volta e meia movia seus braços e parecia mais articulado, enquanto Uyara permanecia em seu lugar e falava com um tom suave.

– É como se estivéssemos assistindo um guerreiro indígena amazona conversando com uma sereia.

– Hum... Stryker, acho que isso é racista. – sussurrou Lina de volta.

– Calem a boca, olha – cortou Amanda – ele se virou. – O Plethorean havia se virado de costas e começado a andar de volta para a floresta. Uyara então apertou o passo e começou a segui-lo, comunicando-se com o grupo telepaticamente. *Devem nos seguir agora.*

Lina e Amanda andaram na direção de Uyara, seguidas de Stryker e Sam. Os quatro então viraram os rostos e viram os Andromedaens restantes abaixarem os rostos para eles, como se se despedindo e voltando à água. Stryker e Sam olharam para Placo, que se distraía tentando capturar um pequeno cardume de peixes. Quando chegaram na divisa da floresta com a praia, mais uma vez o grupo se surpreendeu com a vivacidade e variedade de cores e plantas presentes no local. A noite de Gliese 581g parecia mais clara do que a da Terra, já que o planeta vizinho funcionava como um satélite inúmeras vezes maior que a Lua, iluminando o céu estrelado.

Eles olharam para a frente, entrando na floresta para ver as pétalas luminosas de prata brilhando nas flores mais próximas deles. Se encontraram no meio de um fantástico mundo botânico, reconhecendo um cheiro familiar e terrestre percorrer suas narinas, similar ao cheiro de uma floresta tropical na Terra. Ver o esplendor da floresta nutria suas almas, e por baixo das flores prateadas viram cogumelos volumosos e dourados crescendo debaixo de uma árvore gigante e oca. Na frente deles estava um labirinto de madeiras e folhas, com a densidade e variedade de árvores e

plantas sendo tanta que tornava incrivelmente fácil se perder dependendo do quão fundo se seguisse floresta adentro. As árvores altas pareciam anciãs e arcaicas, porém era evidente que o ecossistema era vivo e pulsante, já que ao redor ouviam o cantar de pássaros e o soar de abelhas, o cochar de sapos e qualquer outro som que imaginassem que viesse de animais familiares mas poderiam vir de organismos completamente inéditos. Uyara e o Plethorean abriam caminho cortando por dentro de plantas e moitas.

Seguiram uma trilha de terra por dentro da floresta e enquanto andavam, Lina e Amanda curiosamente exploravam e absorviam cada segundo e detalhe da atmosfera alienígena em que se encontravam. O cheiro e temperatura eram extremamente similares ao de uma floresta terráquea, mas sendo um planeta dez vezes mais largo, tudo em Gliese parecia mais denso, maior e mais poderoso. Passaram adiante enormes vitórias-régias amarelas do tamanho do corpo de uma mulher e pelo lado de todo um campo coberto de bromélias imperiais do tamanho de Placo, com centenas de pequenos insetos fluorescentes sugando o néctar das flores das bromélias.

Depois de algum tempo chegaram a uma abertura na floresta que dava à uma área aberta e circular, com ocas marrons elaboradas que pareciam feitas de argila. No centro, havia uma fogueira queimando em um lindo tom verde e amarelo, com vários Plethoreans em sua volta. Davam as mãos e cantavam uma melodia muito diferente da canção dos Andromedae, dessa vez mais dura e monossilábica.

– Om Im Ra, Om Im Ir, Om In Ur, Om In Eternea! – Lina, Stryker, Sam e Amanda continuaram seguindo Uyara e o Plethorean, andando em direção à fogueira. Assim que chegaram no centro do campo aberto, todos os Plethoreans notaram a presença dos visitantes e pararam, se virando em silêncio. Tudo que era possível

ouvir era o estalar das chamas. O Plethorean que os havia guiado então gritou uma longa frase que ninguém do grupo entendeu, mas que parecia explicar à tribo o que havia acontecido. Dois Plethoreans saíram do grupo mais perto dos visitantes e pararam na frente deles, olhando fundo para Lina, Amanda, Stryker e Sam.

– Isso é para estar acontecendo? – sussurrou Stryker por entre dentes cerrados. Uyara olhou para trás e os dois Plethoreans pareciam ter marcações similares em suas peles, todos os Plethoreans pareciam musculosos e intimidavam, fazendo com que os quatro paralisassem de medo e tensão conforme os seres se aproximavam. Quando ficaram a apenas uns metros de distância, pararam e se curvaram. – Somos Illi e Illia – disseram dois Plethoreans, também telepaticamente. Suas vozes ecoaram em suas mentes e, conforme olharam para eles, ficou evidente que eram, realmente, homem e mulher: Illia era forte mas tinha traços mais delicados em seu rosto, e Illi tinha marcas de guerra e algumas cicatrizes visíveis em sua pele pálida.

– Vamos guiá-los por dentro de Anyara até chegarem em Eternae. Essa é uma pequena vila Plethoreana no limite de Anyara – disse Uyara.

Os outros Plethoreanos começaram a andar em volta deles, formando um círculo de olhos que os encarava.

– Mas... não entendo – disse Amanda. – Porque estão nos ajudando? Vamos mesmo conseguir voltar para Terra?

– Antes de saírem terão suas respostas. Nosso plano não é revelá-las para você, e sim levá-los até quem lhes contará tudo. – respondeu Uyara. – Por agora, devem confiar.

Illi e Illia se levantaram e deram suas mãos. Illi gentilmente tomou a mão direita de Lina e Amanda e Illia de Sam e Stryker. Os outros Plethoreanos começaram a abrir espaço enquanto Illi e Illia pareciam levar o quarteto para perto da fogueira. Uma pequena mulher Plethoreana apareceu, segurando o que parecia ser um coco

aberto em suas mãos, com um líquido brilhante e prateado dentro. Illi e Illia os guiaram até essa mulher, que parecia mais idosa. Ela molhou sua mão no líquido do coco e em seguida passou seu polegar na testa de Sam. O coração de Lina pulou quando ela notou que os Plethoreans não tinham polegares opostos, e sim uma musculatura diferente em suas mãos. Os cinco dedos eram todos do mesmo tamanho e o dedo do meio tinha um osso mais grosso, enquanto os outros quatro serviam como abas opostas, como asas que batiam. Ela tocou o rosto de Sam e começou a desenhar um detalhado desenho repleto de símbolos em sua testa, nariz e bochechas. A anciã cantarolava baixo conforme desenhava, seguindo para Stryker e repetindo o desenho exatamente.

– Savann é a xamã da tribo. Seus encantos vão lhes proteger dos temores das profundezas de Anyara – disse a voz de Illi na sua frente.

Savann então tocou a testa de Lina e, conforme ela o fazia, Lina podia jurar ter sentido um choque de eletricidade percorrer sua espinha. Savann cantarolava e balançava sua cabeça levemente para cima e para baixo conforme pintava Lina. Quando Savann foi para Amanda, Lina perguntou à Illi e Illia:

– Quais seriam os perigos de estar nas profundezas de Anyara, exatamente?

– Anyara é a maior floresta do hemisfério norte de Gliese 581g. Será uma experiência nova para vocês, então devem estar preparados, pois o único jeito de cruzar Anyara é pelo seu coração.

– Savann terminou de pintar o rosto de Amanda e Illi e Illia seguraram suas mãos, os guiando para fora da fogueira e para dentro de uma das ocas. Se encontraram em um pequeno quarto, com paredes feitas de bambu e o chão coberto de feno.

– Devem descansar essa noite e começaremos a jornada ao amanhecer. – anunciou Illia. Os dois Plethoreans então saíram da oca.

– Então hoje dormiremos em um ninho. – disse Stryker, olhando para o quarto em que se encontravam.

– Estamos em outro planeta, Stryker. Eu podia descansar. – falou Amanda, já pisando no feno e se posicionando para deitar.

– Eu também. Já estava com medo da gente ter que cruzar floresta hoje à noite. – continuou Lina.

– Essa experiência inteira é tão atípica e inesperada que eu estou tendo dificuldade em associar isso com a realidade. – completou Sam, sentando.

– Deviam ter considerado possibilidades mais positivas – destacou Amanda. – A mesma coisa aconteceria em qualquer lugar, por exemplo, a Tailândia. Qualquer ser humano de bom coração tentaria ajudar um ser racional perdido.

– Sim, mas nós não poderíamos, não somos nem de perto tão evoluídos quanto eles – concordou Lina. – Eles conversam conosco com a mente! E até agora não vimos um pingouco sequer de tecnologia.

– Esse planeta é três vezes maior que a Terra. Estou imaginando que caímos em algum lugar longe da civilização. – notou Amanda.

– Não tinha pensado nisso. – refletiu Lina. – Você acha que talvez as pessoas que eles mencionaram, a quem eles vão nos levar...

– Imagino que sejam seres mais poderosos diferentes dos Andromedaens e dos Plethoreans. Por mais evoluídos que sejam, ainda são primitivos e levam uma vida quase mística, dependendo só da natureza e do mar! Tenho me assustado porque acho que isso indica que caímos em um lugar muito, muito mais avançado do que a Terra. O nível de percepção deles é estratosférico, eles podem nos ouvir à distância e parecem imediatamente devotos a nos ajudar assim que souberam que éramos da Terra. – disse Amanda – vocês viram!

– E o que isso significa? – perguntou Lina.

– Significa que parece que estavam nos esperando. Não que eu esteja com medo, mas certamente significa que não temos controle algum, e não ter nenhum poder me deixa tensa. Quem esperaria isso? – ela perguntou. – Estou maravilhada, não me entendam errado, e minha cabeça tá correndo cheia de pensamentos e realizações. Mas me sentir que nem uma agulha no palheiro me acovarda. Imagina que nossas teorias estejam certas, nós nunca mais seremos os mesmos! O que vai ser da gente quando voltarmos para Terra?

Plethoreae

– Devemos iniciar nossa viagem – disse Uyara. Os quatro abriram os olhos para vê-la junto de Illi e Illia dentro da cabana. A condição precária na qual haviam dormido não foi um problema, seus corpos e mentes estavam tão exaustos e sobrecarregados que os quatro dormiram como crianças durante a noite. Amanda se levantou e abriu os olhos, com Lina e Sam se esticando ao lado. Stryker permaneceu em silêncio. Illi e Illia trouxeram um coco para cada, desta vez preenchido com um líquido vermelho, quase rosa por dentro.

– Cada um de vocês deve tomar um Hukko. É um alimento cultuado que lhes trará toda a força e nutrientes necessários para o dia de hoje – os quatro beberam o líquido e Amanda achou o gosto surpreendentemente doce. Ela lentamente chutou Stryker na perna e ele acordou, ligando os pontos e pegando seu Hukko para beber também.

– Serão guiados na primeira metade por criaturas desconhecidas a vocês – disse Uyara.

– Que criaturas?

– Quando terminarem seu Hukko, se juntem a nós aqui fora. – Illi e Illia saíram, seguidos por Amanda, que rapidamente terminou de beber e se levantou. Já era dia, e fora da cabana imediatamente a claridade parecia lhe ter cegado momentaneamente. Cada cor e contraste parecia mais vívido sob a luz do sol, e a floresta parecia ter tomado toda uma nova dimensão ao seu redor. No centro da tribo e da clareira, próximo às cinzas da fogueira da noite anterior estavam seis criaturas aladas. De primeiro instante, pareciam pássaros imensos para Lina, mas conforme ela focou na musculatura e na pelagem amarela, notou que eram na verdade

tigres. Essas criaturas têm o dobro do tamanho das existentes na Terra, eram majestosas. Lina e Amanda assistiam os tigres em recreação, batendo suas asas no calor do sol e lambendo suas patas, deitados na grama.

– Tigres alados, imensos – disse Lina. – Não acredito.

– São Cerberus. Os seis mais dóceis do grupo. – disse Uyara.

– Meu Deus! – disse Lina, andando em direção a eles. – Posso tocá-los? – ela levantou sua mão e um dos Cerberus trocou olhares com ela. Ele tinha uma pelagem brilhante e dourada, com os bigodes mais longos que um felino terrestre. Suas asas estavam fechadas mas Lina já podia identificar a proporção que tomariam quando abertas, ele olhou para ela fixamente e, em seguida, levantou seu rosto e lambeu a palma de sua mão. Lina tremeu rapidamente, e em seguida sorriu, chegando mais perto da criatura alada.

– Vão lhes guiar perante os ares direto ao Palácio. Não precisarão cruzar Anyara pelo coração – disse Uyara.

– O que é o Palácio? – E por que não precisaremos mais cruzar Anyara por dentro?

– Essas criaturas trouxeram consigo ordens do Centro de que devemos levá-los em segurança até o Palácio. Descobrirão Anyara, mas em um tempo futuro.

– E o que é o Centro? – perguntou Amanda.

– O Centro é nossa hierarquia. Coexistimos pacificamente dentro de seus cuidados pelos últimos onze séculos. No Centro estão aqueles que lhe revelarão todas as respostas. Desde a detecção de sua chegada, eles requisitaram sua presença imediatamente. Parece que os planos para a Terra são especiais. – respondeu Uyara, sorrindo para Lina e Amanda. Sabendo que os quatro estariam lhe ouvindo, ela sorriu também para Stryker e Sam, que estavam saindo da toca. Amanda olhou para Uyara e, sorrindo, a

agradeceu. – Não há necessidade disso, é nosso dever. Agora devem tomar os céus.

Amanda olhou para Lina, que ouviu enquanto acariciava seu Cerberus, seguindo de animal em animal. Stryker e Sam também escolheram seus companheiros felinos e Illi e Illia subiram nos dois que restaram.

– Não vão vir? – perguntou Lina para Uyara, que ainda estava em frente à oca.

– Meu dever se encerra aqui. Mas logo iremos nos encontrar novamente. Boa sorte – ela disse. Os quatro então começaram a montar nos seus Cerberus, olhando para Uyara e se despedindo. Os Cerberus se levantaram e Lina abaixou a cabeça, agradecendo a Uyara.

– O que são essas criaturas voando lá em cima? Não parecem ser uns dos Cerberus. – disse Amanda, apontando para o céu. Lina olhou para cima, vendo Amanda mostrar imensos pássaros voando. Ela notou que essas criaturas aladas não tinham pelos, mas uma pele como couro, cheia de protuberâncias, como madeira seca.

– São Kratens. – disse Uyara

– Parecem Pterosauros. – disse Amanda quando um Kraten pousou perto a eles.

– O que, um dinossauro voador? – perguntou Stryker, e todos encararam a criatura pensativos. Uyara andou em direção ao Kraten e acariciou sua longa cauda. A criatura respondeu abaixando o bico em um movimento parecido com uma cortesia.

– Não, um Pterosauro. Eles são extintos na Terra mas não se classificam como dinossauros. – disse Amanda. – Claro... não acredito que omiti essa possibilidade na minha cabeça. – Amanda olhou para trás, vendo Lina e Sam. – Tem alguma ideia do que isso significa? Dentro dessa floresta tem não só criaturas novas, como extintas para nós, também.

– Kratens e Cerberus são as duas raças que mais dominam os céus. São de grande ajuda para nós, e têm sido assim por muito tempo. – Uyara sorriu para eles e os Cerberus esticaram as asas. Os quatro olharam para os animais conforme eles abriam suas enormes asas douradas. A musculatura e força eram tamanhas que no primeiro bater de asas um alto som da corrente de vento sendo empurrado para frente ecoou pelas árvores. Eles bateram as asas novamente, pulando. Se segurando em suas costas, Lina abriu os olhos depois de múltiplas batidas de asa para ver que a criatura já havia tomado vôo, a alguns metros do chão. Amanda, Stryker e Sam voavam um pouco mais alto que ela e seus Cerberus batiam suas asas com força, se inclinando para cima enquanto pegavam altitude.

Conforme subiam, o céu matutino de Gliese 581g brilhava à toda força. Podiam ver a Floresta de Anyara cobrindo a maioria do leste e o oceano que cruzaram com Placo e os Andromedades ao noroeste. As criaturas pareciam conseguir voar sem esforço algum, deslizando pelas correntes de vento enquanto os seis tigres intercalavam posições aéreas. Lina respirava o ar que batia em seu rosto o mais fundo que podia, tentando capturar a sensação e emoção do momento enquanto ela via a paisagem indescritível lhe rodeando. Pareciam estar voando ao sul, começando a cruzar o tapete verde vivo de Anyara. Lina olhou para trás, para ver Gliese por completo antes. Ela viu um vale com montanhas pontiagudas como um labirinto eterno de pedras. O grupo viajava céu adentro, cruzando a Floresta de Anyara pelo que pareceu uma hora. Então, a vegetação começou a chegar a um final, dando início a uma cadeia de montanhas parecida com a que Lina tinha avistado. Os Cerberus inclinaram suas costas e pegaram impulso para subir, fazendo com que todos segurassem mais firme em suas pelagens. Subiam as montanhas pontiagudas aparentemente até o topo, e por mais que Lina e Amanda olhassem para cima, não podiam ver por cima das

nuvens e avistar o local de destino. Atravessaram as nuvens e voaram por dentro da fumaça branca, quando uma enorme construção roxa começou a emergir por dentro da névoa. Os seis tigres atravessaram as nuvens e Lina e Amanda viram que agora a vista abaixo era tomada totalmente pelo branco das nuvens. À direita delas, Stryker abraçava seu Cerberus com toda sua força e à esquerda, viam Sam, Illi e Illia olhando para o Palácio à frente, do tamanho de uma catedral, coberto por ametistas roxas que brilhavam a luz do sol.

– Esse é o Palácio – disse a voz de Illi. – Chegamos seguros.

O palácio ficava no topo das montanhas rochosas e pontiagudas e era acessado por uma escadaria próxima do local onde os Cerberus imediatamente pousaram. Quando aterrissaram, os quatro desmontaram dos tigres alados e acariciaram-nos, os agradecendo. Illi e Illia permaneceram no topo de seus felinos e falaram a eles:

– Vamos deixá-los agora, mas se precisarem de nós, nos chame por meio disto. – Illi estendeu a mão para Amanda e lhe deu um objeto do formato de um ovo, com quatro buracos no centro e um maior no topo. Sam, que estava mais perto dela, o tirou das mãos de Amanda, curioso, e os dois agradeceram a Illi, fazendo um gesto com a cabeça.

– É que nem uma ocarina, ou apito. – disse Sam.

– É um item especial, chamado Xun, que devem guardar com carinho. Toque qualquer nota e os encontraremos – disse Illi.

Ele balançou sua cabeça e Illia fez o mesmo, e em seguida seus Cerberus bateram suas asas e mergulharam de volta na imensidão branca abaixo deles, desaparecendo por entre as nuvens. Os seus quatro Cerberus também seguiram os Plethoreans, se levantando e sumindo de vista. O quarteto então notou que era a primeira vez em que se encontravam sozinhos naquele dia. Amanda, por sua vez, pegou de volta o Xun da mão de Sam e começou a analisá-lo.

– Devemos entrar, então? – perguntou Stryker, olhando para a escadaria em frente.

– Acho que sim – disse Lina, já subindo alguns passos do caminho para a entrada do Palácio. Stryker e Sam a seguiram e Amanda parou de examinar a ocarina, guardando-a em seu bolso. Ela subiu as escadas e os quatro enfim chegaram nas portas altas e ovais do Palácio. As ametistas pareciam ainda mais fluorescentes de perto, brilhando em diferentes tons de rosa e roxo conforme moviam a cabeça. Não havia maçanetas aparentes na porta, e Amanda estendeu a mão para tocar e empurrá-la de leve. Assim que encostou, ela ouviu as mesmas rangerem e começarem a se abrir lentamente, oferecendo a entrada à construção colossal

O Palácio

Podiam ouvir seus passos ecoando no chão de mármore enquanto as portas lentamente se abriam para os lados, revelando uma imensa sala redonda com desenhos detalhados nas paredes e no chão em diferentes tons de ouro e bronze. Circulando todo o piso estavam pinturas de duas linhas entrelaçadas, ouro e prateada, como a estrutura de um DNA. As linhas apenas se dividiam quando cada uma chegava em uma das cinco portas ovais no fim da sala. O Palácio era sustentado por pilares de bronze como de catedrais. No centro da sala havia um gigante círculo flutuante, como um globo do tamanho da espaçonave que havia lhes deixado em Gliese. O globo estava dentro de um tubo transparente que era conectado do chão ao teto, e brilhava em uma luz iridescente como uma bolha de sabão. Apesar da magnitude da sala de entrada, Amanda instantaneamente focou na única coisa que sua mente não conseguia explicar por completo, andando hipnotizada em direção ao tubo. Não conseguia entender como um globo dourado flutuaria dentro de um cilindro desses nem de que material o mesmo era feito. Lina, Amanda, Sam e Stryker andaram pelo salão, alguns maravilhados pela estrutura, alguns seguindo as linhas de DNA no chão. Amanda se aproximou do tubo e deu voltas nele, identificando o círculo como uma pequena miniatura de Gliese. Se intrigou quando notou que, conforme andasse em volta do tubo, sua superfície parecia mudar de cor, imitando o efeito de iridescência da asa de uma borboleta ou de uma brilhante concha marinha por dentro. Mas o elemento em si era desconhecido para ela, e então Amanda criou a hipótese de que não deveria existir na Terra. Viu que Gliese era dividido em menos continentes que a Terra, com metade do planeta coberto por água e a outra metade

sendo dividida entre dois continentes maiores no norte e no sul, que davam a volta por quase todo o globo.

– Bem-vindos ao Palácio, Terra – disse uma voz masculina do meio do nada. Os quatro olharam em volta, não vendo ninguém.

– Me encontrarão na porta. – disse a voz.

Os quatro então se viraram de costas e viram uma figura miúda vestida em uma manta branca simples. De primeiro, Lina achou que era um anão, mas quando se aproximou viu que parecia ser apenas um homem idoso e frágil, assim como Savann. Ele segurava uma espécie de bengala preta e se movia lentamente, andando com calma até o centro da sala.

– Quem é você? – perguntou Lina.

– Tenho muito prazer em lhes dar as boas-vindas, terráqueos. Desculpem por me referir a vocês como tal – ele falou, com um tom doce. Apesar de sua idade, quando se expressava o velhinho parecia ser cheio de vivacidade. Diferentemente dos Andromedae e dos Plethoreans, esse homem parecia humano e falava com eles usando sua própria voz. – Esse é o Palácio. Devem estar se perguntando o que lhes trouxe até aqui.– Estamos pensando como é que voltaremos para casa, porque vocês estão nos ajudando e porque todos aqui conseguem falar nossa língua. – falou Amanda.

O homem sorriu para ela com carinho e continuou: – A Terra é estudada e assistida de perto desde o início. Falar sua língua é a mais fácil das tarefas. Verão que estamos lhes ajudando porque não é coincidência alguma o fato de estarem aqui conosco. – ele disse, dando voltas pelo salão.

– E sim, voltarão ao seu planeta. Mas antes, devem se preparar, pois só voltarão quando estiverem prontos, e agora precisam aprender. Me sigam, por favor? – ele pediu, andando em direção à primeira das cinco portas. Ele bateu com sua bengala no chão duas vezes e subitamente a porta se abriu.

– Entendam, o universo é muito mais vasto e elaborado do que vocês, terráqueos, imaginam que ele seja. – ele disse, entrando na sala enquanto todos lhe seguiam. – Mas todas as verdades e toda evolução deve vir lentamente.

Lina, Amanda, Stryker e Sam entraram na primeira sala, que também era redonda. Essa, no entanto, parecia estar vazia, a não ser pela linha de DNA que continuava para dentro da sala.

– Se junte a mim no centro, por favor? – ele falou, olhando para Amanda. Amanda imediatamente obedeceu, e ele bateu novamente com a bengala no chão, duas vezes. As luzes da sala começaram a diminuir de intensidade e o ambiente ficou mais escuro, o homem respirou fundo algumas vezes e então levantou sua bengala, fazendo movimentos com ela apontando para Amanda, parecendo cobri-la com uma espécie de campo invisível. Ele rodava em torno dela, como se a protegesse contra algo. Depois de alguns segundos, Amanda começou a notar que uma pequena luz emanava da ponta da bengala, e conforme ela seguia a luz com sua visão viu que o homem não a protegia de nada que fosse invisível. Quase imperceptível ao olho nu, a cada vez que ele levantava a bengala em um gesto longo e contínuo, uma corrente também iridescente de luz emanava ao seu redor. Amanda então começou a se sentir zozna e o ancião então parou de olhar para ela. Ela não podia entender se sua tontura era por ter focado na bengala ou se ele havia feito algo com ela. Mas logo a tontura se tornou um estado de paz e êxtase, uma sensação de plenitude que a deixou se sentindo em paz. Ela olhou para seu corpo e não acreditou no que estava vendo: da cabeça aos pés, seu corpo brilhava com uma luz roxa e índigo. Ela estendeu sua mão para ver o brilho e notou que ele percorria por todo seu corpo, como uma linha de proteção.

– Essa é a cor de sua aura – disse o velhinho, imediatamente olhando para Sam e sinalizando com sua cabeça para que ele se aproximasse. Sam andou para o centro e o velhinho levantou sua

bengala novamente. Lina andou até Amanda, olhando para ela embasbacada. Amanda olhou para seus braços e então para Lina, dizendo:

– Você tá vendo isso?

– Sim, sim, estou! – respondeu, enquanto Amanda brilhava em sua frente. Logo, a luz de Amanda não era a única na sala, com o velhinho finalizando de cobrir Sam, que começou a brilhar em uma luz branca. O ancião se virou até Stryker, que foi ao seu encontro e Lina se divertia assistindo Amanda e Sam se maravilharem com a luz que emanava de seus corpos. Depois de alguns segundos, o velhinho terminou com Stryker e foi para Lina. Enquanto Lina começava a ser cercada pelo campo de proteção, Stryker brilhava em um tom verde.

– Uma alma índigo, uma coral e uma esmeralda... são realmente especiais. – disse o homem.

Lina olhou para seu corpo e viu que ele começava a brilhar.

– Uma alma dourada... – disse o velhinho, olhando para Lina.

– Que time.

– O que isso significa? – perguntou Amanda, ainda fascinada olhando para o grupo.

– Uma alma coral é abrigada na vibração da paz. Uma alma de esmeralda é a classe mais sortuda do universo. – ele disse.

– A alma dourada é luz, e a índigo traz mudança.

– Eu... não entendi direito. – disse Lina.

O velhinho bateu com a bengala duas vezes no chão novamente e a luz de todos começou a se dissipar. A sala se acendeu e ele continuou a falar:

– Não foram embora, só voltaram para seus núcleos. Entendam, auras nunca devem ser vistas – disse se virando e andando para a porta. O grupo o seguiu enquanto as mesmas se abriam, saindo da sala. O velhinho se dirigiu para a segunda sala, que tinha um globo negro no centro, circulado por dez globinhos pretos menores.

– Se juntem a mim no centro, por favor... quero ver isto em uma alma índigo ou dourada. – disse o velhinho, olhando para Lina e Amanda. Como Lina havia sido a última, Amanda sinalizou para que ela fosse primeiro.

– O que eu faço? – perguntou Lina.

– Olhe à sua volta conforme os espelhos subirem. – ele respondeu. O homem bateu novamente no chão e dessa vez os pequenos globinhos pretos se abriram pelo centro, revelando terem grandes plataformas de vidro dentro saindo do chão, que funcionavam como espelhos. Os dez espelhos cobriram Lina a deixando sem saída, com o globo preto maior reluzindo em cada um. Lina se virou e sentiu seu coração pular quando viu o primeiro reflexo olhando de volta para ela. A cada espelho, ela possuía um reflexo diferente, e apenas o espelho à sua frente tinha sua forma normal. Com um pequeno giro, ela se viu virar um homem, uma pequena menina e um macaco. Ela então se virou de volta à sua imagem, aterrorizada. Alguma coisa naquela experiência havia sido profundamente traumatizante: não ver seu corpo sendo refletido de volta a você havia deixado Lina de cabelo em pé.

– O que é isso? – ela perguntou, com a voz tremendo.

– Não há porque temer. São todos você. – ele respondeu. – Nessa sala pode ver todos os seus Eus. Conforme andamos – começou o velhinho – você vê uma menininha, o espelho de sua vida passada. Com traços similares aos seus. No segundo, sua essência verdadeira, o macaco. Fascinante. E no terceiro, o lado guerreiro de seu espírito. É um homem forte, musculoso como um Plethorean. Se olhar para os outros, verá seus outros lados.

Lina respirou fundo e então se virou lentamente. Ela viu a pequena menina, e viu que realmente tinham olhos e traços muito parecidos. Conforme analisou seu reflexo, subitamente parou de ter medo. Identificar a familiaridade no que estava vendo era a chave para se acalmar. Lina identificou que aquela menina era a pequena

voz que sempre estava no fundo de sua mente, agindo como sua intuição. Associou sua inocência e ambição como suas características mais pertinentes. Quando cruzou olhos com o guerreiro, ela sentiu a força que teve de criar toda vez que teve que superar um obstáculo ou dificuldade em sua vida. Ela viu o reflexo do macaco e se virou para o quarto espelho, vendo um coelho.

– Fascinante! – disse o mestre ancião. – Seu espírito animal é o coelho e o macaco. É muito raro encontrar dois animais em um ser racional ao mesmo tempo. Significa que você é perseverante.

Lina então se virou para os espelhos restantes, mas se desapontou quando encontrou a si mesma em todos eles.

– O que houve de errado? Não tem mais? – perguntou Lina, curiosa.

– Você é muito nova. Seus outros lados só serão revelados conforme você envelhecer. – O velhinho bateu com a bengala no chão e os espelhos se voltaram para dentro das bolas negras, entrando de volta ao chão e liberando Lina do centro.

– O que eles significam, porém? – perguntou Lina.

– Cada aspecto de sua personalidade e quem você é são determinados por quem preenche seus Eus. – ele respondeu. – Ainda vai levar muito tempo para a Terra dominar os segredos por trás da consciência viva. Mas o primeiro passo começa com vocês.

G

Entraram então na terceira sala, que estava vazia e também era redonda. Quando se juntaram no centro, o homem falou:

– Aliás, me chamo Synthious. Cuidado onde pisam – batendo com a bengala novamente no chão. Imediatamente, os quatro sentiram seus corpos levitarem do chão.

– Essa é uma sala gravitacionalmente alterada. – anunciou o velhinho, com os quatro olhando para os lados assistindo aos seus

corpos flutuarem no espaço do salão, inclinados na horizontal sem o menor esforço. – Ela é feita para representar dimensões superiores.

– Outras dimensões? Então elas existem? – perguntou Amanda, curiosa, imediatamente se lembrando de suas visões no coma.

– Existem nove. – informou Synthious, flutuando ao lado deles. – E a razão principal pela qual vocês estão aqui é que a Terra lentamente está avançando da terceira para a quarta. – Lina se virou de costas, girando no ar. – Mas esse não é o objetivo desse quarto. – ele começou a cantar uma nota, estendendo o tom final e o vibrato de sua voz, mostrando algo que ninguém havia visto antes. – Doooooooo-ooo – e a vibração saindo da nota magicamente formou um círculo transparente em sua boca, que aumentava de tamanho conforme ele estendia a nota. Conforme ele falou – O – a vibração aumentou para todos os lados como se tivesse ganhado vida, e quando ele parou de cantar, uma forma fluorescente de uma corneta saiu de sua boca.

Todos estavam incertos do que estavam vendo, então Synthious continuou:

– La-aaaaaaaa – e uma faísca brilhante apareceu em sua boca, desta vez subindo e descendo como se formando uma onda. De alguma maneira, parecia haver uma relação entre o som emitido e o formato que as notas tomavam em estado físico. – Si-iiiiiiiiiii – e o tom agudo novamente vibrou em uma linha brilhante, que desta vez formava um círculo. – Esse é o brilhante mundo do som visível. Em dimensões superiores, melodias têm cores e músicas viram desenhos visuais de energia e harmonia.

Conforme flutuavam pela sala, cada um começou a cantar sua própria harmonia e melodia para brincar com a energia visível que saía de qualquer vibração musical. Brincaram com as formas, tamanhos e intensidades variadas de qualquer canto. Os quatro pareciam crianças em um parque. Synthious sorria com orgulho e olhos fechados. Depois de alguns momentos, Synthious alternou o

sensor de gravidade para o normal e eles saíram, entrando na quarta sala, que era uma réplica exata das três anteriores. Synthious os levou para o centro e bateu com a bengala no chão, e de uma pequena fenda no chão apareceu uma agulha cinza de ponta brilhante, como o fuso de uma roca. Conforme as luzes se apagaram, a ponta brilhante aumentou de tamanho em uma fração de segundo e um holograma reluzente cobriu a sala inteira. Aonde quer que olhassem, estava uma representação verde neon do universo. Nunca viram tecnologia tão completa e elaborada, estavam diante de uma simulação visual com bilhões de estrelas, galáxias e constelações brilhando ao redor do grupo.

– Telescópio, Touro, Pégaso, Draco, Eridanus, Ursa Maior, Cancer, Aquário e a Via Láctea – enumerou Synthious. – Ou pelo menos são esses os nomes que vocês usam para definí-las. Aqui estão. – Conforme ele dizia os nomes, cada galáxia acendia uma luz, revelando sua localização. O que conheciam como o céu visto da Terra era apenas uma formiga no meio de tantas galáxias e destinos cósmicos.

– E nós? Estamos aonde? – perguntou Lina. Gliese 581g e a Terra são muito perto por essa perspectiva, não?

– Estão aqui, dentro da Via Láctea. – mostrou Synthious. – De uma perspectiva universal, são vizinhos de porta. – assistindo aos hologramas girarem em torno deles. Andou em direção a Via Láctea e tocou na constelação, fazendo com que ela se expandisse, mostrando Gliese 581g. Viram o planeta em que se localizavam e sua terra bifurcada. Synthious apontou para o topo de Gliese e explicou: – É nesse hemisfério que estamos. A Porta Estelar se abrirá aqui, no limite do oceano. – ele apontou para um local perto de onde estavam. – Como podem ver, ainda há uma infinidade de nosso planeta para explorarem.

G

Pararam na porta da quarta sala e, antes de exercer qualquer ação, Synthious avisou:

– Antes de entrarmos, devem saber que aqui sairão do Palácio e se dirigirão ao Centro. É hora de entenderem por completo a razão de estarem aqui. Apesar de tudo que ouvirão, mantenham em seus corações que é o destino de vocês estarem aqui. Visto que a tempestade que se aproxima será difícil, é aconselhável que vocês canalizem toda a energia possível para perseverarem.

– Tempestade? – perguntou Amanda pelos quatro.

– O que estão sendo ensinados aqui são chaves essenciais para o sucesso de vocês em retornar a Terra. – disse Synthious. – Mas seu planeta está no início de uma guerra. Será um local perigoso, e é essencial que restaurem o planeta para como era antes. Pode intimidar agora, mas logo entenderão. – sorriu com ternura. Bateu a bengala no chão uma última vez e a porta se abriu, revelando uma sala com um tanque de água no final. Diferentemente das outras salas, essa era aberta e toda feita de uma redoma de vidro, que tinha uma vista para as nuvens atrás do Palácio e o céu aberto no topo das montanhas.

– Uau – disse Amanda quando entraram.

– Se entrarem no tanque de água, chegarão no Centro. – falou Synthious.

– Entrar no tanque? Como assim? Não tem saída – perguntou Amanda.

– Sim, tem. Por debaixo. Nadarão por uma passagem que se conecta com a cidade.

– Mas não vamos conseguir segurar a respiração por muito tempo! – falou Lina.

– Esse é o segredo da sala. – disse Synthious. – Entrem no tanque e verão.

Desconfiados, os quatro andaram para o tanque. Não parecia haver entradas ou passagens, mas talvez a mesma ficasse visível

depois que estivessem submersos. Stryker chegou perto do tanque primeiro, seguido por Amanda e Lina. Sam assistia aos três entrando na água sem hesitarem, e Amanda foi a primeira a mergulhar totalmente. Depois de alguns segundos, Stryker fez o mesmo, mas logo levantou de novo, perguntando:

– Não entendi. Qual a diferença?

– Eu acredito que ela já tenha identificado. – respondeu Synthious, e Stryker e Lina olharam para Amanda, que estava debaixo d’água e nadando cada vez mais fundo. Lina viu que não dava pé no tanque, então olhou para baixo e não conseguiu ver nenhum fundo. Amanda nadou ainda para mais fundo e começou a desaparecer de visão:

– Quão fundo é? – perguntou Lina.

– Vai até embaixo do lado oposto da montanha. Mais de dois quilômetros.

– Como que ela tá respirando debaixo d’água por tanto tempo? – perguntou Stryker, olhando para a silhueta de Amanda cada vez mais embaçada.

– As águas são ricas em moléculas perfluoroquímicas. – respondeu Synthious. – Ela afunda e respira um líquido rico em oxigênio. Muitos dos oceanos e rios de nosso planeta são repletos disso. É por isso que nossa vida marinha é tão vasta.

Quando ouviu Synthious revelar isso, Lina imediatamente mergulhou e começou a nadar, abrindo seus olhos debaixo d’água para ver um túnel vasto e comprido, que parecia continuar para sempre. De primeira, apenas mergulhar e nadar para baixo sem nada lhe ajudando parecia sufocante, e ela sentiu uma aterrorizante sensação quando a água subiu pelo seu nariz e garganta, em seguida preenchendo seus pulmões. Porém, ela não tossiu ou se afogou, se arriscando na água repleta de oxigênio – para sua surpresa, Lina começou a exalar, vendo as bolhas saindo de seu nariz. Viu um corpo cortar a água ao seu lado e Sam

apareceu no tanque também, com Stryker flutuando acima dela, porém tossindo incontrolavelmente e tendo uma reação adversa à de Lina. Suas pernas balançavam e Lina imaginou que ele devia estar com dificuldades em inalar o fluido sem engasgar. Amanda voltou para a superfície e olhou para Synthious, surpresa com a aparente invenção.

– Devem nadar pelo túnel até chegarem no Centro. Serão guiados até lá para conhecerem o Gabinete Galáctico.

Amanda olhou para Lina, Stryker e Sam e perguntou:

– Respiraram? Eu não consigo acreditar

– Respiramos. É surpreendentemente suave no pulmão. – respondeu Lina.

– Quando vamos lhe ver de novo? – indagou Stryker para Synthious. Synthious olhou para eles por um momento em silêncio e balançou sua cabeça, apenas concordando. Os quatro flutuaram por algum tempo e então mergulharam túnel abaixo. Lina começou a nadar para baixo do túnel em braçadas de peito com Amanda ao seu lado, e Stryker e Sam estavam logo atrás. Ela sentiu um senso de confusão por estar nadando tão fundo e não tendo que se preocupar com oxigênio.

Levou a todos um certo tempo para conseguirem sincronizar seus nados com a respiração enquanto desciam pelo túnel de vidro. Tudo que podiam ver eram correntes azuis infinitas. Então se guiaram olhando para baixo, onde podiam ver o vidro refletindo todo o vale montanhoso de fora do tanque. Parecia que estavam nadando em um céu líquido, olhando para o mundo abaixo conforme cruzavam o túnel.

Em cinco ou seis minutos, as águas azuis na frente deles se expandiram para os lados, dando início ao que parecia ser uma piscina. Depois de nadarem por mais um minuto e entrarem na área mais larga, viram a superfície. Nadaram até ela e respiraram o oxigênio com a boca, exalando o líquido pelo nariz. Olharam para

os lados e se encontraram numa espécie de lago localizado no centro de um oásis, com o longo túnel de vidro subindo toda a montanha do palácio, terminando onde as nuvens começavam. Quando se viraram, perderam o fôlego com a visão na frente deles. A alguns quilômetros de onde estavam existia o que parecia um labirinto de pedras, com diferentes construções tão pontiagudas quanto o vale, mas em formatos e aspectos diferentes. O que primeiro pareceu uma área montanhosa ainda mais detalhada era na verdade uma megalópole, com as construções desenhadas em inúmeros formatos, mais geometricamente ambiciosos que os prédios da Terra. Uma cidade alienígena existia em toda sua glória no centro de um deserto, com cada prédio circulado por dezenas de retângulos voadores, quase invisíveis ao olho nu, mas que se destacavam pelo movimento quase que sincronizado que reluzia contra as luzes do sol da tarde.

– Vocês acreditam no que estão vendo? – perguntou Stryker, percebendo os outros três tão embasbacados quanto ele, boiando no lago e olhando para o horizonte à frente.

– Um organismo vivo na nossa frente. – disse Sam.

– Eu estava certa. – disse Amanda. – É tudo muito maior e mais evoluído do que imaginamos.

Quebra-Cabeça Utópico

Um por um, saíram do lago e andaram para o início do deserto, tentando enxergar melhor a cidade no horizonte. A atmosfera na tarde de Gliese 581g era quente e seca, então suas roupas molhadas não pareceram ser problema.

Amanda, a primeira a chegar no início do deserto olhou para cima e viu algo que os outros não tinham avistado antes.

– Tem alguma coisa vindo na nossa direção – ela disse, encarando os céus. Apontou para o sudeste, mas ninguém parecia ter visto nada.

– Não estou vendo – falou Stryker, torcendo sua camisa molhada.

– Tem algo vindo, mesmo – concordou Lina, chegando até Amanda. – Agora tô vendo.

– E está vindo para cá – avisou Amanda. Sam e Stryker se juntaram a elas e todos viram a nave que se aproximava. Depois de alguns segundos o objeto ficou maior, parecendo voar sem hélice ou propulsores aparentes, e não era possível ver quem a pilotava. Os quatro se impressionaram quando subitamente a espaçonave se separou em quatro pequenos compartimentos, se dividindo. Os compartimentos começaram a descer bem na frente deles até estacionarem. Cada um tinha uma porta de vidro que se abriu para mostrar um assento branco. Não havia mais nada dentro, e quando os quatro se entreolharam confusos, de cada *pod* uma etérea voz feminina chamava seus nomes um por um.

– Acham que isso nos levará até o Centro? – perguntou Amanda.

– Acho que sim. – respondeu Lina, ouvindo o *pod* chamar seu nome.

– Vamos ver, então. – disse Stryker, e os quatro começaram a entrar nos *pods*, sentando nas respectivas cadeiras. As portas de vidro se fecharam com eles dentro e os quatro compartimentos então flutuaram pelo ar novamente, guiados por alguma energia não identificável.

Os *pods* se viraram e começaram a acelerar cruzando o deserto abaixo. Estavam indo diretamente para a cidade e voavam pelo ar em velocidade altíssima com Lina, Amanda, Stryker e Sam sentados, confiando no desconhecido. Conforme a cidade se aproximava, eles puderam ver que os *pods* pareciam seguir em direção à torre mais alta no centro da cidade. Abaixo deles, quilômetros de areia laranja pintavam o horizonte ao lado, com a única visão deles sendo a crescente megalópole. O prédio mais alto também era o primeiro, e no topo parecia existir uma redoma oval feita de vidro acoplada ao resto da estrutura. Quando os *pods* se aproximaram da torre, puderam ver um rosto familiar esperando onde eles iam pousar.

– É Uyara! – disse Amanda, sozinha em seu *pod*. Uyara sentava ao lado de um Cerberus sozinha no topo do prédio aguardando sua chegada. Eles diminuíram de velocidade e lentamente pousaram, abrindo as portas enquanto desciam. O grupo saiu para cumprimentar Uyara, vendo que ela estava em frente a uma grande porta preta.

– Nos vemos de novo, meus queridos – disse a voz de Uyara na mente deles, seu tom suave e relaxante ecoando pela mente de todos. Ela olhou para eles com ternura.

– Uyara! Este é o Centro? – disseram Amanda e Lina, sorrindo.

– Sim. Vão passar por essas portas e conhecer o Gabinete Galáctico. O Gabinete é uma federação de civilizações de diferentes planetas e galáxias trabalhando juntos para a existência harmônica de toda vida no universo. Como um corpo governamental de alto nível, o Gabinete é responsável por estabelecer as precedências,

protocolos e condições de comportamento dentro de exploração planetária, primeiro contato, novos membros e relações de troca dentro dos planetas membros. Por causa de vocês, a Terra agora pode vir a se juntar ao Gabinete. – ela se virou e aproximou-se das portas pretas metálicas. Seu Cerberus girou em círculos e deitou-se ao lado da entrada.

Uyara tocou na porta e a mesma começou a se abrir. Entraram em uma área similar a um tribunal, com arquibancadas centrais onde sentavam cinco seres em ordem. Entraram e se surpreenderam de imediato com o telhado, que não existia. Onde deveria estar a tarde de Gliese 581g brilhava um enorme céu noturno, tão real que parecia que as portas foram fechadas. Havia assentos de porcelana virados para as arquibancadas em cada lado, e a luz da sala vinha toda e exclusivamente das estrelas brilhantes acima deles.

– Nossas mais sinceras boas-vindas – saudou uma figura careca sentando no centro da arquibancada. Sua pele era uma mistura de verde e cinza e seu rosto tinha feições humanas, porém com uma testa gigantesca. Seus olhos eram grandes e volumosos, similares aos de um Andromedae, e ele só usava uma espécie de vestido longo vermelho. – Vocês estão seguros e fora de qualquer perigo; esperamos por este dia por um bom tempo. Sou o Presidente Bartheus do Gabinete Galáctico.

– Temos a maior das expectativas para a Terra – disse uma voz rouca do homem sentado ao seu lado. Ele usava o mesmo vestido, porém prateado, e sua pele era branca e pálida, como um Plethorean. – O primeiro contato sempre foi planejado para ocorrer entre nossos planetas, porém não tão rápido.

– E é a maior razão pela qual vocês quatro vieram parar aqui, na nossa frente, nesse tempo. – completou o Presidente. – Se desejam perseverar juntos nessa transição, devemos começar.

– Existe algo que queiram acrescentar? – perguntou uma voz feminina, que sentava ao lado do Presidente. Ela parecia com ele, com uma grande testa e nenhum cabelo, mas seus traços eram suaves. Os quatro não responderam de imediato, e Amanda então entendeu que era sua chance de falar.

– Por que estão nos ajudando? Não viemos aqui para isso. – ela disse, ouvindo sua voz ecoar no centro do Gabinete. Os cinco seres focaram seus olhares nela, ouvindo-a em silêncio. Amanda se sentiu nervosa, esperando não ter ofendido ninguém.

– Ah, mas vieram – respondeu o Presidente. – Vocês só não sabiam disso. Existem muitas forças das quais não são possíveis de compreender, habitando a terceira dimensão. Mas sempre foram destinados a estarem aqui, não por acidente, mas porque sempre houve algo que os puxava para isso, e essas forças são incompreensíveis até então. Saiba que não existem coincidências, Amanda. Os quatro de vocês nasceram com esse evento escrito em seus destinos, e, como todos, apenas chegou junto de seu devido tempo. Mas essa experiência e conquista são de vocês, e sempre foram.

– Mas... – disse Amanda, tentando juntar as melhores perguntas em sua mente enquanto ouvia todas as vozes em sua cabeça correndo com revelações e questões. Antes de falar, Lina cortou o silêncio. – Mas o que vocês querem dizer com essa tal transição?

– Assim como todo planeta no universo, agora é a hora da Terra e toda a vida nela transitar para uma nova dimensão. É a hora da ascensão. A Terra agora pode vir a se juntar a um número limitado de planetas a vibrar em um nível avançado. Planetas da ascensão não guerreiam ou iniciam caos, não no senso que vocês estão acostumados.

– Bom, eu acho que ainda não está na hora. – respondeu Amanda. – A Terra tá longe de chegar a isso, posso te garantir.

– Mas é aí que vocês entram. – disse o Presidente. Lina, Amanda, Stryker e Sam trocaram olhares confusos entre eles e então de volta ao Presidente. Ele continuou: – Vão sair desse planeta com um presente. Diferentemente da Terra, já passamos pela ascensão, e estamos de olho em planetas inferiores há séculos.

– Mas... vocês claramente são mais evoluídos que nós, e nós não suspeitávamos que esse planeta pudesse ser tão vívido. Por que esperar nossa vinda, então? Por que não vieram a nós?

– Pois essa é a parte mais crucial – respondeu Bartheus. – Precisavam ver nosso planeta e experienciá-lo com suas mentes. Para começar a compreender o conceito de um outro mundo vivo é essencial que vocês, os aliens para nós, venham até aqui, e nas suas condições – continuou. – Precisavam querer vir, precisavam criar a expectativa e buscar por nós, uma força que vinha da própria esperança que vocês tinham, e só vocês.

– Isso permite que suas mentes compreendam o conceito corretamente. Se aparecêssemos no seu habitat, na sua casa, nosso objetivo nunca seria compreendido por inteiro. Seríamos vistos como intrusos, incompreendidos pela massa agressiva de mentes apavoradas. – completou o homem que estava ao lado do Presidente.

– Logo, teremos vocês quatro viajando de volta pela Porta Estelar e dando início à possível Nova Era da Terra. – disse a mulher.

– Entendemos que existem complicações. – emendou o Presidente. – Sabemos o estado da Terra hoje. O presente que receberão lhes dará a capacidade de começar a alterar isso, um por um. Há muitos segredos para vocês ainda aprenderem e compreenderem antes de virarem quem devem ser.

– Por que você falou no começo que o primeiro contato não estava planejado para acontecer tão rápido? O que aconteceu para

acelerar os planos? – perguntou Amanda.

– Devemos admitir que havia uma certa... subestimação da nossa parte nas origens da Terra. São, realmente, capazes de conquistas espetaculares, na escala galáctica são um dos primeiros planetas a descobrir vida extraterrestre, em sua lua Europa, correto? E isso com apenas séculos de tecnologia.

– Quantos planetas com tecnologia existem? Quantos planetas vivos, que nem aqui e a Terra? – perguntou Lina.

– O número de planetas vivos no universo é perto do número de planetas de nossa galáxia, a Via Láctea. Cerca de dez trilhões. – respondeu o Presidente. – Todos localizados propositalmente longe um do outro, para que a vida evolua e os vizinhos se encontrem.

– Toda vez que o laço interplanetário é quebrado... isso é, quando um planeta singular compreende seu lugar no universo e entende que não são únicos, esse é o ponto de quebra para que a ascensão seja feita. Todos os planetas, por todo o universo, começaram como vocês, terráqueos, olhando para o céu em grupos sociais que logo evoluíram para sociedades. – continuou o Presidente.

– Agora que seu mundo lida com as consequências da verdade, suas reações sempre variam, guerra vira lugar comum. Não são os primeiros nem o último planeta a descobrirem isso, já que em todos os cantos do universo, por mais longínquo o planeta, existe vida nascendo, se descobrindo e compreendendo. – disse a mulher.

– Vocês... falaram de um presente. – disse Lina. – Que presente é esse?

– Antes de atravessarem a Porta Estelar, vocês o receberão. São a chave para levantar a vibração da Terra, para o futuro iluminado que vocês podem dar início. Porém somente um de vocês evoluirá por completo. Acreditam serem capazes dessa tarefa?

Amanda, Lina, Stryker e Sam estavam visivelmente animados com o anúncio do Presidente, sabendo que ganhariam algo que

pudesse lhes trazer mais sabedoria.

– Eu tenho que falar uma coisa. – disse Amanda. – Por favor entenda a quantidade de informação que recebemos nos últimos dias... tente ver pelo nosso ponto de vista.

Ela começou, andando para frente.

– Nunca achei que estaria em mundo como esse, tão longe de casa, me comunicando com seres superiores e mais inteligentes que a minha raça. Desde que nos demos por nós, tudo que conhecemos fomos a nós mesmos. – ela falou. – Porém, de todas as pessoas que falharam, nós não sucumbimos. Estamos aqui e isso...

Levantando sua mão e apontando para a voz que saía de sua boca. – essa comunicação, essa resposta que sai de mim, está acontecendo. Está aqui. Estamos em choque, mas mais do que felizes por estarmos assim.

O Presidente esboçou um leve sorriso e falou:

– Então assim será. Uyara, leve-os para Anyara, para a Porta Estelar.

As portas do Gabinete se abriram novamente com um estrondo e Uyara pediu para que se retirassem. Deram as costas e andaram para a saída, e quando chegaram do lado de fora viram que o sol começava a se pôr, preenchendo o céu com um tom mais escuro de laranja, e seus quatro Cerberus, que haviam deixado todos no Palácio, haviam retornado. Eles cumprimentaram os tigres, que os reconheceram, e a voz de Uyara ecoou em suas mentes:

– Passaremos pelo coração de Anyara, finalmente. – ela anunciou, montando em seu tigre alado. Os quatro repetiram os movimentos de Uyara e logo tomaram vôo, com cada felino pulando da torre. Eles batiam suas asas e voavam por entre as torres e arranha-céus de Gliese.

– O que é essa cidade, Uyara? – perguntou Amanda de seu Cerberus enquanto saíam de perto da torre central e começavam a

cruzar a cidade.

– Em sua língua, seria a cidade de Titanizze. – respondeu Uyara, e o seu Cerberus voou perto de uma sequência de *Pods* voadores. Quando se aproximaram, Amanda pôde ver dentro de cada *pod*, tentando encontrar um pedaço da rotina de Gliese 581g. As torres e prédios altos ao redor deles poderiam passar por uma cidade do Oriente Médio da Terra, se não fosse por seus designs ainda mais ambiciosos, com desenhos de estruturas que desafiavam a gravidade. Cada prédio tinha suas janelas e estruturas metálicas refletindo contra o pôr-do-sol, dando à cidade inteira um senso de elegância antiga. Eles voaram por entre a megalópole, cruzando linhas de *Pods* que voavam acima e abaixo deles. Olhando para cada ser vivo dentro de cada um de seus compartimentos, Amanda notou que muitos pareciam ter a mesma raça do Presidente.

– Quem vive nesta cidade? – perguntou Lina, olhando em volta, como se lendo a mente de Amanda.

– Na maioria, Vargans. Como o Presidente – respondeu Uyara. – Mais da metade dos seres vivos racionais de nosso planeta são Vargans. São uma sociedade poderosa que coexiste em harmonia há séculos com todas as outras raças.

– Mas o que diferencia os Vargans de nós, humanos? Existe um governo, com política e lei? – gritou Lina, curiosa.

Uyara continuava a voar na frente, sem responder por alguns segundos. Lina viu seu Cerberus bater suas asas e continuaram a cruzar a cidade de Titanizze. Uyara então olhou para Lina e sorriu para ela.

– Vargans não precisam mais serem controlados por um governo. Essa é a maneira que vivem há séculos. Virtudes e crenças são compartilhados e seguidos, mas para compreender por inteiro nosso mundo, precisam receber o nosso presente. – respondeu Uyara. A travessia continuou até chegarem ao fim da cidade e começarem a voar acima de uma floresta. Voaram pelo que

pareceu cerca de dez minutos até o sol começar a virar a clara, púrpura noite de Gliese, e os Cerberus começaram a descer em um campo aberto no centro da floresta. No centro da clareira, estava um homem pequeno e idoso.

– Synthious! – gritou Amanda, surpresa em encontrar o guia do Palácio novamente.

– Estou feliz por encontrá-los tão pouco tempo depois de termos nos separado. – ele respondeu, sorrindo. – Temos que atravessar Anyara rumo à Porta Estelar.

A Porta Estelar

Após cruzarem Anyara por quase uma hora, eles começaram a subir um caminho íngreme e cheio de pedras dentro da selva. Subiram pela trilha até verem que a mesma dava em uma montanha com um templo no centro, parecido com o que viram quando a nave pousara na praia deserta. Esse, porém, era ainda mais rústico e majestoso: com a mesma estrutura lembrando construções gregas, possuía uma dúzia de pilares longos bem na frente da entrada. Lina notou que a montanha em que subiram era a primeira atrás de um vale rochoso.

– Logo será hora de retornarem a Terra – anunciou Synthious.

– O que? Nem falamos sobre o que estamos voltando – disse Amanda, olhando para o grupo em busca de quem comprasse seu protesto. Lina, que andava alguns metros na frente, andou para trás quando ouviu Amanda.

– Eu concordo. – ela falou, chegando ao grupo. – O que vamos fazer? O Oswald vai querer nossa cabeça.

– Voltamos pro *Loft* e nos escondemos? – perguntou Stryker.

– Ele vai querer vingança pelo que fizemos. Tiramos dele seu bebê. – lembrou Sam.

– Eu sei de tudo isso. – falou Amanda. – Mas Synthious falou que durante toda nossa vida fomos guiados e assistidos por forças maiores que nós, e aparentemente nunca vamos entendê-las. Não tem nada que você tenha para nos dizer?

– Sua jornada vai ser ajudada pelo presente que receberão. – afirmou Synthious, andando lentamente. – O resto devem descobrir sozinhos

– Isso é fácil de falar – disse Amanda. – Não vejo ninguém mais que tenha a tarefa de terminar uma guerra mundial enquanto um

exército sanguinário nos persegue.

– Paciência. – pediu Synthious. Amanda suspirou e continuou a debater:

– Eu acho que devíamos achá-lo. – ela falou, com um tom firme em sua voz. – Eu mesma o mato.

– Ele é seu pai, Amanda. – disse Lina. – Acho que dado o momento, você não conseguiria.

– Não, conseguiria sim. Eu também garantiria antes que a arma não fosse travar. – retrucou Amanda, assim que Lina acabara de falar. – Ele precisa morrer. É o único jeito de termos certeza de que não haverá mais surpresas. Com ele, sempre tem um plano. Eu falei para vocês. Ele teve tempo, nós não. Virá atrás de nós e devíamos lhe dar exatamente o que ele está procurando.

– Mas ele vai tentar nos matar, Amanda.

– Não se o matarmos primeiro.

– É sério isso? Como conseguiríamos derrotá-lo? Não só nós quatro, seria impossível! – respondeu Stryker, sua voz começando a tremer.

– Não se preocupem com isso. Há uma tarefa muito maior nas mãos de vocês. – disse Synthious. Amanda não compreendia porque Synthious não entendia a gravidade da situação com Oswald, e imaginava que fosse por não saber de quem se tratasse.

– Imagino que seja impossível tentar convencer algum de vocês sobre como estamos em perigo quando voltarmos. – falou Amanda.

Synthious pareceu não compreender, e em seguida estendeu seu braço para mostrar que haviam chegado no seu destino.

– Bem-vindos ao templo de Eternae. – O templo era acessado por uma escadaria central que Synthious imediatamente começou a subir. O grupo o seguiu e quando entraram, viram que não havia telhado e o lado de dentro do templo parecia estar em ruínas, com raios de sol entrando por cada abertura e rachadura das paredes cobertas de vinhas. Olhando para o céu, podiam ver Gliese D

brilhando no azul da tarde, parecendo ainda mais perto do que estavam acostumados.

– Assim que o sol se pôr, a Porta Estelar se abrirá dentro deste exato espaço. – informou Synthious, andando pelo templo antigo. – Este lugar parece já ter passado pelos seus tempos de glória, mas, como a maioria das coisas que encontrarão na vida, sua aparência é oposta à sua eficiência. Estão pisando em um lugar sagrado. Dentro deste templo, há três milênios atrás, estava o homem que proclamou a liberdade do nosso planeta na guerra travada com ideais e objetivos parecidos com os que a Terra luta hoje. Esse período foi conhecido como a Guerra das Chuvas.

– Então é por isso que vocês coexistem com tanto sucesso em uma sociedade tão avançada. Uyara falou que não há dinheiro, governo, ou leis! Sua sociedade é três mil anos mais avançada que a da Terra em termos de desenvolvimento!

– Não é inteiramente correto, pois tudo evolui em ritmos diferentes, sua tecnologia hoje é infinitamente superior ao que tínhamos três milênios atrás. – respondeu Synthious. – Seu povo evolui rápido, mais rápido do que qualquer um do Centro poderia ter previsto. Temos controle de terremotos e tsunamis e muitos de nós já visitaram a Terra de passagem, mas nossas naves de anti-matéria podem nos tornar invisíveis. Nosso planeta só fala uma língua hoje, o Melliaro, enquanto na Terra ainda fala-se centenas. Existe um laço maior com os corpos físicos na Terra, porém, que é o que nos traz aqui hoje. Seu povo precisa ser libertado do medo, como nós fomos. Mas nem todos podem passar pela experiência que tiveram, e nem todos aguentam tais revelações, uma jornada como essa foi escolhida apenas para vocês quatro.

– E como vamos provar nossa história para o nosso mundo? – perguntou Amanda. – Não há como!

Synthious se virou e viram que atrás dele existia um tubo que não puderam ver quando entraram, brilhando na mesma luz do

cilindro do Palácio. Esta luz cobria todo o templo como se fosse uma bolha protetora e onde o telhado não estava, brilhava uma camada da substância mágica, protegendo as ruínas como uma capa piscante. Dependendo da posição em que estavam, a capa parecia invisível.

– Devem tocar o cilindro com uma de suas mãos – ensinou Synthious. – O presente será transferido então.

Amanda focou no brilho que saía do tubo e andou para a frente.

– Tudo que eu tenho que fazer é tocar?

– Sim, coloque a palma de sua mão dentro. – Amanda levantou seu braço e tocou no brilho, penetrando na superfície e sentindo sua textura gelatinosa entre seus dedos. Sentiu percorrer seu braço e cobrir sua palma e dedos por completo.

– Isso, agora tire – pediu Synthious. Amanda retirou sua mão do cilindro e olhou para ela, coberta do líquido iridescente. Lina andou em direção a Amanda e repetiu o processo, com Sam e Stryker esperando cada um por sua vez.

– Essa é a substância mais importante e valiosa em todo nosso planeta – informou Synthious. – De agora em diante, pelo toque, podem se comunicar profundamente com seres vivos do universo. Podem projetar imagens em suas mentes, e serão para sempre abençoados como seres que iniciaram a evolução.

Lina e Amanda olhavam para suas mãos.

– Devem pensar em algo que querem contar umas às outras. – disse Synthious para Lina e Amanda. Lina olhou para Amanda e imediatamente pensou nas imagens que havia guardado de seu sonho. Se pudesse transferir essas memórias para Amanda, saberia que as duas tinham compartilhado da mesma visão. Ela focou nos pensamentos e levantou o braço direito para tocar o ombro da amiga. Assim que sua pele encostou na de Amanda, ela sentiu um choque elétrico voar por seu corpo e Amanda arregalou os olhos.

Lina olhou para ela sentindo um calafrio no peito e as imagens em sua mente se alternavam.

– Você realmente viu. – disse Amanda, pasma. Ela olhou para sua própria mão e pensou no dia em que decidiu fugir de Oswald, arrancando os fios que ele havia colocado em seu corpo e caindo com a cadeira no laboratório. Ela concentrou nas memórias e tocou Lina no centro do peito, mirando no coração.

Desta vez, Lina foi bombardeada de imagens da infância de Amanda. Ela viu Amanda fugindo do laboratório e os helicópteros saindo de dentro da floresta, reconhecendo onde a Firma hoje estava. As imagens de Amanda passaram por sua mente como segredos nunca antes revelados, ou memórias de um sonho que subitamente haviam voltado à tona.

– Obrigada. – Lina agradeceu a Amanda, e as duas sorriram uma para a outra.

– Isso é incrível. – disse Stryker ao fundo, e as meninas voltaram do estado de quase transe para ver que os dois amigos também compartilhavam da mesma experiência.

– Um por um, irão trazer luz. – afirmou Synthious. Ouviram um barulho mecânico na distância e, olhando para cima, viram que a espaçonave estava flutuando acima do templo. A nave começou a descer e cortou pelo escuro fluorescente em silêncio, parando no centro do templo.

– Como... como consertaram? – perguntou Amanda, surpresa.

– Estava quebrado! Não tínhamos como fazer o segundo *warp*! – disse Sam.

– Já lhes foi dito inúmeras vezes que isso está planejado há muito tempo. Consertar sua nave era o mínimo que podíamos fazer para assegurar seu retorno. – O grupo começou a andar em direção à nave, vendo o triângulo invertido lentamente se abrir.

– E onde vamos conseguir a energia para pilotá-lo? Não há nada sobrando! – disse Lina.

– A Porta Estelar vai fazer a travessia. A sua energia é a mesma que todos de nós usamos para viajar mais rápido que a velocidade da luz. Como falamos, levar vocês de volta nunca foi um problema. O problema está na hipótese de sucesso, ou não, quando pousarem.

– E, onde está então? A Porta Estelar? – perguntou Lina, olhando para todos os cantos.

– Logo acima de nós, em um campo magnético expandido por dois hectares. Em alguns séculos seu planeta e sua tecnologia também descobrirão sobre a passagem existente em toda zona de aurora. Assim que o frio chegar e o dia virar noite, o céu acima de nós vira uma passagem para o universo. Voltarão a Terra pela aurora boreal sem problemas. Sua jornada de volta é o que podemos lhes oferecer, mas assim que chegarem, devem estar alertas e conscientes. O destino de sua raça está com vocês.

– Mas e aqui? Viemos a esse planeta e tudo que ganhamos foi um pequeno tour. Não queria voltar, ou queria ao menos saber que poderei voltar para cá de novo! – pediu Amanda. Lina entrou na nave, seguida por Sam e Stryker.

– Guarde essa vontade com você. – respondeu Synthious. – Pode acabar lhe trazendo de volta mais cedo que imagina. Ainda tem uma longa vida à sua frente.

– Como posso ter certeza? – perguntou Amanda.

– Muita gente quer acabar conosco. – Synthious sorriu e suspirou, dizendo: – Vocês, terráqueos, sempre querem poder contar com a certeza. Não se preocupem... tudo se revelará sozinho.

– Obrigada, Synthious. – agradeceu Amanda, vendo que o grupo já tinha entrado. Synthious fechou seus olhos e sinalizou com a cabeça para todos. Amanda se virou, e Synthious falou:

– Quem pilotar a nave deve colocar o motor para decolar daqui a exatamente uma hora. O curso já está programado para a Terra e

para a zona auroral respectiva, alinhada com essa abertura. Devem subir por exatamente sete mil metros.

Sam ouviu as instruções com cuidado, parando para prestar atenção no mestre ancião. Amanda passou por ele na entrada da nave e seguiu em direção ao seu assento.

– Eu vou sentar e esperar até chegarmos. Se temos que ir, não quero enrolar aqui. Não quero mudar de ideia sobre voltar para casa. – Ela sentou em seu lugar e começou a colocar o cinto de segurança.

– Ok, estamos prontos para isso? Vamos para casa! – disse Stryker, animado.

– Não vejo porque a animação. Nenhuma parte de mim quer voltar. – retrucou Amanda.

– Por que não? – perguntou Stryker.

– Bom, já parou para pensar para onde estaremos voltando? Não é exatamente casa para mim.

Sam sentou na cadeira ao seu lado e ligou o painel de controle. De dentro, a espaçonave parecia intacta, apesar de não saberem quem havia entrado nela para consertá-la.

– Não achei que fossem fazer isso. Não achei que poderiam consertar a nave. – comentou Amanda. – Achei que fôssemos ter mais tempo. Pode imaginar a quantidade de lugares, criaturas e coisas a se fazer aqui que não fizemos? Por que voltar para guerra?

– Eu concordo – a voz da Lina veio do lado oposto da sala. – Mas tenho que te dizer, tudo pareceu tão corrido que não tivemos tempo para descansar ou assimilar nada direito. Podemos fazer isso? Simplesmente ir na cara de cada um e... tocá-los um por um?

– Tem muita coisa para gente conversar. – falou Sam. – Por agora, temos que nos concentrar em voltar com segurança. – Ele clicou no painel e a porta da nave começou a se fechar. Colocou uma contagem regressiva para cinquenta e nove minutos a partir

daquele momento e a nave começou a vibrar, carregando. Sam comemorou, animado:

– Está funcionando! Os níveis dos propulsores estão excelentes!

Depois que uma hora se passou, o sol desceu em Gliese 581g e a espaçonave começou a se levantar do chão.

Reino de Fogo

Quando a nave subiu a sete quilômetros do chão, a estrutura inteira começou a tremer violentamente. Amanda olhou pelas pequenas janelas da nave para ver que sobrevoavam Anyara. Sam estabilizou os propulsores e eles flutuaram por um momento, estáveis no ar. Subitamente, a nave pareceu ser atirada para cima por algo debaixo deles. Continuaram a subir ainda mais e cada um segurou firme no braço de sua respectiva poltrona. A nave então parou de se mover e despencou. Olhando pelas janelas Amanda viu que tinham sido encobertos pela mesma luz azul que cobria a espaçonave durante a viagem de ida.

– Devemos estar dentro do *warp* – disse Sam, notando que Amanda olhava para fora.

A nave começou a cair e Amanda fechou os olhos, lembrando-se da sensação desconfortável da queda interminável, inspirando e expirando em uma tentativa falha de livrar a mente do pânico. Depois que alguns momentos passaram, olharam pela janela para ver que a energia azul ao redor estava ficando esverdeada.

– Por favor faça com que isso termine logo. – disse Amanda enquanto caíam.

A queda então parou e os quatro se entreolharam, confusos.

– Voltamos. – disse Sam, clicando em alguns botões do painel.

Amanda viu uma luz verde extremamente similar à aurora boreal terrestre, e perguntou:

– Isso é aurora em volta da gente?

– Sim, sim, é! – gritou Sam, animado.

Amanda destravou os lacres de segurança e saiu correndo em direção às janelas para ver o que estava abaixo deles.

– Amanda, não levante ainda, não é seguro. – avisou Sam.

– É neve, gente! Tem gelo embaixo da gente! Pousamos na Islândia? – perguntava Amanda.

Ela via a nave flutuando entre um show espetacular de luzes ao seu redor, com as montanhas cobertas pelo branco da neve em todo lugar que olhasse.

– Se quer minha opinião, devíamos buscar abrigo em algum lugar até acharmos um jeito de acabar com ele. – disse Amanda, bebendo seu chá e colocando a xícara na mesa.

Haviam andado por alguns quilômetros depois de pousar a nave nas montanhas, até descerem e acharem uma pequena vila com cabanas de madeira, onde entraram no café.

– Aqui é Egilsstaoir, uma vila pequena sete milhas de Eiðar – falou a garçonete, com um sotaque forte.

– Para onde vão?

– Então não estamos longe de Hallo Woods. – disse Amanda, ignorando a pergunta da garçonete.

Stryker e Sam pediram café e Lina perguntou a Amanda:

– E agora, que sabe que não estamos longe da Firma?

– Estou pensando .- disse Amanda, bebendo seu chá novamente.

Havia uma outra meia dúzia de clientes sentados às mesas do café e a mesa do grupo tinha uma vista aberta para os campos cobertos de neve da vila islandesa. Amanda olhou para fora e pensou alto:

– Soltos aqui é como se o mundo fosse o mesmo. Esse lugar é tão isolado de tudo... podemos só ter esse jantar para associarmos que voltamos? E que estamos em lugar seguro em um lugar quente, em casa? Não estou conseguindo pensar direito hoje.

– Nem me fale. – disse Stryker. – Fico pensando em Placo, Uyara, os Cerberus...

– Quantos dias se passaram exatamente? – perguntou Lina, intrigada.

– Não sei nem isso. – disse Amanda.

– Precisamos achar um lugar para dormirmos.

– Eu acho que aqui funciona também como uma pousada. – disse Stryker. – Quer que eu cheque?

Amanda sinalizou que sim com a cabeça e Stryker levantou, andando em direção ao caixa para falar com um velhinho que contava notas de krones. A garçonete voltou com os cafés e Lina olhou para ela:

– Nós... estivemos longe, sem podermos nos comunicar ou ver notícias na última semana. Aconteceu alguma coisa... importante?

– Vou te falar o seguinte, temos é sorte de morar aqui. – respondeu a garçonete. A mulher tinha lá seus quarenta e poucos anos, usando jeans e um casaco de neve vermelho. Ela mascava chiclete enquanto explicava:

– Acho que a Islândia, a África e a Austrália são os únicos lugares seguros para se ir! Recebemos notícias todo dia de novos atentados e bombardeios nas Américas, e mais e mais mortes na Ásia.

– Mas o último grande ataque foi nas Nações Unidas, certo?

– Sim. – falou a mulher. – Mas são milhares de mortos todo dia. As taxas de suicídio estão altíssimas.

– Podemos ficar aqui à noite, o segundo andar tem cinco quartos livres ainda. – disse Stryker, retornando à mesa.

– Vocês não são daqui, né? – perguntou a garçonete. – Sou Bibbi, aliás. Desculpem a pergunta.

– Somos de Chicago. – respondeu Amanda. – Mas eu cresci aqui. Por que a pergunta?

– Bem, é só que a cada dia chegam mais visitantes de fora, as pessoas estão surgindo de todos os cantos do globo, fugindo do caos. Só estava curiosa. Tem algo que eu possa trazer para vocês? – ela perguntou.

– Queremos a especialidade da casa, um para cada. Não comemos direito tem muito tempo. – disse Sam.

Bibbi se virou sorridente e andou para a cozinha.

– Entendo o que tá acontecendo agora. – falou Amanda – ela falou que massas estão fugindo das megalópoles. Nossa sociedade sempre se entendeu por contextos múltiplos. A confirmação de vida marinha e microbiológica em Europa mudou a maioria desses contextos drasticamente, e vem de uma fonte inquestionável. O que eu suspeitei sobre as massas adormecidas estava certo, um grande pedaço da população simplesmente está em negação.

– Mas o que muda, realmente? – perguntou Stryker.

– Voltamos de Gliese e sabemos mais do que toda essa gente. E aqui estamos, falando de um jeito racional. Nada realmente mudou, né?

– Sim, mas nós não dependemos em fé ou contamos com forças superiores para aguentar nosso dia. – respondeu Amanda. – Mais da metade do mundo não tem a nossa sorte e esses são os que estão com raiva. Eles precisam ver o que vimos. A habilidade que nos foi dada é o que vai trazer isso a eles. Acredito que dado o tempo certo para cada pessoa, e os cuidados, elas entenderão, porque é a verdade. Estão lutando e guerreando porque se recusam a aceitar um carimbo na testa de que estavam errados o tempo todo. Que a maioria de suas crenças era ficção. É ofensivo porque é agressivo e se trata de um assunto delicado. O mais delicado de todos, talvez! Ao mundo foi dito que o universo é muito mais vasto e vivo do que a gente imaginou, mas estão tirando isso de vida marinha e microbiológica. E se o mundo soubesse a verdade mesmo? A verdade que nós compartilhamos? Uma sociedade que vive sem leis, ou dinheiro? Como iam reagir a isso?

Os quatro permaneceram em silêncio após Amanda terminar de falar, bebendo seus drinks. Amanda então finalizou: – E me diga agora que não parecemos vermes comparados a Gliese 581g.

– Não fale isso, Amanda. Fica parecendo seu pai. – disse Lina.
Amanda franziu as sobrancelhas e respondeu:

– Sério? Tem uma diferença óbvia. Eu não quero destruir os vermes, quero ajudá-los! Por mim, eu seria a mãe natureza deles! – ela disse, sorrindo. Lina e Stryker também sorriram.

Depois de alguns momentos, Bibbi voltou com o jantar de todos e o quarteto se deliciou com os pratos caseiros. Depois de uns minutos, Lina e Amanda subiram para os quartos e Sam e Stryker foram dar uma volta para queimar o ânimo do café. Lina se jogou na cama e começou a se sentir sonolenta logo em seguida.

– Talvez devêssemos tocar na Bibbi amanhã de manhã e ver o que acontece com ela. – disse Amanda, afofando seu travesseiro e cobertor.

Lina começou a ficar com a visão turva, se rendendo ao sono que haviam atrasado por tanto tempo. – Vamos sim... mas amanhã. – ela disse, se entregando de vez ao cansaço.

Lina abriu seus olhos e sua visão inteira estava preta. Respirou e sentiu a textura do tecido em sua boca e nariz, e imediatamente começou a entrar em pânico quando notou que estava encapuzada. Sua respiração ficou ofegante e ela começou a mover seu corpo, sentindo suas mãos amarradas nos braços da cadeira e suas pernas amarradas na base. Ela revirava e torcia seu corpo, tentando se mover ou se libertar.

– Não há porquê, pequena. – disse a voz de um homem ao fundo. Lina imediatamente congelou ouvindo o tom sombrio do homem, permanecendo em silêncio.

– Onde eu estou? Lina? Stryker? – falou a voz de Amanda sussurrando do seu lado. A voz dela também parecia abafada.

– Amanda, estou aqui. – sussurrou Lina.

– Eu também. – falou Stryker.

– Sim, estão todos aqui. – falou o homem novamente.

– Não é uma reunião linda? – Lina sentiu alguém tirar o capuz da sua cabeça e se viu dentro de uma catedral abandonada.

Oswald sentava numa cadeira de mármore e tinha seus pés em cima da mesa, sentado em frente ao altar, que tinha quatro caixões abertos. Ele usava um *smoking* preto e as luzes das janelas de vidro ao lado iluminavam todo o local. Um crucifixo bronze estava preso em cima do santuário e Lina olhou para os lados, procurando seus amigos e avistou Sam, Amanda e Stryker amarrados, todos fitando Oswald. Quatro guardas da Firma estavam atrás de cada um, segurando as cadeiras com força. Amanda olhou para Oswald com raiva e cuspiu no chão.

– Qual é? – gritou Amanda, focando seu olhar em seu pai. – Realmente achou que eu ia deixar você ir em frente com seu plano? Que eu ia deixar você ir para Gliese 581g e destruir o planeta?

Oswald deu um meio sorriso e permaneceu em silêncio por alguns segundos, olhando para o grupo ironicamente.

– Você tirou algo de mim. Tudo que eu demorei anos para construir. Seus motivos são irrelevantes para mim.

– Isso me traz de volta à minha primeira pergunta. – disse Amanda. – Qual é? Vai fazer o quê, matar a gente? Olha o que você fez com a Terra. Você ateou um fogo que não consegue mais controlar, não é? Nunca achou que seu plano fosse se voltar contra você? Me diz, Papai, você chorou? Quantas vezes pensou em botar uma bala na minha cabeça desde então? Não importa o que você tente fazer. Sou para sempre orgulhosa por ter tirado isso de você.

– respondeu Amanda, sorrindo sarcasticamente para seu pai. Oswald socou a mesa e gritou, com raiva:

– Vou acabar com você, Amanda. Quero ver seu sorriso daqui a pouco. Devia começar com minha ingenuidade em deixar um *hacker* fazer parte da minha Firma? – disse Oswald. – Stryker Pendarvis, me olhe nos olhos!

Stryker levantou sua cabeça e olhou para Oswald, visivelmente nervoso.

– Hackeando os painéis centrais você conseguiu substituir os *feeds* de vídeo e áudio, não é? Sabíamos que seu grupo estava tramando alguma coisa assim que vimos que tudo que aparecia no *feed* era vocês dormindo. Está orgulhoso de conseguir isso, Stryker?

Stryker hesitou por um tempo e depois respondeu:

– Bem, para falar a verdade, sim!

– Sam... meu Sam. – disse Oswald. – Como pôde me trair?

Sam olhou para Oswald com angústia.

– Como pode me fazer essa pergunta, isso sim? Você estava me obrigando a trabalhar em algo que ia me matar.

– Eu te consertei para você não agir desse jeito.

– Parece que você esqueceu de arrancar um último centímetro de meu valor próprio. – respondeu Sam.

Oswald levantou de sua cadeira, abriu uma gaveta na mesa e tirou dela um pequeno revólver cinza.

– Deixe-me corrigir meu erro, então. – ele falou, andando ao redor da mesa e então em direção ao grupo.

Os quatro travaram vendo a arma e Lina começou a sentir seu coração batendo forte em seu peito. Ela tentou mover suas mãos e braços mas falhou, notando sua pele ficando avermelhada da fricção. Oswald lentamente se aproximou deles, chegando perto da cadeira de Stryker e Amanda, apontou a arma para Stryker. Em seguida, ele atirou na direção oposta. Todos ouviram os gritos de Sam e viram que a bala tinha perfurado sua coxa, com ele olhando nervoso para sua perna ensanguentada. Sam gritava de dor enquanto Oswald soltava uma gargalhada que ecoou pelas paredes da catedral.

– Você é doente! – gritou Amanda com raiva. Oswald olhou para sua filha com uma expressão de nojo e então focou em Stryker.

– Entendam, eu não quero tirar a vida de vocês instantaneamente. – disse Oswald, sorrindo.

O rosto inteiro de Stryker estava pingando em suor.

– Mas me incomoda que tenham tanta facilidade em me responder achando que estão no meu nível.

Oswald colocou a arma na mão esquerda de Stryker, mirando na palma.

– Não, não, por favor – implorou Stryker, tentando tirar sua mão de debaixo da arma, mas a pressão que Oswald fazia com o metal gelado da pistola o impedia.

– Devo? – perguntou Oswald, sem mover um centímetro. Ele virou sua cabeça para o lado e perguntou: – Ou não devo?– Não, não, não, não deve...

Oswald abriu a boca em um sorriso de orelha à orelha e apertou o gatilho. Um segundo tiro ecoou e Stryker gritou em terror. Ele gritava enquanto Oswald se virou. O tiro havia atravessado o centro de sua mão e Stryker gritava enquanto olhava para o furo.

– Vamos ver a velocidade que você consegue digitar seus *hacks* agora – disse Oswald, andando de volta à mesa. Lina ouviu os guardas rindo atrás deles enquanto assistiam a Sam e Stryker chorarem de dor.– Essas feridas não vão te matar, só vão fazer o sangue começar a jorrar. – ele se virou, sentou na mesa e pegou um lenço branco, que usou para limpar a pistola. – Queria ver esse chão coberto de vermelho.

– Não entende? – gritou Amanda. – O que isso vai trazer para você? Felicidade?

– Ah, sim. Muita – respondeu Oswald.

– E esse é seu plano? Aumentar a contagem de corpos? Acabou, Oswald, e você não vai a lugar algum. Não vai sair da Terra. Essa é a Terra que você quer viver? Acabar conosco não traz sua energia de volta.

– Está certa, não traz. Mas ninguém tira algo de mim e sai ileso. Guardas, as atas.

Os guardas começaram a mexer em alguns itens atrás de cada um dos reféns. Ouviram o barulho de metais se batendo e plástico rasgando, mas como não conseguiam virar a cabeça, não viam exatamente o que os homens de Oswald seguravam. Depois de alguns segundos, andaram de volta às cadeiras e começaram a colar fios em seus pescoços e cabeças. Oswald pegou uma pequena faca pontuda de seu bolso e Amanda viu a lâmina brilhar.

– O que é isso? – perguntou Amanda. – Meu jeito de tentar consertar vocês. – ele respondeu, sarcástico. – Acredito que tenha muito a ganhar arrancando toda emoção de vocês. Claro, tem uma peça aqui que agora é descartável, já que consertá-lo claramente não foi o suficiente para fazer com que agisse de maneira correta. – falou, olhando para Sam.

Os guardas prenderam múltiplos cabos e fios no corpo dele, e Oswald olhou para sua mesa, de onde tirou um controle remoto pequeno.

– Meu plano para você é consideravelmente menor. – ele falou, sorrindo e andando de volta ao grupo de novo.

Ele apertou um botão do controle e Sam começou a urrar com os fios presos em seu corpo lhe eletrocutando. Oswald apertava o botão firmemente, apontando a Sam e o assistindo fritar e gritar de sofrimento. Enquanto gritava, Amanda viu o olhar de Oswald ficar frio e notou que ele olhava para Sam com um prazer doentio. Oswald pegou a faca do bolso e então se aproximou de Sam, abrindo um pequeno corte em seu peito. Ele passava a ponta afiada da lâmina contra o peito de Sam lentamente, abrindo a boca em um sorriso cada vez maior conforme o corte crescia. O grito de Sam ecoou pela catedral e então Oswald enfiou a faca por inteiro no centro de seu peito, silenciando-o. O corpo de Sam parou de se mover e sua cabeça caiu para o lado.

– Você o matou! – gritou Lina, sentindo seus olhos cheios de lágrimas de raiva.

Oswald olhou para Lina, levantou as sobrancelhas e falou:

– Sim, mas não tínhamos mais uso para ele, certo?

– Não há como negociar com você. – disse Amanda. – Você é ruim e gosta disso. Eu me recuso a aceitar que sou sua filha.

Amanda olhou para baixo enquanto os guardas começaram a prender os fios nela. Alguns dos fios começavam a se emaranhar perto da base das cadeiras. Ela levantou seu pé e conseguiu pisar em alguns deles, levando-os ao chão e os segurando lá com seu pé. Oswald olhou para Stryker e pareceu notar que ele tinha algo saindo de seu bolso.

– O que é isso que temos aqui? – ele perguntou, tirando a ocarina do bolso de Stryker. – Parece ser... um tipo de apito? – ele analisava o item cuidadosamente. – Eu inventei? – ele perguntou.

Oswald então assoprou na ocarina e algumas notas harmônicas preencheram os ouvidos de todos. Oswald olhou de novo para o item, perguntando:

– Isso é de algum valor para vocês?

– Te interessa? – respondeu Lina, quebrando seu silêncio.

– Ela fala! – falou Oswald, abrindo os braços e encarando Lina.

Amanda olhou para a mão ensanguentada de Stryker e notou que seu sangue pingava no chão, formando uma pequena poça. Stryker virou de relance para Amanda e a viu olhando atentamente seu pé. Ele, então, olhou para os pés dela e notou que a moça prendia alguns fios do chão. Discretamente, Amanda levantou seu torso da cadeira, se levantando levemente e arrastando os pés da cadeira em cima dos fios, tentando rasgá-los quando sentou novamente. Ela repetiu o processo algumas vezes, fingindo estar desconfortável e brigando enquanto os guardas colocavam mais fios em seu rosto. Amanda olhou para baixo e viu que tinha conseguido

rasgar a capa dos fios, revelando os pequenos circuitos elétricos por dentro.

– Qual seu lugar nisso? – perguntou Oswald, focando em Lina. – Sei de você. Não é nem sua batalha. Você é só um personagem secundário, sem qualidades.

Amanda arrastou seu pé que segurava os fios para a direita e Stryker os pegou, sussurrando:

– Entendi. O sangue funciona como combustível nos fios, certo? Tipo água salgada.

Amanda concordou com a cabeça discretamente e Stryker levantou seu pé o máximo que conseguia, arrastando os fios para a poça de sangue embaixo de sua cadeira. No segundo em que conseguiram molhar os fios, Oswald os pegou, gritando:

– O que vocês estão fazendo? Tire isso daqui! – ele gritou para os guardas, mas em uma fração de segundo os fios entraram em combustível e viram um pequeno jato de eletricidade voando pelos fios, finalmente chegando à torre central de hardwares e computadores onde um dos guardas digitava, tentando desligar o sistema. Com um rápido flash, o fio pegou fogo e as chamas se expandiram para a torre e os itens atrás deles. Os guardas começaram a correr do fogo e Oswald olhou pela catedral, seguindo a expansão do incêndio. Amanda, Lina e Stryker começaram a jogar seus corpos e cadeiras para a frente, tentando escapar do círculo de fogo que se formava ao redor do grupo.

– Vocês fizeram isso! – gritou Oswald, pegando os itens da mesa para sair correndo. – Vejo vocês no inferno! – ele gritou, levantando a arma.

Alguns guardas correram na sua frente e chutaram a porta de saída, localizada atrás do santuário. Lina, Amanda e Stryker tentavam levantar as cadeiras o máximo que podiam, andando corcundas para a frente. Lina começou a tossir da fumaça que vinha das chamas e Amanda sentiu a temperatura do incêndio preencher

a catedral, com o suor começando a escorrer pela sua testa. Ela ouviu Stryker tossir à sua direita e o fogo se expandiu para as paredes aos seus lados, em altos estalos.

– Alguém nos ajude. – sussurrou Amanda, começando a chorar em desespero.

Ela tentou mover seus braços e pernas para se libertar, mas era inútil. Lina e Stryker ainda jogavam suas cadeiras para a frente, respirando errado e tossindo sem parar. Amanda sentiu sua pressão sanguínea começar a baixar. Sua visão ficou embaçada e se sentiu tonta, ouvindo o barulho mais alto até então explodindo atrás dela, como se uma parede inteira tivesse ido ao chão. Ela tossia sem parar e então, sem querer, respirou uma imensa quantidade de fumaça, sentindo seu corpo começar a perder peso. Amanda se preparou para o pior, deixando a cabeça cair e fechando os olhos. Então, duas mãos imensas seguraram seus ombros. Seu corpo começou a levitar junto com a cadeira, e ela desmaiou.

Sinos do Céu

Amanda abriu os olhos mas rapidamente os fechou reagindo à extrema claridade de onde se encontrava. Cobriu seu rosto com as mãos e respirou, começando a raciocinar de novo. Olhou para seu corpo antes de procurar em volta para ver se situar onde e com quem. Viu que estava protegida dentro de um tubo de vidro que começava em seus ombros. Acima dela, havia uma multidão de Vargans voando em uma sala sem gravidade, usando roupas brancas. Ela estava em uma sala retangular preta e branca, mantida deitada pela cápsula de vidro. Os Vargans digitavam e clicavam em grandes telas que rodeavam todo o teto acima. Olhou para os lados e viu Lina e Stryker, dormindo profundamente em cápsulas iguais. A mão de Stryker parecia estar atada por uma espécie de luva preta e a sala inteira vibrava enquanto os seres acima flutuavam sem esforço, trabalhando.

– Acordou. – disse uma voz familiar perto dela. Amanda olhou na direção da voz e viu Synthious flutuando ao seu encontro.

– Synthious! Onde estou? – perguntou Amanda. Alguns Vargans notaram que ela havia despertado e lhe lançaram olhares, falando em Melliaro um com o outro.

– Está em uma de nossas naves de anti-matéria. Parece que subestimamos gravemente os perigos dessa situação.

– Espera, vieram para a Terra então? – ela perguntou, confusa. Lina abriu seus olhos e também estudou onde se encontrava, olhando para os Vargans e enfim, Amanda.

– Onde estamos? – ela perguntou. Amanda viu que Stryker também havia acordado.

– Como falei, nós resgatamos vocês. Seus Cerberus ouviram o barulho da ocarina assim que chegamos na Terra. Por coincidência,

foi a chave para localizarmos vocês.

– Mas por que vieram para cá um dia depois que saímos?

– Como falei, subestimamos a situação de um elemento volátil. O Centro pediu para que então interferíssemos e eliminássemos a ameaça.

– É, bem, essa é a segunda vez que escuto vocês falarem sobre subestimarem algo. – respondeu Amanda.

– Somos avançados, não perfeitos, somos forçados a intervir em muitos eventos, e esse vem a ser um deles. – respondeu Synthious, elevando seu corpo para flutuar um pouco mais acima do trio.

– É necessário cortar o mal pela raiz para que a Terra entre em ascensão. Como, no entanto? – perguntou Stryker.

– Muitos de nós viajamos para cá para lhe ajudar. Se saírem comigo das câmaras de recuperação verão que nossos melhores guerreiros Plethoreanos, Andreomedaens e Vargans se encontram aqui.

– É, mas eles têm armas de fogo pesadas. Estou falando de pesadas mesmo. – continuou Stryker, se levantando de sua cápsula e esticando os braços.

– Temos armas também. Mas não atiramos balas.

– Atiram o que então? – perguntou Amanda.

– Atiramos para desmaterializar. Agradeçam aos seus Cerberus, que lhe tiraram do círculo de fogo. Estão lá fora, e adorarão te ver.

O grupo saiu das cápsulas e flutuou para uma abertura que dava para um corredor. Passando pela abertura, o campo gravitacional do corredor foi ativado e sentiram seus corpos serem puxados de volta ao chão. As paredes pareciam ser feitas de mármore e a nave era inteiramente roxa, os pés de Amanda tocaram o chão e o trio começou a seguir Synthious, que os guiava pelo corredor. Finalmente, chegaram a uma porta redonda de vidro depois na parte externa. O céu estava se pondo na Islândia, e se encontraram no topo de uma montanha. No horizonte podiam ver a Floresta de

Hallormsstadur e Amanda imediatamente andou para a beira do precipício, se localizando.

– Dá para ver a Firma daqui. – disse Amanda, olhando para a queda abaixo.

A distância a permitia ver o telhado se sua casa e a redoma gigantesca da Firma à direita, alguns quilômetros de onde estava. O vento soprou uma corrente gélida e Amanda se lembrou do senso de isolamento e solidão que associava àquele local, observando a paisagem na sua frente sem ver um traço de seres vivos por perto.

– Não olhou para trás ainda – disse Lina, e Amanda virou-se para ver a magnífica nave de Gliese 581g. A nave tinha a forma de um frisbee grosso e e a metade do tamanho da redoma da Firma. O pôr do sol refletia no exterior polido da espaçonave e Amanda viu Uyara sair da porta principal, seguida de Illi e Illia, e, finalmente, Savann. Andaram na direção deles e mais e mais seres de Gliese começaram a sair de dentro da nave.

– Uyara! Illi e Illia! – gritou Amanda, andando ao encontro de todos. – Synthious, estão todos aqui! – falou, com meia dúzia de Cerberus aparecendo ao lado dos Vargans, Plethoreans e Andromedaens. Então, olharam para o céu e viram dezenas de Kratens batendo suas asas na área de trás da nave.

– Estamos aqui para guerrear com vocês. – falou a voz de Uyara na mente de cada um.

Pareciam ter cerca de cinquenta guerreiros e lutadores ao redor deles, e Synthious bateu com sua bengala no chão. Amanda, Lina e Stryker assistiram pasmos quando os braços de cada um pareceram começar a brilhar com uma luz vinda aparentemente do nada. Então os seres ergueram os braços para o ar e a luz emanou da palma das mãos não dos braços. Cada Vargan, Plethorean ou Andromedaen levantou o braço ao ar e emanou a luz.

– É assim que lutamos. – falou Synthious, andando para frente do grupo para encararem o trio de terráqueos.

As luzes cresceram em potência e subiram para o céu como holofotes ou lanternas que foram ligadas ao mesmo tempo. As nuvens cinzas acima deles começaram a se dissipar e ao redor de todos começou a chover, com as luzes aparentemente evaporando a fumaça e iluminando a escuridão. As centenas de raios de luz continuaram a iluminar o céu e Amanda, Lina e Stryker notaram que os raios estavam abrindo o tempo.

– Nossas armas são fontes de luz acopladas às mãos. Esses raios desmaterializam o que estiver na frente. Se mirássemos em um objeto sólido, como uma árvore ou uma pessoa, o raio atravessaria e morreriam sem sentir ou saber do buraco letal o que os matou. – anunciou Synthious.

Os Cerberus circularam o grupo e vieram em direção ao trio. Quando os seis tigres sentaram ao redor deles lhes cumprimentando com a ponta do nariz, Amanda sorriu confiante e fechou os olhos, sentindo as gotas da chuva baterem contra sua pele. Mesmo de olhos fechados, podia ver os raios de luz na sua frente, apontados ao céu. Ela olhou para a redoma da Firma uma última vez. Então olhou de volta ao grupo enquanto recolhiam as armas e desligavam os raios, acenando com a cabeça para Synthious.

– Mas se fizerem isto serão expostos. Há câmeras e *feeds* de vídeo na Firma inteira. Terão que matar todos que verem vocês. Senão a notícia vazará, e rápido. – notou Amanda.

– Sabemos das circunstâncias. – disse Synthious. – Existem dois caminhos. O que acontecerá, ainda veremos.

G

– Os atacaremos por cada lado, então. – falou Lina, montando em seu Cerberus.

Depois de se passarem algumas horas, o grupo inteiro se reuniu fora da nave para rumar à luta. Synthious cedeu um

desmaterializador para cada um, devidamente colocados nas palmas de cada mão. Já era noite e Lina levaria Uyara e os Andromedaens para o lago em frente à casa. Amanda entraria na Firma com Illi e Illia atrás de Oswald. Stryker e os Plethoreans atacariam pelo centro, esperando que a segurança da Firma os atacassem assim que atravessassem o campo aberto. Os Cerberus ajudariam qualquer um que fosse ferido, transportando-o de volta para a nave. Synthious levaria os Vargans para as montanhas ao redor de toda a Firma para infiltrarem pelo ar, pousando direto no último piso.

– Dahr dar immanns nar! Dahr dar immans nei! – gritou um grupo de Vargans e Plethoreans ao lado.

– O que é isso? – perguntou Amanda para Synthious, que falava com Uyara do lado da entrada da nave.

– Estão cantando a declaração de guerra. – disse Synthious. – Essencialmente, Dahr dar immanns nar! Dahr dar immans nei significa: livre do físico que me contém, agimos porque devemos. – respondeu Synthious. – Estão liberando qualquer ligação e vínculo com o corpo físico já que sabemos que essa é uma batalha lutada não por nós, mas por forças maiores. Devem manter isso em mente a todo custo.

Amanda montou em seu Cerberus com Stryker ao seu lado, pronto para decolar. Então, a comoção que veio dos soldados virou silêncio e todos se focaram no trio.

– Estamos prontos quando vocês estiverem. – anunciou Synthious.

Amanda olhou para todos e respirou fundo, se concentrando no que poderia fazer assim que entrasse na Firma. Viu os Kratens descendo de seus voos e seus respectivos Plethoreans e Andromedaens montados neles.

– É agora. – falou Amanda, checando como estavam seus amigos. Os dois lhe asseguraram que estavam prontos e sorriram

de volta para ela. – Agora que temos eles, talvez possamos causar um estrago. Tudo depende dos próximos momentos.

– Temos que cortar a cabeça da cobra. – falou Lina, com a voz firme.

– Farei isso não só por mim, mas por Ripley e Sam – completou Stryker.

Amanda inspirou e exalou de olhos fechados. Abriu os olhos depois de alguns segundos e gritou, se dirigindo a todo o exército:

– Precisamos destruir aquela construção! Não fez nada a não ser trazer caos, morte e destruição para este mundo!

Então, todos os Vargans, Andromedaens e Plethoreans responderam de volta, em um urro:

– HOY!!! – e levantaram seus braços ao ar.

Amanda e seu Cerberus deram uns passos à frente e ela gritou seu chamado para a batalha:

– Pela Terra! E por Sam e Ripley! – ela gritou, agitando o braço. Seu Cerberus começou a bater as asas, se preparando para decolar. Ela segurou firme no tigre enquanto o exército todo gritou de volta

– HOY!!! – começando a montar em seus Kratens e Cerberus. Seu tigre levantou vôo ao lado de Lina, Stryker e Synthious. Illi e Illia pegaram os Cerberus restantes. O vento parecia ficar ainda mais congelante conforme pegavam altitude, e Amanda olhou ao seu redor e sorriu à visão de um exército rumo a Firma, dominando o céu.

Lina liderou um grupo de Kratens, rumo ao lago e Stryker começou a descer com seu grupo para voarem mais perto do chão, já que seriam os primeiros a pousar. Amanda continuou a voar acima de todos em seu Cerberus, que batia as asas contra o vento cortante do ar islandês. Assim que sobrevoou o campo aberto que dava para a entrada da Firma, ela sinalizou para que o tigre descesse e olhou ao redor para ver três grupos separados, desaparecendo da vista, ficando cada vez menores com cada lado

se posicionando em silêncio. Então, o alarme da Firma rasgou a noite, com o som robótico e estridente sinalizando uma quebra no perímetro repetindo sem parar pelos campos desertos.

– Alerta! Invasão! Múltiplos grupos se aproximando! Múltiplos grupos se aproximando!

Faixos de luz brilharam na escuridão e Amanda assistiu a Synthious e o seu grupo iniciarem o ataque à redoma de vidro que protegia a Firma, tentando desmaterializar a proteção. Com os raios de luz colidindo contra o vidro, Amanda assistiu o vidro começar a rachar em cada extremidade. Uma dúzia extra de luzes apareceu e o exército atacou com força completa por cima até o vidro explodir em milhares de cacos. Um som ensurdecedor da rachadura anunciou a explosão da proteção principal da Firma enquanto o alarme continuava a ecoar sem parar. Assim que viu que a bolha tinha sido rachada, Amanda sinalizou para que seu Cerberus trocasse de percurso. A criatura tocou o chão para dar impulso e bateu suas asas rumo ao exército de Synthious. Voaram juntos em direção ao último andar da Firma, vendo uma dúzia de Kratens já na sua frente pousando enquanto Andromedaens e Vargans desmontavam e infiltravam na fortaleza, com a palma de suas mãos brilhando com o pulsar de seus raios. Depois de alguns segundos Amanda desceu no último andar e imediatamente reconheceu o corredor de seus dormitórios. Ao seu lado, inúmeros Vargans e Andromedaens já haviam chegado, e Amanda sinalizou para que o grupo a seguisse, correndo em direção ao elevador do andar.

Conforme Amanda corria, duas portas se abriram com um estrondo e os guardas da Firma saíram para o corredor, armados. Amanda estendeu o braço, percebendo que os dois Vargans ao seu lado haviam feito igual. Imediatamente, dispararam um raio em cada guarda, mirando nos corações. Os Vargans acertaram dois dos dez guardas, que imediatamente caíram no chão. Amanda sentiu a

adrenalina subir quando começou a ouvir tiros disparados em sua direção. Ela jogou seu corpo no chão, mirando sua palma nos guardas restantes enquanto via dois outros guardas caindo com os buracos em seus peitos esfumaçando. Atingiu a perna de um guarda, que caiu com seu rifle atirando para todas as direções, gritando de dor. Um dos guardas estava com a mira certa em sua testa e ela imediatamente colocou a palma de sua mão na frente de seu corpo, mirando no rosto do homem. Antes dele apertar o gatilho, o raio atingiu sua garganta e ele caiu, morto.

Um Andromedaen caiu morto ao lado de Amanda, e ela olhou para ele rapidamente sem mover a mira de seu braço, sentindo-se enraivecida pela visão. Notou, então, que mais três guardas da Firma estavam mortos, e os que sobraram agora fixaram a mira nela. Um Vargan foi atingido e caiu, e Amanda mirou no coração de um dos guardas enquanto usava a outra mão para pegar o rifle de um dos guardas mortos. Assim que o raio atingiu o homem, ela se voltou para o guarda restante levantando o rifle. Segurou a arma com as duas mãos e disparou no peito, gritando um urro de protesto enquanto atirava. Olhou para trás para ver um Andromedaen, os três Vargans restantes e uma dúzia de Kratens voando acima do grupo. Amanda respirou e continuou a correr em direção ao elevador.

G

O alarme bradava em todos os cantos enquanto os Andromedaens chegavam ao lago, com seus Cerberus descendo enquanto pulavam das criaturas para a água. Lina aterrissou perto da beira e olhou para a redoma da Firma sem sua bolha protetora. Uyara desceu ao seu lado e falou com ela em sua mente:

– Deve se esconder, Lina. Voe com seu Cerberus por cima de nós, estará mais segura assim.

A porta do laboratório de Oswald se abriu e um número quase infinito de guardas começou a sair pela entrada da Firma, liderados por Arlo. Lina viu o grupo de Plethoreans se aproximando da casa de infância de Amanda, então correu para montar em seu tigre enquanto os dois exércitos marchavam para o centro do campo aberto. Seu Cerberus voou enquanto Lina via os Andromedaens se camuflarem nas águas do lago, com o exército da Firma passando ao largo, sem perceber sua presença.

– Abram fogo! – gritou Arlo do campo. Em uma fração de segundo, Lina olhou para sua direita novamente e quando os tiros foram disparados as águas azuis então se iluminaram e os Andromedaens se revelaram disparando seus raios contra os guardas. Então, do lado dos Plethoreans os raios também foram acionados e começaram a atacar, com a primeira fileira de guardas da Firma caindo no chão, impossibilitados de se defenderem dos ataques duplos.

Mais e mais guardas saíam da Firma, no entanto, e conforme as primeiras fileiras caíam, outros apareciam para substituí-los. Lina notou que o exército da Firma parecia ser três ou quatro vezes maior que o deles, então sinalizou para que seu Cerberus voasse acima do laboratório de Oswald, aterrissando no telhado, logo acima da porta de onde os guardas saíam. Lina desmontou do tigre alado, agachando-se e discretamente engatinhou para a borda do telhado, mantendo seu corpo colado ao telhado para que ninguém a visse. Conforme os guardas passavam, ela se preparava para atirar neles. Porém, antes que pudesse disparar, percebeu que a enxurrada de soldados havia terminado.

Com todos andando em disparada ao centro do gramado, a porta de entrada da Firma estava aberta. Rapidamente, Lina pulou do telhado para o chão, entrando no corredor e correu para o primeiro elevador.

G

O Andromedaen e os três Vargans acompanharam Amanda pelo corredor até chegarem ao elevador. Os Vargans então falaram algo que ela não entendeu em Melliaro, mas Amanda focou na câmera acima de sua cabeça e começou a falar:

– Sei que você está aí. Me leve a você. Vim aqui encerrar isso.

As portas do elevador permaneceram fechadas por alguns segundos, e quando Amanda suspirou pensando que seu plano tinha falhado, ela ouviu as portas de metal se abrirem. Amanda virou-se e falou com o grupo, impedindo-os de entrar.

– Tenho que fazer isso sozinha. – disse Amanda.

As portas do elevador se fecharam e este começou a descer. Amanda fechou os olhos e respirou fundo, se preparando para disparar o raio assim que avistasse seu pai. Depois de alguns segundos, o elevador parou de se mover e as portas se abriram.

Amanda entrou no escritório de Oswald mais uma vez, com as paredes de pedras pretas refletindo cada objeto dourado da sala. Imediatamente viu seu pai sentado em sua cadeira, olhando para ela, com um guarda de cada lado. Assim que ia disparar o raio, percebeu uma outra cadeira no centro da sala, com uma pessoa encapuzada, usando o uniforme da Firma, com a insígnia brilhante em seu busto.

– Parece que trouxe companhia. – disse Oswald. – Fascinante!

– Quem é? Quem é ela? – perguntou Amanda, olhando a mulher.

Seus braços e pernas estavam amarrados, como Amanda havia estado no dia anterior.

– Isso? – perguntou Oswald, ironicamente.

Tinha uma expressão ingênua em seu rosto que irritou Amanda mais.

– Você é quem tem as surpresas! – ele respondeu.

Oswald então sorriu de leve e se levantou da cadeira. Andou em direção à mulher encapuzada e puxou o tecido de seu rosto. Amarrada na cadeira e respirando, estava Ripley. Amanda sentiu seu coração pular de susto.

– Ripley! – ela gritou, vendo a amiga olhar para ela com uma expressão assustada e alerta.

– Você tem que me tirar daqui. – disse Ripley, com a voz tremendo.

– Mas... mas você estava morta. – disse Amanda. – Ela... ela...

– Muitas pessoas morreram quando Arlo tentou te impedir de roubar minha nave. – disse Oswald, sorrindo. Mas quando achamos Ripley seu coração ainda batia, e seus ferimentos não foram fatais... você vê então, que se tentar fazer algo comigo, explodo ela em mil pedaços.

Amanda fechou seus olhos e respirou, tentando se acalmar. Em uma fração de segundo, ela levantou o braço e mirou no guarda à direita de seu pai, acertando-o no centro de sua cabeça. O guarda caiu morto atrás de Oswald e Amanda rapidamente virou o raio para o outro guarda, antes que pudesse tirar sua arma do coldre. Seu pai arregalou os olhos em choque e raiva:

– O que é isso? O que você fez? – gritou no momento que a moça atingia o segundo guarda, seu rosto ficou avermelhado, com uma veia fazendo volume no centro de sua testa. Oswald se levantou da cadeira, colocando a mão no bolso. Andou para Amanda enquanto sacava um pequeno controle remoto com dois botões brancos.

– Agora sua amiga morre. – ele falou. Amanda levantou a palma de sua mão e apontou o punho para Oswald.

– Solta ou eu atiro em você. Posso fazer um buraco em você num segundo. – ela falou, sentindo sua raiva aumentar com seu coração explodindo em seu peito. Oswald levantou as sobrancelhas e abriu os braços, como se levantasse as mãos se rendendo.

– Se atirar em mim, aperto o botão. – ele falou.

– Vamos conversar.

– Não tem conversa. É aqui que termina. – falou Amanda.

Oswald suspirou e respirou:

– Por que, Amanda? Por que me odeia tanto? Por que é sua missão me parar?

– Porque eu sou a única que pode. – ela respondeu de forma muito direta. – Descobri recentemente que tem mais planos guardados para o seu formigueiro. Você se imagina onipotente, mas o mundo não é seu tabuleiro de xadrez.

– Claramente, minha equipe e minha conta bancária discordam.

– Não são sua equipe. – respondeu Amanda, sentindo a raiva tomar conta de seus sentidos. – Você os corrompeu, mexeu com a cabeça de todos. É o que você faz com as pessoas. Mas agora você não manda mais.

Amanda rapidamente olhou para Ripley, que estava a encarando. Ripley sussurrou:

– Mate-o.

Amanda olhou para seu pai e o pegou inclinando um dedo na direção do primeiro botão. Imediatamente, ela abriu sua mão e um raio de luz saiu de sua palma, atingindo Oswald de raspão no pescoço. Como um reflexo, Oswald correu para o elevador enquanto o raio o cortava, gritando e segurando o sangramento com a mão. Amanda correu na direção de Ripley e atirou outro raio na mão de Oswald, fazendo-o derrubar o controle no chão. Com a outra mão, ele mirou uma pequena pistola prateada nas duas enquanto se virava para entrar no elevador. Amanda tentou agarrar as cordas que prendiam Ripley mas viu Oswald se preparando para atirar. Ela imediatamente levantou a mão mandando outro raio na direção de Oswald, cortando-o na coxa, enquanto ele se lançava para dentro do elevador, disparando contra Amanda e Ripley. Amanda caiu no

chão gritando de dor quando sentiu seu braço ser rasgado por uma bala.

– Amanda! – gritou Ripley, impulsionando a cadeira para a frente quando Amanda caiu no chão. As portas do elevador se fecharam e Amanda gritava enquanto segurava o ombro com sua outra mão, olhando para o rasgo e encontrando a bala de bronze no chão.

– Atravessou – ela sussurrou aliviada, concentrando-se na sua respiração e tentando ignorar a queimação intensa que deixava seu braço em brasas de tanta dor. Estendendo a mão direita para as cordas de Ripley logo em seguida, Amanda ouviu a amiga perguntar:

– Você está bem?

– Eu que devia te perguntar isso. – respondeu ofegante.

– Seu braço está sangrando muito. – falou Ripley.

– Precisamos sair.

Amanda olhou para seu ombro e então para a cadeira enquanto continuava a soltar os nós que prendiam Ripley.

– Meu braço vai ter que esperar. – falou Amanda, terminando de desfazer o último nó das pernas de Ripley. Amanda se levantou e começou a desatar a corda que segurava as mãos de Ripley, virando-a de costas.

– Você está bem? – perguntou Amanda. – Como ele te manteve aqui?

– Fiquei em solitária desde que me acharam. Mas levei um dia para acordar. Perdi muito sangue, mas estou bem. Acho que não dá nem para explicar o que está acontecendo com você, né?

– Estamos acabando com esse lugar. Fomos para Gliese 581g e voltamos, e temos um exército que você não vai acreditar. Temos uma chance de derrotá-lo, então precisamos achá-lo. É estritamente sobre ele e essas paredes, a raiz de todo o mal. Ele precisa morrer hoje. – respondeu Amanda, libertando as mãos de

Ripley. As duas mulheres correram para um dos quatro elevadores do escritório de Oswald e entraram.

– Aonde vamos sair? – perguntou Ripley. – Tem algum jeito de controlar essas joças?

– Não, não sei – falou Amanda enquanto as portas se fechavam e elas começaram a mover.

– Então não tem como saber em que andar vamos parar.

– É assim com a gente. – respondeu, segurando sua ferida tentando criar um tipo de torniquete.

– A cada momento só torcendo para dar certo.

– Adoro como seu melhor humor sempre vem no meio de caos – notou Ripley. Amanda sorriu olhando para a amiga e se surpreendeu em poder ter Ripley, bem, ao seu lado mais uma vez. As portas do elevador se abriram, dando para o último andar.

– Isso! – falou Amanda, correndo imediatamente para fora e botando a mão na frente do corpo. – Ripley, fique atrás de mim.

Ela olhou para baixo da plataforma de metal e viu Kratens e Cerberus voando nos andares mais baixos da Firma, com Plethoreans e Vargans infiltrando em cada corredor. A cada direção viam raios de luz sendo atirados e o barulho de tiros disparando.

– Já se espalharam pela Firma inteira. – falou Amanda.

– Isso é bom, né? – perguntou Ripley.

Um Kraten pousou atrás deles, com um Plethorean montado nele.

– Caralho! Isso é um dinossauro! – gritou Ripley aterrorizada, segurando o braço de Amanda e se desequilibrando de medo.

– Está tudo bem. – falou Amanda. – Olha para cima. – ela falou e as duas mulheres viram o céu preenchido por guerreiros de Gliese 581g voando para todo canto. – É nosso exército. – falou Amanda.

Um Cerberus então pousou ao lado deles e Amanda reconheceu que era o dela. Correu até ele e acariciou seu rosto, e ele retribuiu

lambendo sua bochecha. Amanda montou no tigre e sinalizou para Ripley fazer o mesmo.

– Ele não vai me comer? – perguntou Ripley, se levantando relutante. – São... tão lindos.

– Não, não vai. Senta atrás de mim. – respondeu Amanda, esticando sua mão para ajudar Ripley a subir. Ripley montou no Cerberus e logo o tigre começou a bater as asas, olhando para cima. Decolaram e Ripley segurou na barriga de Amanda com força, falando – Ai meu Deus – inúmeras vezes enquanto a criatura ganhava altura. Enquanto voavam, viram a batalha que acontecia no campo. Múltiplos flashes de luz preenchiam o gramado, com Amanda avistando Lina agachada no topo do telhado do laboratório de Oswald.

– Lina! – gritou Amanda, mas ela não a ouviu. Então, Amanda começou a ouvir o barulho de motores e viu um helicóptero preto aparecendo por entre as árvores, perto do laboratório de Oswald. Amanda sinalizou para que o seu Cerberus voasse até ele e imediatamente começou a atirar.

– É ele! – ela gritou com o Cerberus voando como uma bala. Amanda continuou a atirar no vidro do helicóptero, e enquanto o Cerberus se aproximava, Ripley falou em seu ouvido:

– Agora!

Amanda mirou no helicóptero que estava cada vez mais perto e atirou na janela, que se espatifou na hora. Oswald olhava para elas no assento do piloto vendo as mulheres e a criatura que voavam em sua direção. O Cerberus voou direto para o helicóptero e cravou as patas na abertura entre alguns cacos de vidro e Amanda mirou com sua mão direita na hélice, explodindo-a em seguida. O Cerberus pulou do helicóptero e voou para a esquerda, com Amanda de olhos fechados se concentrando em se segurar no tigre com as pernas e braços, enquanto o helicóptero despencava. Do

local da hélice subia uma fumaça preta. Oswald saltou da aeronave e em alguns segundos abriu um paraquedas de emergência.

O helicóptero colidiu contra as árvores, derrubando inúmeros troncos e abrindo uma clareira. Amanda sinalizou para a criatura seguir Oswald e começaram a descer na direção da floresta, alcançando o pai logo que ele tocou o chão. Oswald olhou para eles enquanto se livrava do paraquedas e Amanda viu sua expressão medrosa pela primeira vez. Ele arregalou os olhos e abriu a boca para falar mas a filha não lhe deu tempo, Amanda estendeu o braço direito e atirou em seu peito. Atirou outro raio em sua cabeça e seu pescoço tombou para a frente. Amanda olhou seu pai cair de joelhos, com Ripley segurando seu ombro tentando passar-lhe segurança.

– Você conseguiu. – ela sussurrou para a amiga, com o Cerberus batendo as asas e então decolando de volta ao lago.

Amanda olhou para a frente com o olhar vazio, como se o mundo tivesse ficado em câmera lenta, concentrando-se em saber que havia feito o certo. O Cerberus pousou no lago e somente quando a criatura tocou o chão Amanda sentiu um sopro de alívio se espalhar por seu corpo.

O exército de Gliese 581g tinha derrotado a maioria dos guardas da Firma. Andromedaens ainda disparavam tiros do lago e o exército Plethoreano tinha se aproximado da entrada da Firma. Junto da primeira fila de Plethoreans estava Stryker, em pé acima do corpo morto de Arlo. Ele olhou para as moças e ficou pasmo no mesmo instante.

Stryker imediatamente correu para elas enquanto Amanda e Ripley desmontavam de seu Cerberus. Stryker tinha uma expressão de choque, que logo se transformou em lágrimas.

– Como? – ele perguntou, olhando para Ripley como se ela fosse frágil a ponto de quebrar em pedaços a qualquer momento.

– Espere até ouvir a melhor parte. – Ripley respondeu, sorrindo.

- O que? – Stryker perguntou, olhando para Amanda confuso.
- Oswald está morto.

G

Amanda, Lina, Stryker e Ripley estavam no topo da montanha junto à nave de Gliese 581g. A Floresta de Hallormstadur estava a vista do topo da pedra e o prédio da Firma agora era uma ruína, sem sua bolha de vidro e com fumaça e fogo saindo de inúmeros andares. O sol começou a nascer no horizonte atrás da nave e o grupo olhava para o exército que se reunia para degustar a vitória.

– Precisamos partir agora. Nossa tarefa aqui acabou, mas a de vocês ainda não. – disse Synthious, na frente do grupo. Muitos Plethoreans e Vargans que tinham se ferido na batalha estavam sendo levados para dentro da nave e alguns Cerberus e Kratens agitados voavam em torno deles.– A fonte do mal foi destruída. Se iluminarem os terráqueos um por um, a Terra estará mais do que no caminho para a ascensão.

Amanda olhou para Synthious e sorriu. Então, perguntou:

– E o que a gente faz agora, Synthious? Tem muita gente na Terra, gente demais para alcançarmos sozinhos e sem ajuda!

Synthious ficou em silêncio por alguns segundos e Uyara respondeu para todos.

– Não são todos vocês que continuarão aqui. Um virá conosco e apenas um. Os outros devem entender que uma pessoa iluminada é uma aliada. Elas mesmas vão lhes ajudar a continuar com a missão. Antes de notarem, terão atingidos o globo. Devem confiar. Porém, um virá conosco. Estamos em busca de um humano para nos ajudar em uma jornada ainda maior. Quando esta se encerrar, traremos este um de volta em segurança.

O grupo olhou um para o outro por algum tempo, e logo pensaram em quem Uyara estaria falando.

– Amanda – disse Synthious. – Venha conosco.

Amanda piscou e não respondeu.

– Espera, eu fico? – perguntou Stryker.

Ele pensou por um tempo, franziu as sobrancelhas e olhou para Ripley.

– Não posso dizer que não gostei.

O grupo se olhou e todos sorriram. Os quatro deram as mãos e fecharam os olhos, como se num reflexo instantâneo. Sentiram o vento gélido da Islândia contra seus rostos e começaram a sentir o calor que vinha do sol que nascia.

– Que saibam que é uma jornada. Que flutuem por ela com suavidade. Amanda, quando estiver pronta, lhe esperamos na nave.

O chão começou a vibrar e ouviram o som da nave ligando. Amanda deu uns passos para trás do trio restante.

– Assim que terminar, vão te trazer de volta. Você ouviu? – disse Lina para Amanda. –

– Por favor não demore.

Amanda sorriu para Stryker e se virou, andando em direção à ponte de acesso. Logo estava dentro da nave e Stryker, Lina e Ripley assistiram as portas se fecharem.

A nave de Gliese 581g começou a subir sem emitir ventos ou sons, nada anunciava sua presença, com a estrutura apenas levitando e deslizando no ar em direção às ruínas da Firma. Assim que a espaçonave havia sobrevoado os destroços, mudou de rumo e desapareceu por entre as nuvens como se puxada por magnetismo. Deixando para trás uma pequena bola fluorescente que desceu na direção da Firma. E com um imenso clarão, a estrutura inteira da Firma explodiu no ar, como se tivesse sido atingida por uma bomba nuclear. Lina, Stryker e Ripley foram jogados ao chão. Uma imensa cortina de fumaça e fogo rasgou o ar e à distância o trio viu a destruição, sentindo uma emoção catártica se espalhar pelos seus corpos.

Alienizada

Amanda podia sentir o suor que se formava na palma das mãos enquanto andava plataforma adentro para o primeiro cargo, instantaneamente cega pelas luzes claras na frente da entrada da nave. Levou algum tempo para botar em perspectiva os objetos e seres ao seu redor, sendo difícil manter o foco e o equilíbrio, tentando seguir os passos pequenos porém rápidos de Synthious. A entrada do primeiro cargo era longa, roxa e muito clara com linhas de comprimento que seguiam todo o corredor, lhe guiando para cada virada ou passagem. A presença sufocadora de roxo nas paredes e teto de início a desconcertou, mas logo Amanda começou a sentir uma vibração confortante emanando da saturação de cores ao seu redor. A nave era fria, porém aconchegante, o que a surpreendeu mais foi a sensação de segurança que se espalhou por ela quando ouviu a porta fechar. A estrutura inteira parecia vibrar, com um som suave porém muito grave que fazia a nave vibrar. Julgando pela posição de entrada dela na nave, imaginou que fosse algo localizado no centro da espaçonave.

– Não é longe. – disse Synthious depois de passarem pelo primeiro corredor inteiro. – A decolagem é sempre melhor vista na sala em que estamos indo.

Amanda estudou onde andava, tentando absorver o máximo que podia da nave agora que tinha algum tempo para olhar. Seu cérebro ainda borbulhava com a realização de que agora tinha paz, uma paz presente. Poucos momentos atrás, havia terminado. Finalmente tinha chegado a um fim. E agora estava prestes a voltar a Gliese 581g.

– É Nitro, saiba. – disse Synthious, olhando para ela quando chegaram numa porta oval.

– O quê? Nitro?

– É a primeira de muitas informações importantíssimas que estamos prestes a lhe dar. Nosso planeta não se chama Gliese 581g. Nitro. Nós somos Nitro.

Amanda levantou sua sobrelha esquerda e lambeu os lábios, surpresa pela informação.

– Sabia que não era o nome real. Só não havia me ocorrido perguntar.

Synthious sorriu a ela com carinho e atravessou o que parecia um vidro, mas logo Amanda entendeu que se tratava de uma substância com a mesma aparência, mas líquida. Synthious deslizou por entre o material até o outro lado intacto, e Amanda imediatamente repetiu o que ele havia feito. Conforme o vidro líquido se aproximava de sua linha de visão e ela o atravessava, ela fechou os olhos e abriu para ver que tinha sido bem sucedida.

– Não vai te cegar. – falou Synthious. – É eerah. Uma substância que temos em abundância.

Ela olhou para Synthious e então registrou a sala em que se encontrava, espaçosa e também roxa. Suas janelas mostravam o vale abaixo e Hallormstadur no horizonte. Amanda podia ver o céu acima em um azul escuro e a lua cheia apenas realçava a adrenalina em saber que em breve estaria decolando. A sala lembrava da nave que haviam usado para chegar em Nitro pela primeira vez, e havia um longo assento de porcelana no formato de um U no centro, localizado estrategicamente para ter a visão das janelas. Ninguém estava lá além dela e de Synthious. Olhou para o velho ancião e perguntou:

– Não há nenhum protocolo de segurança antes de decolarmos?

Synthious andou para o assento e sentou-se, olhando para Amanda. Segurava sua bengala com força e falou:

– Não, essa sala tem um sensor separado de gravidade. É a melhor para aproveitarmos a vista enquanto decolamos. Precisamos

conversar, Amanda. – ele falou, sério. Por mais relaxada que sua voz soasse, Amanda não estava calma, se sentia fora de controle e desconfortável, vendo que essa era a primeira vez em que via Synthious parecer falar com ela em um tom mais urgente.– Deve estar se perguntando porque eu te chamei para voltar conosco, e não os outros.

Amanda deu de ombros e sorriu, dizendo:

– Essa é a primeira de muitas coisas que eu estou pensando!

– Veja, Nitro é hoje uma de poucas dúzias de hierarquias na galáxia conhecidas por possuir nossos números. Fomos bem sucedidos em todas as chances de mudar para melhores versões de nós mesmos. Mas o planeta que visitaram há alguns dias não é sem falhas, estamos passando por um período cada vez mais sombrio e, aqui estamos, nesta situação irônica...

– Que situação irônica? – ela perguntou, intrigada. Amanda tentava seguir o pensamento de Synthious mas não tinha certeza de que sabia aonde ele ia com isso.

– Que eu, como Alto Clero do Conselho de Nitro deva precisar da ajuda de uma terráquea. Não se ofenda. – ele olhava fundo em seus olhos e sorria levemente.

– Não sei se já posso fazer isso – falou Amanda, franzindo as sobrancelhas.

– O que diabos você poderia precisar de mim? – Synthious levantou sua mão para o lado e bateu no sofá, indicando para que ela se juntasse a ele. Ela aceitou e sentou-se, sentindo o sofá se mexer como se tomasse vida, virando para o lado oposto. Agora tinham uma vista majestosa, e Amanda sentiu o chão da nave começar a vibrar com mais intensidade

– A vida em Nitro não é a mesma de antes. E porque você não é de Nitro é exatamente a razão pela qual preciso de sua ajuda.

– Mas no que, exatamente? – perguntou Amanda. – O que poderia ser razão suficiente para me tirar da Terra de novo?

Synthious imediatamente parou e olhou para Amanda petrificado. Seus olhos arregalados olhavam fundo nela, como se ela tivesse falado algo que lhe ofendeu.

– Não deseja descobrir mais? – ele perguntou. – Eu estava sob a impressão de que você teria essa sede em você.

– Não é isso. Eu tenho, só não tenho tido tempo de respirar.

O olhar de Synthious se acalmou e ele disse – Eu compreendo. – Pausou por alguns segundos e então continuou: – Mas peço sua ajuda. Com a maior urgência possível.

– Pode me falar. Ajudarei como puder.

– O núcleo da energia que rege grande parte dos planetas de nosso sistema solar é armazenado em locais secretos de cada mundo. Esses núcleos de energia são responsáveis por suportarem toda a vida do planeta, também mantendo a força gravitacional de cada um. Uma dúzia de satélites orbita cada planeta e todos os doze representam um componente no recebimento e envio de energia. Eles prevêm que estrelas por perto entrem em supernova. Mas eles foram sabotados e alterados. A vida em Nitro não é a mesma e o Centro pode fazer só uma quantidade limitada de medidas preventivas, tentando impedir que nosso planeta descubra que nossos mundos estão lentamente apodrecendo. Atrasamos o processo o máximo que pudemos para diminuir qualquer suspeita, mas as rachaduras estão ficando evidentes. Existem tempestades de areia e elétricas ecoando por todos os dez continentes. As terras congeladas tomaram conta de locais antigamente tropicais.

– O que aconteceu com os núcleos de energia?

– Os K'zaars foram substituídos com farsas, imitações. Seu combustível é calor, energia tangível. Já se passaram cerca de três jenz, que é nossa medida de anos. Seria perto de cinco anos da Terra. Não podemos manter isso do povo por mais tempo.

– E como eu poderia ajudar? – perguntou Amanda, perdida.

– Notamos sua força, sua paixão. Foi selecionada pelo Centro como a que tem a melhor chance em nos ajudar. Você vê, pode nos ajudar porque durante esse tempo identificamos quais de nossos planetas inimigos são os mais suspeitos de terem roubado nosso mundo. Temos certeza de que é um desses três. Só não temos certeza de qual, porque envolve acessar cada um. E isso é impossível para nós de Nitro já que cada um de nós explodiria em mil pedaços se passássemos pela Fronteira de cada um.

– A Fronteira?

– São planetas inimigos nossos desde que nos entendemos por uma sociedade. A Fronteira é uma estação orbitando cada planeta já ascendido e vivo de nossa galáxia. A Fronteira detecta seres não desejados à distância e instantaneamente explode qualquer objeto que se aproxime. Se a Fronteira erra, ainda morreríamos quando passássemos pela atmosfera, já que existe outro sensor que detecta as frequências de nossos chips de registro. Cada ser de Nitro tem um chip registrado em seu cóccix. É inserido no nascimento. Conseguimos criar uma nave especial que ultrapassaria a Fronteira, mas precisamos de você, terráquea, para que se junte às outras duas raças alienígenas e formem uma equipe que se infiltraria com sucesso cada um desses três planetas, onde sabemos que passariam sem detecção pela Fronteira e pelo sensor atmosférico. Acessariam esses mundos e achariam qual tem nossos K'zaars. Podem revelar qual deles decidiu iniciar uma guerra... já que é um risco grande demais beirmos o fim de nosso reinado de paz, que já dura há milênios.

Amanda respirou e fechou os olhos, perguntando-o sem hesitar a primeira pergunta que pulou em sua mente:

– Quanto tempo até a nave decolar?

– Um minuto.

– Se eu não responder em um minuto preciso ir contra a minha vontade?

Synthious olhou para ela como se ele tivesse pedido para ela cometer um crime.

– Amanda – ele pausou, visivelmente chateado com a pergunta
– Alguma vez lhe forçamos a agir?

– Não, não imagino que tenham. É que...

Ele a interrompeu para finalizar:

– Se não concordar dentro de um minuto a nave não vai decolar. Estou simplesmente lhe oferecendo a chance de explorar, e, com isso, fazer uma diferença. Precisamos de você. Falo por todos de Nitro. Essa é uma conversa que está acontecendo na maior privacidade possível e lida com temas urgentes.

Amanda olhou para a vista da Floresta de Hallormstadir. Seu tapete verde de folhas ficaram laranja com o sol iluminando. Esta visão provocou em Amanda um senso de melancolia em saber que nesta região havia sido onde tudo começou para ela, e pela primeira vez na sua vida, sentia o que era buscar um lar. Gostaria de ficar com Stryker, Lina e Ripley por mais alguns dias aproveitando sua vitória contra a Firma de Oswald.

Tinha tomado controle de tudo de sua vida até aquele ponto, mas saber que essa decisão tinha sido jogada nela tão de repente a forçava a fazer o que ela mais detestava, mas algo que ela sabia estar acostumada a usar em si mais do que qualquer coisa: a habilidade de adiar sua paz. Lembrou-se de pensar que a maioria das oportunidades na vida são jogadas em você quando se menos espera, e uma viagem pelas estrelas para múltiplos mundos alienígenas, protegida pelo calibre de Nitro parecia lhe dar uma injeção de adrenalina na espinha, uma sensação surreal que ela nunca havia sentido em sua vida. Amanda sentiu seu sangue ferver, segurou o assento e olhou para frente decidida.

– Vamos decolar. – Fechou seus olhos e respirou, detalhando suas emoções e tentando criar um senso do que aquilo representava. Há muito tempo desde que sentira algo assim, e a

sede de descoberta a consumia como abstinência. Assim que sua mente tinha decidido, Amanda se sentiu renascida.

A nave lentamente pareceu começar a flutuar sobre o penhasco e ela sentiu uma corrente de ar frio no peito, olhando para Synthious rapidamente. Ele sorria, calmo. A nave começou a pegar velocidade, voando para longe das ruínas da Firma rapidamente como um trem bala. Amanda olhou embasbacada a nave mudar de rumo e acelerar em direção às nuvens. Não havia senso de perigo ou alerta, a estrutura não hesitava ou tremia, não demonstrava um sequer sinal de esforço, e dentro da cabine os olhos de Amanda pararam de piscar quando ela falhou em tentar compreender o quão indestrutível aquela nave deveria ser, parecia que tudo que assistia era projetado na tela à sua frente e não fazia parte da realidade. Levou um tempo enquanto olhava para suas mãos e de volta a Synthious em um ciclo rítmico que pareceu durar minutos, até Amanda finalmente sentir uma nova sensação se espalhar por seu cérebro onde ela simplesmente se rendeu a algo que sabia ser de uma magnitude maior que a dela. Sentiu seus olhos lacrimejarem com um senso de insanidade se espalhando por sua mente, sabendo o quão inacreditável isso soaria para qualquer um a não ser ela. Amanda sentiu uma lágrima escorrer rosto abaixo enquanto começou a gargalhar incontrolavelmente de si mesma.

Depois de alguns segundos, Amanda viu Synthious lhe dar um olhar confuso. Amanda gargalhou ainda mais alto colocando a mão em sua testa e tentando se acalmar, olhando em frente para o céu azul, cada vez mais parecido com um oceano azul escuro profundo e infinito que estava deliciada em poder mergulhar. Sentiu um senso incompreensível de êxtase se espalhar. Amanda focou em lembrar que já tinha passado por isso antes, só havia parecido menos chocante dentro da cápsula da Firma.

– Quando sentir que pode falar de novo, facilitarei isso mais ainda para você. Nunca lhe pediríamos ajuda sem lhe dar as

melhores armas e ferramentas para luta e proteção que podemos oferecer. Você é uma guerreira, Amanda, que escolheu virar heroína.

– Bem... – ela tentou se concentrar, voltando a si. – Era o certo a se fazer.

– Pode olhar agora. Entendo que pode ser intenso assistir uma decolagem pela primeira vez. – Amanda piscou e abriu os olhos, focando para ver que já tinham ultrapassado a atmosfera terrestre. Essa era a imensidão negra do espaço sideral à sua frente, com pérolas brilhantes espalhadas em toda direção imaginável - Amanda nunca havia visto uma quantidade tão exorbitante de estrelas e constelações.

– Posso lhe perguntar como está se sentindo, Amanda?

– Eu me sinto... exausta para ser honesta. Existe alguma chance de eu poder descansar? Ainda tenho um milhão de questões para perguntar, acredite. Mas tudo que preciso é descansar minha cabeça por um pouco de tempo... preciso ficar sozinha, nem que seja por uma hora.

– Tudo bem. Podemos lhe dar o tempo que for necessário. Nos levará pouco mais de uma hora para chegar a Nitro.

– Por que leva mais tempo do que na nossa cápsula?

– Você acessou nosso planeta por uma porta estelar. Uma ocasião rara, como balões usados para transporte no seu mundo. Estamos rumando a Nitro no nosso protocolo regular de viagem interestelar. Nossa nave nos leva a quinze anos luz por hora. Uma porta estelar desmaterializa tudo dentro de sua esfera e rematerializa a mesma em um destino diferente. Estava segura por estar dentro na sua nave. Ela a protegeu.

Synthious sorriu e perguntou:

– O que mais te relaxa? Qual atmosfera mais lhe ajudaria a se recuperar.

Amanda pensou por alguns segundos e respondeu:

– Um local calmo, tropical, com águas cristalinas num fim de tarde.

Synthious sorriu de novo e bateu sua bengala no chão duas vezes, falando um som que Amanda não reconheceu. As luzes da sala clarearam e o assento se virou de volta. Amanda olhou para o chão, que começou a inundar com água de todas as direções, para sua surpresa. Abriu os olhos confusa e notou que a água batia na parede e continuava a subir, criando uma onda ainda maior que agora Amanda entendeu ser uma ilusão tridimensional. Ela se levantou e uma segunda onda se espalhou em sua direção, com a onda vertical se esticando cada vez mais e formando um oceano cristalino. Amanda podia ver o movimento de cada onda em perfeito detalhe, e sua mente novamente relutava em conseguir aceitar que isso não era água real, olhou para seus pés e viu que agora o local estava repleto de areia amarela, conchas e pérolas. Amanda se deitou e notou que o cheiro da sala também tinha um aroma de uma praia no verão, e os barulhos da maré batendo na areia encheram seus ouvidos como magia.

– Vou te deixar sozinha com seus pensamentos. Quando estiver preparada para saber mais, apresentaremos o grupo e o resto da nave. Diga que está pronta e eu retornarei.

– Então vai ouvir tudo que eu falar aqui? – perguntou Amanda.

– Sim. Por que?

– Tenho a tendência de falar sozinha.

– Sinta-se livre para falar o quanto precisar. – Synthious atravessou a porta de eerah e desapareceu de vista. Amanda fechou os olhos e começou a aproveitar a visão ao seu redor, ajustando sua mente enquanto se maravilhava com o contraste da praia em que estava e a escuridão do espaço à sua frente.

G

Quando Synthious entrou na sala novamente, ele estava acompanhado de dois guardas Plethoreans.

– Gostaria de saber mais sobre sua companhia na jornada ou gostaria de saber sobre a jornada primeiro?

– Quero saber tudo que não sei sobre os três planetas. E quero que me convença que posso derrotá-los.

– Venha conosco, então. Estará feliz dentro de minutos, quando conhecer sua fortaleza.

– Minha fortaleza?

– Sim, Belladonna. Uma fortaleza dos céus se é que já houve uma. Venha, Amanda, estamos perto. – Synthious sinalizou para que atravessasse a porta de eerah, levando Amanda para outra sala. Ela seguiu o trio pelos corredores da nave, focando em cada aspecto da nave que podia. Os túneis pareciam ficar menores e menos cheios, quando Amanda se surpreendeu em chegar na cabine de controle principal. Cerca de vinte seres de Nitro sentavam-se à frente de telas, monitorando a trajetória da nave.

As telas eram hologramas e não existiam teclados, com eles digitando em uma mesa branca brilhante que iluminava a ponta de seus dedos. Os hologramas pareciam mostrar algoritmos passando muito rápido, como se comunicassem completamente por matemática e como se a máquina tivesse sendo controlada por algum *hacker*. No entanto, o silêncio e controle que os seres mostravam asseguravam Amanda de que eles tinham controle absoluto da nave. Amanda levou um minuto para perder interesse na tripulação que estava na sua frente e notar o que Synthious queria que visse: a sala inteira tinha uma janela de vidro e os seres soltaram um zumbido que assustou Amanda. Pareceram gemer em relaxamento ao mesmo tempo, falando um alto – yeee – olhando para a janela, que anunciava sua chegada. Nitro estava à frente de todos em toda sua glória, brilhando como um oásis de vida no meio da infinidade de silêncio ao redor.

Esta era a primeira vez que Amanda encarava Nitro assim, sentiu que parecia a Terra se a Terra fosse vista com a cabeça curvada ao lado. Havia dois terrenos maiores, como múltiplos continentes, cada um paralelo ao outro e muito largos, com oceanos opostos em cada fim de terra.

Synthious então sinalizou para que Amanda se juntasse a ele em outra sala ao lado da central de controle. Amanda obedeceu e entrou na sala que era inteiramente escura e negra exceto por um cilindro no centro. Notou que no topo do cilindro havia caixas de bronze que não pareciam abrir, como cubos decorativos.

– Essas serão suas companhias.

Outras luzes acenderam no final da sala para revelar duas portas que se abriram instantaneamente, e dois outros seres entraram na sala junto de Synthious e Amanda.

Um homem estava vestido todo de negro e tinha cabelo preto e a pele pálida. Parecia muito ser da Terra, assim como a mulher ao seu lado. Ela tinha cabelo loiro e estava vestida com um uniforme laranja que parecia confeccionado de múltiplas camadas de algum tipo de pele. Assim como Amanda, o casal aparentava estar confuso e perdido mas quando as portas se abriram, eles andaram ao encontro da dupla.

– Esses são Xev e Kai. – apresentou Synthious. – Foram selecionados junto de você para nos ajudarem a vingar os K'zaars. Porém, eles não te entenderão ainda.

Os três gritaram de dor simultaneamente, com Amanda notando que algo parecia ter mordido suas coxas. Amanda sentiu sua perna queimar e os três se olharam tocando as pernas, suspeitando das reações iguais.

– Foram inoculados com tradutores universais. Sentiram dor por alguns minutos mas logo passará. Agora podem se entender e se comunicar uns com os outros.

– Então não são da Terra?

- Não! E não viemos de Nitro, também. – respondeu Xev.
- De onde vocês são?
- Sou de Austacya. – falou o homem pálido. – É localizado nessa galáxia mas no lado oposto, perto da constelação de Pluster.
Ele tinha uma voz profunda e rouca.
- Eu conheço estes locais. – falou Amanda.
- A Pluster é meu sistema solar.
- E eu sou de C3K. É na galáxia de Hylia.
- A Galáxia de Hylia é a sua Ursa Maior, Amanda. – Synthious pausou por alguns minutos e começou a andar pela sala.
- Vocês já se conhecem? – perguntou Amanda à dupla.
- Não. – responderam os dois alienígenas.
- Já expliquei a todos a razão de estarem aqui. – falou Synthious.
- Os dois estavam conosco na Terra durante a batalha? Como estou conhecendo-os só agora?
- Eles estavam em Nitro e foram mandados para a nave assim que chegamos na órbita do sistema. Kai e Xev vêm travando jornadas intrigantes, e podem notar que têm mais em comum do que imaginam quando se conhecerem melhor. – respondeu Synthious.
- Ele saiu da sala, desaparecendo na escuridão longe do cilindro. Somente sua voz ecoou e o trio ouvia atento:
 - Abaixo de vocês está uma dúzia de Dimensionadores. Pode não parecer útil de início, já que certamente não é uma arma e não é designada para trazer dor. Mas as funções verdadeiras do Dimensionador não estão no óbvio, e é aí onde está sua glória.
- Três caixas da mesa então se abriram com um estalo, revelando itens transparentes na forma de um Y.
 - Peguem-nos e coloquem-nos na cabeça. – ensinou Synthious.
 - Um Dimensionador lhe permite aprofundar ainda mais sua

percepção. Poderão ser mestres em energia, esses itens identificam níveis de intenção e cores de auras.

Amanda se lembrou do Palácio onde Synthious mencionou sobre as vibrações e energias que regiam cada ser vivo. Sempre quis saber mais sobre o assunto, já que a tecnologia presente em Nitro a fascinava, e essa parecia ser sua chance.

– Tem que explicar mais! – ela pediu. Xev e Kai já haviam pego os aparelhos e posicionado-os na cabeça. Os Dimensionadores se acoplavam como simbioses e a parte central acendia uma luz verde assim que corretamente posicionado. Amanda olhou para o item à sua frente e tocou nele quando Synthious mencionou:

– É crucial que saibam o perigo que tem nesta jornada. O Dimensionador vai lhes permitir saber se alguém está mentindo ou falando a verdade, se alguém tem intenções perigosas ou vem em paz a partir da análise das cores das auras. Estamos descendo em Garrien, onde está Belladonna. Garrien é uma cidade histórica e séculos atrás foi o principal esconderijo dos guerreiros de Nitro durante a Guerra das Chuvas.

Amanda posicionou seu Dimensionador, sentindo o item pressionar seu crânio com força e em seguida soltar a pressão. Sentiu uma eletricidade percorrer seu corpo, como um pequeno choque ao acoplar, ignorou o choque, classificando-o como meramente desconfortável. Focou em Synthious e notou que houve um barulho alto e a vibração da nave cessou. A nave foi preenchida por silêncio.

– Chegamos. Hora de conhecer Belladonna.

Belladonna

– Vamos passar a noite na Belladonna mesmo não estando pronta para decolar? – perguntou Kai, apático.

– Belladonna é um organismo vivo, os alimentará e lhes dará tudo que é necessário para viverem no espaço durante sua jornada.

– respondeu Synthious, andando nos corredores da nave. – Assim que chegarmos explicarei detalhadamente.

– O que fez com que a gente se destacasse? – perguntou Kai. – Não quero julgar, mas dificilmente parecemos o trio mais forte fisicamente.

– Não buscamos força física. Vocês três excederam as expectativas em inúmeros aspectos, que foram cruciais para estarem aqui. São perseverantes, persistentes e cheios de tenacidade. Verão o quanto têm em comum um com o outro.

Depois de andar por alguns minutos com seu novo grupo pela nave, Amanda notou uma luz no final do corredor, uma janela para um imenso campo aberto de Nitro. As montanhas majestosas no horizonte pintavam a cena, mas o que se destacava era a imensa estrutura no meio do gramado. O vento batia forte e Amanda se sentiu hipnotizada pela fortaleza à sua frente.

Belladonna era um estrutura prateada, com dois andares em forma de X cada um. O X de baixo era mais grosso e largo do que o X superior, com uma abertura que parecia ser a entrada entre as duas plataformas. A nave lembrava duas estrelas gigantescas uma em cima da outra e a espaçonave era mais intimidadora e sofisticada do que as outras naves de Nitro, poderia se perder dentro dela e não se encontrar por horas. As pontas eram polidas e brilhavam contra o céu diurno de Nitro. Amanda olhou para cima, para baixo, para os lados, tentando absorver a construção inteira,

mas sua presença surpreendia até Xev e Kai, que também olhavam estupefatos e em silêncio. Dezenas de Vargans saíam da nave por perto deles, andando para Belladonna, como se correndo para completar um serviço apressado.

Synthious começou a andar em direção à entrada da nave e o trio o seguiu. Se apressaram passando pelos Vargans e acessaram a plataforma, que chocou Amanda novamente. Belladonna não era uma nave comum. Parecia um lugar completamente diferente.

– Essa é a cabine principal. – falou Synthious. Amanda notou que o mestre ancião não tinha entrado. A cabine principal era um oásis, com um banco de areia imenso no centro e palmeiras o circulando. Cursos d'água seguiam para inúmeros corredores, com uma atmosfera tropical quebrada apenas pelas paredes, que também eram surpreendentes. Havia um painel central com centenas de botões coloridos e uma grande abertura no centro que os permitia ver o holograma de uma figura feminina etérea e belíssima. O trio parou para focar na imagem da mulher, e Synthious anunciou quem era:

– Esta é Belladonna.

A mulher sorriu com ternura e falou com uma voz suave:

– Olá a todos. Minhas reservas estão com 94% de capacidade. Logo poderemos decolar dando início à nossa viagem.

A nave inteira tinha cheiro de uma praia tropical, se algo havia chocado Amanda, era isso, não conseguia compreender o contraste entre as paredes tecnológicas extremamente avançadas e a tranquilidade da praia. Pareciam dois ambientes opostos, colididos sem razão aparente.

– Não entendo. É uma praia perfeita e artificial.

– Sempre priorizamos segurança, deve se sentir em casa à bordo da Belladonna. A ponte principal é, sim, uma praia, mas Belladonna em si é uma pletora de vida, caminhe pelos corredores e encontrará florestas, cachoeiras, desertos, terras de neve, todas artificiais e

criadas para vocês três se sentirem em um lar. A nave é um organismo vivo, e responderá diretamente a vocês quando perguntarem.

Para acessarem o banco de areia, tinham que pisar por entre outros pequenos bunkers de pedra e areia, como pequenas ilhotas que davam acesso ao centro. Amanda seguiu Xev e Kai, que dispararam na frente, ouvindo Synthious falar:

– Se me dão licença, devo ir. A nave lhes ensinará tudo sobre os Dimensionadores, os planetas e sua jornada, só devem perguntar. Necessitam de mim em Uyara.

– Mas já? – perguntou Amanda. – Não se juntará a nós?

– Nunca disse isso.

– Eu sei, mas ao menos esperava que fosse nos guiar até a decolagem. Tem muito que não sabemos.

– É para isso que Belladonna serve. – Synthious então sorriu para Amanda como sempre e continuou:

– Confie em mim, Amanda. Quando lhe falharmos?

Amanda hesitou por alguns segundos e então sorriu de volta.

– Bem. – ela disse. – Obrigada por tudo, Synthious. Espero que possamos orgulhar você e Nitro.

Xev e Kai se viraram também agradecendo ao mestre.

– Tenho certeza que excederão nossas expectativas. É o ciclo natural de vocês três desde o início de suas jornadas. Usem essa noite para se conhecerem. As galáxias os aguardam. – ele piscou e sorriu mais uma vez, se virando e saindo pelo campo aberto, se juntando aos Vargans que saíam e entravam da nave com múltiplos objetos e aparelhos. Amanda se virou para se juntar a Kai e Xev, falando animada:

– Só nos faltam redes! – ela brincou, mas Xev e Kai olharam para ela confusos. – Redes! – mas nenhum respondeu.

– Você as prende entre duas palmeiras, e aí deita para descansar. Não tem redes nos planetas de vocês?

– Quer dizer uma burga? – perguntou Xev, que então mudou o assunto:

– Quero ver o deserto!

– Devíamos perguntar a Belladonna por instruções imediatadas. Me sentiria mais segura assim. Não é brincadeira, estamos seguros aqui mas não estaremos assim que pousarmos no primeiro planeta.
– avisou Amanda.

– Belladonna – falou Kai, encarando o holograma feminino. – Por favor nos informe sobre nosso primeiro destino.

Belladonna sorriu em paz e começou a explicar:

– Seu primeiro destino é um planeta na galáxia Espectral, chamado Kratik. Um paraíso de neve, e o primeiro suspeito da lista, localizado a exatos 105,2 anos luz daqui. Será uma jornada de dois dias com nosso motor em potência máxima. Necessitarão de uniformes especiais para suportarem a pressão da atmosfera congelante.

A voz de Belladonna parecia acalmá-los, e Amanda rapidamente começou a sentir uma atmosfera de segurança vinda da nave.

– Não temos informação sobre onde o K'zaar estará na superfície do planeta, mas temos estimativas de acordo com os locais que podem suportar vida, já que muito de sua crosta é inabitável.

– Então a parte mais difícil vem primeiro. – falou Xev.

Belladonna não respondeu, mas piscou lentamente como se concordando.

Kratik

Durante as horas seguintes, Amanda, Kai e Xev assistiram a decolagem da Beladona para o infinito, em direção à nova missão. Os três tripulantes passavam maior parte do tempo absorvendo informações sobre a missão e a própria nave, que tinha a complexidade de um mundo por si só.

A estrutura da nave era conectada por labirintos de corredores sem gravidade, permitindo que eles flutuassem pelas áreas. Os quartos e banheiros também ofereciam um pedaço do paraíso.

O quarto era uma câmara redonda composta por colchões d'água flutuantes, suspensos no ar, com o chão feito de um carpete de seda muito suave, completamente desconhecido para Amanda, que se sentia andando em nuvens de algodão. Havia fontes de água a cada extremo do quarto e do lado de cada cama baús com inúmeras roupas de diferentes cores. As águas criavam um ambiente elevado, quase angelical, que acalmava o mais enérgico dos corações.

Os banheiros eram fontes termais e Amanda logo que entrou sentiu o cheiro de lavanda preencher suas narinas, vindo do vapor das águas aquecidas. Quis se jogar e passar uma hora relaxando nas banheiras. Mas rapidamente sua atenção passou para câmara ao lado que oferecia todos os tipos de comidas, bebidas, frutas e vegetais imagináveis. O que se desejasse, Belladonna podia oferecer. Tudo parecia um presente, e Amanda focou em aproveitar cada aspecto, sentindo a repetição da mesma sensação de prazer ao entrar em cada câmara e se surpreender com o que lhe tinha sido presenteado.

O trio passou a se conhecer melhor, com a nave já fora do sistema solar de Nitro e rumo a Kratik. Amanda sentiu uma pureza

ao conversar com Xev e Kai similar à felicidade infantil. Ela ouvia histórias sobre a infância dos companheiros e se surpreendia com cada uma, foi difícil separar a verdade e ficção quando Xev lhe contou sobre o povo alado de seu planeta e Kai compartilhou o que ele imaginou que fossem anedotas hilárias sobre sua sociedade, perturbando Amanda ao perceber que os Austacyans eram ligeiramente incestuosos. Não importasse a conversa, sempre havia um senso de descoberta e gratidão no trio que parecia estar antecipando a chegada com anseio.

– Sob circunstância alguma devemos nos separar. – falou Xev.

– Eu realmente odeio frio. – ela suspirou.

Os três viajantes olhavam pela ponte principal da praia de Belladonna para Kratik, um mundo aparentemente deserto e congelado. O planeta branco parecia inabitado, exceto por um pequeno continente verde onde pousariam.

– Belladonna, algum sinal de vida por perto? – perguntou Amanda.

– Não recebi nenhum sinal de vida inteligente.

O trio se entreolhou, suspeitando da falta de atividade.

– Este é um planeta com vida, certo? – perguntou Amanda.

– Parece que as maiores cidades são localizadas no hemisfério sul. Pousaremos no continente noroeste. – falou Kai, conforme a nave se aproximava da atmosfera para pousar.

– Então os seres vivos neste planeta seguem vivendo mesmo com essa temperatura? – perguntou Xev.

– Sim. A vida inteligente de Kratik não é composta por seres de carbono, como humanos. – respondeu Kai. – Acredito que a maioria é similar aos Plethoreans, significando que sua pele é mais grossa para se adaptar ao ambiente em que vivem. Posso estar errado. O que sei é que não são amigáveis. De maneira nenhuma.

– Como sabe tanto de Kratik, Kai? – Xev continuava suas perguntas, com as montanhas congeladas de Kratik ficando cada

vez mais evidentes.

– Meu planeta compartilha uma atmosfera similar a de Kratik. Não é incomum para os Austacyans ouvirem sobre as lendas de Kratik durante a infância. – ele respondeu.

Amanda foi pega de surpresa pela sua falta de emoção, Kai respondia cada pergunta como se estivesse em um questionamento.

Amanda, Xev e Kai começaram a se vestir em seus uniformes, estocados abaixo do holograma de Belladonna. Amanda notou que o material que tornava os mesmos pretos era responsável por mantê-los aquecidos, parecia feito de uma pelagem mais grossa que camurça, mas também desconhecida. Ela o acariciou, estava involuntariamente atrasando suas atividades devido ao seu alto nível de ansiedade. Seu estômago parecia congelado e percebeu que Kai e Xev já estavam prontos para saírem. Se apressou, vestiu o uniforme. A nave já havia pousado.

O trio ouviu Belladonna abrir sua ponte e começar a abaixá-la, abrindo-se para o planeta de gelo alienígena.

– Como vamos achar o K'zaar? Quanto tempo podemos ficar fora da nave? – ela perguntou à dupla.

– Vamos explorar pelo tempo que for necessário. Os Dimensionadores vão nos alertar caso estejamos perto de um K'zaar. A superfície dessa parte do planeta não é tão gelada ou coberta com neve e os K'zaars não podem estar escondidos nas profundezas polares, o combustível que usam é calor. E lembrem-se: Belladonna é invisível, nós não.

Amanda continuou se lembrando de tudo que podia lhe dar segurança, mas sentiu a ponta de seus dedos ficar gelada assim que a plataforma chegou na sua linha de visão. Uma corrente de vento polar passou pela abertura e a temperatura começou a despencar junto com a descida da plataforma.

A nave tinha, no entanto, realmente pousado na área verde. O grupo saiu para as terras de Kratik, virando as cabeças para todos os lados, tentando ver cada canto. Se não fosse pelas montanhas do horizonte, Amanda imaginaria que estavam em outra parte de Nitro, ou da Terra, havia pequenas colinas por perto e campos de flores vermelhas como papoulas por todo lugar. O ar, no entanto, não era similar à uma brisa de verão, era gelado e mesmo pela pelagem Amanda podia senti-lo congelando-a por dentro.

– Devíamos começar por aquela colina. – sugeriu Kai. – É possível ver os campos congelados.

– É muito gelado! – falou Xev. – Por que é tão frio se está tão ensolarado?

– Eu não sei. – respondeu Kai.

Ele começou a andar para a colina mais alta e Amanda olhou para Xev.

– Tente não se concentrar na temperatura. Tomara que não precisemos ficar muito tempo. – Xev concordou e as duas começaram a andar em direção a Kai, que já estava quase na colina. Quando chegou no pé do morro, ele se abaixou e começou a engatinhar lentamente. Logo em seguida, Amanda e Xev repetiram suas ações, seguindo Kai até o cume do morro.

– A área coberta de grama tem vida e parece estar encolhendo a cada minuto. – falou Kai.

– O que você quer dizer? – perguntou Amanda.

– Olhe. – ele respondeu, apontando ao leste. Amanda e Xev alcançaram o topo da colina e olharam para a direção que ele indicou. Viram inúmeras montanhas congeladas e abaixo deles campos verdes de grama. O céu era azul, mas havia nuvens cinzentas cobrindo todo o campo, e pareciam vir na direção deles.

– Foque na divisa exata entre a neve e a grama. – falou Kai.

Amanda fez como o sugerido e percebeu que Kai estava correto. Os campos coloridos diminuía. Em uma questão de dez segundos,

Amanda conseguiu notar uma redução significativa na porção verde, e os campos brancos pareciam se espalhar e consumir a vida como um rápido vírus epidêmico.

– Ainda poderemos ficar aqui quando estiver tudo coberto. – disse Amanda. – É para isso que temos os uniformes!

– Sim, mas parece se espalhar muito rápido. Em uma hora vamos estar cobertos de neve. Imagino que seja o ciclo natural desse ecossistema, é fim de tarde e a neve toma posse da atmosfera durante a noite.

– E aí durante a manhã tudo se limpa de novo? – perguntou Amanda.

– Não tenho certeza, mas uma parte parece lutar contra o sistema.

– Significa que o K'zaar está num lugar frio, de um jeito ou de outro!

– Mas como? – perguntou Kai.

Os três ficaram em silêncio, olhando para a frente. Quatro ou cinco metros de grama já tinham sido devorados pela crescente nevasca. Amanda ouviu barulhos estranhos vindos de trás deles e, antes que pudesse olhar para trás, sentiu um soco brutal e violento a atingir na cabeça. Ela caiu no chão e tudo ficou preto.

Ela podia sentir seus braços dormentes, como se seu sangue não estivesse circulando direito por suas veias. Seu corpo parecia penetrado por agulhas. Amanda se sentia tonta e relutava a abrir os olhos, só para perceber quando o fez que seu corpo estava suspenso verticalmente. Seus braços estavam presos ou amarrados, mas não conseguia olhar para cima, primeiro, achando ser pela fraqueza que sentia, mas logo notou que seu pescoço e pernas também estavam paralizados. Por mais imobilizada que se sentisse, podia torcer o corpo incluindo punhos e tornozelos, tentando aliviar o desconforto extremo, e assim que Amanda aceitou que não tinha

nada que pudesse fazer para sair, tentou descobrir onde se encontravam.

A primeira coisa que percebeu foi como o chão parecia tremer de leve, o solo inteiro possuía rachaduras de gelo como vinhas crescentes que os circulavam. Era como se a terra e a neve estivessem lentamente acordando de um longo estado de congelamento. A qualquer momento, parecia que o chão ia rachar. Amanda continuou analisando o local e, quando conseguiu olhar para cima se viu nas ruínas do que parecia um imenso coliseu. O estádio era dez vezes maior que qualquer estádio de futebol da Terra, a estrutura composta inteiramente por blocos retangulares de pedras cinzas e pretas, com inúmeras peças faltando, ameaçando todo o equilíbrio. Centenas de buracos mostravam a escuridão do céu de Kratik, mas não havia escapatória. Para alcançá-los, primeiro teria que conseguir escapar de suas correntes ou seja lá o que a segurasse, depois escalar toda a estrutura. Cairia antes de conseguir chegar ao primeiro dos buracos abertos. Então Amanda olhou para os lados procurando Kai e Xev. Quando o fez, sentiu seu pescoço arder com uma dor lancinante e deu um pequeno grito. Ela fechou os olhos e esperou a dor amainar. Um vento cortante soprou por seu corpo e Amanda sentiu então o quão gelado era o ambiente.

– Amanda – chamou uma voz à esquerda, que ela reconheceu ser de Xev.

– Xev? – ela perguntou de volta.

Não podia vê-la, e parecia que a própria voz vinha algum local por trás de si, então Amanda começou a ouvir sons se aproximando, parecia o som de metais colidindo. O que viu em seguida a confundiu. Kai apareceu carregado por quatro seres cobertos por pelos brancos. As criaturas pareciam Yetis e tinham uma aparência de orangotangos enormes e quando finalmente conseguiu ver Kai por completo, notou que estavam todos presos

em estruturas metálicas na forma de X, com tornozelos, pescoços e pulsos presos pelo que parecia um campo negro de energia, uma substância elétrica desconhecida. Amanda se surpreendeu ao ver que os seres ao lado de Kai não eram quatro e sim dois. Seus pescoços se separavam com uma fenda que dividia seus corpos com duas cabeças. Seus narizes não estavam lá, no lugar existiam aberturas como de cobras e seus olhos pareciam ameixas negras. Amanda nunca tinha visto criaturas tão repulsivas, certamente não eram pacíficas, visto o local onde se encontravam.

– Kratikans. – falou a voz de Xev atrás deles. Amanda não respondeu, ficou em silêncio sem considerar esperto dialogar com essas criaturas, não sentia desejo algum em ter que interagir com elas. Não era familiar com a espécie e não sabia que Xev os conhecia. O duo de Kratikans virou as quatro cabeças para eles, andando capengando até Xev.

– São invasores. – falou o Kratikan da esquerda, mas apenas sua cabeça esquerda respondeu. Então, a cabeça da direita continuou: – Devem ser exterminados. – quase que rosnando em estridência.

– Não somos invasores. Recebemos autorização para vir para cá. – falou Xev imediatamente.

– Nenhuma autorização foi dada pela Suprema Corte – respondeu a cabeça esquerda do segundo Kratikan. – Desejamos fritá-los!

– O quê? – Xev demonstrou surpresa, levantando sua voz de leve.

– Se fizer isso sofrerão severas represálias! – ela falou, ameaçando. Amanda permaneceu em silêncio, pensando se Xev contaria do plano de resgatarem os K'zaars. Também pensava se em algum momento revelaria que estavam em uma missão para Nitro.

Então, o primeiro Kratikan puxou Xev para a frente, fazendo com que Amanda a visse. Amanda olhou de volta para Kai, que parecia

estar dormindo profundamente, sem nenhum sinal de consciência. Sentiu seu coração pular contra seu peito enquanto viu o segundo Kratikan vindo diretamente em sua direção, e conforme ele se aproximou ela focou em seus olhos negros e o Dimensionador alertou em sua mente, rejeição, assassino primal, esse era um ser puramente ruim.

O Kratikan colocou suas mãos deformadas na estrutura que a segurava e Amanda se desesperou, sentindo que ele estava prestes a matá-la. No entanto, ele a virou, e Amanda pôde ver o que estava atrás dela. O que viu a chocou de tal maneira que não conseguiu mais manter o autocontrole. O lado oposto do coliseu era um apavorante pesadelo de corpos mortos, desfigurados ou mutilados. Certamente havia mais de dois mil corpos pendurados e presos do chão ao topo do coliseu, cada um friamente degolado, órgãos estavam pendurados e Amanda assistiu um intestino completo despencar alguns metros, caindo na cabeça do cadáver abaixo. No chão, inúmeros órgãos caídos anteriormente estavam banhados em uma piscina colorida em vermelho escuro devido ao sangue, que contrastava ao branco da neve.

Amanda olhou para todo canto e viu uma multidão de espécies, similares a Plethoreans, Andromedaens, humanos, Vargans e até Kratikans, todos dividindo o mesmo destino. O coliseu era uma câmara de tortura, e Amanda temia não só por sua vida, mas pela de Xev e Kai, sem a mínima esperança de escapar, já que os campos de energia a prendiam brutaemente.

– Xev! – ela gritou, decidindo encerrar seu silêncio, certamente o silêncio apenas asseguraria seu fim mais rápido, então ela gritou o nome de Xev tentando mostrar aos Kratikans que lá estava, viva, manifestando-se, sabia que não tinha como escapar, mas ao menos podia enganá-los com palavras ou negociar algum tipo de rendição.

Tinha que haver um jeito, esse não seria o fim, logo após chegarem em Kratik, logo após iniciarem sua exploração. Enquanto

gritava, deixou outro berro sair, desta vez de dor, quando seu Dimensionador deu um choque tão forte em sua cabeça que sentiu sua visão girar. O choque violento veio como um bônus não desejado, e Amanda começou a pensar no que mais poderia dar errado. Sentiu seu corpo ser virado agressivamente de novo, e desta vez encarou o Kratikan. Olhou para ele, sabendo que ter gritado havia funcionado, e o Dimensionador alertou uma surpresa ao encarar a cabeça oposta: limpo, ser primal. Amanda arregalou os olhos e uma ideia pulou por sua mente como uma bala, mantendo a expressão limpa para que o Kratikan não a lesse.

Amanda entendeu que as cabeças não pareciam compartilhar os mesmos traços ou personalidades. Se perguntou se seus cérebros eram segmentados e, no instante em que o fez, sentiu seu corpo gelar quando viu o Kratikan da direita sacar uma navalha pontiaguda.

– Amanda! – gritou Xev, assistindo o Kratikan andar na direção da amiga, pronto para cortá-la. Os olhos de Amanda se arregalaram e ela começou a entrar em pânico. Esse era o fim e não havia saída, e apenas alguns segundos a restavam para aceitar seu destino.

De repente a cabeça direita do Kratikan explodiu em mil pedaços, jorrando sangue e entranhas para todos os cantos. O rosto de Amanda se cobriu com o sangue vermelho gritante dos Kratikans, e alguns segundos depois a cabeça direita do outro Kratikan também explodiu. As cabeças da esquerda gritaram em agonia e dor, caindo no chão.

Amanda viu que Kai tinha acordado e atirado com uma espécie de aparelho no seu punho, a cabeça da esquerda então se revoltou e correu para Amanda com a navalha apontada para seu coração, pensando que ela havia sido a responsável. Amanda fechou os olhos esperando a lâmina cortar e novamente foi surpreendida

quando sentiu seu corpo se soltar da estrutura, percebeu que estava livre.

– Olá, Amanda – falou a voz de Belladonna em sua mente. – Está na hora de aprender sobre as funções verdadeiras do Dimensionador, que são sempre ativadas na proximidade da morte. De agora em diante, suas fontes de energia foram ativadas ao potencial máximo e o Dimensionador está ligado diretamente a várias regiões do seu cérebro. A primeira demonstração, o Levitar.

Amanda sentiu os ventos do coliseu a cobrindo, abrindo os olhos para ver que flutuava quase no topo, olhando para Kai e Xev, que a avistavam chocados.

– Para não cair nos próximos três segundos, deve dizer o segundo comando: Vôo.

Amanda imediatamente gritou

– VÔO! – e a ponta do Dimensionador que ficava mais próxima de sua testa começou a descer pelo seu rosto, como uma cobra saindo de uma caverna. A ponta descia e ela sentiu o gelado do metal contra sua pele, chegando ao seu queixo, pescoço e peito. Percorreu sua cintura e desceu pelas suas pernas e joelhos, até parar em seus pés onde se expandiu para os lados. Era como se o objeto tivesse virado uma extensão, como um báculo que pudesse segurar. Conforme seu impulso caía, o Dimensionador a levitava suavemente.

– Aponte para onde deseja voar. – falou Belladonna, e Amanda respirou fundo antes de relutantemente apontá-lo para a direita, voando para metros à sua frente. Podia ver todo o coliseu abaixo de onde estava, segurava o báculo com toda força, apavorada com medo de cair.

– Se deseja se comunicar com Kai e Xev, agora pode alcançá-los na sua mente. Ache a presença deles abaixo de você e será transmitida.

Amanda segurou o báculo, parando novamente no ar suspensa e fechou os olhos, focando na terceira função. Sentiu a presença de Kai e Xev e uma energia fluiu em seu corpo enquanto conversava com eles.

– Podem me ouvir? – ela perguntou, sem falar nada.

– Sim. – respondeu Kai do chão.

– Podemos – falou Xev.

Ela notou que eles não falavam alto, mas o som que emitiram foi suficiente para chamar atenção do Kratikan que estava de pé e sem gritar mais. Ambos sobreviveram com apenas uma das cabeças. Amanda sabia que teria que criar uma distração no menor tempo possível, então o Dimensionador falou com ela mais uma vez.

– Há outras duas funções disponíveis. O soco sônico pode ser ativado do chão. Para descer, aponte seu báculo para o chão.

Amanda obedeceu e começou a descer. Pulou do objeto quando estava próxima do chão e sentiu o mesmo começar a se contrair novamente, voltando para o centro de sua testa. Ouviu Xev gritar em pânico e viu o Kratikan tentando esfaquear Kai, apenas para Kai também eliminar o campo de energia e se libertar, levitando no ar. Então, entendeu: tudo que precisava para ativar o Dimensionador era chegar à beira da morte. Sem saber, o último Kratikan estava fazendo-lhes um favor tentando matar Xev. A lógica pareceu fazer sentido a Xev também, que logo gritou:

– Ei, seu monstro inútil! Me mata se tem coragem! – ela gritou, e o bicho correu até ela. Amanda andou em sua direção com o maior cuidado possível, mirando com as mãos enquanto Belladonna lhe ensinava os passos. Sentiu toda sua raiva e energia acumularem dentro de si, e concentrou em enviá-los para o centro de suas mãos. Quando viu Xev voar para cima do Kratikan que tentava matá-la, Amanda gritou com toda sua dor e emanou uma energia prateada da ponta de suas mãos em direção ao Kratikan,

como se o vento ficasse visível por alguns momentos. O sopro de energia atravessou o coliseu como uma bala e atingiu o ser selvagem com a força de uma bigorna. O Kratikan gritou de dor e seu corpo foi atirado para o outro lado do coliseu. O outro Kratikan assistiu seu companheiro ser atacado e desenvolveu um medo da terráquea.

Amanda e Kai já se comunicavam normalmente sem utilizar os Dimensionadores.

– Matamos as outras cabeças? – perguntou Kai.

– Parecem ser melhores. Não sei se merecem. – respondeu Xev do topo do coliseu. – De qualquer jeito virão até nós se não fizermos algo. – Xev chegou ao chão e o trio se reuniu. Ele se posicionou para tentar o soco sônico, parecendo pegar a manha mais fácil que Amanda, acertando o Kratikan restante em cheio.

– Para onde vamos? – perguntou Xev conforme Amanda escaneava o coliseu por uma saída.

– Ali! – ela gritou. Parecia haver uma abertura na parte debaixo da estrutura, localizada no exato centro de onde a chacina de corpos estava.

– Eles não nos viram! Estão procurando, olha! – falou Kai, apontando para trás mostrando os Kratikans confusos. De alguma maneira, não podiam vê-los.

– A função final foi ativada. – falou Belladonna. – Ficarão invisíveis por um minuto completo. Para ativar essa função de hoje em diante, devem falar a palavra: Transparência. Saibam que essa função só pode ser usada uma vez a cada vinte e quatro horas. Usem com sabedoria.

O trio entendeu porque os Kratikans não os viam e aceleraram, correndo o mais rápido que conseguiam para a abertura do coliseu. Chegaram meio minuto depois, e logo viram que a abertura era muito estreita para os três passarem juntos. Kai entrou primeiro,

seguido de Amanda e Xev. A fenda parecia dar para um corredor, que era mal iluminado exceto por uma luz no final.

Lado Negro

Assim que o trio chegou ao fim do túnel, se encontraram nas congeladas terras de Kratik, no que parecia ser uma floresta de espinhos coberta por neve. Os três se entreolharam descrentes pensando em maneiras de cortar os galhos a fim de seguirem em frente. Amanda reparou que nunca tinha visto um céu tão alienígena, não reconhecia nenhuma constelação nem sabia se Belladonna se localizava nas proximidades.

O ar da noite era gelado e os uniformes começaram a pesar, por mais leves que fossem. Dependiam das forças do Dimensionador para superarem este momento, já que estavam cansados e sem forças. Ela não sabia por quantas horas ficaram presos até acordarem, mas se lembrou que nenhum deles havia comido antes de pousarem, nada sobre a situação atual poderia ter sido antecipada ou prevista.

– Esses galhos podem ser venenosos. – alertou Kai. – Kratik é conhecida por estas florestas, e é melhor evitarmos venenos a todo custo. Pode cortá-los com seu aparelho? O que é isso, na verdade? Realmente ajudou ali atrás.

– É um tipo de estilingue usado por todo guerreiro Austacyano. Seu efeito é similar ao de uma faca cortante, e atinge até trinta metros de distância. Não acredito que sejam suficientes para cortarem esses, no entanto. – ele disse, olhando para os espinhos.

Os galhos eram grossos e escuros, era impossível cruzar por baixo mesmo que se arrastassem.

– Idiotas! Podemos voar por cima deles! – gritou Amanda, se tocando.

– Como não pensamos nisso antes?

– Não imagino que estejamos familiarizados com as funções do Dimensionador – disse Kai, apático. Os três imediatamente falaram

– Vôo – e assistiram seus Dimensionadores se expandirem para baixo dos rostos, atravessando seus corpos até os pés. Logo estavam no ar, vendo as montanhas no horizonte após a floresta de espinhos e puderam reconhecer os morros e colinas de onde haviam sido capturados. Notaram que a tentativa de travessia seria frustrada, viram as vinhas e galhos crescendo, subindo em direção aos três, como uma súbita muralha.

– Posso imaginar que seja o sistema natural de defesa desse organismo. – disse Kai, olhando para cada extremo da floresta. Os galhos continuaram a se expandir do chão, chegando aos pés do grupo em segundos e atravessando a linha de visão deles. As vinhas não tinham atacado ou expandido para os lados, somente pareciam formar uma barricada de defesa contra qualquer coisa que chegasse em sua área. Algo estava denunciando a presença deles, e essas formas de vida podiam detectar qualquer predador na proximidade. Antes que pudessem se virar para encarar o coliseu, Amanda sentiu seu braço arder e gritou de dor, um dos espinhos tinha rasgado seu uniforme e deixado um corte profundo em seu braço, o mesmo em que Oswald havia atirado. Ela não podia segurar o braço por estar suspensa no ar, e enquanto a dor aumentava Amanda ouviu a voz de Kai em sua mente:

– Olhe! Belladonna está ativa! Alguém está tripulando a nave! – ele anunciou, e o trio se virou para ver a nave ainda que distante, longe do coliseu, acender as luzes. Pouco tempo restava, caso contrário Kratik viraria sua casa permanente.

– Temos que chegar lá agora! – gritou Xev. Flutuavam no ar, longe o suficiente dos galhos e ainda mais longe de escapatória.

– Para onde nos viramos? Não conseguimos chegar na nave daqui! – falou Amanda.

Kai apontou seu Dimensionador para cima e continuou a subir, dessa vez mais rápido. Amanda e Xev seguiram, assim como os galhos. O vento polar soprava pelo uniforme de Amanda como se ela acelerasse em uma motocicleta, exceto que não estava no chão, mas subindo no ar. Não ousava olhar para baixo, tinha que continuar calma. Não havia tempo para fraquejar ou duvidar de nada.

Depois de subirem pelo que parecia um quilômetro inteiro, Kai usou um soco sônico que desarmou e quebrou alguns galhos, impedindo-os de crescer. A intensidade do soco era tanta que algumas raízes quebravam e caíam ao chão. Logo Xev e Amanda copiaram suas ações, atirando socos sônicos e iniciando uma travessia por cima da floresta. Amanda mirava para baixo, impedindo que os galhos crescessem, enquanto Xev e Kai os jogavam na horizontal, abrindo caminho. Um segundo galho conseguiu rasgar o outro braço de Amanda, e ela gritou com os braços queimando numa dor excruciante, podia sentir o sangue pulsando para fora de seu braço e escorrendo pelo seu corpo, esperando que a travessia não demorasse muito. Seus socos começaram a falhar e seu corpo começou a se contorcer em alguma reação estranha ao ferimento.

O trio chegou ao fim da floresta e desceu imediatamente. Kai e Xev desceram de seus Dimensionadores no chão, mas Amanda não estava normal. Algo estava errado e piorando, sua visão ficava cada vez mais turva e não se aguentava mais em pé. Desceu do báculo e caiu de joelhos, com seu Dimensionador se retraindo enquanto Kai e Xev se preocupavam.

– Amanda! – chamou Xev, correndo até ela e se ajoelhando ao seu lado.

– O que houve?

– Eu não sei. Me sinto esgotada. – ela respondeu, com dificuldade para transferir seus pensamentos em ações.

– Temos que chegar a Belladonna – disse Kai, alcançando a dupla.

A nave estava longe mas visível. A colina onde foram capturados estava inteiramente coberta de neve, assim como toda a superfície visível de Kratik. Os braços de Amanda começaram a congelar com os rasgos do uniforme.

– Acha que vai danificar o oxigênio? – Xev perguntou Kai, se referindo ao estrago no traje.

– O capacete tem um selo separado. Mas não podemos ficar aqui por muito tempo senão não haverá uma nave para acessarmos.

– Vão. – pediu Amanda. – Me deixem aqui por um tempo e me peguem com a nave. Não consigo andar agora.

– Mas podemos te levar.

– Aí eu serei um peso morto e certamente um alvo fácil para quem está roubando Belladonna. – falou Amanda. – Vocês estão bem. Kai, use seu aparelho e mate-os. Provavelmente são só mais Kratikans.

Kai olhou para Amanda sem responder por alguns segundos, meramente olhando em seus olhos, como se contemplando sua decisão. Ele então sinalizou que sim com a cabeça e se virou imediatamente, correndo para a nave. Xev continuou com Amanda, olhando para ela em pânico.

– Xev, vá ajudá-lo. Eu consigo ir, só vou devagar. – Xev demorou mais alguns segundos, e se levantou anunciando:

– Já já estaremos aqui – correndo para ajudar Kai.

Amanda viu os dois desaparecerem e focou em sua respiração, tentando ganhar equilíbrio novamente. Lentamente, Amanda se levantou e a voz de Belladonna falou em sua mente:

– Amanda, você foi envenenada por um Nekro. Tenho uma quantidade ínfima de Uzcarias em minha câmara de jardim, que lhe dá um elixir instantâneo para extinguir o veneno do seu sangue.

Amanda olhou para o deserto frio de Kratik, apenas vendo as montanhas que lhe encobriam. Não queria olhar para trás, então olhou para frente e focou em alcançar Belladonna com cada passo. Seu braço direito já estava dormente, o esquerdo seguia o mesmo caminho e as temperaturas congelantes afetavam ainda mais sua disposição. Tropeçou nos seus passos e caiu novamente no chão.

– Amanda, você consegue. – ela falou para si mesma.

Se lembrou de tudo que passou, desde o mandato de prisão manipulado por Oswald até chegar neste momento. Viu flashes de Lina, Stryker e Ripley na Firma e sentiu a alegria de chegar em Nitro pela primeira vez. Se concentrou na adrenalina que sentiu durante a batalha da Firma e o senso de plenitude que lhe preencheu o peito naquela noite. Amanda tentou lutar contra o veneno, e mais uma vez se levantou, e, para sua surpresa, viu uma flor crescendo nos terrenos de Kratik a poucos metros de onde estava.

– Poderia ser... uma Uzcarya? – ela perguntou, falando com si mesma. – Como uma flor sobreviveria nesta atmosfera? – A flor era negra e grossa, com pétalas douradas brilhando contra a escuridão da noite polar. Se esforçou para alcançar a flor, e se sentiu petrificada quando notou que ela parecia estar crescendo. Assim como os galhos de espinhos, o caule cresceu com tanta velocidade que Amanda dessa vez caiu de costas, com a raiz se expandindo para os lados como um balão. Para o terror de Amanda, ela gritou de choque ao ver que a flor tinha virado um réptil gigante. Sua pele era preta e verde, e as pétalas viraram dentes sedentos de sangue. Repentinamente a criatura, com seus olhos vermelhos, encarava a fragilizada Amanda, causando nela terror.

Amanda gritou e lutou com tudo de si para levantar, mas era inútil, suas pernas haviam adormecido, então começou a engatinhar para longe do ser, que certamente a cortaria em segundos. Amanda não acreditava em seus olhos ao ver que o chão em que estava

lentamente se tornando uma substância pastosa e gelatinosa. Não era neve, nem parecia ser neve derretendo, e em segundos ela sentiu seu corpo congelar quando o gelo virou água, imediatamente se afogando. Podia sentir sua respiração ofegante e sua visão ficando cada vez mais escura. Parecia que o gelo havia rachado e ela caiu dentro de um lago, com suas águas da mais profunda escuridão, não tinha como ver o que estava abaixo ou para onde deveria nadar, seus sentidos começaram a gritar que ela estava no fundo de um lago e seu oxigênio estava baixo, mas ela tremia de horror não por esse anúncio, mas pelo barulho alto que explodiu o chão à direita, a criatura havia mergulhado.

Amanda tentou chegar à superfície, balançando os braços freneticamente enquanto tentava ganhar movimento nas pernas novamente, mas o traje era muito pesado e não havia senso de direção. A única coisa que contava para lhe dar proteção era o capacete, que ainda permitia que respirasse, olhou para os lados, piscando e focando na água negra, mas não havia nada para guiá-la. Amanda começou a nadar e sentiu suas mãos baterem em algo: gelo. Seu coração nunca bateu tão rapidamente quanto neste momento, podia ouvi-lo como um tambor batendo em seu peito, enquanto socava o chão de gelo, acima de sua cabeça mas era duro como concreto. Sentiu seu corpo tremer de horror ao notar que a pelagem dourada da criatura era visível pela água, a cobra gigante nadou até ela calmamente, deslizando pelas águas. Amanda continuava a desesperadamente socar o gelo, gritando dentro de seu traje sabendo que não havia escapatória. Sua respiração então falhou e seu oxigênio começou a se esgotar, inalando monóxido de carbono. Sentiu sua pressão despencar e socou o chão uma última vez antes de seu corpo desistir e sua visão ficar totalmente preta.

Plêiades

Amanda via tudo embaçado e parecia que algo bloqueava sua respiração, via flashes do rostos de Kai e Xev se mexendo enquanto corriam até ela, mas não conseguia reconhecer onde estava. Sentiu seu corpo dormente como se tivesse fora dele, dormindo em algum tipo de paralisia que bloqueava sua consciência. Assim pode mover a cabeça, a virou para o lado e estava novamente na vertical, petrificada de medo de estar de volta a Kratik. Estava em uma floresta calma e relaxante dentro de Belladonna na câmara favorita de Kai. Ouviu o cantar de pássaros e viu árvores roxas e folhosas com a dupla a encarando. Kai segurava seu corpo para cima, e Amanda ganhava força nas pernas para ficar de pé, segurando no ombro de Xev para se equilibrar.

– As Uzcarias lhe curaram do veneno. – informou Xev e Amanda viu que ela segurava flores pretas em sua mão, compridas como trigo.

– Foi uma questão de segundos até o elixir chegar em seu sangue. Mais alguns momentos e você não sobreviveria.

– Que veneno? – perguntou Amanda, já imaginando a resposta.

– Você foi cortada pelos espinhos. Como suspeitei, era uma das árvores venenosas de Kratik. O líquido presente na ponta do espinho te colocou em uma espiral de demência, revivendo seus maiores medos enquanto seu corpo era tomado. No fim das contas geralmente ele domina o coração e mata qualquer ser vivo numa questão de horas, a vítima sofre uma parada cardíaca motivada pelo pavor.

– A não ser que tenha esses! – disse Xev, segurando as flores, sorrindo contente. – E não demorou até Belladonna nos avisar dela, mas acho que você não ouviu.

– Eu ouvi. – falou Amanda. – Cheguei a projetar a flor na minha mente, ela apareceu e virou uma cobra gigantesca no momento em que fui tocá-la.

Kai então suspirou em alívio e deu o primeiro sorriso que Amanda tinha visto vindo dele, parecendo mais calmo por notar que ela estava sã.

– Então estou bem agora?

– Vai levar um tempo para se sentir perfeita, – falou Xev – mas já estamos seguros rumo a Plêiades.

– Nosso segundo planeta. – falou Kai. – É uma jornada de quatro dias.

– Como assim? – ela perguntou, confusa. – Falhamos miseravelmente em Kratik. Como já estamos indo para o segundo? Não achamos o K'zaar. – Imediatamente, Amanda franziu as sobrancelhas e viu Kai e Xev ficarem muito animados, mais ainda que antes.

– Achamos sim. – falou Xev, sorrindo de orelha à orelha.

– Está na ponte de controle. Está bem o suficiente para conhecê-lo?

Um olho prateado que reluzia como topázio estava no centro da ponte, protegido por um cilindro. Amanda reconheceu o K'zaar instantaneamente.

– Um grupo de Kratikans como os que nos sequestraram estavam entrando em Belladonna para roubá-la. – disse Xev, sorrindo – Kai e eu chegamos a tempo e Belladonna não respondia a eles. Levavam o K'zaar consigo, parecendo querer levá-lo para algum outro lugar. Foi quase fácil demais, juro – ela sorriu, relaxada. – O aparelho de Kai faz maravilhas, também.

– Eu nem sabia que você tinha isso até explodir a cabeça do Kratikan – falou Amanda.

– E não é tudo. – Xev estava empolgada. – Belladonna nos avisou que existe uma câmara na parte leste que é repleta de

armas de fogo e desmaterializadoras. Não acreditaria no poder que temos! Podemos derrotar exércitos.

– Que câmara é essa? Quero ver! – pediu Amanda, animada. – Mas antes precisamos passar na galeria. Estou faminta.

Kai e Xev tinham, de fato, derrotado os Kratikans e salvo Amanda e a primeira missão do fracasso completo. Amanda se sentiu leve com a notícia, já não lembrava a última vez que tinha acordado com boas novas. Começou a desejar dias onde suas ações não trariam tantas reviravoltas, como se a cada dia dos últimos meses tivesse perdendo sua habilidade de controle. Tudo tinha aumentado de proporção, mas só agora Amanda começara a sentir os efeitos colaterais, seu eu estava acostumado com a habilidade de dominar a oposição, distorcendo-a para seu gosto.

Por mais alienígena e estranho que fosse seu habitat atual, Amanda começava a dar valor ao tempo gasto com Kai e Xev, já que desta vez, eles se tornaram os mensageiros da mudança. Já havia carinho e estima por esses seres e sentiu que eles também a protegiam. De certo modo ter colocado Ripley, Stryker e Lina no meio do caos, arrancando seu controle e sendo sempre a semente das ações e decisões parecia um fardo. Agora havia um senso de união e da formação de uma equipe. Não era somente Amanda liderando o caminho, era um grupo de três indivíduos igualmente desejando o mesmo objetivo.

Os quatro dias se passaram como horas. Cada dia era aproveitado em uma câmara diferente da nave, os três buscavam aproveitar tudo que Belladonna oferecia. A nave era uma obra de arte e acordar cada dia para comer na galeria e em seguida rolar nas dunas do deserto ou nadar nos mais belos rios da floresta encantada, devidamente batizada de Floresta das Uzcaryas, eram atividades que Amanda ansiava cada vez mais. No fim do dia, relaxavam nas fontes termais e checavam a ponte de controle, mantendo contato visual constante com Belladonna.

Belladonna parecia estar numa rota clara, e seu momento de maior perigo foi um pequeno desvio de um campo de asteróides.

Próximo a Plêiades, perceberam que o sistema era formado por uma fileira de mundos. Os três assistiram com gosto enquanto passavam por inúmeros mundos vivos. O sistema parecia rico e os planetas cresciam exponencialmente de tamanho, o que dava a tudo uma simetria que parecia desenhada e única. Contra a solidão do infinito da escuridão no espaço sideral, chegar em um sistema solar era uma grande conquista. O grupo rumava ao último planeta, Plêiades. E pela ponte de Belladonna, viram que o planeta tinha meia dúzia de anéis em sua órbita, todos brilhando em um dourado extremo. Os anéis pareciam proteger o planeta, muito semelhante a Nitro, porém numa versão ainda maior, e com inúmeras pequenas luas localizadas na sua órbita interior.

– Plêiades. – falou Xev ao lado de Kai e Amanda enquanto assistiam Belladonna preparar a aterrissagem. – Em C3K ouvíamos histórias sobre esse lugar, como uma lenda que nunca saberíamos ser verdade.

– Não terão que usar a mesma estratégia ofensiva aqui. – anunciou Belladonna.

– A civilização Pleiadiana é de Tipo 1, e serão bem-vindos ao planeta não importa o que queiram. São o único sistema mais avançado que Nitro, e seus seres são diferentes do que estão acostumados. Não fazem nem parte do Gabinete Galáctico.

– Por que não? – perguntou Amanda.

– Não possuo essa informação. – respondeu a nave.

Não importava o que Belladonna lhes informasse sobre a diferença do sistema Pleiadiano, a nave entrou em órbita. O cenário era quase inédito aos viajantes, devido à dificuldade de se encontrar similares no universo. As cidades não pareciam estar no chão, mas acima das nuvens. Amanda viu uma porção de impérios flutuantes, cidades que eram tão brilhantes e preciosas como

esmeraldas roxas e laranjas contra o céu Pleiadiano. Cada cidade tinha os arranha-céus mais inspiradores, que quase tocavam o céu. As nuvens pareciam lençóis brancos espalhados pelo horizonte, e realmente era fácil imaginar que a imensidão branca abaixo deles era o chão daquele mundo.

– Para que cidade está indo? – perguntou Kai à nave.

– Não estou indo a lugar algum. Estou sendo guiada por uma força mais forte que eu desde que entramos em órbita. Essas são as Plêiades. Lembrem-se disso a todo custo: estão acima da compreensão humana. Sua cultura pode chocar, mas não tenham medo, seu sistema é tão pacífico que já fizeram ascensão para uma existência quase que harmônica há muito tempo. Verão.

Realmente, Belladonna não estava voando por si só, lentamente descia para uma plataforma no limite de uma das cidades flutuantes e Amanda assistiu enquanto foram puxados para o que obviamente era uma área designada aos veículos como o deles.

Após pousar, a mesma força desconhecida abriu a plataforma de Belladonna. O que seguiu a todos surpreendeu ainda mais: quando a plataforma desceu e respiraram o ar puro das Plêiades, seus corpos começaram a ser puxados também, como se estivessem magnetizados por um íma.

Kai, Amanda e Xev começaram a flutuar direcionados para fora da nave. O trio, por instinto, deu as mãos instantaneamente, estavam indo direto para o palácio central, o que os intimidou em um nível inédito até então. Sentiram-se impotentes, apesar de saberem que estariam seguros. Era como se estivessem sendo arrastados para conhecer deuses, nada estava sob controle e nunca tinham se aproximado com tanta velocidade de uma estrutura tão majestosa.

Deslizaram com leveza pela plataforma de pouso conectada com a cidade. Amanda olhou para o espaço aberto ao seu redor, tentando absorver o momento, via as nuvens do horizonte e

tentava avistar vida abaixo da superfície, inteiramente coberta pelas nuvens, brancas como algodão.

Amanda estava no centro do trio, sentindo o calor da mão de Xev e Kai enquanto o vento batia contra seu rosto como uma brisa de verão. Ao invés de parar em frente à construção quando chegaram nela, continuaram puxados para dentro, através de um túnel de luzes fluorescentes. Não havia mais chão abaixo dos pés e um arco-íris de cores tomava todo o campo de visão, estavam sendo levados a um local desconhecido.

O túnel virou para um grande feixe de luz que começou a esmaecer e revelar o local . Não havia mais movimento, apenas flutuavam em espaço que agora ficava cada vez mais escuro. Não havia gravidade, mas existia uma força no espaço que estavam similar à gravidade, como um empuxo extra nos movimentos.

Não havia uma explicação racional, e alguns segundos depois os corpos estavam livre da força que os carregou até o local onde avistaram três seres no topo de um altar. Amanda só imaginou que não tinha os visto até então porque eles não desejavam. Não era possível tirar os olhos dessas criaturas.

Havia uma energia que ressonava em cada um e os três possuíam cabelos platinados longos até os pés, eram altos, com traços suaves. A sexualidade destes seres era indescritível, existia uma androginia no esplendor de suas belezas que deixou Amanda, Xev e Kai sem ar. O trio de Pleiadianos estendeu as mãos, sinalizando para que se aproximassem e os três flutuaram para os semideuses. Estavam nus, mas seus genitais estavam cobertos por seus cabelos sedosos e compridos, e suas peles pareciam brilhar com uma luz iridescente, como se suas auras fossem visíveis.

– Amanda, Kai, Xev. – disseram três vozes harmoniosas em suas mentes.

Eles estenderam as mãos para os Pleiadianos, no segundo em que se tocaram, Amanda sentiu um sopro de êxtase preencher seu

corpo. Cada um deles foi puxado para um Pleiadiano, não por uma força desconhecida, mas por vontade própria. Imediatamente sentiram um desejo inexplicável de tocar e abraçar estes seres. Se fecharam em um abraço profundo, cada centímetro da pele que tocava nos Pleiadianos parecia explodir em prazer, uma sensação de escape e relaxamento. Amanda sentiu seu corpo e mente se rendendo à energia irresistível que emanava do corpo do Pleiadiano. Os seres pareciam estar cientes desta sensação, motivando e instigando para que se rendessem mais e mais.

Amanda sentiu todo o estresse e preocupação saírem de seu corpo como água lavada. De repente, uma série de imagens e memórias preencheram sua mente, seu passado, crescendo com Shirley, estudar para virar neurocirurgiã, acordar de seu coma, infiltrar na Firma, cair nas profundezas do mar de Nitro. Os Pleiadianos estavam conhecendo tudo sobre ela via toque. E então, o contato se quebrou, os Pleiadianos flutuaram para longe, onde encararam o trio com um olhar sereno. Seus olhos tinham pupilas amarelíssimas.

– Não temos K'zaars. – falou o Pleiadiano do centro, sua voz ecoando por suas mentes como uma sinfonia.

– Nitro e nós temos uma principal diferença – disse o Pleiadiano que Amanda havia abraçado. – Sabemos porque nenhum deles veio e entendemos porque vocês estão aqui.

– Por mais diferentes que sejamos. – completou o terceiro Pleiadiano, que estava mais longe de Amanda. – Essa ocasião é muito especial para deixá-los sair de mãos abanando. Há muito tempo não recebemos três formas de vida de três planetas diferentes juntas. É nosso prazer convidar vocês à purificação antes de saírem.

– O que quer dizer com purificação? – perguntou Kai. Os três sentiam que já tinham sido purificados.

– Já sabem a resposta para esta pergunta. Não há K'zaar. Vimos em suas mentes que só há mais um a encontrar. Devem estar na sua locação final, o terceiro planeta. É uma resposta que não possuímos. Mas seria errado de nossa parte enviar vocês de volta tão rapidamente. Estamos convidando-os para conhecerem mais de nós.

Aceitar a oferta do Pleiadiano era o equivalente a mergulhar em um mar de tranquilidade e descoberta. No instante em que os visitantes concordaram em passar mais um tempo no planeta, os Pleiadianos fizeram o oposto de antes, desta vez cedendo as mãos para que tocassem, mas oferecendo imagens. A mente de Amanda foi preenchida com informação e sabedoria do sistema alienígena. Descobriu sobre sua evolução e a confirmação de que os Pleiadianos representavam um estado diferente de ser vivo, eram tanto femininos como masculinos, seus órgãos sexuais se reproduziam sozinhos.

A sociedade Pleidiana funcionava pacificamente por equilíbrio de dano emocional. Sempre que um Pleiadiano tinha um pensamento negativo ou expressava algo que ferisse alguém, este era punido pelo seu sensor, um pequeno aparelho presente em suas unhas. Cada dedo representava a quantidade de vidas que possuíam. Após todos os dedos serem usados, o Pleiadiano perecia por falta de energia vital. Amands viu os Pleiadianos de luto, no que era certamente uma cerimônia aos mortos, e se chocou ao descobrir que sua sociedade também funcionava sem dinheiro, sua moeda era energia, todos eram considerados ricos por dividirem tarefas iguais de boa ação.

A rotina consistia em acordar e oferecer de volta à sociedade de maneiras que acrescentavam a todos. Alguns ajudavam a salvar formas de vida inferiores, outros purificavam os outros, outros mais viviam dedicados ao cuidado à natureza, outros eram mentores dos mais jovens, tinha aqueles que limpavam a atmosfera e purificavam

o ar com um campo de força desconhecido para Amanda. O cumprimento de cada tarefa era ressarcido na forma de comida, conforto, afeição e até luxúria.

Existia um desejo nos Pleiadianos de vivenciar a liberdade física que estava acima de outras necessidades, um ritual comum era uma meditação grupal onde conseguiam levitar os próprios corpos do chão. Amanda viu a população do que certamente era uma cidade inteira Pleiadiana flutuando acima do mar, sentada e de braços abertos.

Não se registrava nenhum ato de violência há séculos. Tratavam seus corpos como escudos, com o objetivo de absorver vibrações elétricas e transformar seja lá o que lhes fosse recebido em uma evolução de si, algo maior, mais puro, melhor. Amanda sentiu como que se tivesse recebido a chave para os segredos do universo. Sabia, instintivamente, que era uma questão do processo natural de evolução. Cada civilização, em algum ponto, havia olhado para os céus e se perguntado sobre seu local no universo. O tempo movia numa constante, e no milésimo ponto do radar onde uma civilização nascia, crescia e se extinguia, passavam-se milênios. Milênios eram meramente segundos na escala do universo, e saber que o nível Pleiadiano era possível, fez com que valesse a pena pensar que talvez um futuro assim não estivesse tão longe para a Terra. Amanda sentiu evoluir enquanto era inundada por informações preciosas oferecidas pelos seres alienígenas.

A experiência ficou cada vez mais parecida com um sonho. Sentiu seus sentidos adormecidos e suas suas preocupações e ansiedades expurgadas, como se a realidade fosse um certo tipo de viagem mental. Antes que pudesse notar, Amanda estava descendo pelo túnel novamente ao lado de Xev e Kai, sem se lembrar de se despedir dos Pleiadianos. Quando desceram pelo túnel, encontraram o trio já os aguardando na saída. Para chegarem ao próximo destino, teriam que surfar pelas nuvens. O hábito consistia

em pisar em um aparelho similar a uma função do Dimensionador. Assim como uma prancha, esses objetos transparentes grudavam em suas pernas e permitiam que decolassem rumo ao próximo destino. O corpo de Amanda estava chegando a um clímax de felicidade e plenitude, quando notou que estava indo abismo abaixo, com controle de seus movimentos enquanto girava e rodava no infinito das nuvens.

O trio Pleiadiano os seguiu e os seis voaram pelas nuvens no que parecia uma experiência quase infantil, com gargalhadas e nenhum medo, com um forte sentimento de união quase que palpável ao se deliciar com a pressão do vento soprando contra o rosto.

Atravessavam nuvens com textura de algodão, e Amanda olhava para Xev e Kai no que certamente já era um presente, como se os Pleiadianos tivessem os drogado com felicidade eterna. Então, os seres sinalizaram para que descessem das nuvens próximo ao destino final. Amanda se chocou ao descer, o planeta inteiro não era coberto por terra, mas por uma imensidão de águas cristalinas. O trio Pleiadiano, sem hesitar, cruzou as águas, mergulhando de cabeça como se fossem mais nuvens. Amanda, Kai e Xev se entreolharam duvidosos por alguns segundos e repetiram o processo, apenas para ficarem surpresos ao encontrar o que certamente era a visão mais bonita até então.

As águas tocaram a pele de Amanda como um banho de energia purificadora, a prancha rasgava a água com facilidade. Havia grande concentração de oxigênio na água, como em Nitro. Abaixo do mar se encontrava uma imensa civilização, uma comunidade de redomas gigantes, como óvnis gigantes, em uma cidade aquática repleta de vida. As redomas eram circulares e largas, plantadas no chão do mar por plataformas de metal maciças.

Dentro, havia luzes e objetos se movendo, submarinos passando por debaixo da cidade e uma metrópole que existia completamente

debaixo da água. Amanda se beliscou respirando a água e enchendo os pulmões, com sua prancha indo em direção a uma das redomas. Kai e Xev estavam logo atrás, seguindo o trio Pleiadiano à frente.

Parecia que tudo que ela tinha vivido em Nitro tinha sido aumentado a um nível extremo, isso era ainda mais inacreditável. Quando cruzou a redoma central ao entrar por uma porta que parecia ser feita de eerah, Amanda se viu em um salão repleto de Pleiadianos. Tudo parecia ser feito de mármore, com corredores infinitos para se percorrer, com o telhado preenchido pelo azul e verde do mar, como a criação de um céu líquido. Nenhum dos Pleiadianos que passavam notava a presença dos visitantes. O trio de Pleiadianos os levou para uma câmara separada onde foram instruídos a entrarem no que parecia ser uma cápsula criogênica. Não havia choques, preocupação, nervosismo. Todos acataram as indicações dos Pleiadianos e deitaram cada um em sua cápsula. Os Pleiadianos ligaram o sistema em que um líquido parecido com ouro começava a jorrar.

– Descansem. – falaram os três Pleiadianos em união. Imediatamente, sentiram como se a cápsula tivesse um efeito sedativo neles, seus corpos não tinham que se mover, porque não queriam.

Amanda, Kai e Xev ficaram sonolentos, com pálpebras fechando, ainda sem a certeza de que estavam em um sonho ou na realidade, mas sabendo que esses seres nunca os trariam dor. Quando os olhos de Amanda se fecharam, um pensamento passou pela cabeça enquanto se lembrava do Pleiadiano mencionando uma grande diferença entre seu estilo de vida e o de Nitro.

Era como se seu corpo tivesse em tanto êxtase que não tinha se sentido tão tentada a perguntar exatamente qual era a razão. Por agora, não era aparente e não parecia importar. Os olhos de Amanda se abriram e fecharam numa questão de segundos, mas

ela sabia que horas, talvez dias, tinham passado. Tudo a sua volta estava diferente.

Casa?

Deitada e sozinha na ponte principal de Belladonna, Amanda acordou sem saber como tinha chegado lá.

– Kai? Xev? – ela chamou, mas sem resposta.

– Belladonna?

– Sim?

– Onde estamos?

– Acabamos de chegar no terceiro planeta.

– Cadê Xev e Kai?

– Você é minha única passageira.

– Eles não entraram comigo depois que fomos ao planeta Pleiades?

– Não. A mesma força que me puxou para o pouso me controlou. Eu também estava dormindo logo após pousar. Acordei há pouco, como você, para me encontrar no terceiro planeta. Não posso te dizer como chegamos aqui pois não tenho lembranças disso.

Amanda se levantou para conferir os arredores do terceiro planeta, e imediatamente sentiu seu coração pular. Os prédios cinzas, mais velhos e simples de uma cidade populosa, era a Terra, e conhecia a vista. Estavam bem acima do prédio em que morava.

– Não acredito. – ela falou para si mesma, com olhos arregalados.

O céu estava nublado e escuro, como se uma tempestade se aproximasse. Amanda desceu da ponte de Belladonna e imediatamente olhou para trás, vendo que a nave mal cabia no telhado do seu *loft*. O ar estava gelado e seco, como na maioria dos dias de inverno. Pensou por quanto tempo tinha ficado longe da Terra, pela sua conta, poucas semanas. Passo a passo, ela se aproximou da beirada do telhado e olhou para as ruas de Chicago.

Sem carros na rua, além dos estacionados nas esquinas, Amanda imaginou que era muito cedo de manhã. Se virou para pegar as escadas até o *loft*. Conforme descia, se lembrou de Shirley, será que ela estaria viva? Pelas contas de Amanda, para Shirley já se passaram onze anos.

E Stryker, Ripley e Lina? Teria que falar com eles imediatamente. Alguns segundos depois se encontrou no corredor que dava para o quadro da bailarina, virou a maçaneta para acessar seu esconderijo. As paredes do *loft* se abriram, revelando o imenso salão de festas abandonado onde a odisséia inteira havia começado. As luzes estavam acesas na cozinha, então Amanda correu pela central de controle, direto à cozinha, em busca de Shirley.

– Shirley! – chamou, mas sem resposta. Encontrou uma nota com o papel já amarelado em uma das geladeiras com a escrita de Shirley.

– Querida Amanda, vendo que não consigo te achar por nada nesse mundo, vou me esconder na minha casa de campo. Quando ler isso, ligue para meu celular, assim saberei que você está bem. Amor, Shirley.

Amanda sentiu seus olhos encherem de lágrimas e então tentou ligar para Lina, Ripley e Stryker. Lembrava os números deles de cor, e Amanda suspirou em alívio quando Lina atendeu:

– Amanda! É você? – falou a voz abafada de Lina, e Amanda notou que ela parecia sem fôlego.

– Sou eu. Estou em casa. Onde vocês estão?

– Não estamos bem, Amanda. – ela sussurrou. – Não podem ver que estou falando com você.

– Do que tá falando, Lina? O que aconteceu nesse meio tempo?

– Não! – gritou Lina.

Amanda podia ouvir comoção ao fundo e sabia que Lina estava em apuros.

– O que aconteceu foi que você errou o tiro. – falou uma voz fria e grossa ao telefone. Amanda se sentiu petrificada quando reconheceu Oswald na linha. Ficou sem palavras, levou a mão à boca e arregalou os olhos em choque. Como?

– As coisas não acontecem sempre do jeito que você quer. – ele continuou. – Se quer nos achar... Estamos em Hallo. – falou sua voz, com um tom ameaçador. Logo em seguida, ele desligou. Amanda levou os braços ao rosto, dando voltas em torno do *loft* com a cabeça a mil.

– Como eu vou para Islândia? – ela se perguntou. E então se lembrou da nave gigantesca no telhado. Começou a correr para as escadas enquanto falava:

– Belladonna. Pode voar?

– É claro. Fui construída para voar.

– Pode achar as coordenadas para um país chamado Islândia?

– Sim.

– Em quanto tempo podemos decolar? – perguntou, subindo as escadas correndo.

– Em dois minutos.

– Suas armas estão carregadas? Da câmara que Lina falou?

– Sim.

– Prepare-se para decolagem. Vamos sair assim que eu chegar até você. – Amanda abriu a porta do telhado e entrou correndo na nave.

G

Belladonna voou por cima do Atlântico rumo a Islândia. Amanda não conseguia imaginar como Oswald poderia estar vivo. Era impossível. Depois de alguns minutos, avistaram terra e a nave começou a sobrevoar florestas e estradas, enfim iniciando o pouso enquanto Amanda pegava os rifles da câmara e os verificava.

Pendurou um em um ombro e segurou o outro firme, já preparada para atirar assim que a plataforma abrisse.

Ele poderia estar em qualquer lugar de Hallo e ela precisava conseguir o tiro. Pensou em Lina, Ripley e Stryker, estariam bem? Se Oswald queria negociar algum tipo de saída da situação, como Amanda imaginou que fosse acontecer, era estrategicamente válido ele manter seus amigos vivos.

A plataforma lentamente começou a abrir e Amanda fechou os olhos para se concentrar uma última vez antes de sair. Com a brisa familiar daquela floresta preenchendo seus pulmões, Amanda usou a raiva que sentia para focar o máximo. Belladonna tinha pousado numa clareira no centro da floresta, e sabia que sua casa e as ruínas da Firma não deviam estar longe. Lina e ela tinham andado por aquela trilha de árvores antes de infiltrarem na Firma.

Amanda pisou na Floresta Hallo sem olhar para trás, se sentindo segura de seu objetivo. Podia sentir seu pulso batendo mais forte e sua raiva fumegando em seu âmago. Ainda era dia e a floresta parecia pacífica e convidativa. – então Amanda usou seu senso de segurança para procurar, pensando onde Oswald estaria. Quando pisou na grama molhada, Belladonna falou em seu ouvido:

- Recebi um sinal de uma fonte desconhecida.
- O que é?
- O espécime masculino que segue pelo nome de Oswald me instruiu a lhe dizer para andar dez minutos em direção ao oeste.

Amanda sentiu um calafrio, se perguntando como ele poderia contatar a nave ou enviá-los um sinal. Como poderia ele saber a forma para encontrá-la? As perguntas continuaram a borbulhar em sua mente e a confundi-la. Mesmo perdida, continuou seguindo para o oeste, acelerando agora que sabia para onde ir. Deu um grito alto quando o Dimensionador lhe deu um choque fortíssimo, sentindo como se seu cérebro tivesse fritado.

– Belladonna? – chamou Amanda. – Por que o Dimensionador me dá esses choques horríveis? Eu já tinha que ter me adaptado!

– Não posso divulgar esta informação. – falou a nave calmamente.

Amanda fechou os olhos e suspirou, frustrada. Considerou arrancar o item da cabeça.

– Não devia. – pensou para si mesma – Preciso das habilidades para acabar com o Oswald.

Ela continuou a andar, atravessando a floresta enquanto o sol começava a se pôr. Depois que algum tempo, andava direto para as ruínas de um prédio abandonado, que sabia ter sido um hospital infantil. Quanto mais andava, mais notava o estado precário da instituição falida, as paredes estavam rachadas e as portas de vidro quebradas, com os cacos espalhados pelo chão. Parecia que o prédio poderia cair a qualquer momento e ela hesitou antes de entrar até Belladonna confirmar que estava no lugar certo.

– Deve ir até o último piso. – ela falou. – Boa sorte, Amanda.

Amanda começou a suspeitar ainda mais do comportamento da nave, mas decidiu silenciar todos os questionamentos ao seu lado enquanto entrava na ala principal. Encontrou nada além da escadaria. Comparado ao resto do prédio, a escada estava em condições aceitáveis, apontou seu rifle para a frente antes de começar a subir, alternando entre olhar para trás, para cima e para os lados, sempre esperando que Oswald pulasse. Amanda subia cada degrau com cuidado até ouvir o grito de Lina do último andar. Como se perdendo o senso de perigo, Amanda começou a correr.

– Amanda! – ela gritou, e então houve silêncio. O coração de Amanda pulava no peito e finalmente atingiu o último andar, vazio como o *loft* exceto por três corpos no chão, amarrados com uma corda, que imediatamente reconheceu serem seus amigos. Oswald olhava pelas ruínas para a Floresta Hallormstadur ao canto, e se virou assim que notou que os passos de Amanda haviam cessado.

– Amanda, bem-vinda ao início da sua jornada verdadeira. Ao fim do que conhece como sua realidade – ele falou, andando em sua direção. Levantou seu braço e Amanda notou que ele também estava armado. Antes que pudesse pensar ou falar, ele atirou na cabeça de Ripley, Stryker e Lina. Os três estavam mortos no chão, seus corpos descartáveis como lixo.

Amanda atirou em Oswald, gritando em terror e raiva. O raio de luz que saiu de seu rifle foi, para seu choque, refletido por uma camada invisível que parecia proteger Oswald. O disparo ricocheteou pela sala como uma estrela cadente cega. Se suas armas não podiam matá-lo, Amanda não sabia como continuar.

O Juízo Final

– Não estão mortos, Amanda. – falou Oswald.

Ele olhou para ela como se a desafiasse, paralisando Amanda com o olhar.

– Me diz, se sente invencível? – Amanda não respondeu. Oswald então continuou: – Pois devia. Ganhou esse direito. Segure-se ao que ainda existe do seu coração. – Amanda olhou para Oswald desconfiada e suspirou, cansada.

– Chegue ao ponto, Oswald.

– Precisaré do seu coração.

– Não precisei dele por muito tempo.

– Agora vai descobrir o quão viva pode se sentir. – ele falou, e então sorriu de orelha à orelha.

Imediatamente, Amanda se surpreendeu ao ver que as paredes de madeira atrás dele pareceram começar a quebrar. As placas de madeira começaram a desaparecer uma por uma. Dois, quatro, seis, oito, dez, vinte desapareceram no ar, deixando uma claridade imensa entrar na sala. Oswald não mexeu um músculo, permanecia frio, permanecia parado, olhando para ela com um sorriso sinistro. Com medo, Amanda tentava admitir que não tinha controle sobre absolutamente nada que estava acontecendo. Em segundos, o salão inteiro desapareceu e a força elusiva continuou a brilhar ao redor deles, como um furacão brilhante que se expandia:

– PARABÉNS!!! – Uma explosão encheu a sala e Amanda jogou os braços para o ar, tentando cobrir o rosto enquanto caía. Devido à forte claridade, não conseguiu ver que Oswald apontava uma arma para ela. Ele atirou, Amanda não conseguiu desviar e em seguida perdeu a consciência.

Seu corpo novamente estava suspenso na vertical, mas não estava em Kratik ou na Floresta de Uzcaryas. O ar era quente e não se sentia tão presa. Sabia que seu corpo estava pressionado contra algo mais forte que ela. Amanda ouvia a comoção que a cercava, sussurros, risadas e cochichos, mas seus olhos estavam fechados. Sabia que estava acordada, mas não queria se mover, estava com muito medo para abrir os olhos. Abri-los significaria anunciar a quem estava à sua frente que ela tinha acordado. Seu corpo estava bem, não sentia dores, o que seria normal pra quem acabou de tomar um tiro. Havia um senso urgente e trágico no ar, como uma sensação de adrenalina negativa que Amanda nunca sentira antes, mas que confirmava que isso tudo era real. Não sentia dor de onde a bala tinha lhe atingido e só ouvia os sons aumentando à sua volta. Parecia que estava no centro de um festival, um lugar extremamente público, com cerca de milhares, talvez milhões de vozes ao redor. Amanda respirava lentamente, sem deixar seu diafragma se expandir muito. Resolveu abrir os olhos. Imediatamente, perdeu o ar de susto: era muito para assimilar. Mas mesmo assim, manteve a cabeça erguida, anunciando ter acordado.

Estava no topo de um estádio, parecendo ainda maior que o coliseu de Kratik, presa em cima de uma espécie de torre centralizada. Synthious estava a poucos metros de distância e atrás dele milhões de seres, provavelmente todos de Nitro, Andromedaens, Plethoreans e uma maioria de Vargans no horizonte fora de foco, sentados em arquibancadas e plataformas no que certamente era o estádio mais grandioso que já viu, e ela era a atração principal. Atrás das fileiras visíveis de seres, havia mais e mais arquibancadas, a ponto de Amanda não conseguir discernir o fim, tudo que via era um mar de faces vazias a encarando, parecendo um bilhão de formigas focadas na plataforma em que se encontrava.

O estádio era iluminado por luzes vermelhas e brancas no topo que circulavam o diâmetro inteiro da redoma. Acima deles, o céu de Nitro brilhava no seu usual tom laranja, com uma tempestade vindo em sua direção. Amanda olhou para os lados e viu uma bifurcação no centro do estádio, não era a única sendo exposta de vitrine. À sua direita estava Kai, também acordando, e à esquerda, Xev, relutantemente gemendo de desprazer ao acordar. O trio estava preso no exato centro do majestoso estádio, presos quase no limite da plataforma há mais de cem metros do chão. Seus braços e pernas estavam amarrados por correntes. O estádio urrou em gritos e aplausos ao ver que os três tinham acordado. Os olhos de Amanda se abriram e ela viu Synthious andando em sua direção. A respiração ficou ofegante e seu coração batia como um tambor. A plataforma acima de suas cabeças era composta por fios e cabos coloridos, que se moviam como cobras focadas na presa. Havia uma certa dança de acordo com os movimentos dos cabos, como se alimentassem da energia de cada um. Para onde Amanda olhasse, os cabos viravam também. O chão não era visível de onde estava. A plataforma em que estava exposta se localizava a uma altura em que não se conseguia ver o que estava no chão, e tudo que podia ver era uma espécie de névoa encobrendo o térreo.

– Isso tem sido planejado por muito tempo. – falou Synthious, sem piscar.

– Bem-vindo ao seu destino, Amanda. – falou Oswald, aparecendo do fim da plataforma onde Synthious estava, com cada ser de Nitro urrando em gritos e berros, como se estivessem presenciando o aparecimento de um ser supremo.

– Nunca estive de volta na Terra, não é? – perguntou Amanda.

– Não. – respondeu Synthious.

O estádio então pareceu começar a prestar atenção no diálogo, cessando os gritos. Amanda nunca sentiu tanto medo por sua vida, seu suor escorria pela testa e as pontas dos seus dedos estavam

congelados, como se seu corpo estivesse possuído por medo e impotência.

– Você estava aqui, no seu destino final. A simulação de realidade oferecida pelo estágio final de sua jornada.

– O que... minha jornada?

– Suas jornadas estão completas. – falou Synthious.

Podia sentir a tensão aumentando e precisava de respostas, esses seres nunca tinham lhe oferecido nada além de bem-estar. Não conseguia compreender todos os detalhes ou imaginar que tinha compreendido errado suas intenções. Procurou em silêncio por uma resposta, uma maneira, onde teria errado, mas não a encontrava.

– Chegou ao fim do nosso maior, mais notório e prestigiado evento, vocês três são os vencedores da Ascensão. E antes que perguntem... saberão as respostas. – Os cabos e fios acima de sua cabeça tomaram vida, como cobras atacando. De repente se prenderam ao seu crânio como sanguessugas, e imediatamente Amanda começou a ver flashes de imagens em sua cabeça, os cabos enviavam sinais ao seu cérebro, estavam formando memórias.

Formas começaram a tomar cor e fazer sentido em sua mente, visualizava o Centro, o mesmo que tinha visitado com Stryker, Lina e Sam. Não era seu corpo que estava presente, sabia que era apenas uma espectadora da cena, vendo um evento que já parecia ter passado. Os membros do Centro estavam sentados na mesma posição de sua visita, mas a sala parecia mais cheia e argumentativa. Havia comoção em cada mesa, e inúmeras raças debatendo entre si no tribunal de Nitro. O Conselheiro Bartheus, ausente das arquibancadas, subitamente chegou ao encontro dos seus companheiros, ofegante.

– O Gabinete Galáctico nos trouxe a informação mais urgente! – ele disse, com todos olhando. – Um planeta de Tipo 13 que não

estava concorrendo para a Ascensão atingiu uma descoberta revolucionária. Saberão logo que uma de suas luas tem vida.

– Está falando da Terra? – perguntou uma mulher Plethoreana sentada no topo da arquibancada.

– Sim. Seu sistema solar tem um oceano cheio de vida, chamam-no de Europa. Planejam enviar uma expedição para lá em breve, quebrarão o acordo em pouco tempo.

– Mas a Terra não está concorrendo para a Ascensão! – ela retrucou.

– Bem, agora está. Não podemos permitir que a população de um planeta desvende vida alienígena sozinho. Agora a Terra é uma das favoritas. – falou Bartheus.

– Isso realmente obriga a Terra a ultrapassar todos os planetas na fila. – falou o terceiro homem da arquibancada, um Vargan aparentemente comum.

– Eu já falei disso para o Gabinete, não olham direito as constelações mais próximas e aí dá nisso! – falou a mulher Plethoreana novamente.

– Devemos despachar os espões imediatamente. – anunciou Bartheus. – É o último ano de preparo. Dois outros planetas, Austacya e C3K já estão infiltrados e movendo com sucesso.

– Não só isso, já encontraram quem testou positivo para sylph. Um homem para Austacya e uma mulher para C3K. – falou o Vargan.

O Centro permaneceu em silêncio e chocados com notícia comunicada por Bartheus. O silêncio era um acordo mudo. Amanda não sabia o que sylph era, mas antes que pudesse raciocinar, as imagens se deformaram e, como um caleidoscópio de imagens sendo inseridas em seu cerebelo, ela passou por um vórtex de formas novamente. Então, as imagens tomaram outra forma e ela se encontrou em um campo aberto que imediatamente reconheceu ser um lugar familiar: o campo aberto de sua casa, que ainda não

estava lá. Mas o reconhecia pelo lago à sua direita, tinha passado os momentos mais felizes de sua infância ali, brincando com Shirley. O céu estava azul e havia uma brisa de verão no ar, estranha para as temperaturas polares da Islândia. Duas figuras começaram a andar na sua direção, mas não estavam olhando para ela, e sim conversando uma com a outra. Amanda os reconheceu: Synthious e Oswald. Usavam a mesma vestimenta, de tecido simples e aparência messiânica. Synthious carregava sua bengala, mas Oswald também possuía uma. Andavam um ao lado do outro, e, conforme se aproximavam, a conversa ficou audível.

– É aqui que a instituição de seu planeta crescerá. – falou Synthious.

– As naves estão carregando as armas e bugigangas, com chegada planejada para amanhã de manhã. Semana que vem já terá seu laboratório. Conforme os anos passarem, assistirá ao crescimento de seu império.

– E as buscas e testes para sylph? Preciso de uma equipe.

– Sua equipe crescerá exponencialmente. Lembre-se que as operações devem ser invisíveis. Esta é sua primeira Ascensão. Se as operações não forem perfeitas, estragará tudo. – respondeu Synthious.

– O Centro e o Gabinete estão de olho nisso? A qualquer momento, posso precisar contatar vocês. Poderei? – perguntou Oswald.

– O Centro e o Gabinete estão dedicando total atenção em assistir cada movimento que acontece aqui, em Austacya e em C3K. Os primeiros cem candidatos já foram escolhidos. Vai conhecê-los semana que vem. Maravilhosos terráqueos, ouvi falar. Com o maior potencial possível! – disse Synthious, com o mesmo tom de sempre.

– Os humanóides que entregaremos serão indistinguíveis dos terráqueos comuns e responderão somente a você. Lembre-se, é sua operação. É seu objetivo achar quem testa positivo para sylph,

Arrien. É um grande Cerrian. Sua similaridade aos terráqueos é inegável. Estou confiante de que triunfará em uma tarefa tão longa. Será sua vida pelas próximas duas décadas!

Amanda franziu as sobrancelhas ao ouvir Synthious chamar Oswald de um nome que não tinha ouvido antes, e depois associá-lo a uma raça desconhecida. Sua mente estava girando e seus pensamentos começavam a se encaixar no lugar. Enquanto focava na conversa, as imagens repentinamente saíram de foco e começaram a formar outra. Agora estava no hospital infantil durante o auge da instituição que tinha acabado de estar. Havia dezenas de crianças, talvez cem, deitadas em camas com fios presos nos corpos. Todas pareciam saudáveis, mas dormiam profundamente. Amanda se assustou ao ver a si mesma criança na segunda fileira, dormindo inocentemente. Nesta cena ainda havia Oswald, no canto da sala e Uyara, ao seu lado.

– A encontraram! – falou Uyara.

– Demorou muito. A Austacyan e o C3K já estão em estágios mais avançados para tolerar sylph.– Sim. Ela é a única. Uma outra testou positivo, então vão seguir com ela também.

– Quem?

– Lina. Amanda e Lina testaram positivo. Mas Amanda excedeu os níveis, seu corpo já produz mais como se fosse creatina. Mas é órfã. Seus pais foram mortos em um acidente de avião quando criança. A encontraram num orfanato, e só a achamos porque o Dimensionador alertou a cor de sua aura.

– Sabe que seu trabalho dobrou a partir de agora, certo? Enquanto sua Firma cresce, terá que virar pai.

– Ela vai crescer e vir a me odiar. – falou Oswald.

Até então, Amanda não sabia como se manter equilibrada. O sufocante ritmo de informações jogadas em sua mente estavam lhe colocando em estado de transe, era apenas uma testemunha ao

massacre de respostas e revelações a ela oferecidos. Estava paralisada no tempo e no espaço, apenas como espectadora.

– É assim que é feito há anos. – falou Uyara. – Mais de cem planetas passaram pela Ascensão porque outros seres foram postos na mesma posição que você agora. Não falhe. Agente. Uma fração pequena de planetas sem seu líder de sylph sucumbem ao genocídio e extinção. Deve cuidar bem, mimá-los. Senão esse planeta vai pagar pelo seu descaso – falou Uyara, se virando e andando para longe. Oswald caiu no chão em prantos, chorando copiosamente. Amanda quase sentiu pena dele, a noção de que não era seu pai verdadeiro a fez sentir menos enraivecida. Mas novamente, Amanda foi inundada com formatos e imagens enquanto o caleidoscópio girou em sua mente, dessa vez trazendo-a de volta ao estádio. Ouvia o estalo dos cabos se desprendendo de sua testa e o público ecoou em gritos e urros de ânimo.

– Os três ganharam as respostas! – falou Synthious alto, se dirigindo aos milhões do estádio. A estranha celebração tomava contornos em que levaram Amanda a acreditar que ela, provavelmente, seja a dona da festa. Gritou ao sentir outro choque do Dimensionador:

– O que diabos é sylph? – Synthious olhou para ela com ternura, mas agora esse olhar a ofendia. Era como se a visse como um ser inferior e ignorante. Sua voz suave respondeu:

– Sylph é o que acontece em você quando está na hora de evoluir. – ele respondeu. – Uma substância presente em todas as formas de vida superiores. É o fluído que unifica os lados do cérebro e permite a seres como você, Kai e Xev, que testaram positivo, a ganhar tenacidade, maturidade e inteligência emocional o suficiente para expandirem seus universos. É o que lhes permitiu encarar esta descoberta.

– Suas funções principais, porém... – Oswald interrompeu, andando em direção a Kai. – são outras como a habilidade de

discernir verdades de mentiras, controle completo sobre pensamentos racionais ou emocionais e, mais para frente, a habilidade de se comunicar por pensamento ou toque. Seres com sylph são os mais evoluídos do universo, incluindo o sistema Pleiadiano. – Oswald passou por Kai e Xev, chegando até Amanda. Olhou para Amanda e perguntou: – Não vê, Amanda? Nunca teve meningite. Nunca esteve doente. Só estava reagindo à dosagem final de sylph que foi injetada em você. Uma dose por década, com a final sendo a que te botou em coma. O momento em que sua jornada começou.

– Três planetas, – falou Synthious – três raças que testaram positivo, três candidatos. Tudo foi feito para observar as ações, pensamentos e vontades do primeiro ser universal da Terra, de Austacya ou de C3K. E as companhias que estavam contigo não eram soldados de igual para igual, e sim competidores que falharam onde vocês foram bem sucedidos. É por isso que vocês estão aqui, hoje, e não eles.

Amanda sentiu o queixo cair ao ver que nenhum deles tinha notado que acima de sua linha de visão, em pequenos drones quadrados dentro do estádio, flutuavam pessoas presas. No total, nove capturados: reconheceu as caixas de Lina, Ripley e Stryker. Os outros seis pareciam ser membros queridos de Xev e Kai, que gritaram seus nomes e reagiram como Amanda ao ver os drones.

– A Terra que visitaram era uma simulação. – revelou Oswald. – Sua jornada inteira foi dividida em sete odisséias. Vocês três passaram por cada uma delas, mas só um de vocês foi escolhido pela Galáxia para a Ascensão. É um evento que leva décadas, mas a hora é agora.

– A cada dez arns, um planeta de Tipo 3 a 13 evolui para o Tipo 2 pela inserção de um cenário que permite a vocês, formas de vida alienígenas, vivenciarem a arte do primeiro contato. – falou Synthious, olhando para o trio.

– Mas deixaram meu planeta em guerra! Por causa da sua Firma, a Terra está no meio de uma Guerra Mundial! É o que nos fez roubar a nave! – Amanda gritou, se sentindo traída. Oswald gargalhou com sua risada sinistra e superior mais uma vez. Desta vez, ele não passou uma energia maligna, e parecia genuinamente estar se divertindo com o ponto de vista falho de Amanda.

– Tudo que aconteceu na Firma foi parte do show. Meu teatro era responsável por lhe fazer acreditar que não havia outra opção a não ser roubar a nave, aumentando sua sede para achar Nitro. A Terra nunca esteve em uma guerra desde que acordaram da criogenia, tudo foi informação cedida a vocês pelos funcionários da Firma para aumentarem a vontade de escapar. Selecionamos os candidatos e, conforme dormiram por uma década, preparamos o terreno. Os funcionários da Firma eram humanóides controlados por nós. Devem entender, não existe entretenimento maior para nós do que ver as reações diferentes e as jornadas de cada planeta. – ele sorriu.

– Todos de nós temos sylph. – falou Synthious – mas você foi a primeira para a Terra. Kai foi o primeiro para Austacya e Xev a primeira de C3K. Só quando um planeta se adapta com sucesso à sylph é que sua civilização está pronta para contato. É um padrão da evolução que por causa de sua existência se iniciou agora em seu planeta. Quando um de vocês tiver um filho, será o primeiro ser terrestre a já nascer adaptado à sylph. Quando chegar a maturidade e reproduzir, suas crianças serão como ele também. Dentro de um milênio todo ser de onde vem será tão evoluído como nós, ou as Plêiades.

– Suas doenças foram uma coletânea de efeitos colaterais de seus corpos reagindo às dosagens finais de sylph, abrindo os lobos cerebrais para as visões que tiveram, enquanto assistíamos, torcíamos e escolhíamos por voto popular os destinos de muitas

partes da sua jornada. – explicou Oswald. O público estava em silêncio e parecia estar se deliciando com o choque do trio.

– Antes de anunciarmos o vencedor, devem abandonar os sentimentos. Usem a sylph de suas veias para pensarem corretamente. – falou Synthious.

O vencedor será convidado a virar um membro oficial do Gabinete Galáctico. Isso dará benefícios estupendos a vida em seu planeta, já que seria o membro júnior de uma rede de civilizações mais evoluídas espalhadas pela galáxia, que com prazer compartilhariam avanços tecnológicos, curas para doenças fatais da Terra, o início da implementação de uma sociedade que funcione sem dinheiro e muito mais. Desde a Guerra das Chuvas seguimos este modelo e ele nunca nos falhou.

– Deixei meus amigos para trás com o objetivo de iluminar meu planeta! – falou Kai.

– Sim! Você nos deu habilidades e nos falou que eu ia voltar com você por uma razão! – falou Amanda, com Xev concordando.

– Isso só significava que eles – apontou Synthious para os drones suspensos no ar – foram eliminados do concurso. A transferência pelo toque não é necessariamente algo que precisa de sylph. Mas aí vocês três saíram em suas jornadas visitando Kratik e as Plêiades, e seu destino final, seu próprio planeta! Certamente devem saber que existem maneiras mais efetivas de iluminar um planeta do que ter três seres comuns tocarem um no outro.

– Então Kratik, as Plêiades e a versão da Terra que vi, era tudo mentira? Não aconteceria nada se não achássemos os K'zaars?

– Era tudo parte da Ascensão, sim. – falou Synthious. – Queríamos ver como vocês, raças alienígenas, reagiriam. Certamente o primeiro K'zaar nunca teria sido encontrado tão facilmente. E as Plêiades... são os mais evoluídos do cosmos. Nunca lhe machucariam.

Amanda estava embasbacada com a traição.

– Como pode achar que isso não me chatearia? Como em todo seu avanço não vê como estamos sufocados de raiva? – ela perguntou, com os dentes cerrados. Amanda tinha lágrimas caindo de seus olhos, nunca tendo chorado e gritado tão firmemente como agora.

– Não é uma questão de sentimento. É uma oportunidade. – respondeu Synthious.

– Sabem que amamos vocês. Já sentiram como isso é? Realmente amar alguém em um senso não romântico? Como ansiamos e aproveitamos acompanhar suas jornadas? Tem sido uma estrada ainda mais longa para nós. Para nós, vocês três são heróis. A cada vez que seu Dimensionador apitava, estávamos escolhendo o caminho para você. Um que lhe levava para um caminho melhor do que o que teria escolhido se não interferíssemos. Nós te salvamos vocês de vocês mesmos.

Pelo que pareceu um tempo longo, houve silêncio. Amanda, Xev e Kai olhavam com a expressão vazia para as arquibancadas infinitas do estádio enquanto o céu se fechava acima deles. Amanda se sentia tão petrificada que parecia estar trancada dentro de um caixão, o nível de intimidação que a massa trazia e as revelações a fizeram sentir ainda mais presa. A tempestade logo chegaria e Synthious e Oswald andavam em círculos na plataforma, como se aguardando por uma reação.

– Por que dois devem cair, então? Se dizem que nos amam. – falou Xev, quebrando o silêncio.

– Porque senão não tem graça! – respondeu Synthious.

– Deve haver uma resolução!

– Mas essa é uma resolução ruim. – falou Xev.

– E qual o problema disso? – perguntou Synthious logo em seguida.

Amanda congelou, tudo se encaixou em sua mente ao ver a expressão de Synthious. Ele respondeu a pergunta de Xev de forma

natural e esclarecedora, como se tivesse respondido para que era necessário respirar. Esse era seu entretenimento, e como o seu sistema tinha gozado de paz eterna, eram tanto ruins quanto bons, e para eles isso era comum. Seu senso moral não era definido por julgamentos ou preenchido de arrependimentos de decisões passadas, tinham atingido uma sociedade perfeita permitindo que suas intenções más e boas fossem libertadas. Podia ser o efeito de sylph, ou podia ser somente eles, mas Amanda sabia que não compartilhava desse estado de espírito.

– Agora, os resultados. – anunciou Synthious.

Cosmos

O público urrava em antecipação, ansiando para descobrir o resultado. Ouvia-se gritos vindos de todos os cantos e cada ser parecia estar levantando ou se movendo de forma ansiosa nas arquibancadas, não era um bom sinal. Amanda, Kai e Xev estavam imóveis, sem poder reagir de maneira alguma.

– Todos que desejam Xev vencedora, levantem-se! – falou Oswald, gritando.

Algumas fileiras do estádio se levantaram. Não era nem de perto o suficiente, porém. Ficou evidente para Amanda que apenas uma pequena porção parecia torcer para Xev.

– Eliminada. – falou Synthious. – que a luz lhe consuma.

– O quê? – gritou Amanda, Kai e Xev ao mesmo tempo.

Mas não tinha nada que se pudesse fazer, plataforma onde Xev estava entrou no cilindro, se contraindo. As correntes que a seguravam abriram e Xev despencou para o chão, que imediatamente se transformou numa imensidão de chamas verdes. Alguns segundos depois, o estádio inteiro parecia o inferno, o calor começou a subir e Amanda sentiu seu corpo suar. Xev gritava de dor no chão enquanto queimava.

– Foi decidido. – falou Synthious, sorrindo em paz e ignorando os gritos de Xev como se nada estivesse acontecendo. A percepção de Amanda do velho ancião havia mudado completamente. Para ele, sofrimento era normal e moralmente aprovado. Então, Amanda fechou os olhos tentando ignorar os berros e ouviu Synthious continuar.

– O terceiro lugar foi definido. Não se preocupe, ela sofreu apenas por alguns segundos. Esses segundos são cruciais para libertarem seu espírito.

– Vocês são todos demônios. – falou Amanda. – Você me enoja.
– ela falou, olhando para ele com desprezo.

Oswald sussurrou para Synthious:

– Sabe como terráqueos são. Ainda imaginam que só o positivo deve prevalecer. Não veem os benefícios do negativo.

– Nem nós de Austacya! – gritou Kai, protestando.

– É precisamente por isso que seus planetas ainda não passaram pela Ascensão. Mas vocês são capazes de trazer essa mudança.

– Então para passar pela Ascensão devo virar uma bastarda primal, que nem vocês? Prefiro ficar assim. – falou Amanda.

– Sylph está nas suas veias desde que vocês acordaram de seus comas. – falou Oswald.

– Devo falar que já são alguns eventos desde que tivemos candidatos protestarem neste nível. A maioria já tinha compreendido. Não nos desapontem. – falou Synthious.

Amanda cuspiu na plataforma, pegando no pé de Synthious.

– Por que está me agradecendo? – perguntou Synthious, confuso.

– Para terráqueos isso significa ojeriza. – informou Oswald.

– Ah, entendo. Existem mais de cem bilhões de seres assistindo vocês neste momento, de múltiplas frequências em múltiplos sistemas. Não devemos mais esperar. A hora de declarar o vencedor é agora!

Uyara, Illi e Illia apareceram do fim do estádio andando em direção a Synthious e Oswald. O público novamente aplaudiu, celebrando a aparição dos seres. Amanda estava cada vez mais desapontada, pois cada ser que havia criado carinho estava secretamente fazendo parte do tal evento.

– Cada um de vocês mostrou um comportamento excepcional, tem sido uma corrida muito, muito apertada entre vocês dois. – falou Synthious.

– Kai, adoramos assistir você em sua jornada, particularmente como se comportou no Coliseu da Morte em Kratik. Sua apatia também é considerada por nós como similar. Você, Amanda, estava acionada desde que acordou do coma. Seu senso de propósito e desconfiança dos outros lhe fez questionar coisas inéditas em um participante até então. A verdade sempre esteve aí, no fundo da sua cabeça, você que não acreditou, mas sempre fez as perguntas corretas. Em suas casas, conforme desvendavam o quebra-cabeça, foram testados no primeiro dos sete testes de sua jornada, o teste da Inteligência. Depois que infiltraram na Firma, passaram o teste de Estratégia. A terceira, quando chegaram ao nosso planeta pela primeira vez, foi o de Observação. E quando convencemos vocês a se vingarem de quem tinha lhes enganado, ganharam o nível da Liderança. O quinto nível se iniciou ao chegarem em Kratik, no teste de Coragem. E nas Plêiades, adoramos ver vocês superarem o teste de Ingenuidade. Finalmente, na simulação de suas casas, excederam as expectativas no teste de Força. Sete virtudes postas à mesa e vocês nos surpreenderam em cada uma. Antes de anunciarmos o resultado, gostaríamos de oferecer nossas sinceras congratulações.

Illi e Illia então começaram a sobrevoar as plataformas onde Amanda e Kai estavam presos. O que surpreendeu Amanda ainda mais, pois não sabia que esses seres podiam levitar. Illi foi para a direita do estádio e Illia para a esquerda. Suas expressões eram pálidas e olhavam para Amanda e Kai como se fosse um procedimento rotineiro.

– ESCOLHAM! Levantem suas mãos e emanem o raio de sylph para quem desejam que vença! Illi e Illia receberão suas energias! Illi representa Kai e Illia Amanda! AGORA!

O que aconteceu em seguida mudou tudo. Illi e Illia começaram a brilhar enquanto o estádio enviou luzes azuis e verdes de seus palcos, votando para seus favoritos. Ficou claro que Xev não tinha

chance, Kai e Amanda eram de longe os preferidos da massa. Illi e Illia pareciam sentir prazer ao receberem a energia do público, e Plethoreans, Vargans, Andromedaens e outras raças faziam suas escolhas. As luzes não vinham dos seres que estavam somente no estádio, Amanda e Kai viram inúmeros satélites enviando raios de luz, provavelmente de outras raças que os assistiam pela galáxia. Illi e Illia pareciam brilhar como semideuses, com seus braços abertos e olhos fechados, apenas recebendo a energia como fontes. E os resultados pareciam acirrados.

– Amanda. – falou Kai ao seu lado. Ela instantaneamente olhou para ele, notando que Synthious e Oswald pareciam focados na emanção de energia, um centímetro extra definiria quem iria morrer e quem sobreviveria. – Quando eu lhe der o comando, acione a Invisibilidade do Dimensionador. Então faça o que puder para escapar daqui com seus amigos e me encontrar lá fora. Sei que Belladonna verdadeira não deve estar longe.

– O quê? – perguntou Amanda, confusa. – Como planeja...

– Não há tempo. Entende o que falei?

– Sim, mas como que nos libertaremos se...

E então aconteceu. Kai estrategicamente posicionou seu braço de um jeito em que seu estilingue atirasse nas correntes que prendiam seu braço esquerdo. Os olhos de Amanda se arregalaram enquanto ela o ouviu atirar mais uma vez em seus pés e então no seu braço direito. Antes que Synthious, Oswald ou qualquer outro do estádio pudesse notar, ele estava livre. Ele pulou para o lado, atirando na corrente de cada braço de Amanda. Assim que Amanda livrou os braços e acionou o Dimensionador para Invisibilidade, o estádio notou o que acontecia, tinham mudado suas atenções da votação para a fuga. Enquanto Kai lançou o gatilho nos pés de Amanda, os dois desapareceram de vista.

– Não! – gritou Synthious.

– Desarme os Dimensionadores! Quem está no painel? – perguntou Oswald nervoso.

– Não podemos desarmá-los sem localizá-los primeiro! – gritou Synthious.

Amanda e Kai estavam na beirada da plataforma quando sussurraram o comando para levitar. A tempestade atingiu o estádio e um trovão ecoou pelos céus, fechando o tempo e escurecendo a atmosfera. Amanda segurou no Dimensionador que se expandia e voou pelo estádio até Synthious, com suas correntes ainda presas em seu punho como pesos que a seguravam. Concentrou toda sua raiva enquanto voava, parando ao lado do ancião sem fazer barulho. Sem precisar olhar para cima, sabia que Kai iria subir até os drones onde se encontravam presos seus amigos e outro trovão ecoou pelo estádio enquanto Amanda levantou as correntes com toda força que podia, soltando um grito de revolta enquanto as levava ao ar, lançando-as contra Synthious. Ela rapidamente correu até o velho e prendeu as correntes em seu pescoço, segurando firme e fazendo um nó. Synthious gaguejou sem ar enquanto ela segurava as correntes, tentando usar toda sua força para estrangulá-lo. Ela gritou ao mesmo tempo que segurava o Dimensionador para voar e carregar Synthious. O estádio assistia e gritava de pânico ao ver Synthious sendo levitado por uma força desconhecida, preso por correntes que pareciam ter tomado vida sozinhas. Seus pequenos braços tentavam tocar nas correntes para se libertar, mas Amanda prendeu com força e o pescoço do velho começou a ser cortado pelo nó. Ela ordenou ao seu Dimensionador o comando do Salto, voando enquanto Synthious gritava de dor. A chuva começou a cair no estádio coincidentemente na hora em que Amanda levantou os braços e puxou as correntes, decapitando Synthious. Sua cabeça foi separada de seu torso e seu corpo dividido em dois, despencando para as chamas verdes de debaixo do estádio.

A chuva que caía não cessou o inferno verde, o público gritava em choque e terror ao ver a morte de Synthious. Oswald permanecia petrificado, olhando para todos os lados, buscando Amanda ou Kai.

– Guardas! – gritou Oswald, e uma multidão de Plethoreans entrou no estádio, apontando armas para os drones que estavam se abrindo. – Um deles está libertando os prisioneiros! – O pulo de Amanda começou a perder impulso e ela se sentiu caindo contra o vento e a água que colidiam em seu corpo como vidros cortantes. Chamou seu Dimensionador de novo e voou, segurando no báculo e mirando nos drones de Lina, Ripley e Stryker. Lançou um soco sônico na direção de Oswald, mas acabou atingindo uma dupla de guardas Plethoreanos que despencaram da plataforma para as chamas. A esse ponto, o caos reinava, a plateia em pânico tentava fugir, mas de forma tumultuada, o que causou vários pisoteamentos. Outro trovão iluminou o estádio em uma luz branca quando Amanda chegou até Lina, mas Amanda não tinha como abrir os drone, precisava de Kai.

– Deixe-os comigo! – gritou a voz de Kai em sua mente. Não podia vê-lo, mas Amanda quase caiu do Dimensionador ao ouvir a voz tão próxima. A tranca de Lina foi aberta com seu gatilho e ela foi libertada.

– Estou aqui, Lina. – falou Amanda, mesmo sabendo que ela não podia vê-la.

– Amanda! – gritou Lina. – Podemos controlar esses drones! Não podíamos escapar, mas podemos direcioná-los para onde ir. É por isso que estávamos flutuando no estádio!

Amanda teve uma idéia e instruiu Lina:

– Lina, me escuta. Preciso que grite para Stryker e Ripley te seguirem até a parte de fora do estádio e nos encontrem lá. Vamos escapar com nossa nave que está por perto. O fato de poderem controlar esses drones acabou de salvar suas vidas.

Amanda chamou Kai em sua mente, sentindo sua presença:

– Avise seus amigos que precisam dirigir os drones até a nave. – enquanto ela o fez, ouviu o lacre de Stryker abrir e em seguida o de Ripley. A chuva nesse ponto caía como uma cascata e tornava ainda mais difícil de enxergar Oswald e os guardas Plethoreanos que começaram a atirar raios desmaterializadores em cada alvo. Instantaneamente, atingiram uma das caixas de Kai e as três restantes de Xev. Lina, Ripley e Stryker dispararam para o oeste, voando dos raios enquanto Kai chegava aos seus dois amigos restantes. Enquanto Amanda assistia os drones de Kai seguirem seu trio de amigos, Quando sua invisibilidade e a de Kai se dissipou.

– Lá estão eles! – gritou Oswald. – Desabilitem os Dimensionadores!

Amanda e Kai apontaram os báculos para o céu e decolaram, voando para o mais longe que podiam.

– Belladonna! – gritou Amanda ao se aproximar das nuvens cinzas acima.

– Belladonna, pode nos ouvir? – gritou Kai.

– Posso ouvi-los. – ela respondeu.

– Precisamos que voe até o estádio em que estamos! Abra sua passagem somente para nós e os drones quadrados entrarem, mais ninguém!

– Como deseja.

O estádio começou a diminuir de tamanho e a redoma tão imensa começou a parecer um túnel de luzes piscantes. Amanda e Kai desviavam de raios que atiravam contra eles, voando para a direita e a esquerda, sempre subindo. Quando atingiram as nuvens, Kai anunciou:

– Não podem nos ver agora. Vamos para a nave.

Amanda e Kai viraram seus báculos e foram para oeste. Alguns segundos depois, a nave ficou visível através da chuva. Amanda e Kai viram os drones parados no ar e sinalizaram para irem em

direção à nave. Belladonna pousou a alguns metros do estádio e logo todos corriam a pé para dentro da nave. Amanda e Kai subiram pela plataforma seguidos de Lina, Ripley, Stryker e os dois Austacyanos. Assim que entrou, Amanda gritou:

- Feche a plataforma! Feche todas as entradas e decole AGORA!
- Como deseja. – respondeu Belladonna.

Em um instante, a plataforma começou a vibrar e se fechar neles, selando-os dentro da nave. Belladonna começou a vibrar, e Amanda ordenou:

- Decole primeiro, feche tudo depois!

A vibração então se intensificou e a nave começou a sair do chão. Em alguns segundos ultrapassaram a altura do estádio. Milhões de seres de Nitro assistiam à fuga daqueles que eram o centro do espetáculo.. Alguns guardas haviam chegado à parte de fora e começaram a atirar na nave.

– Belladonna, acione invisibilidade e desvie agora! – ordenou Amanda. A nave obedeceu e se virou para os lados, desviando dos tiros e desaparecendo por entre as nuvens.

Kai andou até Amanda e sentiu-o segurar sua mão. Olhou fundo em seus olhos e falou:

– Conseguimos. – Só então, Amanda sentiu seu mundo cair, se ajoelhou e gritou de alívio e horror, chorando. No mesmo momento, sentiu Lina, Ripley e Stryker a abraçarem, ajoelhando ao seu lado. Amanda avistou seus amigos, saudáveis e vivos, e começou a recuperar seu fôlego.

- Foram os minutos mais intensos que já vivi. – falou Stryker.

– Senti falta de vocês. – ela confessou. – Não tinha ideia de nada.

- Nenhum de nós tinha. – falou Lina.

– Já estavam planejando tudo desde o começo. Oswald vem de Cerres. – falou Amanda.

– Aconteceu o mesmo no seu planeta, Kai? Por que não falamos disso rumo a Kratik ou as Plêiades?

– Imagino que os Dimensionadores nos impediam de ter essa conversa. Não é como se suspeitássemos.

– Será que ainda nos afetam? – ela perguntou, tocando no dela.

– Vamos tirá-los. – Amanda assistiu Kai arrancar o Dimensionador de sua testa, repetindo o processo em seguida.

– Esses são Aurio e Enya. – falou Kai. – Meu irmão e irmã do meu planeta. – apresentou Kai.

Aurio e Enya pareciam muito com Kai, com as mesmas roupas e cabelo diferente, aparentemente tão perdidos quanto o resto do grupo.

– Então somos meros mortais agora, sem habilidades especiais. – falou Amanda.

– Sete fugitivos em uma fortaleza espacial. – falou Kai.

G

– Devíamos ir para as Plêiades – falou Amanda, conversando sozinha com Kai na ponte de controle das praias de Belladonna. Todos já dormiam e Amanda tinha tirado essa oportunidade para conversar com Kai sobre o rumo que deveriam tomar. Assimilar as informações da Ascensão era uma tarefa árdua, mas o que importava era o valor que davam por estarem vivos e seguros, na imensidão do espaço, sabendo que tinham frustrado os planos do evento.

– Haverá repercussões e consequências para nossa revolta. Rebelamos contra o maior evento de Nitro. – falou Kai.

– Não imagino que Austacya ou a Terra estejam a salvo por completo. A necessidade de vingança de Nitro pode afetar nossas casas.

– É por isso que temos que ir para as Plêiades. Porque a sylph não uniu nossos cérebros direito? Não devíamos já estar como eles

agora? Sem discernir as linhas tênues entre as ações?

– A melhor esperança de nos acharem é atacando onde nos afetaria, por isso temo por nossos planetas – falou Kai.

– Eu proponho chegarmos nas Plêiades e contarmos nossa história. Ficamos e lutamos.

– Não pode acreditar seriamente que nós sete derrotaríamos um império. As Plêiades não devem ser inteiramente inocentes, já que nossos corpos físicos pareceram sair das cápsulas da cidade subaquática e acordar já no terceiro planeta.

– Sim, mas eles são diferentes. Não aceitam ações más como parte da vida. Não seremos só nós sete, vamos ter ajuda deles. Com eles, podemos contra-atacar. Nitro tirou tudo de nós, então agora vamos tirar tudo deles.

– A maior questão para mim é o que nos tirou das cápsulas aquáticas até o estádio de Nitro. Como a transição foi feita. Acalme-se, Amanda. A vingança nunca termina como esperado.

– Não é vingança. É justiça.– falou Amanda.

– O que motiva seu senso de justiça? – perguntou Kai. - Em Austacya, somos ensinados que a vida consciente é uma de superação. Coisas ruins devem acontecer a qualquer momento, e por isso nos preparamos nos livrando de emoções muitas das vezes. Não sinto o senso de motivação que você tem há anos.

– Na Terra não é isso que nos ensinam. Lá, nos motivam a esperar o inesperado, a confiar em resoluções mágicas, e torcer para ter sorte ou se dar bem no destino.

– Por quê? – perguntou Kai, confuso.

– É ingênuo e tolo, mas é o que flui em mim. – falou Amanda. – Ninguém vai puxar meu tapete passando impune. Esse é um jogo que sei jogar.

Amanda sentiu dentro de si uma segurança em estar dentro de Belladonna, sabendo que Kai compartilhava da sensação. Se aliviou em saber que Lina, Ripley e Stryker estavam seguros e relaxando

nas fontes termais, sem saberem do nível extremo da proporção das coisas. A nave deslizava pela escuridão do espaço sem deixar vestígios. Havia o grande risco de terem iniciado algo que poderia decretar o fim de todos. Amanda sentia um senso de realização por ter escapado e orgulho em saber que tinha frustrado a Ascensão. Se a improbabilidade estava do lado deles, então ao menos Amanda sabia que podia torcer por finais inesperados. Então Amanda torceu.



Vinícius Márquez

OS ARQUEIROS DO
RIO VERMELHO



Os Arqueiros do Rio Vermelho

Márquez, Vinícius

9788566464887

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quem nunca sonhou em poder voar ?

Num futuro próximo seres humanos poderão voar com suas próprias asas. Os Arqueiros do Rio Vermelho é o novo livro do consagrado e talentoso Vinícius Márquez, que prevê que em um futuro próximo a humanidade será capaz de voar e que o primeiro homem alado nascerá no Brasil! Com muito suspense e ação, a trama prende a atenção do leitor, transportando-o para um fantástico, porém possível futuro. O autor criou um universo onde o futuro Brasil se tornará o centro do mundo. A história é recheada com personagens fantásticos e que rapidamente estabelecem uma conexão direta com o jovem leitor brasileiro. Numa narrativa divertida e "visual" , em cada capítulo a história reserva uma surpresa. A realidade ficou pequena e limitada demais para a mente criativa e perspicaz de Vinícius Márquez, que com este livro convida o leitor a alçar vôo através da imaginação e sonho. Após ler Os Arqueiros do Rio Vermelho, você não apenas desejará voar, mas irá acreditar que um dia isso será perfeitamente possível.

veja o booktrailer: <https://www.youtube.com/watch?v=ExoJhRdmkEE>

[Compre agora e leia](#)

livrosLIMITADOS



Manu Pinheiro

CALE-SE

A MPB E A DITADURA MILITAR

Cale-se

Pinheiro, Manu

9788566464900

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

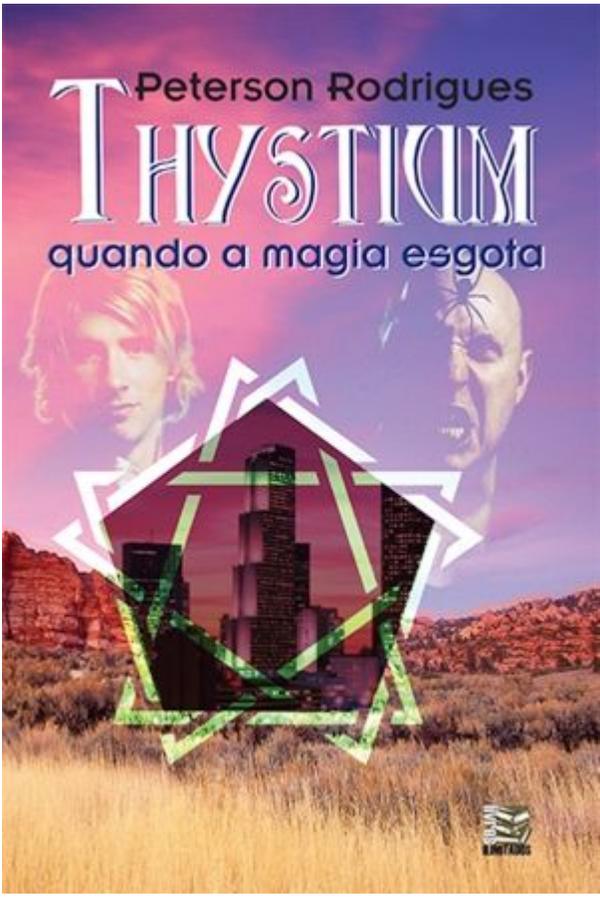
As décadas de 1960 e 1970 representaram para a MPB um período de intensa criatividade, produção e ...CONTESTAÇÃO !

CALE-SE -A MPB e a Ditadura Militar é uma análise de um dos períodos que mais marcaram a História do Brasil e a produção cultural do país àquela época.

Apontando as letras das canções compostas nos anos mais duros da ditadura (1964 a 1974), fica clara a ideia de que a música serviu -e serve -como uma importante ferramenta de comunicação, carregando mensagens (as mais variadas possíveis) com as palavras e frases que formam suas letras.

Em uma época em que a censura restringia o acesso da população brasileira à informação, a música (aqui representada pelo segmento MPB) torna-se, de fato, um importante porta-voz.

[Compre agora e leia](#)



Thystium

Rodrigues, Peterson

9788566464849

252 páginas

[Compre agora e leia](#)

Thystium é um mundo belo e mágico, mas seus habitantes vivem o que está longe de ser um conto de fadas.

Um lugar onde a magia nasce e é a força vital de todos os seres em que lá vivem. Lá se encontra a matéria-prima para a criação de toda a arte no universo. Entretanto, esta força se esvai aos poucos, fazendo com que os seres que lá vivem pereçam cruelmente.

Somente a união entre aqueles capazes de abraçar uma vida sem magia poderá salvar este belo mundo dos criminosos responsáveis por acarretar a aniquilação total.

Em Thystium os verdadeiros heróis lutam contra o impossível. Seus próprios corpos e mentes são obstáculos gerados numa sociedade onde o destino e o papel de cada um é pré-determinado por anciões.

Nesta batalha, viver mais um dia é um prêmio aceitável.

Na magia nada se cria, nada se perde e tudo se transforma. Bem-vindos a Thystium.

[Compre agora e leia](#)

Lina
CORPO *do* MUNDO
Carmo



Corpo do Mundo

Carmo, Lina do

9788566464917

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O corpo é onde a nossa mais profunda verdade é vivida e compartilhada"

Lina do Carmo

Essencial para todos que praticam ou apreciam a arte da dança e o teatro

Corpo do Mundo é o aguardado livro de Lina do Carmo. A autora aproveita sua autobiografia para transmitir didaticamente, ao mesmo tempo que informalmente, história, filosofia e prática sobre a dança e a expressão teatral do movimento. Lina conta detalhes sobre sua evolução como artista, de como consolidou sua carreira internacional, seus trabalhos e performances mais marcantes que vão dos palcos Europeus à aldeia dos índios Karajá, passando por televisão e cinema. Também conta em detalhes sua permanente busca por aprimoramento e autoconhecimento, importante não apenas na arte mas em todas facetas da vida. Um dos destaques da obra é o relato da autora de como ela consegue fundir sua arte à sua espiritualidade, permitindo-a, desta forma, alcançar a liberdade

física necessária para desenvolver linguagens estéticas sinceras e de vanguarda.

Corpo do Mundo é o título perfeito para obra transcultural de Lina do Carmo, pois a autora consegue se encontrar ao mesmo tempo entre vários mundos, o físico, cultural e o espiritual.

"Através da linguagem do próprio corpo que se transforma nas diversas faces do movimento, a dançarina viajante terminará por entender seu destino"

Lina do Carmo

[Compre agora e leia](#)